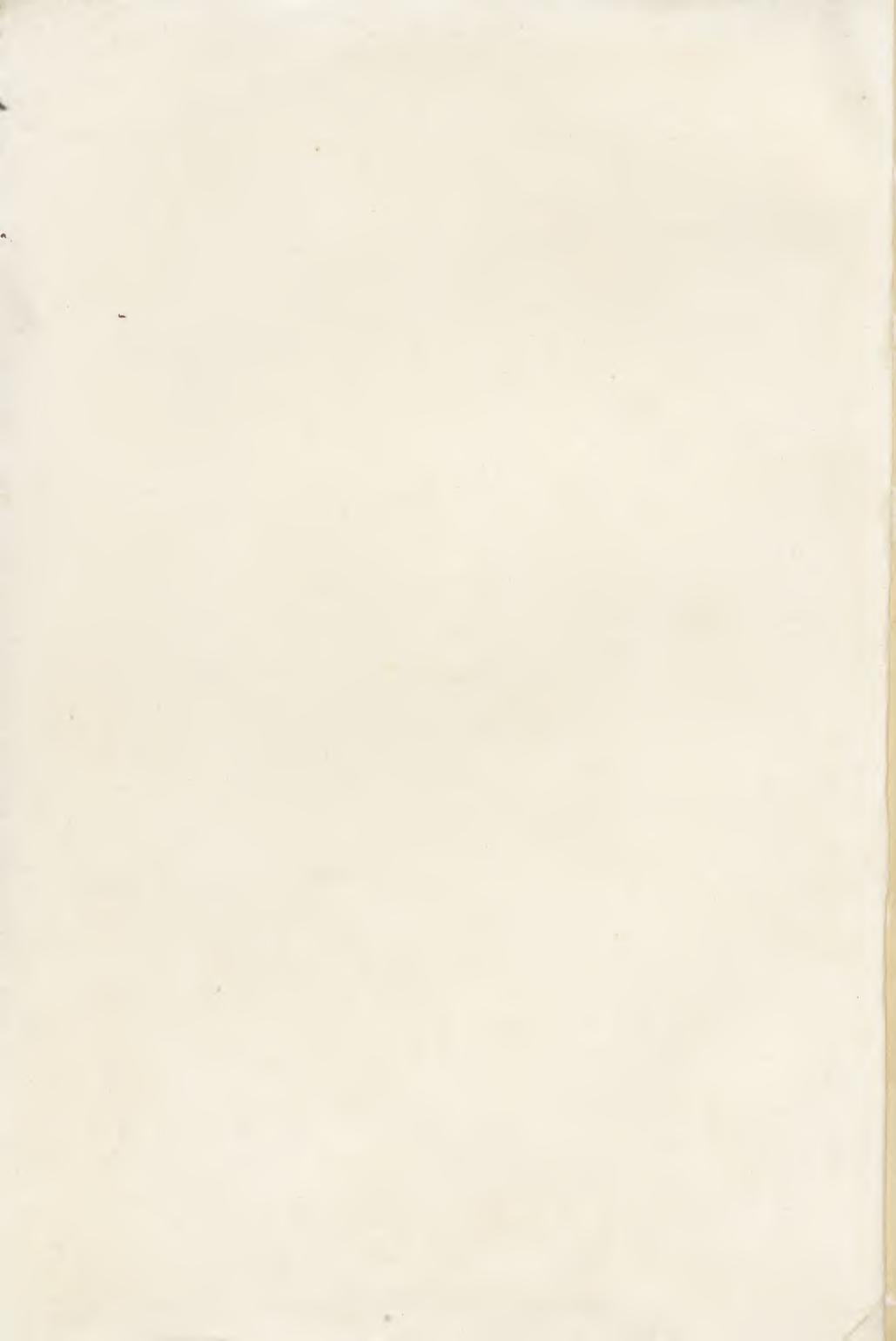


manuel a vieira

EM BUSCA DO ELDORADO

no
PARA-MARANHAO e TAPAJOS



«EM BUSCA DO ELDORADO»

MANUEL AUGUSTO VIEIRA

*Para a Biblioteca Municipal
de Barcelos*

oferta do autor

Manuel Vieira

«EM BUSCA DO ELDORADO»

NA

REGIÃO EQUATORIAL

Pará-Maranhão-Tapajós



BARCELOS
1936

*29.X.1946
Barcelos Tm*

MUNICÍPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N.º _____

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

À santa velhinha minha idolatrada mãe,
PAULINA MARIA DA CUNHA VIEIRA
e à memória do meu muito que-
rido pai, AUGUSTO CÂNDIDO LO-
PES VIEIRA, pelos nobres exem-
plos e rigorosa educação que
souberam dar aos filhos

O filho agradecido.

Ao Excelentíssimo Senhor

DOUTOR DOMINGOS LUCIANO DE AZEVEDO DE FIGUEIREDO

Carvalho Parada, distinto escritor, diz: «A lembrança dos sucessos passados é o melhor conselheiro para encaminhar as acções futuras».

Daniel Veiga, influenciado talvez por esse pensamento escreveu as impressões sentidas, os sucessos passados e observados nas terras que percorreu. Descreve modestamente quadinhos da sua vida íntima, sem empôlas inúteis, sem arte, mas com sinceridade.

Ao passar ao papel os casos de que foi protagonista, viveu espiritualmente horas felizes, na recordação do passado.

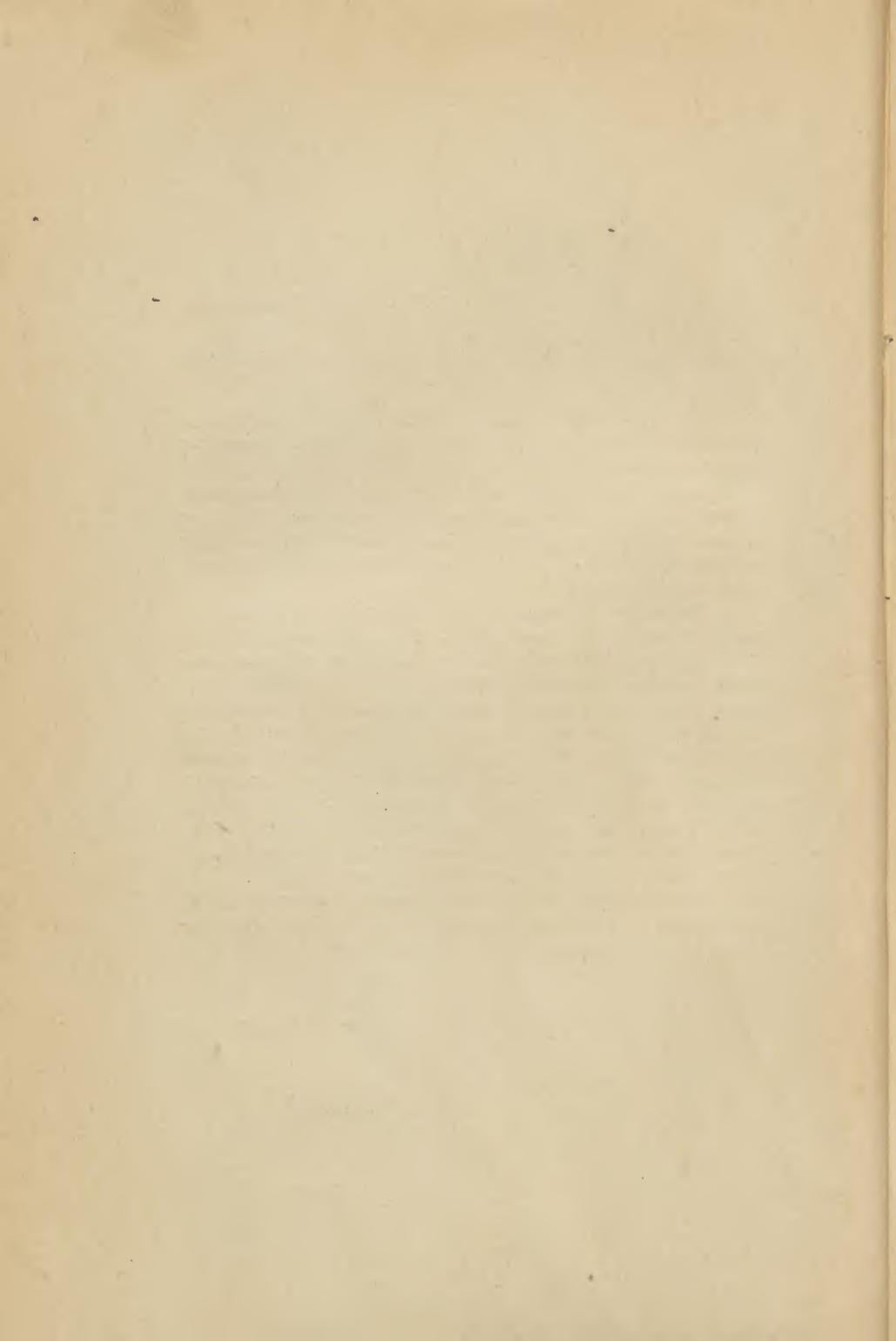
Confiou-me em vida essas laudas escritas mostrando empenho para que fôsem publicadas mas eu de acôrdo plenamente com o que disse o heróico navegador lusitano Afonso de Albuquerque — «não me parece bem ir a determinação adiante do conselho» — dirijo-me a V. Ex.^a, douto mestre, para pedir que me dê do seu esclarecido cérebro a sua autorizada opinião, «o conselho» para servir de prefácio.

Daniel Veiga era um condiscipulo e amigo meu de infância e quero prestar-lhe esta póstuma homenagem publicando a narração da sua vida aventureira e errante.

Confiado que V. Ex.^a não se recusará a aceder a este meu pedido de ante mão manifesto o meu sincero agradecimento e me subscrevo

De V. Ex.^a At.^{to} Am.^o m.^{to} grato

M. A. V.



Meu Ex.^{mo} e Prezado Amigo:

Venho agradecer ao meu distinto compatriota e amigo o infinito prazer espiritual que me proporcionou, com a leitura do seu livro — «EM BUSCA DO ELDORADO».

Apreelei, mais particularmente, a viva descrição das muitas e variadas terras por que passou e nos apresenta nas suas tam expressivas telas, em que a distribuição das cores é perfeita e feliz e como, por certo, o não conseguiria melhor pintor experimentado da paisagem brasileira.

Aí, onde tudo é digno de admiração, mormente pela variedade da fauna e pela exuberância da flora—esta de uma vegetação luxuriantíssima, a que alguém chamou já INFERNO VERDE—é que pode bem avaliar-se das imensas riquezas desse Brasil maravilhoso, livro sem fim, que, dia a dia, se abre em inéditas e fascinadoras páginas, de cada vez mais atraentes e plenas de beleza.

Certo de que não existirá sobre a terra quadro mais empolgante e grandioso fico, por isso, a pensar se não seria aí—onde até o luar de um brilho esplêndido e excepcional, tam próprio da selva brasileira, parece um SOL DE PRATA—que mais inteira justificação encontrariam estes ditos eloquentes e elegantes, que nos deixou o eminente Bossuet:

«Ouvrez les yeux, ô mortels! contemplez le ciel et la terre, et la sage économie de cet univers: est-il rien de mieux entendu que cet édifice? Est-il rien de mieux pourvu que cette famille? Ce grand Dieu qui a construit le monde, et qui n'y a rien fait

qui ne soit très bon, a fait néanmoins des créatures meilleurs les unes que les autres.

Il a fait les corps célestes qui sont immortels; il a fait les terrestres, qui sont périssables. Il a fait des animaux admirables par la grandeur. Il a fait les insectes et les oiseaux, qui paraissent méprisables par leur petitesse.

Il a fait ces grands arbres des forêts, qui subsistent des siècles entiers. Il a fait les fleurs des champs qui passent du matin au soir. Il y a de l'inégalité dans ces créatures parce que cette même bonté qui a donné l'être aux plus nobles, ne l'a pas voulu envier aux moindres».

Fica-se em êxtase ao ler tam profundos conceitos e dominado pelo cenário de maravilha, de que fala o seu livro.

E, perante tanto deslumbramento e elevação,—a Natureza e o Homem, melhor dizendo o Brasil e Bossuet—seria ousadia da minha parte continuar, a não ser para, ao mesmo tempo que o felicito cordalmente, lhe protestar a expressão sincera do meu respeito e admiração.

Barcelos, 5 de Setembro de 1936.

DOMINGOS DE FIGUEIREDO

EXPLICAÇÃO

No verão de 1930, acedendo ao convite de um amigo, para visitar o seu solar na Beira Alta, tive ocasião de, na volta, vir por Coimbra ver o Bussaco, subir ao Caramulo, onde êsse amigo tinha pessoa de família internada.

Quando, despreocupados, conversávamos com a doente, um cavalheiro, guardando a distância devida, pediu licença e pronunciou o meu nome, interrogando.— Sim, sou, respondi. Êle, numa explosão de amizade, há tantos anos retida, à queima roupa, diz:— Não me conheces? . . . Não te lembras do teu condiscipulo, do teu maior amigo de infância?

Enquanto fitava, surpreso, aquêlo rosto para mim familiarmente conhecido, o véu do meu cérebro ia-se dissipando, e quando cheguei à compreensão de quem era, caí-lhe nos braços. Dei-lhe um amplexo forte, demorado, fitando bem o seu rosto demarcado pela doença que o minava, e em tom de brincadeira, brasileiroamente falando, disse-lhe:— Como estás «dimódado». O coração apertava-se-me de o ter encontrado naquêle deplorável estado, mas, para o animar, incutir-lhe coragem, perguntei:— Porque é que te encontras aqui? O teu aspecto é magnifico, é de quem tem saúde.

— Não é nada, diz êle, apenas um enfraquecimento geral; e daqui a dois meses, neste descanso, fico bom.

— A tua família sabe que regressaste do Brasil e que te encontras aqui?

— Sabe, mas pedi segredo, porque só quero aparecer na terra, quando me disserem que estou forte.

— Vieste de vez?

— «Não. Logo que me restabeleça, vou à minha terra, à minha vila, visitar a família como se tivesse chegado na ocasião. Abraçarei os amigos do meu falecido pai que ainda se lembrem de mim, os nossos condiscipulos, e de novo embarco, para ir liquidar o que lá deixei e vir definitivamente».

Apresentei-o ao amigo que ali me levou, à senhora doente, e depois de alguns instantes de geral conversação, despedimo-nos como velhos amigos que éramos. Prometi ir do Norte visitá-lo breve; e, então, com vagar, conversaríamos mais. Dez dias depois fui almoçar a Coimbra e visitar o amigo

cumprindo o que prometi. Demos expansão às recordações da infância, das partidas e garotices que fizemos. Fomos para a mata, existente atrás do Sanatório, e, debaixo das copadas árvores, contou-me parte da sua vida aventureira, pelas terras do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Em tôdas teve a sua odisseia, a sua novela ou enrêdo de amor.

—«O Brasil é a minha segunda Pátria, diz êle; a Argentina, tenho-a no coração; as outras repúblicas, onde também gozei e sofri, guardo-as no íntimo do meu ser, por que delas tenho gratas recordações. Em tôdas deixei um pedaço da minha alma. Voltei ao Pará, onde me estabeleci, onde mais tenho vivido, onde conservo afeições sinceras, mas que penso sacrificar, para regressar de vez à Pátria. A minha vida desde que o destino me atirou ao mundo, até à presente data, tenho-a escrita. Organizei um diário de tudo que conheci e vi, por onde andei. Os trabalhos, aflições e riscos que passei, que sofri. Meu pai, quando em 1901 vim a Portugal, vendome na plenitude da vida, sonhador e alegre, contou-me a história dos amores com minha mãe. As lutas que teve com a família, que por ser fidalga, e ter pergaminhos, opunha-se ao casamento. Minha mãe era de origem humilde e pobre. Portanto, diziam, esta união não podia realizar-se. Isto criou no meu espírito, o desejo de escrever o meu nascimento, porque nada tem de deshonroso, a minha vida de marçano, a minha promoção a caixeiro, a inabalável resolução de ir atrás do Eldorado, que na época diziam ser o Pará. Daí passei ao Maranhão, ao rio Tapajós, afluente do Amazonas, e dali corri as várias repúblicas sul-americanas. De terra em terra, como judeu errante, de experiência em experiência, voltei ao Pará, onde, até agora, tenho o meu domicílio, que vou desfazer».

A conversa era agradável, mas o sino chamou para a refeição da tarde e como o dia ia desaparecendo, dei-lhe um abraço de despedida e prometi voltar breve. Notei que as minhas visitas lhe faziam bem, a-pesar de falar muito, não se fatigava, apenas um acesso de tosse de vez em quando. Fui lá várias vezes, recebendo-me sempre, com tais demonstrações de alegria, de agradecimento, que me comovia. Na última

visita demos um passeio longo, mas muito lento, por os arredores do Sanatório e parecia que se sentia bem, falando, como sempre, das viagens, dos episódios mais interessantes, passados nas terras onde viveu.

— Vou pedir-te um favor, diz êle.

— Estou às tuas ordens, respondi.

— «Vou de novo, como já te disse ao Pará, liquidar tudo que ali tenho, para voltar difinitivamente. Poderei demorar ali, o máximo, quatro meses e queria deixar à tua guarda as minhas anotações das viagens. Se a fatalidade não permitir voltar, tu rasga-as, deita-as ao fogo, faz delas o que quizeres. Se voltar, como espero, tomarei conta delas e talvez as publique em benefício de qualquer instituição de caridade da nossa terra. Pelo teu olhar de surpresa, continua êle, parece-me que achas o meu pedido estranho, talvez duvidoso de que alguém se interessasse pela descrição da minha vida. No entanto a experiência do mundo percorrido, fez-me chegar ao convencimento de que existem seres, que para tomarem uma directriz na vida, procuram ler, conhecer a vida dos outros».

— Porque não entregas isso ao cuidado de tuas irmãs? — «Vejo, diz êle, que ainda não conheces bem a psicologia humana. Minhas irmãs, ainda que não despidas de inteligência, se a narrativa da minha vida fôsse escrita por outro, tinha graça, valor e talvez encanto. Mas escrita por mim, divagações sem importância. Ninguém é profeta, ou poeta na sua terra. Mas se não podes, ou não queres fazer-me êste favor, não falemos mais nisso».

— Pelo contrário, estou às tuas ordens; não me custa nada, até te agradeço a confiança que em mim depositas, mas não quero que os teus fiquem ofendidos comigo.

— «Qual ofendidos! Já que aceitas entregar-te-ei tudo, na véspera da partida. Estou extraindo factos, compilando os casos passados, fazendo a narrativa do mais útil, para os que desconhecem os usos e costumes do Norte do Brasil».

Tudo isto o disse radiante pela minha anuência, com a efusiva satisfação, de quem deposita, em mão segura, um valiosíssimo tesouro.

—Vais ser depositário, diz ainda, da minha vida por vezes cruenta, acidentada; por vezes risonha e feliz».

No fim de dois meses, o seu aspecto era de já restabelecido. Mas falando em particular com o médico assistente, disse-me ser um caso perdido, principalmente se insistia em voltar ao Brasil. Aqui, continua o clínico, ainda poderia viver uns meses mais, mas fora dêste nosso clima, não dou nada pela sua vida.

Com o coração sangrando pelo amigo, dei-lhe o meu último abraço em Leixões. Nessa ocasião entregou-me um volumoso maço de papéis escritos. Passados três meses a família recebia o seguinte telegrama:—

«Faleceu-vitimado-tuberculose-Daniel Veiga-
-sentidos-pêzames-Cônsul-Portugal».

Eu fui um dos primeiros a saber a, para mim, já velha notícia, pois que, de acôrdo com a opinião do clínico, esperava a todo o momento êsse fatal desenlace. Só depois dêsse facto é que pela primeira vez desatei o maço de papéis que ao partir me confiou. Encontrei uma carta por cima das laudas de papel escritas, com título:

«EM BUSCA DO ELDORADO» na REGIÃO EQUATORIAL

PARÁ-MARANHÃO E TAPAJÓS

Sôbre essas laudas derramei lágrimas e lembrei-me da sua recomendação. «*Se um dia te lembrares do amigo e quizeres estar em comunicação com êle, vê-lo, falar-lhe, lê um dos episódios da sua vida e tê-lo-ás presente. Resolvi então fazer-lhe a vontade. Li e reli e como sei que é grato à sua memória, passo a publicá-las.*

M. A. V.

A CARTA

Companheiro e amigo de infância :

«Agradecido pelas horas felizes que, na recordação do passado, me fizeste viver e gozar. Momentos agradáveis que jamais esquecerel. Do fundo da alma te estou reconhecido por acederes ao pedido ao meu desejo de que fôsses o fiel depositário da narração escrita das impressões sentidas no decorrer da vida desde que entrei no mundo até este momento. Deixo-te somente o relativo às viagens ao Brasil e ao meu viver no Pará, Maranhão e Tapajós. Sobre a Argentina, Uruguay e Paraguay não tenho concluidos ainda os episódios ali vividos mas nesta viagem termina-los-ei e quando voltar trago-os comigo.

Não sou nem pretento ser, um escritor. Como sabes sou um modesto comerciante, por isso, se um dia chegar a publicar um livro espero que vejam nêlé apenas um desejo de dar a conhecer factos verídicos passados e presenciados na região equatorial. Não será um livro profundo mas terá a riqueza única da sinceridade. Com os mais sucintos pormenores e datas mais aproximadas narro sem literatura os casos que vi ou de que fui protagonista. O que não escapou à minha observação, usos, costumes, prazeres e alegrias, trabalhos, aflições, dissabores, riscos, perda de saúde, é sinceramente e minuciosamente aí exposto.

Como vês não viajei por prazer, mas sim, buscando por terras estranhas o Eldorado, apregoado aos quatro ventos, como existente nas Américas.

Não posso de todo queixar-me da sorte que tenho tido. Para outros, que eu conheci, foi muito pior. Ainda assim é meu dever não calar a lógica tirada das experiências a que me sujeitei, na luta pela existência até este momento que vou, com intenções de despedir-me, embora com saúde, do centro final das minhas operações e relações comerciais, financeiras e sociais, do Pará.

O Brasil é hospitaleiro. A família brasileira, acolhedora ao máximo para todos os estrangeiros. Ainda que alguns digam o contrário devo dizer franca e abertamente, que dá a preferência ao português. Negar esta verdade é a maior das ingratições.

Aquêle que imigra e aporta àquelas praias, em busca de fortuna, se é trabalhador e leva consigo o firme propósito de juntar, de amearhar, facilmente consegue o que deseja, mas como animal de carga à margem do convívio social, do aperfeiçoamento e da instrução. Aquêle que vai com o mesmo fim, mas que por princípios ou por carácter, não descuida, a par do trabalho, as letras, a dança, os desportos e todos os requisitos para conviver na alta sociedade, já lhe é mais difficil acumular. E quando o consegue e pensa descansar da sua vida activa, se tem no cofre valores representativos de uma fortuna, tem no baço, no fígado ou nos rins, o espectro da morte a ameaçá-lo. Agarra-se então aos médicos, às águas medicinais, e tudo a pêso de ouro, para se salvar. Os primeiros, os que se não preocupam com a sociedade, ou em se instruírem, morrem satisfeitos por deixar os cofres abarrotados, para os parentes, quando não é só para estranhos, com o fim de ficarem sendo, para a posteridade, uns beneméritos. Os segundos, morrem arrependidos de ir tam longe da sua Pátria constituir familia, passar trabalhos, quando nela, trabalhando, também encontravam compensação e descanso com mais possibilidades de chegar a velhos.

Não sirva isto de desânimo para aquêles que queiram, longe da terra natal, tentar fortuna. E só para que tu saibas, meu amigo, a conclusão a que cheguei, depois de correr tanto mundo e vir à Pátria encontrar-te viril, forte, rijo; e eu um esqueleto andante, que espero, quando voltar, encher, recompor e fortalecer. A minha ausência é só do tempo necessário para liquidar o negócio ou passá-lo aos auxiliares de confiança que ali deixei. Virei depois fixar residência definitiva, na terra que me foi berço, para estar perto de ti, dos teus conselhos, da tua amizade. Quando quizeres lembrar-te do teu condiscipulo e amigo, lê um trecho das fôlhas escritas por mim e, como num conto de fadas, aí me terás presente.

Um saudável adeus do teu dedicadíssimo amigo muito grato.

(a) DANIEL VEIGA



BELÉM — PARÁ — BRASIL — Antiga e aristocrática ESTRADA, hoje Avenida, de S. JERÓNIMO

O surgir de uma vida errante

NA poética e risonha Rainha do C... encantadora vila de B... ridente cantinho dêsse Minho florido, verdejante, que nos dizeres dos poetas, é o jardim de Portugal, em uma quente e alegre manhã do mês de Agôsto do ano de 187... as vizinhas de uma casa modesta, até ali habitada por gente honrada, estavam alvoraçadas e comentavam em ar de tristeza, o facto da formosa Palmira, ter dado à luz um menino. Sabiam bem quem era o pai, porque, não poucas vezes, ao terminar a missa, fora da Igreja, ou no mercado diário, com as comadres reunidas, cochichavam e prognosticavam, que aquêles amores do fidalgo, não eram para bom fim, acabavam por dar em droga. — A família dele, jamais consentirá diziam, numa união tam desigual — ela humilde, doméstica, êle um fidalgote que veste do fino, que usa luvas, e brilha na sociedade elegante da terra, pode lá ser que ande com boas intenções!?

O menino foi dado a criar, a uma camponesa de uma aldeia próxima da vila, por dois motivos, ambos de pêso. Primeiro: O leite da mãe, por diagnóstico médico, era fraco de mais. Segundo: A deshonra, em pouco tempo passava ao olvido, e a vida da desventurada Palmira, tornar-se-ia mais sossegada, mais tranqüila.

Passaram-se dois anos num entendimento constante, entre o pai e o mãe da criança. O pai, depois de renhida luta com a família, reconhecendo a dedicação, o bom comportamento da sua Palmira, ajudado por amigos (e que os tinha bastantes), vencidos todos os obstáculos, preparou os papéis, organizou as coisas e, com admiração geral dos pessimistas, consorciou-se na Igreja Matriz da vila, à luz do dia, à vista da curiosidade pública, reconhecendo nesse acto como legítimo, o seu primeiro e já adorado filho, satisfeitíssimo e alegre, por ter cumprido o seu dever.

As comadres e vizinhas, desta vez, abriram a bôca de espanto, porque jamais imaginaram que êste factó se desse, pelo conceito que tinham dos homens, que na generalidade, diziam elas, são como certos peixes, que sabem comer a isca e rir-se do resto. Faziam, no entanto, justiça à boa Palmira, dizendo à bôca cheia: — Ela é merecedora de boa sorte, porque foi sempre fiel ao pai de seu filho. O mundo nada tem que dizer dela, porque sempre se portou bem. Êle cumpriu o seu dever, é certo, mas foi pelos seus bons sentimentos, pelo seu bom coração; por isso vão ser muito felizes.

Realmente, não por serem os autores dos meus dias, mas ainda criança, ouvia as pessoas velhas fazerem os maiores elogios ao bem que se davam e se compreendiam.

Quando comecei a ter conhecimento da vida e do mundo, soube da luta, do esforço titânico, de ambos, sem o mais pequeno desgosto, ou desfalecimento, para fazer frente aos imprevistos da sorte. Êle no seu emprêgo de funcionário público, ela nos amanhos da casa.

Soube que na igreja da freguesia onde eu estava a criar, me baptizaram com o nome de Daniel, sendo padrinho o SENHOR BOM JESUS DA CRUZ

e madrinha, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, representados, respectivamente, por pessoas gradas da mesma freguesia.

Após o consórcio eu fui para a companhia dos dois e o lar tornou-se, daí em diante, com a minha presença, alegre e feliz.

A minha avó materna, era uma loucura por mim, pelo seu Danielzinho. Os olhos riam-se, ao ver, ao contemplar o seu rico netinho. Muita vez foi capa de misericórdia, quando, por qualquer tropelia, minha mãe me queria castigar.

Fui crescendo, cercado de todos os cuidados e carinhos, até ao dia em que aos gritos, sem atender aos rogos da minha boa avó, que tanto me mimava, fui levado de rastos a uma escola particular para aprender as primeiras letras do alfabeto. Não foi difícil como sucede a tôdas as crianças, amoldar-me ao convívio das outras crianças e entrei fácil e com vontade, nas primeiras luzes, de onde dimana o saber humano, a instrução. Estudei muito, e de ano para ano, subia de classe e no conceito e estima dos professores.

O Govêrno, nessa época, para diminuir o analfabetismo, estabeleceu escolas régias, gratuitas, e eu fui um dos primeiros a ser inscrito. Não vim a ser, para que se diga, uma robusta inteligência, mas ao chegar à época dos exames, do pouco que aprendi, soube tirar resultado, fazendo boa figura, conseguindo ficar aprovado, quási distinto. Meus pais e avó, de espírito religioso e crente, fizeram uma promessa a S. Braz, para que êsse Santo da sua devoção me auxiliasse nos exames, embora soubessem que êsse Santo é o advogado da garganta e não da inteligência. A promessa realizou-se, foi cumprida e constava, além de algumas ladainhas rezadas em volta da capelinha e uma esmola ao Santo, de um *pic-nic* ao ar livre, à luz plena de um encantador dia e em contacto com a bucólica natureza. Para isso duas

criadas, conduziram cestos grandes com a característica caçarola com arroz de forno, bolinhos de bacalhau, frangos assados, sardinhas espalmadas, doces, frutas, e o correspondente garrafão, com vinho verde da região.

Finda a reza, toalha estendida debaixo de uma latada, sentindo o perfume das tílias e mimosas, que ornaram o adro da capelinha, na companhia de dois filhos mais, que durante os meus estudos tinham vindo ao mundo, Antônio e Joaquim, meus pais deram comêço à distribuição das iguarias, na franca, na mais íntima alegria.

Foi um dia cheio, para velhos e novos.

A capelinha fica a dois quilómetros, é saudável ir a pé para casa, faz-se melhor a digestão, disse meu pai.

Caminhavamos lentamente, a tarde estava linda primaveril, quando a um quilómetro de distância, mais ou menos, eu, o homenageado, comecei a sentir-me mal; quasi perco os sentidos e teria tombado ao solo, se minha mãe, que não me perdia de vista, talvez por instinto, prevendo o que ia suceder, não me deitasse a mão rapidamente.

O alvoroço foi grande; um carro chamado à pressa, conduziu-me a casa, ao leito. A esperança da família ardia em febre. Os médicos urgentemente chamados, deram o caso, uns como congestão; outros, paralisia infantil. Eu, o querido da avózinha estive às portas da morte mas foram tantas as rezas, as promessas a todos os santos da côrte celestial, feitas, pela família e por amigos, foi tal a luta empregada pelos médicos que me trataram, que a parca teve de renunciar à conquista do meu arca-boiço. Passados dois meses estava fora de perigo.

Meus pais fizeram então contas à vida, a ver se podiam mandar-me para os estudos superiores e chegaram à conclusão, depois de várias e demoradas

conferências, que eu poderia vir a ser um comerciante de sorte e disso tiraria mais proveito do que ser padre ou doutor. O avô paterno foi um forte comerciante no Pôrto, merecendo por êsse facto e pelo bem que fez à Pátria, a condecoração de Nossa Senhora de Vila Viçosa e carta de privilégio, concedida respectivamente, pela Senhora D. Maria II e pelo Senhor D. Pedro IV. E porque o nosso filho, dizia meu pai, não pode chegar a ser o que foi o seu avô? Minha mãe e minha avó, não queriam que eu fôsse para longe de casa, não sáisse da vila e meu pai fez-lhes a vontade. Falou a meu respeito com o Senhor Zuzarte, o mais forte comerciante de fazendas, a dois passos da casa. Pediu-lhe que me aceitasse como marçano, sem gravata, e sem ordenado, apenas a trôco de aprendizagem até poder ganhar, ou estar habilitado a ser comerciante, quando o destino me proporcionasse os meios.

Com facilidade compreendi as tricas do negócio. No fim de seis meses, já me dava conta que para vencer na vida tinha que mostrar cara alegre e um sorriso nos lábios. Que nunca devia dizer aos clientes, « não há » e sim mostrar-lhe outra mercadoria, outro artigo. Quando tinha uma boa idea, para não a olvidar, tratava de a pôr em prática. Tive em mira sempre, alcançar o meu objectivo. Sabia que quanto mais me esforçasse pelos interesses do patrão, mais útil a mim mesmo seria. Como ouvi dizer que, « o Querer é Poder » tomei isto por lema. Por assim proceder e pensar, no fim do ano o senhor Zuzarte, reuniu a espôsa, uma filhinha de dez anos, o primeiro caixeiro, e, na presença de todos, chamou-me e disse: Chegou o momento de usares gravata, aqui a tens. Dou-ta com a maior satisfação, porque aprendeste rápido, mais do que eu imaginava, a vender fazenda. Podes dizer que és um bom vendedor. Se assim continuares has-de fazer carreira.

Chorei, comovido. Aquilo era para mim uma honra, uma condecoração. Sentia-me já o avô, a receber das mãos da Senhora D. Maria II, a comenda, tal era a minha comoção naquêlê momento. Quis agradecer; mas um nó na garganta impediu-me de pronunciar, de dizer uma só palavra. O patrão compreendeu a minha emoção, por se ter passado com êle a mesma coisa, chamou-me e abraçou-me.

À noite, em casa, succedeu o melhor. O contentamento subiu às raias da glória. Tudo parou para me ouvir contar o acto solene da minha promoção. Minha avó, que na ocasião ajudava a cozinheira a virar umas sardinhas que estavam a fritar, ficou de garfo na mão, braços cruzados sôbre o avental, não saía da sua surprêsa, custava-lhe acreditar que tivesse passado de marçano para caixeiro, tam rápido. Minha mãe, que fazia renda de crochet, tirou do gancho que tinha espetado no ombro da blusa, a linha, espetou as agulhas no novelo, para me ouvir melhor. Meu pai, lágrimas nos olhos, boqui aberta com cigarro ao canto da bôca, procurava esconder, dissimular, o seu íntimo contentamento.

No domingo seguinte, o almôço foi melhorado. Convidaram dois amigos dos mais íntimos e houve, além dos pratos do costume, frango com fartura e creme com açúcar queimado, para sobremesa. Bebeu-se à saúde de todos e já à do futuro comerciante.

Meus pais sonhavam acordados, viviam na ilusão e na esperança de verem o filho, entre lotes de fazenda, em frente ao cofre recheado de notas, dizendo em voz grossa ao marçano: — « Oh Rapaz, estás a dormir, não vês aquêlê freguês que vai sem comprar? Ah! vocês os modernos, se fôsse no meu tempo!... » Fraseado êste, que os patrões em todos os tempos, usaram e ainda usam.

Para manter o prestígio ganho, eu cada dia me esforçava mais. Estudava a forma de aumentar os apuros da casa. Enviava amostras das novidades que chegavam, às famílias mais ricas da terra, para as tentar a comprar, ou atraindo as que passavam, mostrando um artigo baratíssimo e de efeito, que tínhamos recebido.

O estabelecimento, ficava situado em frente à praça do mercado, portanto passagem obrigatória da maioria das donas de casa, que com as suas criadas iam às compras. Eu, aproveitava êsse momento, que era quando pendurava as fazendas nas portas, para as convidar a entrar a vêr.

Todos os dias, excepto às quintas feiras, por ser dia de feira, das 5 às 7 da tarde, reunia-se no estabelecimento um grupo de pessoas cultas da terra, amigas do senhor Zuzarte, para discutir, tudo quanto à mente lhes ocorria. Havia discussões reñhidas, às vezes com carácter conflituoso sôbre política, caça, pesca, religião e até de uma ou outra *borboleta*, ou aventureira, que na vila aparecia, elegante, formosa e fresca, sem se saber quando chegou, de onde vinha e quem era. Muitas apostas se fizeram entre casados e solteiros, a ver qual deles trazia primeiro, os dados precisos, do corpo, idade e vida da pessoa visada.

Entre o grupo *habitué*, do *paleio*, conversa, havia um português-brasileiro, que vestia bem e falava melhor. Era filho de um empregado da Câmara de apelido Ferrão, que, segundo as más línguas, não trouxe dinheiro mas trouxe sabedoria e garganta, principalmente, quando falava do Brasil, e sobretudo do Pará, onde esteve seis anos. Exaltava com tal ardor, tal entusiasmo, o país longínquo, de tal forma dizia da facilidade que ali havia para fazer fortuna, que eu embora estivesse ocupado a atender a freguesia, não perdia uma palavra, um gesto do narrador *brasileiro*. Extasiava-me quando o filho do

Ferrão falava. Quando descrevia o que era a Capital do Estado do Pará-Belém, as suas belezas, as suas riquezas, o caudal de ouro branco, borracha, que para ali convergia, vindo do rio Amazonas. A sua forma de descrever sugestionava qualquer espírito, por muito pouco ambicioso que fôsse. Estas prelecções diárias, calaram tanto no meu espírito, talvez sem o saber, aventureiro, que não pude resistir à tentação de ir correr, ver mundo.

Queria ir ao ignoto, às terras de promessa, onde as árvores davam patacas, como frutos. Bem sabia eu, que a árvore produtora dessas patacas, era o trabalho constante e honesto; mas de tôdas as narrativas feitas, pelo filho do Ferrão tirei a conclusão, de que no Império do Brasil, o trabalho era melhor reconhecido, mais remunerado do que em Portugal. Com saúde e economia, podia um dia voltar à minha terra, se não rico, pelo menos remediado.

Pensei, meditei no caso e depois de formar o meu programa, um dia de manhã, quasi a mêdo, disse a minha mãe:—Mãizinha, se a senhora e o paizinho—era assim como os tratava,—me deixassem ir para o Brasil eu ia.

—Estás doido? Disse minha mãe alvoroçada. Passaste mal a noite, ou queres brincar comigo? Eu gosto pouco de brincadeiras, ouviste?

Ao ver que eu falava sério, interrogou-me:—Quem foi que te fez tomar tal resolução, ou pensar nisso?

—Não foi ninguém, eu mesmo tomei esta determinação; chorarei muito, mas vou, se mo consentirem.

—Porque não disseste isso, antes de teu pai sair para o trabalho?

Ficou pensativa e triste a minha carinhosa mãe. Esperei essa noite, o dia seguinte, cheguei a pensar que não tinham feito caso da minha declaração, do meu desejo, ou que o tinham esquecido.

Dois dias após a conversa com minha mãe, meu pai, talvez com o coração oprimido, perguntou: — É verdade filho aquilo que há dias disseste a tua mãe?

Meu pai era excessivamente extremoso pelos filhos, mas tinha-lhe tanto respeito, que a tremer e com o coração dilacerado, respondi: — Sim, paizinho, é verdade; desejo ir àquêle país que pintam como um Eldorado. Ali não me será difícil conseguir fortuna, ou pelo menos, o necessário para proporcionar-lhes, quando velhos, o descanso merecido e justo. Conto com a ajuda dos meus padrinhos, para vencer.

— Bem, disse meu pai, pensarei, e depois te direi o que resolver.

Dia a dia, hora a hora, pensava, sonhava, com esse mundo novo, nesse Empório de riqueza. A minha imaginação trabalhava, construía a grande cidade da América, que ia ver, para onde ia gozar ou sofrer, onde estavam tantos patrícios e alguns conterrâneos, entre eles companheiros da escola que, apenas dois anos antes, tam cedo, tam novos tinham partido. Porque não havia de ir também, tentar a sorte, lutar, *cavar* a vida?

Tinha catorze anos incompletos, mas no corpo era um homem feito e direito. O serviço militar depois de completar esta idade, exige licença especial ou um mancebo, para substituir, fazer a praça. Era portanto, urgente decidir. Houve conselho de família. Além dos pais e avó, um tio paterno, e dois amigos. Excepto a avó, todos foram de opinião, de que não havia o direito de tolher, coartar a minha carreira. Ficou portanto assente a minha partida. Os amigos prometeram arranjar cartas de recomendação.

A mãe e avó, de lágrimas nos olhos, entre lamentações e preces ao Altíssimo, chamaram uma

costureira, compraram morim para camisas e ceroulas e deram princípio ao enxoval:

— Grande, folgado, dizia a boa mãe; para durar muito e lhe servir por muito tempo, pois da forma como o Daniel está crescendo, se não fôr folgado, no fim de dois anos nada lhe serve.

Uma coisa preocupava meu pai. Não podia deixar-me ir sózinho, por êsse mundo fora. Mundo que não conhecia e onde vive tanto tratante que me podia roubar e até matar. Não, sózinho não vai.

— Que achas, Palmira?

— Claro está, que não; enquanto não aparecer uma companhia, não pode ir. Deus me perdõe, diz ela, se deixasse ir o meu filho sózinho! Haviam de dizer que não tenho coração e que o queria ver pelas costas! A mim, que tanto me custou a criar. Ainda fico com dois e um em caminho, é certo, mas eu tenho amor por igual a todos.

— Tem paciência minha filha, dizia a carinhosa e inconsolável avó, eu não o deixava ir, de qualquer maneira. Êle é o mais velho, devia ficar, para, em caso de necessidade, substituir o pai.

Graças a Deus, do que ganho, posso, se precisarem, tirar um bocado para vos dar, para êle comer e vestir.

Estavam os três, pai, mãe e avó, nestas considerações, quando entra pela porta o Zé Fangueiro, servo andante da Confraria de Santo António, a pedir uma esmola para o Santo.

— Oh seu Zé, você não sabe por aí alguém que vá para o Brasil? Preguntou minha mãe.

— Vai muito breve para o Pará, o Augusto Portas, do lado de lá do rio, na companhia do Tomé da Júlia, que veio de lá há meses e já volta. Disse o servo enquanto metia no bôlso os dez-reizitos que lhe deram.

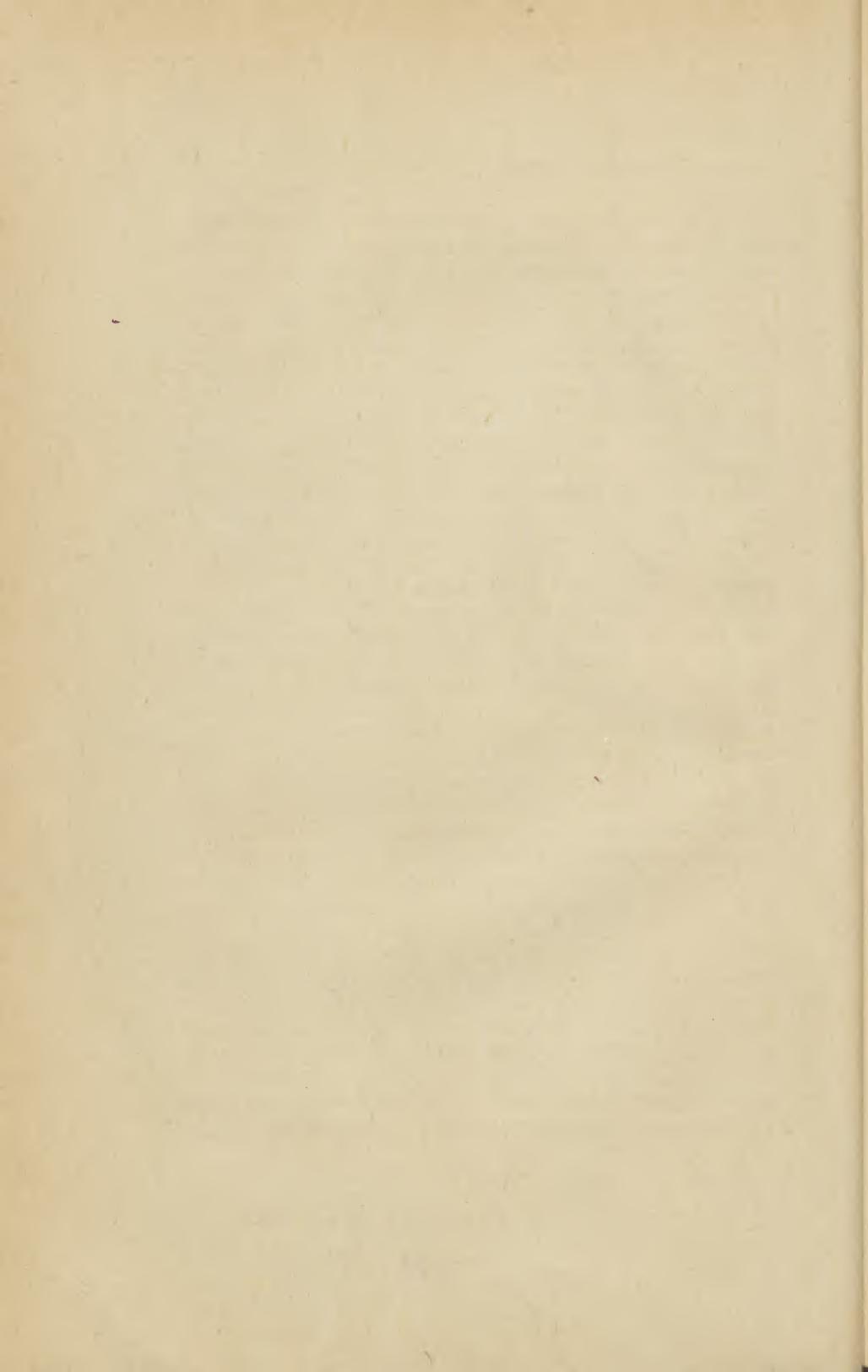
— Ora aqui estão os companheiros que servem. Isto é Deus que já está a olhar pelo nosso filhinho, disse a minha extremosa avó.

Conheci os meus companheiros de viagem porque foram convidados a vir a nossa casa, e em pouco tempo tornamo-nos amigos. É que íamos correr os mesmos riscos, sentir as mesmas saudades, atrás da mesma sorte, comer o mesmo pão do exílio, ou talvez o que o diabo amassou. Por compreendermos isso já nos consideravamos irmãos, dispostos para a vida e para a morte. Augusto e eu, éramos da mesma idade e quando nos reuníamos trocávamos impressões, perguntávamo-nos mutuamente: — Como será o Pará? Qual será a nossa sorte? Teremos ambos o mesmo destino? Ficaremos os dois ricos para voltar à Pátria?

O Tomé, viajado e de mais idade, conhecedor do terreno que ia novamente pisar, não sentia o mesmo entusiasmo, não nutria as mesmas ilusões nossas. Ele já tivera essa ânsia de enriquecer; embarcou também a primeira vez vendo tudo côr de rosa, mas sofreu desenganos sem conta e a fortuna, essa deusa por todos procurada e desejada, nunca dele se aproximou. Graças a umas pequenas economias é que pôde vir à Pátria tratar da saúde abalada, e sabe Deus os sacrifícios que teve de fazer, para conseguir o recurso necessário para voltar.

— Vou com esperança, dizia êle, de juntar; com o firme propósito de vir de novo, mas não levo ilusões.

Agora que vi o Céu de Portugal e o comparo com o sol do Brasil, levo mais saudades. O do Brasil é lindo, talvez mais calor, mais brilho, mas êste, de reflexos de ouro e espuma, que me acariciou em criança; quero que me aqueça quando velho. Não o troco, e logo que me encontre, não rico, simplesmente com o preciso para um modesto caldo verde, volto, para nunca mais partir.



As despedidas do lar e da Pátria

— «Vamos, filho, levanta-te, são quatro da manhã, os teus companheiros com certeza esperam; não faças barulho, não te calces para não acordares a tua avó. Ela não sabe que vais hoje. Despede-te de tua mãe que está deitada, dá um beijo a cada um dos teus irmãos, sem os despertares e desçamos devagar. Se a tua avó acorda, temos berreiro.

Assim sempre falando, ou melhor, soprando as palavras, baixinho, meu pai e eu descemos as escadas, calçamo-nos na loja, à porta da rua, que abrimos e fechamos sem ruído. Dirigimo-nos os dois para casa do alquilador, o «Vigilante». As luzes da rua que eram a petróleo iam sendo apagadas nesse momento pelo «Enguia» encarregado desse serviço, porque o astro rei, principiava a mandar à terra a guarda avançada dos seus raios luminosos. De segundo a segundo, ia-se distinguindo cada vez mais as pessoas e as coisas.

O carro estava pronto, para a partida. Um «*Char-à-banc*» com as malas em cima. Os companheiros, e um tio meu paterno, com um filho, esperavam impacientes. Entramos para o carro e este pôs-se em marcha, para a estação do caminho de ferro da povoação mais próxima.

Enquanto o carro rodava, meu pai explicava o porquê de irmos tomar o combóio àquela povoação em vez de irmos à da vila.

— Se tua avó, ao levantar-se, desse conta que tinhas partido, corria à estação e teríamos lamentações e lágrimas que, para tí e para os teus companheiros, neste momento, causaria a máxima tristeza e desgosto.

Do lado do Alto Minho, ao longe, ouviu-se um apito prolongado de máquina. Era o combóio que descia a todo o vapor. Poucos minutos após, o solo estremecia, os freios rangiam e o combóio parava.

Despedi-me de meu tio, de meu primo, do alquilador que me vira saltar, brincar atrás dos seus carros, e por último de meu pai, que lutava para reter as lágrimas. Eu, quis fazer-me forte, mas foi impossível, as lágrimas rebentaram em catadupa. Abracei-o, sem poder pronunciar uma palavra.

Parti... i... i... i... da, diz uma voz, ouviu-se então o som de corneta rachada e o combóio pôs-se em marcha.

Embora não tivesse pregado ôlho em tôda a noite, pensando na minha viagem, na partida, e com os olhos ainda humedecidos, fui despedindo-me, com o pensamento, através dos vidros da janela, dos arrabaldes da minha terra natal. Das colinas e outeiros, dos souts, dos pinheirais, dos campos em flor, das margens encantadoras do nosso formoso rio, onde, com os meus companheiros de infância, tanto nadei, tanto brinquei.

Até à próxima estação, onde o combóio parou, os três, não trocamos palavra. A saüdade invadiamos por igual e nenhum se atrevia a quebrar a meditação, em que cada um estava. Tal era a nossa preocupação, naquêle momento, que pouco ou quasi nada falamos, até chegarmos à cidade do Pôrto.

As oito horas da manhã, desembarcamos os três, em Campanhã, principal estação do Minho e Douro.

Deixamos ali a bagagem a guardar, pois só no correio da noite, seguiríamos para Lisboa.

Tomamos o pequeno almôço no café «Pinto Bessa», frente à Estação, já conformados, ou melhor, já encarando o inevitável da viagem, que no livro do meu destino, estava marcada. Não sentíamos o mais leve arrependimento, pois que voltar atrás, seria covardia. Temos que seguir para a frente, dizíamos, venha o que vier, nada nos detem.

Findo o pequeno almôço, subimos para um Americano, em direcção à Praça de D. Pedro, centro da Invicta Cidade.

Por quarenta réis, diz o Tomé, sempre é melhor, mais cómodo ir-se de carro; a pé chegaríamos cansados. Eu, continua êle, como já conheço isto, depois de fazer umas compras, que me são necessárias para a viagem, servir-vos-ei, de cicerone. Palavra esta, que pela primeira vez ouvi pronunciar.

Augusto e eu, tínhamos visto como povoações grandes, Braga, Capital da nossa Província, e Viana do Castelo, limítrofes, à nossa vila. Jamais se podia comparar a pequenez daquelas, com a grande Metrópole, que é o Porto.

Logo ao descer do carro, que nos conduziu, ficamos extasiados diante do monumento de D. Pedro IV, da Casa das Cardosas, da Câmara Municipal e do «Hotel Francfort».

A estação de S. Bento estava em projecto.

Subimos a rua de Santo António, para vermos as ruínas, os escombros do teatro «Baquet», que um pavoroso incêndio, havia meses, tinha dovorado. Desastre êste que todos lamentamos, pelas vítimas que causou, pelos episódios trágicos que se deram, originados pelo desespêro e que os jornais larga e minuciosamente descreveram.

Esta catástrofe abalou profundamente tôda a Nação de Norte a Sul. Abriram-se subscrições, houve peditórios públicos, para as famílias das víti-

mas, veio da Côrte a Senhora D. Maria Pia e seu filho D. Afonso, visitar os feridos. Sabíamos tudo isto por termos lido os jornais. Por isso nos conservamos ali largos minutos a medir com a vista, o volume, o vulto daquêle funesto acontecimento.

— Onde vamos agora? Perguntei.

— Subimos a rua, diz o Tomé, vamos à Igreja de Santo Ildefonso, veremos a estátua de D. Pedro V, o teatro de S. João, tudo na Batalha. De passagem vamos admirando as mercadorias expostas, com arte e gôsto, nas montras dos estabelecimentos desta rua, que é a de mais luxo.

Depois de vermos tudo isto, seguimos direitos à ponte de D. Luiz I, porém, antes de chegar ali, chamou-nos a atenção, o casarão, que devia ter sido, em outras eras, convento e nos disseram servir para recolher os autores de vários dramas e tragédias cometidas fora da lei, que rege a humanidade. Era a Bastilha do Norte, o Aljube. Atravessamos a ponte, fomos à serra do Pilar, ver a igreja que ali existe co-irmã de uma que temos na terra, e de ali admiramos o grandioso e lindo panorama da cidade.

Quando regressamos, eram horas de almôço e como andavamos, cada um, acompanhados de um embrulho-farnel, fomos a uma das hospedarias da rua do Bomjardim, onde a trôco da compra do pão e do vinho, consentiram que ali almoçássemos.

Finda a refeição, guardamos o resto nos nossos respectivos embrulhos para nos servirem para o jantar.

Tomamos um carro para o Largo da Boavista, para dali irmos a Leixões, em um combóio de carros americanos, puxados por máquina a vapor. Íamos ver a construção do pôrto, do paredão para abrigo dos vapores, que võem do estrangeiro.

Um guindaste colossal, construído, dizem, especialmente, para aquelas obras, estava em frente do paredão, que ia entrando pelo mar, sôbre rails, uma



BELÉM — PARÁ — BRASIL — Teatro da Paz — no antigo Largo da Pólvora
hoje Praça da República



fileira de vagons carregados de pedra, que se iam movendo lentamente. O guindaste suspendia um, dava volta com êle carregado, até à frente e por processo mecânico, virava-o de um lado e despejava a pedra no mar. O vagom voltava vazio, ao ponto de partida e colocado em outra via, ao lado. Assim sucessivamente, até que todos ficassem vazios. Quando as pedras ultrapassassem o nível do mar à altura do paredão, enchiam de cascalho, punham novas vias, e o guindaste, caminhava à frente, continuando o seu serviço. A obra era grandiosa, colossal mesmo, mas que o mar com a sua impetuosidade, a sua fúria não respeita, desfazendo parte.

Admiramos o progresso, a que chegou o engenho humano, para pôr dique à fúria dos elementos, com o nobre intuito, de agasalhar ou dar abrigo, a milhões de seres, que por necessidade ou recreio, tenham que ali passar, na sua rota, através do globo terráqueo.

Finda a visita, instrutiva, voltamos pela mesma via para o centro da cidade. Vimos ainda, o melhor mercado, a Praça do Anjo, a igreja dos Clérigos, a amálgama dos artigos expostos em frente, nos ferros velhos. Fomos à Igreja da Lapa, ver o sarcófago, que encerra o coração do primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro IV de Portugal. Chegou a hora da refeição da tarde, fizemos o mesmo que ao almoço e seguimos lentamente como a passeio para a estação de Campanhã.

Um silvo curto ouve-se, o combóio mexe-se, ressoam adeuses até desaparecer. Atravessa o túnel, entra na ponte D. Maria II o combóio a meia marcha. Principiavam a iluminar a cidade, mas ainda havia claridade bastante, para podermos apreciar o panorama, formando socalcos, de casas, de telhados, tendo a seus pés o volumoso rio Douro, a sua característica Ribeira, Vila Nova de Gaia e o movimentado bairro do Freixo e a praia do Arainho,

predilecto ponto do vulgo alegre portuense, para os seus *pic-nics*. Isto visto a correr, mais rápido do que num écran. Passadas as estações, Devezas, Espinho, Aveiro, salvo o ressonar de algum passageiro, reinou dentro do compartimento do trem, o silêncio mais profundo. Só o trepidar do combóio e o apito da máquina, que de vez em quando, se ouvia ao longe.

Entrou com estrondo em Santa Apolónia, a principal estação da C. P., quando o dia já ia alto.

As oito horas da manhã, chegavamos ao «Hotel Duas Nações» onde nos hospedamos.

Completava eu, nesse dia, catorze anos. O vapor tinha marcada a saída para o dia seguinte, quinze de Agôsto, por isso tornava-se necessário aproveitar o tempo em ver o máximo da cidade. Passamos a manhã, maravilhados com o luxo, no centro, vendo a Praça da Figueira, a Avenida da Liberdade, que achamos colossal, a Praça do Comércio, com a sua Arcada e o seu Arco Augusto, admiramos a estátua de D. José I, com o medalhão e busto, do grande Ministro, que foi Sebastião José de Carvalho, Marquês de Pombal. Fomos ver o impúdico frontão, da Câmara Municipal e o pelourinho. Do jardim de S. Pedro de Alcântara, vimos como os pedreiros, sob a direcção dos engenheiros, construíam o túnel da estação futura, do Rossio.

Depois do almoço, e de tomar café no «Sufsso» visitamos Belém, os Jerónimos e Casa Pia. Por insistência do Tomé, voltamos ao hotel, ignorando eu o porquê dessa resolução súbita, que me contrariou.

Ao chegar ao Hotel, é que compreendi a conspirata. Um deles foi à rua, enquanto outro me entretinha, comprou uma garrafa de vinho do Pôrto, da Real Companhia, e brindaram-me com um Pôrto d'honra, pelo meu aniversário, pelos meus catorze anos, alegres, risonhos, aparentando dezóito.

Embarque para o Pará, descrição da viagem

— Vamos, vamos, subam de vez, o vapor vai partir, já apitou, está na hora.

Era o empregado da agência «Booth Line», que do convés, chamava os passageiros de terceira classe, que, com as suas trouxas e alguns de malas às costas, subiam lentamente a escada de bordo, com medo de cair.

— Tragam na mão as passagens e os passaportes, recomendava, para não haver demora. Como fomos também, em terceira, eu apressei-me a subir, a arrumar a mala, para vir à amurada, despedir-me de Lisboa, do meu lindo e querido Portugal.

A hora marcada, pontualidade inglesa, a hélice pôs-se em movimento, o vapor estremeceu, soaram três apitos longos, era o adeus do «Lanfranc» que aproava ao mar à barra do Tejo. Até à altura do Bugio, marchou serêno, sem a mais leve sacudidela. Daí por diante, foi um fandango constante. Chegou a hora, para os que embarcaram, de irem à refeição da tarde, mas quasi ninguém se moveu, principalmente dos portugueses poucos atenderam à chamada. Na primeira classe, não se notava também movimento algum, coisa natural nas primeiras horas de uma viagem. Embarcaram bastantes comerciantes e industriais, das praças do Pará e Manaus e alguns

com família, que com certeza, como se faz sempre, arrumavam nos guarda-roupas dos seus camarotes, os fatos e vestidos que durante dez dias, teriam que usar.

Pus-me a analisar e a comparar a grande diferença que havia entre a primeira e terceira classe. Ali, pratos de Limoges, talheres de Cristofle, copos de Bacarat; aqui, pratos, copos-canecas e colheres de lata, garfos de ferro. Na primeira, camas cómodas, com lavatórios. Na terceira, um salão com cem catres de lona, ligados entre si, por armação de ferro, ocupados por mulheres, homens e crianças, tudo à mistura. Na primeira, pão fresco. Na terceira, bolacha dura, que para a comer, era necessário previamente molhá-la. A luz do salão era artificial, porque estávamos num porão. Para sair e entrar, havia uma escada estreita, tendo no tópo uma espécie de cúpula, aberta de um lado, como caixa de ponto, de um teatro. Havia realmente uma certa analogia, como um teatro; pelas cenas que os emigrantes representavam, com a diferença única de que a caixa ficava em cima e o palco em baixo, no salão. Todos os dias havia espectáculos variados; trágico, cómico e pornográfico. Íamos todos numa amálgama, numa promiscuidade suja, indecente e imoral.

A maioria, eramos portugueses, mas tratados pelos tripulantes, como se fôssemos negros, que havia apenas dois anos, eram levados para vender, nos mercados da especialidade, então espalhados, por tôdas as províncias do Império do Brasil. Quantas vítimas da ambição humana, dizia eu revoltado, êste mesmo vapor terá conduzido? Quantos desgraçados, por terem tido a sorte de nascerem negros, foram por êstes mesmos tripulantes maltratados? Por hábito, confundiam os portugueses brancos, da Metrópole, com os portugueses roubados, a Angola e a Moçambique. Para os ingleses,

nossos seculares aliados, parece que negros e emigrantes, tinham o mesmo valor, deviam ser tratados por igual. Os que viajavam em terceira, diziam êles, vão ser escravos também. São brancos que vão a outro Continente, mendigar trabalho e, para não morrerem de fome, sujeitam-se a tudo. Poucos são os que saem vitoriosos, especialmente se são honestos, portanto precisam ir acostumando-se aos maus tratos.

Até certo ponto, êste raciocínio, não era descabido; tinha uma certa razão e uma acertada filosofia. Mas os que vão em terceira classe, paguem pouco ou paguem muito, pagam se não vão em primeira, é porque são pobres, não há direito, por isso, de serem tratados como animais, ou como escravos. Por compreenderem isto, os Governos tomaram providências e hoje existe a fiscalização, e uma relativa comodidade, em todos os vapores.

Naquela noite, os passageiros muita carga deitaram ao mar, ou seja o enjoo com o respectivo vômito e suas consequências.

Com espanto dos meus companheiros, eu não enjoiei. Os outros tiveram aflições; então o Portas, julgou que morria, mas eu servi-lhe de enfermeiro. Dei-lhe laranjas que levava de Lisboa, e um dia a-pesar do barulho que tive que fazer na cozinha, consegui limão, do qual tirei a casca e dei esta aos companheiros para mascar. Tinha ouvido dizer, na terra natal, de que isso era bom para o enjoo, pu-lo em prática e deu excelente resultado. No fim de três dias, o mal tinha passado e então viraram-se a comer, com um apetite devorador. Quando o vapor parou na Ilha da Madeira, tôda a fruta que veio a bordo a vender, ficou liquidada. Os madeirenses, fizeram boa feira. É uma jóia aquela nossa Ilha!

A ementa para os de terceira, era; uns dias bacalhau, outros carne, sempre guizada com batatas ou feijão, ou com as duas coisas juntas. Vinham

dois caldeirões para o convés, para cima da escotilha, do porão; um ajudante do cozinheiro, de gorro branco e avental da mesma côr, de colherão na mão, distribuía as refeições nos pratos de lata, que os passageiros lhe apresentavam. Outro ajudante, com outra colher grande servia de outro caldeirão, uma zurrapa, com o nome de vinho. Terminada a distribuição, os caldeirões eram retirados, e os passageiros, de cócoras uns, e sentados no chão outros, iam comendo entre chacotas e risos. Uns, faziam cara feia e diziam que a comida era péssima, impossível de tragar, outros, tam boa, tam excelente a achavam, que iam à cozinha pedir mais. Assim todos os dias, à hora certa, matemática inglesa, um toque de campainha, sacudida por um criado, juntava os passageiros para as refeições. Findas estas, cada um lavava o seu prato e o talher, que eram obrigados a guardar até ao fim da viagem. Nos intervalos, passavamos o tempo a dormir de papo para o céu, estirados em pleno convés, ou a jogar a sueca e a bisca portuguesa.

No dia seguinte, ao da passagem por S. Vicente, amanheceu o tempo turvo, triste, pardacento. Vento do sul, forte e rijo, a atrazar a marcha do vapor. Os passageiros pareciam formigas, quando prevêem a tempestade; entravam e saíam em bicha do buraco, da tal «caixa do teatro». À tarde, nuvens negras carregadas, transformaram-se em um terrível temporal. As ondas levantavam o vapor e brincavam, sacudiam-no, como se êle fôsse uma casquinha de noz. A proa mergulhava a romper as ondas e estas, lavavam, varriam, o convés do navio até à pôpa. Os passageiros de terceira, correndo o risco de serem arrastados pelo mar, foram obrigados a ficar nos seus leitos, no salão dormitório, tôda a tarde. Ali comiam, a maioria enjoados, despejavam no chão, o que os estômagos continham, tornando o ambiente horrível, o ar azêdo e de insu-

portável cheiro. Tôda a noite o vapor balançou, de proa para a pôpa, de bombordo para estibordo, num corrupio constante, assustador. As mulheres entre lágrimas e gritos, rezavam, faziam promessas aos santos da sua devoção. As crianças imitavam as mãis em descomunal berraria, parecia o inferno, nas entranhas do « Lanfranc ».

Meus companheiros e eu, só ao romper d'alva, quando o mar acalmou, é que pudemos passar pelo sono. Não quisemos tomar o pequeno almôço, preferimos dormir.

Ao meio dia o sol abriu, deu liberdade aos seus raios, para nos trazer o bom humor, a alegria. O mar sossegou, ficou de rosas, um verdadeiro lago.

O vapor singrava melhor e todos os passageiros puderam vir para o convés.

O calor do Equador, já se ia sentindo, mas a brisa, sempre do sul, tornava a atmosfera agradável, convidava a estar ali.

À noite só os casados e as mulheres foram para baixo, para o salão dormitório. No convés, dormiam quási todos os demais passageiros, até de madrugada, hora a que os tripulantes vinham de mangueira em punho, lavar, baldear o chão. Alguns passageiros em ceroulas compridas, atadas nos tornozelos, pediam aos marinheiros, que lhes dessem um jacto de duche e assim tomavam muito cedo o seu banho salgado. Era dêste banho que eu aproveitava tôdas as manhãs.

— O que é aquilo? Olha, olha, o que será?

Um inglês que articulava alguma coisa de português explicou: — É uma tromba que vem das nuvens e desce ao mar a sorver, a aspirar água para depois descarregar em terra ou noutra parte. Forma uma larga mangueira mas não causa perigo. O capitão certamente a esta hora, está de binóculo, a ver para que lado ela se move, que é para se desviar. Se por acaso a distância fôsse tam pequena, que

não houvesse tempo de desviar, com aquêlê canhão-zinho, que temos na proa para salvar, davamos uns tiros e ela desfazia-se, rompia-se ».

- Os passageiros agradeceram ao informador e o caso passou como êle disse. O vapor desviou o rumo e em poucos minutos, o « Lanfranc » estava muito longe do que, para os passageiros de terceira, era um fenómeno.

Muitos dos companheiros de viagem, eram naturais da Póvoa de Varzim e de Ílhavo, gente rude mas nobre, boa. Iam exercer a profissão de barqueiros. Segundo êles mesmo diziam, era muito rendoso êsse serviço no Brasil. Faziam fretes entre terra e os vapores, que entravam e saíam, nos portos do Pará e Manaus.

Pela altura da ilha brasileira de Fernando de Noronha, que é presidio dos condenados em Pernambuco, deu-se um choque grave entre os passageiros poveiros e os tripulantes ingleses. Um dêstes, criado e malcriado, ao querer passar por um corredor estreito, onde estavam a conversar dois poveiros, veio pela parte de trás de um deles e não esteve para pedir licença, como se costuma em todos os países, em todos os idiomas, em tôdas as classes. Deu tam grande empurrão a um, que os dois se chocaram e quási resvalam. Um dos poveiros perdendo a calma, deu tamanho sopapo ao inglês, que êste perdendo o equilibrio estendeu-se. Levanta-se, em posição de jogar o box com o português e com o seu « come on » « come on », foram-se juntando mais ingleses e também mais poveiros e tornou-se o convés do navio num campo de batalha, cujas armas eram os punhos. Se não fôsse a intervenção do Comandante, a quem chamaram à pressa, teria o caso funestas consequências e para os nossos patrícios, especialmente, por estarem em território inglês. Foram ameaçados de ir para o

porão, com ferros nos pés, se reincidissem, ou largariam, por mangueiras, água a ferver.

Não deixou de haver protestos e ameaças também por parte dos passageiros, dizendo, irem ao chegar ao pôrto do destino, queixar-se dos maus tratos, principalmente pela ameaça de meter a ferros os passageiros, que foram os desrespeitados. Havemos, diziam todos, de fazer a maior propaganda contra a Companhia.

O Portas e eu, a conselho do Tomé, colocamos-nos longe do sítio conflituoso. No dia seguinte, embora ainda se discutisse o caso, não era com ran-cor e breve reinou sossêgo.

Não se passaram muitos dias, sem que ainda, os passageiros do «Lanfranc», não tivessem de lavar o seu protesto mais uma vez.

Desta, com a mais justa razão. O gêlo dias antes da chegada a Belém, acabou. No frigorífico onde vinham os cosmetíveis, não puderam conservar a carne com a frescura precisa. Ao servirem como de costume, um guisado, êste estava com mau gôsto, intragável, porque a carne estava pôdre. Cafu Tróia. Os mais nervosos, os discolos, atiraram a comida com pratos, talheres, tudo para o mar e quási vai o caldeirão.

Os passageiros de primeira ouvindo tamanha algazarra, notando a alteração da ordem, vieram à terceira classe, ver o que se passava e inteirados, ficaram também indignados com o mau tratamento. O Comandante, com vontade ou sem ela, teve que ordenar que se cozinhasse outra comida em condições.

Foi êste o último tumulto passado no «Lanfranc» naquela viagem de 1889. Hoje, o mesmo vapor, trata muito bem os passageiros. Melhorou muito as comodidades de terceira, à parte da fiscalização efectuada pelo Delegado Português de Emigração, que segue em todos os vapores. Eu, viajando agora,

nesta época, no mesmo vapor, em primeira classe, fui muitas vezes à terceira interessar-me pelo tratamento e comodidades dos passageiros e notei perfeita ordem e limpeza.

IV

No Pará

—Olhem! Olhem! A água do mar mudou de côr. É barrenta, porque será? Alguém, admirado, chamou a atenção dos companheiros e êstes correram logo à amurada e foi o caso explicado por aquêles que o conheciam. — É o rio Amazonas que com o impulso da corrente, vem até muito longe, disseram, à altura do Estado do Maranhão.

Isto demonstra que já estamos em águas brasileiras — amanhã chegaremos ao fim da viagem, a Belém.

Às dez da noite, dêsse mesmo dia, avistou-se ao longe, mas muito longe, uma luzinha, que se confundia com as estrêlas. O que será, perguntamos. É a barca-farol, responderam, que tem o piloto, o prático da barra, que vem tomar conta do vapor e não o larga senão depois de fundearmos, dentro da Baía. — Daqui até chegarmos à barca ainda nos vai levar umas duas horas, continuam dizendo, porque por precaução, ou mêdo de encalhar, o vapor reduziu a marcha.

Nenhum passageiro se deitou, à espera de ver a barca e falar com o piloto. À meia noite justa, o vapor quási parou. Deitaram pelo costado abaixo da amurada até ao mar, uma escada de cor-

da. Já perto, um barquito a quatro remos trouxe da barca até ao vapor o práctico que subiu lesto.

Choveram as perguntas. — A que horas chegaremos? Há muita febre amarela? — Se não tivermos mau tempo, respondeu o bom do piloto, amanhã à uma da tarde, estaremos fundeados. — A febre amarela, há um ou outro caso, mas não é com carácter epidémico.

Aquela noite, foi para os passageiros a mais tranqüila de toda a viagem. Não sentimos o rebenatar das ondas no costado do vapor. Felizmente naquela ocasião, eram águas mansas. Navegávamos como em água doce, embora ainda estivessemos no mar.

No dia seguinte ao levantarmo-nos já se avis-tava terra brasileira e isto deu motivo a que alguns gritassem: — Viva o Império do Brasil! Viva a terra de promessa! Viva o filho querido de Portugal! E assim, pelo estilo, muitos vivas, muitos entusiasmos, muitas ilusões. Quantos dêsseos entusiastas não viram mais o céu da Pátria, do seu torrão natal. O Portas foi um dos que desapareceram do convívio dos conterrâneos e amigos, um ano depois de chegar ao Brasil. Atrás de fantásticas riquezas, embrenhou-se pelo Amazonas e jamais tivemos notícias da sua existência.

O Tomé foi para os companheiros sempre o dedicado amigo, o fiel cicerone. — Vês aquela terra, ao lado direito do vapor? É a ilha de Marajó; tem tantos quilómetros quadrados como Portugal tem no Continente Europeu. O que produz? Perguntei. — Tem muito gado, milhares e milhares de cabeças. É dali que se fornece a cidade de Belém e os vapores que fazem carreiras periódicas para o Amazonas e seus afluentes, até à fronteira da Bolívia e do Perú. Aquela povoação agora à esquerda, com uma fila de casas boas, uma ponte de madeira, onde está atracado um vaporzinho e nichos de tábuas à

margem do rio, é o Mosqueiro. Os nichos são para as famílias, ali moradoras, tomar o seu banho, livres de olhares indiscretos. O vaporzinho faz várias viagens por dia. Por quatrocentos réis leva um passageiro de Belém ao Mosqueiro e vice-versa. Ali acorre muita gente, principalmente aos domingos, com pic-nics e muitos a tomar banho. A água embora misturada com o rio Guajará, ainda ali é salgada.

O vapor tomou o canal mais fundo que fica distante de terra uns quarenta metros e que dava motivo a gozar, a apreciar a poesia selvática da natureza exuberante, a compacta floresta que, como num écran, ia correndo da vista, em sentido contrário ao dos viajantes. Passado êste excelso panorama da natureza, vinha a vila do Pinheiro, que segundo dizia o Tomé, tinha as mesmas características topográficas do Mosqueiro. Não tinha os ares salubres desta povoação, mas tinha a vantagem de estar mais perto da Capital, Belém. — Esta fortaleza que aqui se vê, continuou o Tomé, foi pelos nossos maiores construída, para defender a cidade e o país que tanto custou a civilizar e consolidar, da ambição dos outros invejosos países. Hoje inútil, está deshabitada, abandonada. — Aquêlê prédio que se vê é o «curro» Matadouro Municipal.

Navegavamos tam perto, que viamos de facto, um guindaste levantar pelos chifres, as pobres bestas bravas. Algumas vezes, informam, a sôga, atada ao guincho, quando o quadrúpede está mais alto, resvala ou desata-se e o pobre animal, quando não quebra as costelas contra a ponte, cai dentro de água, junto ao batelão que os conduziu. Isto dá causa ou origem a uma tourada molhada, quando o quererem de novo laçar para o puxar para terra.

Uma nuvem de *Urubús*, abutres, cobriam de prêto o telhado da Casa Matadouro, à espera do

sangue, e das sobras das vítimas, que estavam prestes a serem imoladas.

Êstes *urubús* são excelentes auxiliares da limpeza pública, a ponto dum Intendente Municipal decretar uma multa pesada, a todo aquêlle que os maltratasse. O vapor pouco mais seguiu além do Matadouro, o que causou certo descontentamento porque a brisa trazia até ali, um nauseabundo cheiro a chifres sêcos ou a secar.

Dizem que era uma boa fonte de receita para os cofres Municipais, pois que iam todos para Inglaterra, para o fabrico de objectos de luxo, e eram muito bem pagos.

À altura do Igarapé das Almas, o vapor fundeou, lançou ferro à água. Deu um tiro, anunciando à população de Belém, que tinha entrado e que ali estava.

Uma quantidade formidável de botes pertencentes a poveiros, rodearam o vapor e êstes diziam na característica voz da sua linda terra: — Ó patrão! Está aqui para o servir o bote «Portugal». Patrio! Dê preferênciã ao «Lusitano»! — Olha o «Pátria»! Quem quer vir para a terra no «Pátria»? A gritaria era ensurdecadora, mas o Tomé tinha já um conhecido, o «República», que por ser o título esperançoso, das ideas novas, no Brasil e em Portugal, era por muitos preferido.

Ali República, podia-se pronunciar, ou escrever livremente; em Portugal, era isso proibido.

As malas, que não eram muitas, uma de cada um dos três, inseparáveis companheiros, foram para a Alfândega e os passageiros para ir ali tinham primeiro que passar pela Guarda-Moria. Na ponte do desembarque, que era de madeira, coberta e com grades ao lado, estavam os parentes e amigos dos que chegavam. Os caixeiros conterrâneos meus e de meus amigos, tinham pedido licença, aos seus respectivos patrões, para nos virem esperar.

Abraços, lágrimas, recíproca efusão de alegria. — Como deixaste os meus velhos, bem? — E fulano? E cicrano? Perguntas sôbre perguntas, que nunca acabariam se não fôsse a chegada dum cavalheiro, que depois de abraçar o Tomé, lhe pergunta: Qual é o Daniel? — É êste, responde o interrogado. — O senhor Veludo, diz o interrogador, filho do senhor Ferrão, de B. . ., mandou-me vir esperar-te, (logo sem cerimónia, tratamento de tu).

Apertou-se-me o coração, quando me despedi dos companheiros de viagem, de Tomé e do Portas; não pude mesmo conter as lágrimas; já éramos como família. — Não te aflijas Daniel, diziam os que já lá estavam; isto aqui não é tam grande que não possamos encontrar-nos, não digo todos os dias, porque temos o trabalho, estamos presos, mas aos domingos nos veremos. — Mas vocês andam em mangas de camisa? — Aqui o calor não permite andar de outra maneira e como tu vens vestido, ainda menos. Essa roupa, é lá para a terrinha, não para aqui. Não vez que estás a soar, por todos os poros?

— Vamos, vamos, diz o cavalheiro que me foi buscar, o senhor Veludo, não é de muita paciência e se nota demora, pergunta logo qual o motivo e passa-nos uma descompostura.

O estabelecimento, onde nos dirigíamos, não ficava a grande distância. Seguimos pela Travessa das Mercês, demos a volta ao largo do mesmo nome, e ao chegar à esquina da rua de Santo António e o mesmo largo, paramos. Curiosidade nos olhares dos caixeiros da casa, para o novo caixeiro que entra. Dos clientes que ali se encontravam a comprar, também curiosidade e riso, do novo português que chega, que vai à recolha das patacas, dizem por troça.

Tímido, acanhado naquêlo mundo novo, a mêdo quási, cumprimentei o senhor Veludo, que tinha cara de poucos amigos.

— Como estás rapaz? Fizeste boa viagem? Como ficou o meu velho? Umas atrás das outras as perguntas.

— Ficou bem. O senhor Ferrão, manda esta carta para V. Ex.^a e uns chouriços, que estão na mala, junto com a roupa.

Hilariedade geral, quando eu disse junto com a roupa. Percebendo o porquê do riso, não perdi um segundo e expliquei: Estão em uma lata soldada. — Bem, diz o senhor Veludo, depois trataremos disso. E virou-se para outro empregado e disse: — Ó Cândido leva o rapaz lá dentro, ao quarto, que tire o casaco e venha para o balcão. Olha, escolhe-lhe uma rêde de Ceará que é mais leve e mais barata e também um mosquiteiro de tarlatana. (Compreendi que era o primeiro débito da minha conta corrente). À noite, ao deitar, ensina-lhe como se usa a rêde.

Os quartos dos empregados ficavam no fundo do estabelecimento. Entrei logo para o serviço. Rápidamente me aclimatei. A febre amarela grassava com intensidade. Uma grande parte dos companheiros de viagem, tinham desaparecido do rol dos vivos, no prazo de seis meses. Felizmente eu não tive a visita dessa forte inimiga dos estrangeiros. Em pouco tempo conhecia tôdas as ruas da cidade, até ao mais escondido recanto. Quando me mandavam a algum recado, o meu maior prazer era subir aos « Bondes », quando mais rápido as mulas puxavam, ou quando em vertiginosa carreira desciam a rua da Indústria. Tam feliz fui, que jamais quebrei a cabeça, na calçada. Era perito no exercício de descer, com o corpo virado para as trazeiras do bonde. Dizia o vulgo que quem chega ao Pará parou e quem tomar *assahy* ficou. Eu tomei e logo me senti preso a essa terra pelo coração. Na loja ia prestando atenção à forma como atendiam os fregueses. Analisava se o modo era diferente, ou a mesma coisa que em



BELÉM -- PARÁ -- BRASIL -- Mercado e doca do VER-O-Pêso

Portugal. Notei que a freguesia, não era tam miúda, tam avara, para largar as *massas*. Agrada-se, seduz-se o freguês e êste com mais facilidade, deixa-se conquistar e até enganar. Existiam comerciantes, felizmente poucos, que sabiam aproveitar a ignorância do cliente. Embora portugueses, não tinham o escrúpulo que teem os seus colegas de Portugal. Exemplo:

— Oh, comadre! Tenha paciência, mas morim como êste, desta largura, a pataca o côvado, não encontra em parte alguma, só aqui. Se ela teimava muito, oferecia-se-lhe outro por mais um vintém em côvado, como melhor, tirando debaixo do balcão uma peça igual ocultando-se lhe a marca. — Êste, é uma especialidade, sem gôma, parece uma pele de ôvo.

Comadre, é o tratamento vulgar, entre a freguesia de baixa categoria, ou da alta, quando haja um certo conhecimento ou confiança.

— Êste sim, diz a freguesa, vale a pataca. E na crença de que leva melhor, leva igual, ao primeiro oferecido.

O senhor Veludo, quási sempre quando eu não fazia falta no balcão, mandava-me para a porta, convidar ou agarrar, as pessoas que passassem com cara de ir a compras. Fazê-las entrar, não as deixar ir a outra parte.

As mulatinhas que vinham do Largo da Pólvora, ou das ruas circunvizinhas, de cêsta no braço, ao mercado, ou ao Ver-o-pêso, comprar farinha d'água, ou caranguejos, para preparar a especialidade do Pará, os saborosos casquinhos, viam *bóia* comigo. Se paravam a ver, a apalpar um cretone, pano crú, ou riscado, que estava exposto, pendurado nas portas, então era: — Ué gentes! Qui massadô! Ou, non mi amóli seu Danié! — Gentes! qui massadô, êste português!

Venha ver umas lindas chitas, que temos lá dentro, a seis vintens o côvado —

— Ué gentes, isso é possivé?

— É, venha ver.

A freguesa entrava — Olhe é linda ou não é? — Êste ai-íá de ouro ou, êste ai-íá de prata, não é tam bonito? E já com malícia eu perguntava a um colega: — Ó senhor Cândido, esta chita é de seis vinténs, não é? Não; a de seis vinténs acabou, essa é de doze; respondia o outro, sabendo o truque.

— Para que o siô Danié, me fez entrá? Eu não quero comprá.

De facto a chita era bonita e a mulatinha deixava os olhos na fazenda. Vai ao mercado, faz as compras e ao voltar, diz: — Vomecê é um português lévado, siô Danié, pois não é que vou comprá mesmo essa chita?! . . . Corte oito côvados.

— Só oito côvados? Isso não chega.

— Ê para uma saia de roda, siô Danié.

Esta era a forma como geralmente se fazia o negócio com o povo, com gente de mediana categoria. Para as pessoas cultas, da melhor sociedade, naturalmente, o tratamento, era outro. Enquanto se ia perguntando pelo senhor general, pelo senhor doutor, enfim pelo chefe de família, pais ou maridos, oferecia-se uma cadeira. Depois de saber o que desejava ia-se-lhe mostrando as fazendas do último fabrico, ou da última moda e ao mesmo tempo, falava-se do último baile do « Club Euterpe », ou da « Associação Dramática Recreativa », ou de outro que se tivesse realizado. Da toilette da senhorinha tal, que fez sucesso a causar inveja, etc.

— Já vê V. Ex.^a, ou a senhora dona fulana ou, com confiança, a minha boa comadre, que aquela fazenda foi aqui comprada, demos nós o parecer, a idea de como devia ser feito o vestido. Vê que temos gôsto e tôdas as nossas freguesas, fazem figura, no meio social paraense, enquanto comprarem aqui. Se tôdas as senhoras chics do Pará, tivessem bom gôsto, não iam a outra parte.

Com esta, ou outra conversa, ia-se vendendo a fazenda e as catequizavamos de tal forma, que o

resultado era entre amigas, haver o seguinte diálogo:

— Aonde vais Néném? Vou ali ao Daniel, comprar um vestido para o baile da Assembleia.

— Porque não vais, diz a amiga, à « Fromosa Paraense », ao « Bom Marché », ou ao « Parquete das Novidades »?

— Não vou, porque o Daniel tem bom gosto, vou pedir-lhe que me dê o seu parecer, a sua opinião. Levo aqui os figurinos para êle escolher. Já nos conhecemos e eu com êle me entendo. No último baile das FONSECAS, dansei só com êle e com o Armando, meu namorado, de quem êle é amigo. O Daniel dança tudo muito bem. Nunca dansaste com êle?

— Não.

— Pois se queres, na Assembleia, apresento-te a êle.

Os caixeiros que consigam esta fama, podem-se impor, não lhe faltam empregos e quem lhes pague bem.

É certo que esta familiaridade entre clientes cultos e de categoria com os empregados no comércio só no Brasil existe. Nos outros países da América do Sul em que eu vivi e percorri, não se dá a mesma coisa. Na Argentina, por exemplo, uma senhora de sociedade sente-se rebaixada se um empregado no comércio a requesta. Fala-se de *un dependiente de tienda* com repulsa, com asco.

— *Mirá ché*, dizem para uma amiga, *que si habrá creído el zonzó del tenderillo, que yó le iba a dar corte!* Isto dito com uma vaidade, um desprezo, uma arrogância muito argentina.

O Brasil é o país mais democrata, talvez não exagere dizendo, do Mundo. O empregado comercial sente-se bem na sociedade brasileira porque esta não lhe nega acolhimento e carinho. Principia pelo patrão que quando o seu auxiliar vale convida-o a sua

casa e senta-o à sua mesa. Não é raro um caixeiro casar com a filha prendada e educadíssima, do patrão ou com uma elegante senhorinha da mais elevada categoria social. Também o empregado no Brasil se educa e quando casa nestas condições a esposa não tem motivo para se envergonhar de o apresentar na sociedade.

Só passados dois anos, é que consegui êsse prestígio, no meio feminino paraense. Gente de tôdas as categorias me procurava, sobretudo as mais cultas famílias moradoras nas Avenidas S. Jerónimo e Nazaré. Também não havia batuque de pretos, para os lados de S. João, ou do Umarizal, ou baile de brancos, de tôdas as classes, ou ainda nas sociedades recreativas, que eu não frequentasse. Só depois de dezoito meses é que comecei a entrar no convívio da melhor sociedade. Antes do ano e meio feito, comi o pão que o diabo, com chifres e tudo, amassou. Principiei por varrer a casa, cuidar dos candieiros de petróleo, fazer plantão tôdas as noites, até que entrasse o último empregado.

As ruas eram mal iluminadas, porque ainda eram luzes a gaz. O Largo das Mercês, para onde dava a porta de comunicação, com os nossos quartos dormitórios, era escuríssimo. Havia ali grande e viçoso capinzal, que se prestava a ser o predilecto sítio para o *rendez-vous* dos gatos. As pedras destinadas à Estátua do grande paraense, doutor Malcher, estavam espalhadas pelo largo entre o capim.

Três meses após a minha chegada, ou seja, a 15 de Novembro de 1889, o Imperador D. Pedro II foi deposto. Ruíu o Império, foi proclamada a República, por imposição do Exército, representado pelo marechal Deodoro da Fonseca, que, segundo diziam fôra pupilo, ou um dos mais protegidos pelo Imperador. O Pará aderiu logo. As tropas saíram à rua, em passeata e em forma. Constituiu-se uma junta provisória, um triunvirato para governar o Estado,

até ao dia 17 de Dezembro dêsse mesmo ano. Neste dia, por nomeação do Governo Provisório da República, foi a presidência do Estado entregue ao senhor doutor Justo Leite Charmont, pelo Presidente da Câmara Municipal de Belém, o maranhense, mais tarde senador, o cidadão António José de Lemos.

Foi o doutor Justo Charmont, que durante o seu governo, lançou a primeira pedra, cerimónia a que assisti, para o Monumento à República, no Largo da Pólvora, frente ao teatro da Paz. Êste ilustre paraense dirigiu o estado até 1890.

Na Praça Baptista Campos, para o lado do cemitério, construiu-se uma Praça de Touros, que foi inaugurada pelo cavaleiro português Manoel Marques. Depois foram ali vários, como sejam: Manuel Casimiro, que foi atacado, então, pela perigosa doença, béri-béri. Zé Bento, um dos mais queridos em Portugal, e o arrojado e popular Alfredo Tinôco, que indo de visita ao seu companheiro e colega Zé Bento, que estava com a febre amarela, contagiou-se e morreu. Zé Bento escapou. Tôda a colónia portuguesa foi ao entêrro do distinto Cavaleiro, e o comércio como demonstração de sentimento, encerrou as suas portas.

Foi nessa praça de touros, que eu de pé, como todo o público, brasileiro e português, ouvi pela primeira vez a marcha de Alfredo Keil, o nosso actual e lindo hino, « A Portuguesa ». Ao terminar, o entusiasmo transformou-se em delírio. Depois de se cantar aos Heróis do Mar, demos vivas à nova República Brasileira e à futura República Portuguesa. A nostalgia da Pátria e da família, faziam-nos chorar, tal era a sensação sentida, ao vêr êste entusiasmo expontâneo, de milhares de pessoas. No meu coração de adolescente, ficou vincado o amor à República. No ano seguinte, 1891, nos primeiras dias do mês de Fevereiro, veio pelo telégrafo a triste notícia do fracasso da revolução no Pôrto. Pela

traição de uns, contra a abnegação de outros, pelos seus ideais. A fuga do Alferes Malheiro e a prisão do Capitão Leitão e outros, causou aos novos, forte indignação, e fez com que eu mais me prendesse ao ideal republicano. Tôda a minha admiração, a minha simpatia, foi para os vencidos. Chegaram fotografias com a rua de Santo António, do Pôrto, juncada de cadáveres das vítimas. Criaturas que ofereceram a vida em holocausto ao seu ideal, na ânsia de fazer um Portugal maior. É êste o pensar de todos os Portuguezes, residentes longe da Pátria, seja êle qual fôr, o seu credo político.

Houve vários Intendentes Municipais a quem o Pará pouco ou nada deve. Com a República, surgiu no cenário político, por vontade do Govêrno, mas contra a vontade popular, o maranhense, que mais tarde foi o senador Lemos.

A luta contra êste personagem, foi atroz, titânica, a ponto de, para exercer a sua actividade política e cidadina, ter de viver rodeado de « Capangas », guarda-costas, dispostos a tudo, para o defender. Gente a quem pagava bem a trôco de obedecer-lhe, cegamente. Várias revoluções se deram na cidade, para o derrubar do pedestal, em que o Govêrno o colocara, mas a tudo êle fez frente. Êste cidadão, durante a sua actuação na Câmara Municipal, modificou por completo a cidade do Pará. Transformou capinzais em jardins floridos. O calor na cidade é intenso, é forte e êle para o debelar, arborizou as ruas. Muitas destas, durante a sua administração, foram calcetadas com paralelepipedos de pedra e de madeira, dando-lhes um aspecto moderno e de lindo efeito. O largo da Pólvora estava completamente nú, um lamaçal sem vegetação, o Senador Lemos arborizou-o de tal forma, que agora, nos dias em que o sol se torna inclemente, serve de agradável abrigo aos que teem tempo para irem ali gozar, da frescura que proporcionam as copa-

das árvores, à sombra de úteis e perfumadas mangueiras.

Os doutores Lauro Sodré, primeiro presidente constitucional do Pará, e Zerzedelo Correia, Senador, eram os ídolos do povo, os legítimos representantes paraenses, ante o Governo Federal. Citarei um caso para o demonstrar: O Senador Lemos, um dia, lembrou na Câmara, perante a Comissão Administrativa, decretar um impôsto sôbre a renda de cada individuo. Todo o trabalhador devia pagar à Câmara 10% do seu ordenado. Levantou-se grave celêuma entre a classe trabalhadora. Por ser inconstitucional a lei projectada, enviou-se ao Governo Federal telegramas de protesto. E também aos dois ilustres paraenses, que na ocasião estavam na Capital, enviamos telegramas pedindo para evitar, sustar ou mesmo impedir, que êsse projecto viesse a ter fôrça de lei. Os caixeiros do comércio foram os que mais enèrgicamente se manifestaram. No «Club Euterpe» realizou-se uma reunião de classe, onde ficou assente haver no dia seguinte, domingo, uma manifestação pública e encorporados irmos agradecer às redacções dos jornais, especialmente à «Fôlha do Norte», a sua attitude em defesa dos humildes, dos trabalhadores.

— Aonde poderemos reunir? Preguntaram os caixeiros. A polfcia não consentia que fôsse na Praça Pública e então alguém lembrou o quintal do insigne doutor Zerzedelo Correia, na Travessa S. Mateus. Feito o pedido à família esta gentilmente consentiu e a reunião realizou-se. Às três da tarde, depois de vários e vibrantes discursos, formou-se uma coluna duma centena de empregados e percorreram as ruas da cidade gritando: Abaixo o Imposto! Abaixo o Senador Lemos!

A Polícia acertadamente tinha sido retirada das ruas. Estava aquartelada e de prevenção. Assim tudo correu na melhor ordem. À noite, o Largo da

Pólvora, transformou-se em campo de batalha. A origem disso, foi um inimigo do Senador Lemos, comprar a um garoto todos os jornaizinhos que defendiam o imposto e o Senador, rasgando-os em público. Veio a polícia e cavalaria e o público contra a força fez as cadeiras de todos os cafés ali existentes andarem no ar, junto com garrafas e estacas de *acapú*, que resguardavam as árvores. O Senador não venceu a sua, a lei que queria não passou de projecto.

Errar é humano e se o Senador Lemos cometeu erros, também, embora custasse rios de dinheiro, transformou a cidade e hoje ela está à altura das suas irmãs, que do Amazonas ao Rio Grande do Sul, formam o brilhante e colossal diadema de verdadeiras metrópoles que ornem o litoral da maior parte deste grandioso continente sul-americano, o formoso Brasil.

A libra passara de nove mil réis, para quarenta e cinco, mas em compensação a borracha, a riqueza do Estado, de mil e oitocentos passou a dezoito mil réis o quilo. Os estabelecimentos faziam grande negócio. As roletas por ocasião das festas de Outubro de Nossa Senhora da Nazaré, que tinham plena liberdade de jogo, estavam apinhadas de gente. Era o Pará verdadeiro Eldorado. Eu, novo, numa terra onde havia bastantes pretos estava no meu plantão passando um mêdo atroz. O centro de comércio ficava deserto, todos iam para as festas, para o Café Chic, ou para o Politeama, que eram os da moda. No primeiro ano estive privado de gozar, ou mesmo de ver, de admirar, de me divertir, como os outros. De dia o senhor Veludo, mandava-me aos vapores e aos Hotéis, arrebanhar fregueses que tivessem vindo do Amazonas.

É que no fim da safra, exploradora de borracha, manancial de riqueza do Amazonas, portanto do Pará, desciam os cearenses e maranhenses, únicos

seres humanos, que mais resistem ao clima amazônico e iam às suas respectivas terras. Uns com família, para visitar os parentes que ali tinham deixado; outros para contratar patrícios seus, para explorar, descobrir, nas matas virgens, novas árvores de *seringa*, abrir estradas e trabalhar por conta própria. Mas a maioria, solteiros, iam arranjar mulher, companheira, que quisesse compartilhar com a sua vida solitária, entre as emaranhadas florestas, só habitadas por animais, do rio Tapajós, rio Negro, ou do Acre. Todos por uns quantos, anos, tinham sido vítimas dos seus «aviadores», fornecedores de gêneros para viver ou negociar. Chegou um dia, que o comerciante ou lhe doeu a consciência, ou já não pôde explorar mais, ao pedir o trabalhador a sua conta corrente, ela apareceu com saldo favorável. A primeira coisa de um seringueiro, ao obter saldo, é descer do Amazonas, para o fim exposto. Trazem uma carta de ordem, para uma importante firma comercial da praça, vem pelo mesmo vapor outra ordem e não há obstáculo em pagar. É destes que trazem carta, que o comércio do Pará deseja. Uma aluvião de caixeiros vai a bordo dos vapores, junto com os correctores dos Hotéis, que na generalidade, são de quarta categoria e de combinação com o corrector ou com o dono do Hotel, o caixeiro consegue que os hóspedes vão ao seu estabelecimento. Quasi sempre entre os seringueiros há um, conhecido desde a terra onde trabalharam, ou de camaradagem adquirida a bordo, mais esperto, já viajado, a quem os outros todos ou em magote, confiam e vão para o mesmo hotel, para onde fôr aquêle. Só fazem o que o outro fizer ou aconselhar e é aqui que está a habilidade do corrector de Hotel, ou do empregado da loja, conquistar a simpatia do que os manda, do que os aconselha e os vai dirigir. Conseguindo isto, o estabelecimento enche-se e é um dia de grande negócio. Muitas

vezes me vi ao lado do esperto seringueiro, como a comandar um piquete de soldados, mas com mil cuidados, porque pelo caminho às vezes o poletão era desfalcado: Em cada estabelecimento por onde passavamos era um ou outro agarrado e não poucas vezes, algum ficava. A primeira coisa que eu lhes fazia, por ser uso, ao entrar no estabelecimento, era oferecer-lhes um copinho de laranjinha. Quási todos os estabelecimentos têm um garrafão desta bebida para a freguesia. É cachaça com essência de aniz, ou de laranja. Preguntava a cada um para que firma traziam a carta de ordem. Sabia com quantos contos, cada um, contava, portanto, tratava-se, não se fôsse arrepender, ou de ir a outra parte, de vender-lhes logo roupa como: fato, camisas, botas e tudo que lhe pudesse fazer falta para se apresentar decente no Ceará, ou Maranhão. Muitas vezes aconselhava-os a deixar ali as cartas de ordem, até depois do almôço, pois que havia muito intrusão, muito *gibirú* que os podiam roubar. Conseguida a anuência ao conselho, tinha seguras as vendas de antemão efectuadas e as que, ainda, esperava efectuar. Se o freguês era solteiro e ia buscar companhia, o melhor meio de seduzir uma mulher, dizia-lhe, é levar-lhe um bom corte de vestido, uns sapatos ou umas chinelinhas. Se era casado e ia à terra para ver a família, devia levar para cada pessoa, roupa, peças de vestir. Alguns vinham ansiosos por se divertirem, gozarem a vida, conhecerem mulheres, artigo êste, de que estavam privados há anos e então espalhavam-se pelas ruas, 1.º de Março, Padre Prudêncio, 15 de Agosto onde as polacas, francesas, turcas e brasileiras os deixavam à dependura. Alguns pediam dinheiro emprestado, ao fornecedor do seu patrão, para voltarem para a escravidão do trabalho. Em dois ou três dias, tinham gasto tudo e desfeita a ilusão de ver a família, ou de conseguir companhia. A «Maison Dorée» esquina de Santo An-

tônio e Padre Prudêncio em frente ao «Bom Marché», no primeiro andar, estava em voga, tinha sempre uma colecção, de divindades internacionais. Os seringueiros de mais dinheiro, caíam ali e saíam quasi a pedir esmola. Eu a muitos salvei, porque previamente os avisava de que aquilo era uma ratoeira perigosa. Conhecia as formas sedutoras empregadas para fazer vítimas. Quando a mim se vinham queixar era quando já não tinha remédio.

Não era só êste serviço de arrebanhar seringueiros que me estava destinado. Era também o de ir às docas do Reduto e Ver-o-pêso, espalhar prospectos, reclame da casa de negócio, convidando os «cabôclos», que vinham do baixo Amazonas, de Soure, Macapá e doutras terras, vender os seus produtos para levarem em troca artigos de comer e vestir. Falar com êles, convencê-los que as casas do centro da cidade vendiam mais barato, do que aquelas que estavam ali perto. Tinham tudo a lucrar, andando apenas uns quinhentos metros. A casa que eu representava, era a mais barateira, a que melhor servia a sua enorme freguesia. Com esta lenga-lenga, algum lá ia cair e o senhor Veludo ficava imensamente satisfeito. Quem não ficava contente era eu, porque já aspirava a atender ao balcão, não me agradava a vida de corretor. Passados os dezoito mezes, nessa rude aprendizagem, o senhor Veludo, entendeu que era tempo de me elevar à categoria de empregado. Tomou outro para êsse meu serviço e promoveu-me a primeiro caixeiro.

Melhorei rápido a minha situação, tornando-me conhecido. Nas noites que podia, como já tinha licença para sair, ia para uma escola de dança e em pouco tempo estava mestre na valsa, na polka, na mazurka, no *pas-de-quatze*, nos lanceiros e na quadrilha. Assim cheguei, com o pujante vigor da mocidade, aos dezasseis anos, forte, elegante, gozando

da estima de muita gente, do comércio, da indústria e sobretudo dos particulares.

Conhecia-se que o senhor Veludo estava satisfeito, mas não me tinha satisfeito a mim, por que pagava muito mal, muito pouco. O ordenado não correspondia ao serviço, ao lucro, que o seu fiel auxiliar dava à casa, com as suas grandes relações, com o grande conhecimento de balcão, que soube conquistar por mim. Considerava o proceder do patrão uma ignóbil exploração. Muitos comerciantes me fizeram propostas vantajosas, para deixar a casa, mas por gratidão ao pai do Veludo, que foi quem me recomendou, não quis deixá-lo. Era a única coisa que toldava de escuro o meu pensamento, o meu bom humor. Para desabafar, procurava, aos domingos, os meus amigos, e conterrâneos. Todos me davam de conselho, que falasse, que tivesse uma explicação com o Veludo, ou então que o deixasse.

Para que estás com consideração, diziam-me, não sejas tólo. Êle, se tu não servisses, já te tinha mandado passear, sem consideração por ti, nem pelo pai. Assim eu tivesse os conhecimentos que tu tens.

Estava realmente na disposição de ter um entendimento com o Veludo. Andava a pensar, a calcular qual o dia propício para lhe falar quando, nessa tarde, um cavalheiro me pergunta: — É aqui que está empregado um português, Daniel Veiga?

— Sou eu, respondi.

— Então, abraça-me porque sou teu primo. — Venho do Tapajós, vou para Santos estabelecer-me. Dizem que São Paulo é um Estado de muito futuro. Eu queria falar-te, quando pode ser?

— Depois de fechar, esta noite, depois das nove, estou às ordens. Não se sonhava ainda com o horário do trabalho.

— Bem, espero-te no salão do Politeama, ao lado do carroussel, depois dessa hora.

Como já gozava de liberdade de sair e entrar quando me apetecesse, não faltei à entrevista. Como tinha indicado, estava sentado a uma mesa, à espera, o meu inesperado primo. Enquanto o criado toi buscar dois copos com cerveja, principiou dizendo: — Eu sou filho da senhora que casou com o teu tio. Ela foi daqui acompanhando meu pai que, muito doente, quis regressar à Pátria, com esperanças de recuperar ali a saúde. Mas isso infelizmente não sucedeu. Morreu e minha mãe em vez de regressar, namorou-se de teu tio, casou-se, ficou por lá. É por este motivo que te chamo primo.

— Está bem, disse eu, sabia que minha tia tinha, aqui, filhos do primeiro matrimónio, o que não esperava era ter a dita de os ver. Tinha a impressão que quem tiver a coragem de subir o Amazonas, vai disposto já a morrer, principalmente os estrangeiros.

— Não é assim tam mau como o pintam, diz o Joaquim Borges, o senhor meu primo. Leva-se, é certo, uma vida muito primitiva, mas quem tiver cuidado e conserve a saúde, vive bem e ganha dinheiro. A mim é que se meteu na cabeça, mudar de terra, ir tentar fortuna, com o que tenho juntado, a Santos, que, segundo diz meu irmão Raimundo, que ali vive, São Paulo vai ser o Estado mais próspero do Brasil, quer industrial, quer comercialmente. Convido-te a vires comigo e ambos trabalhando, tenho a certeza de que vais ter melhor futuro do que aqui.

Fiquei calado e enquanto ia virando para o ar, o fundo do copo de cerveja, pensava na proposta, que, o desconhecido primo, me fazia. Pedi vinte e quatro horas para pensar. Tinha uma fé extraordinária no travesseirinho que usava, para não pousar a cabeça na beira da rêde, onde dormia. No dia seguinte à mesma hora e no mesmo sitio, enquanto o carroussel, com carros e animais, ao som de um

realejo, dava voltas e mais voltas, apinhado de gente, combinamos partir no vapor « Brasil », do Loyd Brasileiro, que saía dali a dois dias. Foi uma tragédia, ao declarar ao senhor Veludo, que deixava de ser seu empregado. Não queria consentir nisso. Eu tinha sido recomendado pelo pai e que sem vir o consentimento da Europa não me deixa partir, etc. Tudo foi inútil estava resolvido, não haviam razões possíveis que me fizessem ficar. Nem um aumento de ordenado, último recurso de que lançou mão o senhor Veludo, me fez desistir da palavra dada, ao meu aparecido, primo. Vendo a minha inabalável determinação, o senhor Veludo mandou tirar a minha conta corrente, que veio confirmar o conceito em que o tinha. Uma verdadeira exploração, na qual o Borges, quis intervir e ir comigo queixar-se à policia. Não fui, justamente por consideração ao pai, ao velho Ferrão. O saldo ainda dava para a viagem, para a passagem. No dia marcado, as malas foram do « Hotel Comercial » para bordo do « Brasil », que estava atracado ao trapiche da Companhia, para além do Ver-o-pêso e dali a uma hora, abraçava os meus conterrâneos e amigos e partia. Voltei a vêr o lindo panorama da cidade de Belém, onde durante três anos me serviu de escola e onde eu principiava a ser alguém. Mas dali o destino desviava-me, quem sabe se para melhor, ou para pior. Deixei o caso à protecção da Divina Providência, que talvez me quisesse favorecer, levando-me para o sul do Brasil, desse colosso americano, que de ano para ano progredia. Não sucedeu o que parecia estar escrito, na página desse destino. O Pará e o Amazonas de novo atraíam-nos.

Trinta dias no Maranhão

QUARENTA horas levou o «Brasil» na viagem do pôrto de Belém-Pará ao de São Luiz do Maranhão.

Fora da Barra, meteu o práctico que o conduziu, serpenteando por entre baixios, até em frente da cidade à distância, aproximadamente, de uma milha, onde fundeou.

Os baixios, são formados por efeito da impetuosa corrente do Amazonas, cujas águas volumosas chegam até ali arrastando areias, que, móveis, impedem a entrada franca à navegação de alto calado. Como é de praxe o navio apitou a chamar a Agência, a Polícia Marítima, Médico de Saúde e Alfândega. Muitos botes o rodearam, mas nenhum atracou à escada de bordo, enquanto a bandeira amarela, não foi arreada, que é o sinal de que não há doença a bordo. Finda esta formalidade, dá-se o assalto dos catraeiros, atrás de passageiros, que queiram aproveitar as quatro horas que o vapor demora, para verem a cidade, ou dos que vão com a família para ficar.

Como do Tapajós, tinha vindo, havia dias, um seu amigo ao Maranhão, buscar a família, meu primo resolveu, já que ali passava, descer e ir visitá-lo.

Eu, fiquei a bordo; enquanto esperava, pus-me a olhar, a ver, aquêlo movimento de entrada e saída de passageiros e carga; a admirar o panorama do Maranhão, que, ao primeiro golpe de vista, nada revelou que atraísse. Um planalto em forma de fortaleza, pelos altos muros de suporte que tem. Em cima, para o lado sul, palmeiras e outras árvores; para o norte, no sopé, edificios antigos caiados, branquinhos. Em um trapiche estava um vapor, de rodas, atracado. Era o «Caxias». A maré subia, enchia e com ela vinham muitos e grandes peixes, que, despreocupados, aos grupos, comiam as sobras que, da cozinha de bordo, atiravam ao mar. Um passageiro, cavaqueador por certo, notando a atenção com que eu admirava o tamanho e o movimento dos peixes, chegou-se para perto de mim e explicou: —São tubarões, o mais traidor habitante que o mar tem. Pessoa que caia na água é pessoa morta. Não dão tempo a nadar, a fugir. Como cães de guarda que, com fúria, atacam aos que invadem a propriedade, assim êles, atacam aos que invadem o mar.

Aquí pescam-se em grande escala, continua o voluntário informador, para vêr se dão cabo deles, mas são como as moscas, quanto mais se matam mais aparecem.

—E comem-nos? Perguntei.

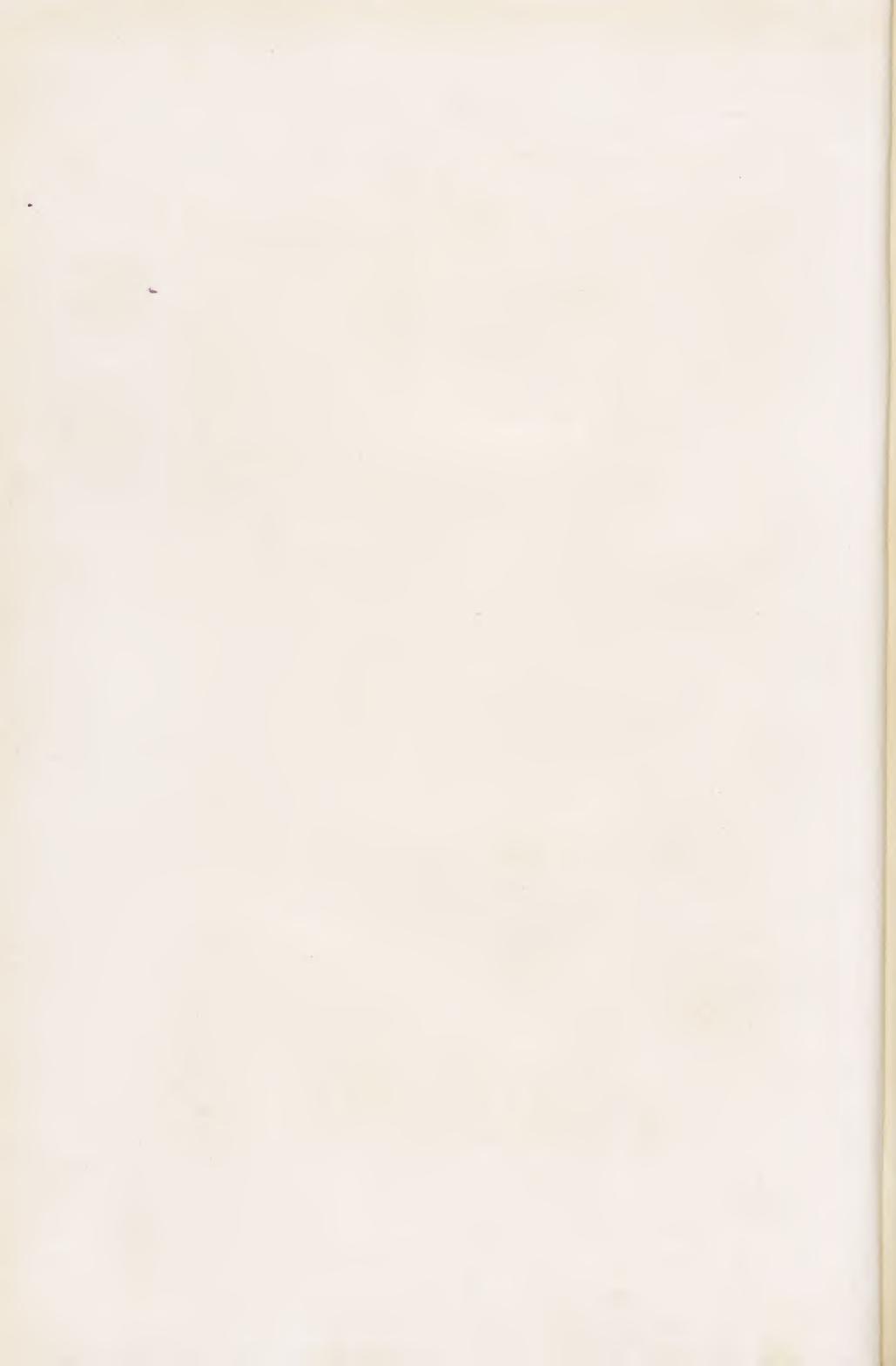
—Fazem deles óleo, graxa, derretendo-os.

A pesca é feita da seguinte forma, continua o companheiro de viagem: —Matam gatos que às vezes na cidade é praga, ou conseguem carne deteriorada, pôdre, espetam-na num grande anzol, atado num cabo forte; vão em um bote à distância necessária da terra e atiram o anzol com a isca. Os tubarões vêem sôfregos e ficam presos. Para os puxar para terra, onde está a ponta do cabo, bem presa, são necessários dois e às vezes três homens; tal é a fôrça, a resistência que fazem. Perto do



(Cl. do Autor)

RIO AMAZONAS — BRASIL — Vaporzito (gaiola) que trafega nos afluentes do colossal rio



alcance da mão, com um mascôto de madeira prèviamente ali colocado, dão-lhe muitas pancadas na cabeça até os matarem.

Achava a conversa interessantíssima e ia a formular perguntas, quando com espanto, diviso ao longe num bote, voltar para bordo o primo Joaquim. Tam cedo? Não faz duas horas que aqui chegamos e já de regresso, dizia eu comigo, o que será? Subiu e direito a mim, diz: Resolvi voltar para trás, para o Tapajós, mas tu agora escolhe. Se queres aproveitar a passagem e seguir para Santos, segue. Se queres ficar para ir comigo, fica. Decide o que entenderes, como melhor.

Não meditei muito tempo no caso. Respondi logo:— Quando me convidaste a seguir contigo, entreguei-me ao destino, à sorte, continuo a manter a mesma disposição; de forma, que volto ao Norte, na ânsia de vêr o desconhecido, a selva, a fauna e os povos semi-selvagens, dêsse Tapajós, que me elogiaste e que deixaste, com saüdades.

Num ápice, as malas estavam prontas e em menos de meia hora, seguiamos para terra, em um bote. Íamos ser hóspedes da família do amigo do meu primo, do comerciante do alto Tapajós, Gualdino Pereira.

Ao saltar para terra, é que tive ocasião de apreciar e analisar, a entrada na cidade de São Luiz de Maranhão.

Um cais de pedra, em rampa escorregadiça, para atracarem as lanchas e os botes. Êste cais, dá para uma rua, que de limpa nada tem. Sentia-se um cheiro desagradável, mistura de peixe e melaço ou, açúcar mascavado. O dono do bote, que nos conduziu encarregou-se de pôr em casa do Gualdino, à rua do Sol, as malas. Subimos uma íngreme ladeira, calçada com grandes pedras, que dava acesso a uma alameda, de mangueiras, palmeiras e outras árvores; tôda ajardinada, com bancos para

descanso do público e ao fundo, um majestoso templo, De ambos os lados, havia edifícios, de importância, de valor. Vi depois que essa alameda, era o Largo do Palácio. Realmente, de entre os edifícios, um se destacava, pelo tamanho e imponência. Era o Palácio da Presidência do Estado.

Seguimos em direcção ao templo, dobramos à direita, deparamos com uma Praça arborizada e gradeada. Atravessamos obliquamente, seguimos uma rua curta, no fim da qual existe outra Praça, a mais importante, com um grande edificio por fundo, que devia ter sido convento em passadas eras. Dobramos a esquina da praça e por junto às casas fomos andando até à outra esquina, descemos um pouco e estávamos em casa do Gualdino, numa rua mal calçada, escura, com o nome rua do Sol.

A recepção dos dois hóspedes foi a mais cordial, da parte das distintas senhoras, D. Maria, mãe, e de D. Diloca, irmã do Gualdino.

Esta, encantadora moça com as suas vinte e duas primaveras, com a sua gentileza e risos, junto com a senhora sua mãe, foi de uma deferência que me prendeu e penhorou.

O carácter hospitaleiro, agasalhador, do povo brasileiro, estava bem representado, naquela família, que, distintíssima, recebia democráticamente, sem vaidade, sem orgulhos, os seus hóspedes, com um à vontade e franqueza que me surpreendeu. Seis horas depois da nossa entrada no convívio íntimo, estavam as nossas relações como se fôssem de há anos. Daí em diante comecei a reparar que essa franqueza é inacta e comum na família brasileira. É hábito ou galhardia do brasileiro, oferecer a todo aquêl com quem simpatiza, a sua casa, a sua mesa, o seu lar. Essa generosidade já a algumas famílias tem causado desgostos profundos.

Quem se pode livrar de algum simpático e bem falado aventureiro?

Conheci casos de ficarem famílias arruinadas e deshonradas por causa da sua bondade e do acolhedor agasalho dado a quem não conheciam a fundo.

Para a Dilóca, a minha chegada foi como o surgir da luz à rua escura. No conceito da moça, só agora a rua tinha o direito de ser chamada do Sol.

Quando soube que eu era um dançarino, não confundamos, que dançava bem, delirou de contente. Fui no dia seguinte apresentado pela Dilóca, a tôdas as mocinhas das suas ralações.

Na casa Gualdino, tôdas as noites, havia reuniões familiares, a título de despedida. A partida estava marcada para daí a um mês, por isso vinham famílias tomar o chá, o que dava pretexto para se dançar, e cantar as modinhas em voga, acompanhadas por violão. Retenho na memória várias, mas só citarei uma de carácter patriótico, visando o regime que havia três anos tinha sido implantado:

*Maranhão ó Pátria minha,
Coberta de um céu de anil,
És das terras mais formosas,
Dos Estados do Brasil!
Viva a República!
Viva a República!
Dêste céu puro de anil,
Viva a República!
Viva a República!
Dos Estados do Brasil.*

São Luiz do Maranhão, foi berço de Gonçalves Dias, do Mestre da Poesia Brasileira. Como êle, muitos outros, ali nasceram honrando a terra e a Pátria, quer na Poesia, quer na Prosa, como no Exército e na Marinha. O Maranhão, foi considerado a Atenas Brasileira; o centro de maior cultura. Trovadores e improvisadores eram inúmeros na data, em que ali passei êsses trinta dias de folga e diver-

timento. Ainda encontrei bem vincados os usos e costumes da sociedade de antanho, ou melhor, uns restos de tradição portuguesa. O sentimentalismo em comum com o cavalheirismo.

Não se dançava o minuete, mas sim os lanceiros, que, embora mais movimentados, eram parecidos, pelo rigor com que se faziam as cortesias. *Pas-de-quatre* era outra das danças de cortesia antiga, muito da época. O cavalheiro afastado da dama; a ponta dos dedos, calçados de luva branca, sujeitava de leve, a cintura do par. Se não estivesse de luva, devia ter, pelo menos, um lenço de sêda ou de linho, na mão direita, para evitar manchar o vaporoso vestido da sua dama, quer na valsa, quer na polka, ou na mazurka. Acompanhava-se no fim da dança a dama pelo braço, ao lugar de onde se convidou e baixando a cabeça agradecia-se. Com o tempo as danças mudaram e com as danças êsses costumes, essas cortesias. As reuniões no Palacete do amigo Gualdino, tinham um cunho artístico pela execução de boa música, poesia e canto. Era personagem indispensável nos salões, daquêl tempo, o Luiz Gama, brasileiro, descendente de uma nobre e antiga família portuguesa, que tocava violão e cantava com perfeição e gôsto.

Entre as famílias amigas, havia algumas de côr, mas educadíssimas, primorosamente prendadas. Tocavam piano, pintavam com arte, recitavam e cantavam divinamente.

A um observador não escapava, num simples golpe de vista, a compreensão, de que aquela cidade, foi um dos maiores mercados de escravos. Havia três anos apenas, desta verídica narrativa, que a Princesa Isabel, Regente do Império, por um decreto, lhes deu a liberdade. Um dos gestos mais honrosos para o Brasil.

O cruzamento da raça branca com a preta, é logo notada; pela grande quantidade de mulatos e

mulatas, de feições perfeitas, de porte elegante, que quer de sapatinho, ou de chinelinha, com o seu requebrado andar, os seus predilectos perfumes à baunilha e patcholi, estonteavam o mais circunspecto cidadão e principalmente o português. Elas também não se esquivavam de mostrar a sua preferência pela raça Lusitana. Sabiam que com um «portuga», além dos filhos serem mais claros, a mesa era farta abundante. O português, o mais humilde, que emigra e no Brasil vive, não se sujeita a passar só com o característico feijão mineiro e a consagrada carne seca, chamada «charque». Na mesa do português, quando não falta o trabalho, não falta o pão e o vinho.

Para certa classe de patricios, que vão dos campos de Portugal, mourejar a vida, a companheira ideal é a preta porque é uma ajuda, uma economia grande. Não é só o solteiro, que se liga à mulher de côr, os casados também, só com o fito de assim juntar mais e um dia poderem regressar à Pátria, com um pecúlio suficiente para descansar. Pensam que, conseguido o fim alvejado, abandonam a companheira preta, que o ajudou a juntar e é assunto liquidado.

Não é assim. Eu tive ocasião de ouvir a muitos patricios lamentarem-se, por não poderem regressar ao seu torrão, onde deixaram mulher e filhos. — Porquê? — Porque com a preta houve filhos também, tomou-lhes afeição, mandou-os educar e não os podia deixar. Adeus, mulher, adeus filhos em Portugal, adeus terra que lhe foi berço. Infelizmente isto não é uma fantasia imaginária, mas sim uma triste realidade. Durante os anos que pelo Brasil andei, constatei, conheci muitos casos destes.

Nos trinta dias que estive no Maranhão, nada mais fazendo de que acompanhar a D. Dilóca aos passeios e aos bailes e às visitas de despedida, tive oportunidade de estudar a psicologia daquêlê povo.

Hospitaleiro por natureza; familiar por educação; educado e atencioso, para todo aquêlle que o sabe acarinhar e respeitar.

A mulher brasileira, por índole atávica, de duas raças, a Guarany e a Lusitana, ou esta com a preta, é submissa, afável e meiga. Quando ama, é excessivamente ciumenta e por vezes sofre calada, apaixonada, pelo companheiro. Tem do Guarany a viveza, a desconfiança; do Lusitano a fôrça, o aventureiro carácter à mistura com sentimentalismo. A Dilóca era tataraneta de português e índia, já branca, mas ainda sentia nas veias êsse atavismo.

Um dia, após um regresso de um passeio, nós os dois, sentados no sofá da sala de visitas, sôzinhos, iniciamos a seguinte conversa:

— Eu temo que chegue o dia, que me traga a desdita, de me apaixonar por um homem.

— Desdita?

— Sim, porque se isso succedesse, êle tinha de ser meu; mas todo meu. Sei que me tornará infeliz essa exigência, porque vejo em amigas, exemplos do contrário, calando, sentindo, sofrendo a traição do espôso. Vou para o Tapajós contente, satisfeita, porque ali não terei ocasião de me apaixonar. Consta que homens em condições, não existem. Só lá vivem escravos, brancos e pretos, índios civilizados e por civilizar. E daí, quem sabe? Se será o sangue dos meus antepassados a chamar-me para os seus domínios? Será a atracção da minha originária raça a chamar para voltar ao pátrio lar selvático? Se a natureza me exigir um homem, seja êle qual fôr, ha-de ser legalmente só meu. Se ali isso se der, não terei a sorte de algumas minhas amigas. Tenho-o seguro, fiel, escravo, porque ali não existe a irresistível sedução, que existe num grande centro como êste.

Ouvi com aprazimento o desabafo da natureza, jovem e forte, quási a explodir de desejos, da

D. Dilóca, e como bom português, com os meus botões, disse: — Estás a deitar a rêde, a ver se cáio mas estás enganada, não me comprometo tam novo; só cairei em tal, quando conhecer melhor o mundo e decifrar êsse inigma, que muitos dizem ser, a mulher. Mas como ficar calado, a essa espontânea e desconchavadas manifestações, poderia ser tomado por descortezia, ignorância ou covardia, respondi:

— Tenho pena, digo-lhe do fundo da minha alma, que uma criatura que Deus enviou à terra, com tôdas as características para ser uma boa mãe e destinada a gozar das delícias humanas, se vá perder no sertão selvagem do Amazonas. A Dilóca é digna de uma melhor sorte. Tem formosura, ilustração e educação primorosa, digna de continuar a brilhar no seio da culta sociedade maranhense. Ir embrenhar-se nas matas virgens, do rio Tapajós, é um inqualificável crime.

A mulher corajosa e forte, que se dizia satisfeita por fugir da alta sociedade, chorou. Respeitei as suas lágrimas e pensei para mim: — Esperaria ela alguma promessa da minha parte? Será pela minha pessoa, por quem ela chora?

Convenci-me que, se quisesse aproveitar a ocasião, não seria repellido. Agarrei-lhe as mãos, sem encontrar resistência, melhor, com certa lassidão. Fitamo-nos segundos, dizendo um mundo de coisas, sem abrir ou mover os lábios. Acordei, soltei-lhe as mãos e fugi para o interior da casa. Foi covardia? Não. Tive mêdo pelo respeito à família, que gentil e cordealmente me recebeu. Nunca mais trocamos palavras, que dessem origem a conversas de amor.

Cada dia, ela se tornava mais atraente, mais sedutora, mas eu procurava não perceber. Dançavamos sempre os dois, em casa, nos bailes, oferecidos à família. Alguém ao ver-nos inseparáveis,

ulgava que nos amava-mos, que nos queríamos, mas enganavam-se, porque só existia uma amizade sincera, agradecida, de mim para a Dilóca. Todos os dias saíamos a dar um passeio, eu e ela a comprar coisas, para a viagem, ou então íamos umas vezes à parte baixa da cidade, ao mercado, comprar frutas como: ananaz, áta, caju, maracujá e banáνας, que eu muito gostava. Outras vezes, tomávamos o bondinho, puxado a mulas, no princípio da rua Grande e íamos até ao rio Anil, agradável e poético passeio.

Um dia, um curioso e interessante episódio, que se podia transformar, de cómico em trágico, me estava destinado.

Eu ia a sair de casa, mas parei uns momentos na soleira da porta, quando divisei no cimo da rua, dois polícias, de chanfalho desembaiñado, correndo atrás de um prêto, jovem, forte. Êste, cansado de correr, encostou-se à parede, perto de mim. Eu tinha ainda meia porta aberta. Os polícias iam já a deitar-lhe as mãos e êle faz frente, ginga, dá uma cabeçada num, deita-o por terra; passa rápido uma rasteira ao outro, que também se estende. Sem perder um segundo, enfia pela porta dentro, dizendo-me aflito na passagem: — Mi salve sinhô! Os polícias levantam-se, correm atrás, mas eu cortei-lhes a carreira, fechando de repente a porta. Feito isto fui para a janela, parlamentar.

— Não vê o que nos fez êsse negro safádo? Deixe-nos entrá, para pegar êle.

— Vocês não podem invadir assim uma propriedade particular.

Estavamos nisto, quando veio a dona da casa, a senhora D. Maria e a Dilóca, que também parlamentararam, acabando por deixar entrar. Pelos fundos o prêto tinha escapado, era o fim que eu visava, dar tempo a que êle se puzesse longe, do alcance dos polícias.

Episódios dêstes, deviam ser comuns, por que não teve outras consequências. Os polícias retiraram-se mais sossegados.

Passados dias o prêto veio agradecer o serviço que lhe prestei, livrando-o do tronco, da chibata, de dias sem comer que era o que lhe estava destinado se os polícias o tivessem agarrado. O motivo de o quererem prender, foi uma briga com outro prêto, como êle carregador, no pôrto, que se recusava a pagar-lhe uns dias de serviço. Encontrou-o, exigiu-lhe o pagamento, não quis pagar, meteu-lhe a cabeça de encontro ao estômago e correu. Os polícias sem saberem bem porquê o prêto corria, correram atrás; o Pedro, assim se chamava o prêto, foi contratado para ir connosco para o Tapajós. Tornou-se o meu amigo mais fiel, mais dedicado, o guarda-costas o «capanga» inseparável, a minha sombra enquanto naquêle rio permaneci.

Não findaram aqui os casos que me estavam reservados naquela cidade de Maranhão. Pela fôrça das circunstâncias, fui obrigado a representar um drama, cujo papel jamais supunha. Brincadeira impensada, que podia pelo mau gôsto, dar a muita gente preocupações e remorsos. Só por gratidão à família Gualdino, é que eu aceitei o papel que passo a narrar: Entre as senhoras amigas, que assiduamente, frequentavam as tertúlias da família Gualdino, havia uma muito respeitável perto de 60 anos, solteira, D. Isabel, filha de um antigo oficial de marinha, que ao lado do Almirante Barroso e do Conde d'Eu, batalhou no Humaytá contra as hostes guerreiras e valentes de António Solano Lopes, ditador do Paraguay. Uma noite o saráu íntimo acabou cedo, onze da noite. As ruas eram iluminadas a gaz e êste apenas evitava que dois individuos se chocassem, porque só as sombras se distinguíam. Por isso era necessário caminhar com cuidado, para não tropeçar e cair.

— Quem vai hoje acompanhar a Snr.^a D. Isabel?
Preguntou a dona da casa.

— Vou eu minha senhora, disse, oferecendo-me gentilmente.

Dei o braço à distinta dama e saímos devagar, como quem passeia num salão, subindo a rua do Sol. Para quebrar o mutismo, em que íamos, a Senhora D. Isabel entendeu contar-me a sua vida de quando moça e o seu viver.

— Calculo, diz ela, que a muitas pessoas, ha-de parecer estranho, que eu tivesse chegado a esta idade, solteira.

— Isso foi porque V. Ex.^a não encontrou o seu ideal, disse eu, porque candidatos não haviam de ter faltado.

— Não faltaram é certo, assim como não faltou o meu ideal. O Snr. conheceu o poeta Castro Alves?

— Quem é que o não conhece através dos seus versos, das suas poesias?

— Pois foi êle o meu primeiro e único amor. Quis casar comigo, mas meu pai opos-se tenazmente. E eu para não o desgostar tive que sacrificar essa paixão. Dizia êle, que fazer versos, não dava pão e que eu apressava a sua morte se não acabasse com o namoro. Eu fiz-lhe a vontade. Tinha quinze anos quando minha mãe morreu, meu pai então entregou-me a uma tia sua irmã, que foi para mim uma segunda mãe. Era muito minha amiga, mas 5 anos após a minha ida para a sua companhia, morreu também.

Encontrando-se velho, e notando que no Exército, se ia alastrando uma ideologia nova, contrária à da Marinha, meu pai pediu a reforma e esta foi-lhe concedida. Saldanha da Gama, era novo mas foi seu substituto. Para me ser agradável, para que eu gozasse os meus vinte anos, levava-me a todos os bailes e tertúlias familiares, e foi numa dessas, que

fiquei presa pelo coração a Castro Alves. Morta a ilusão do amor primeiro, jamais pensei em outro. Tinha eu trinta e cinco anos quando meu pai faleceu. Fiquei sòsinha no mundo, vivendo do montepio que me deixou e de uns prediozinhos que pouca renda dão.

Assim conversando, chegamos à porta da casa, onde ela vivia.

— Esta é minha também; gozo da felicidade de não ter senhorio. Quando quiser dar-me a honra da sua visita, ponho a casa à sua disposição. Agradecimentos mútuos, e assim terminou mais um dia maranhense.

Raiou outro dia e com êle a curiosidade feminina, na pessoa da D. Dilóca, que logo de manhã me interroga: — Então que me diz da Snr.^a D. Isabel? E irónicamente: — O Snr. tam agarradinho do braço dela pareciam noivos. Ela ficou satisfeita?

Porque não havia de ficar? disse-lhe eu. E contei-lhe a conversa que D. Isabel teve pelo caminho.

No dia immediato ao desta conversa com a Dilóca, vem uma pretinha logo de manhã: — A Snr.^a D. Isabé manda muitos cumprimentos e estas frês, para o seu Danié.

Com certeza, pensei, são pela minha atenção, de a ter acompanhado a noite passada.

Na noite dêsse dia, não houve festa em casa, porque fomos, Gualdino, Borges, Dilóca e eu, convidados pela família Lobo Correia, para um baile que em nossa honra, ofereceram. Ficou em casa, com as criadas, a Snr.^a D. Maria e que, segundo ela, não dormiu enquanto nós não regressamos. Alta madrugada, logo que entramos, disse-me:

— Sabe quem esteve aqui, Snr. Daniel,? Foi a Snr.^a D. Isabel, que deixou cumprimentos e estas flores.

Principiel a achar estranho êsse segundo envio de flores.

Levantamo-nos tarde, à hora de ir para a mesa, para almoçar. Estávamos a sentar-nos, e batem à porta. A criada abre para ver quem era. Era a pretinha que queria falar com o seu Danié, dar um recado para êle e entregar estas *mangasrosa*, que manda D. Isabé.

— O seu Danié está agora acupado, não podi atendé, diz a criada, deixa as mangas, e se é qui pódís déixá o récado, deixa, que eu transmito a êle.

— D. Isabé manda cumprimentos para todos, especialmente para o seu Danié e pede pela *arma* dele qui vá falá com ela, hoje.

A criada repetiu o recado que a pretinha deixou e Gualdino, a mãi e eu, ficamos a olhar-nos admirados da insistência e da repetição de tantos presentes de flores e frutos. Borges e Dilóca riam-se perdidamente.

— Aqui há coisa, diz a Sr.^a D. Maria; vocês ríem-se, alguma coisa fizeram. E, findando de repente o riso, os dois, confessaram o seu delito. Lembbraram-se de fazer-me uma partida, escrevendo duas cartas de amor em meu nome a D. Isabel julgando que o caso não assumisse as proporções que assumiu e que se ia tornando em tragédia. Você Daniel, diz a Sr.^a D. Maria, veja como pode reparar o mal que os dois fizeram. Não nos convém que ela fique sentida e que as nossas relações com as famílias amigas, fiquem abaladas, pois que ao terem conhecimento disso, com certeza, tomam as dores por D. Isabel.

Estava explicado o inigma, de tantos recados e tantas flores. Fiquei contrariadíssimo com a brincadeira de mau gôsto e com a situação que me criaram. Um beco sem saída. Como remediar o mal? Preguntava a mim mesmo. Ela com 60 anos, eu com 18, que lhe posso dizer? Terá ela em casa algum prêto escondido, pensava, para me dar uma

sova? Isto era o que mereciam os que escreveram as cartas, mas com certeza estava-me destinado pagar as culpas dos outros. Na ante-véspera da partida, a família quiz reúnir as pessoas mais íntimas num almôço e às 5 da tarde, num chá, aquelas que não viessem almoçar. A Dilóca na manhã dêsse dia pediu-me, como sempre, para a acompanhar a comprar umas luvas, na «Casa Americana».

Terminada a compra, por casualidade, ou de propósito, conversando distraídos, entramos, na rua onde morava D. Isabel. Iamos já longe e ouvimos chamar com insistência. Voltamo-nos e em pessoa, a respeitável senhora diz-nos:— Então, passavam sem entrar, não é assim?

— Desculpe, íamos distraídos, diz a Dilóca.

— Subam, tomem um cafézinho ou outra qualquer coisa.

A Dilóca fez-me sinal para não aceitar coisa alguma. Depois explicou que era muito modo e uso, fazer nas bebidas, mandinga, feitiço.

— Contamos com V. Ex.^a esta tarde para o chá.

— Não pode ser, respondeu a D. Isabel, por que o senhor Daniel, vai prometer, vir cá esta tarde visitar-me, necessito falar-lhe. Virando-se para mim; não é assim?

— É sim, minha senhora, das cinco para as seis cá estarei.

Recusar naquêlo momento, seria declarar que se riram dela e isso seria a mais de incorrecto, criminoso.

Na hora do chá, tudo era movimento na casa da família Gualdino. Havia música, canto, etc. Eu estava como a noite, triste, aborrecido, a pensar no ridículo papel que estava prestes a representar.

Como sair desta situação, sem me comprometer? Dizia a mim mesmo.

Como poderia ilibar de culpa os que cometeram o verdadeiro delito?

As pessoas que conheciam a infeliz brincadeira, entusiasmavam-me, inculciam-me coragem, para que fôsse enganar a respeitável senhora. Tinha que deixá-la na ilusão de um tardio, mas para ela novo, estado. Como se me intimassem a meter a cabeça na fôrca, assim fui representar o meu cínico papel.

— O senhor, diz ela, mediu bem a diferença de idade que há entre nós ?

— Quando existe a verdadeira simpatia, respondi, a idade desaparece.

— Então o que diz nas cartas é a expressão da verdade ?

— É a pura verdade.

— É certo, então, querer casar comigo ?

Eu não sabia patavina do que as cartas diziam, mas fui sempre dizendo que sim, a tudo que lhe era favorável.

— Quando quer que realizemos o casamento ?

— Vou ao Tapajós, conhecer aquilo, para lá nos instalarmos.

— Que tempo demorará lá ?

— O mais tardar três meses, depois venho para irmos casar.

— Isto não será um sonho ?

— São a verdade pura, êstes nossos projectos.

Não houve a mais pequena manifestação de affecto, de carinho. Um apêto de mão mais demorado até à vista.

— Eu amanhã ainda vou despedir-me, disse a pobre velhinha, no auge da ilusão e da esperança.

Ao ver-me na rua, respirei fundo e forte ; como se estivesse minutos prensado sob um fardo imenso, pesadíssimo, do qual me livre.

Em casa, a curiosidade era grande. Esperavam-me ansiosos, para saberam o que se tinha passado, como me tinha saído, daquêlle atoleirò. Limitei-me a dizer e com isto disse tudo : estou noivo da D. Isabel. Daqui a três meses venho do Tapajós buscá-la.

Foi um fim de tarde de gargalhada, para aqueles que não estavam metidos na brincadeira e sabiam todo o drama.

Grande parte dos móveis da família Gualdino, foram vendidos com a condição expressa de só serem retirados no dia da partida. Chegou êsse dia e muito cedo os carregadores deixaram a casa vazia. Apenas ficaram alguns, escolhidos para o Gualdino levar.

O «Alagoas» estava no pôrto; saía ao meio dia. Logo às primeiras horas da manhã apareceu na casa Gualdino, a D. Isabel. Para evitar cenas falsas, fugir de vez da ingrata situação que os amigos me criaram, resolvi ir marchando para o cais e dali para bordo, esperar pelo resto da família.

Alegando—uma mentira mais,—o não me sentir com coragem para a despedida, apertei a mão de D. Isabel e parti, pensando no ignóbil papel que acabava de representar e nas conseqüências que podiam resultar, do despertar de um coração morto. Cúmplice forçado de uma acção, que me entristecia e era para mim penosa. Se a diferença de idade, dizia eu, não fôsse tam grande casava, para salvar esta infeliz, que sei que vai sofrer, quando algum malvado, conhecedor da farça, lho fôr dizer. Com certeza, disseram-lhe. A humanidade tem mais ímpetos de maldade do que de bondade. Se não, veremos: Passado um ano, recebi da Dilóca, que vivia a dois dias de viagem, por vapor, a seguinte carta: «Esta é com o fim de lhe dar a triste notícia, que morreu no Maranhão a sua ex-futura noiva, a senhora D. Isabel. Você, foi como seu tio Judas, causador da morte de Cristo».

Esta Dilóca, com o rosto de anjo e coração felino, ainda fazia blague, desrespeitava a morte da sua vítima. A-pesar-do tempo ainda conservo a triste recordação, dêsse acto vil, que na minha vida fui forçado a representar.

O «Alagoas» marchava a dez milhas à hora, com rumo ao Pôrto de Belém. A senhora D. Maria, mãe de Gualdino e a Dilóca, sua irmã, não saíram do camarote durante a viagem. Enjoaram muito e deram a todos, bastante trabalho, bastante cuidado.

Pela terceira vez, no curto espaço de três anos, ou passava a barca-farol, cruzava a barra do «Guajará».

— Que Hotel, pergunta o Gualdino, nos recomenda em Belém?

— Recomendo o de «França», por estar no centro do comércio, esquina da rua da Cadeia e Travessa das Mercês. Existem outros da mesma categoria, como sejam o «América», no Ver-o-pêso e o «Europa», no Largo das Mercês, esquina da rua; hoje, 15 de Novembro. O que eu indico, fica por cima da loja «Primavera», com frente para a «Alfaiataria Fonseca», «Casa Africana» e «Saparia Carrapatoso». Já vê, que está rodeado de estabelecimentos, com tudo que possa fazer falta a quem vai para tam longe.

O «Alagoas, atracou ao trapiche da companhia para além do Ver-o-pêso. Contratou-se uma carroça que deixasse as malas no Hotel e os móveis que o Gualdino levava, para a «Companhia de Navegação do Amazonas», com o fim de carregar no «Rio Iça» que tinha anunciado a sua saída para Tapajós e escalas, dois dias depois.

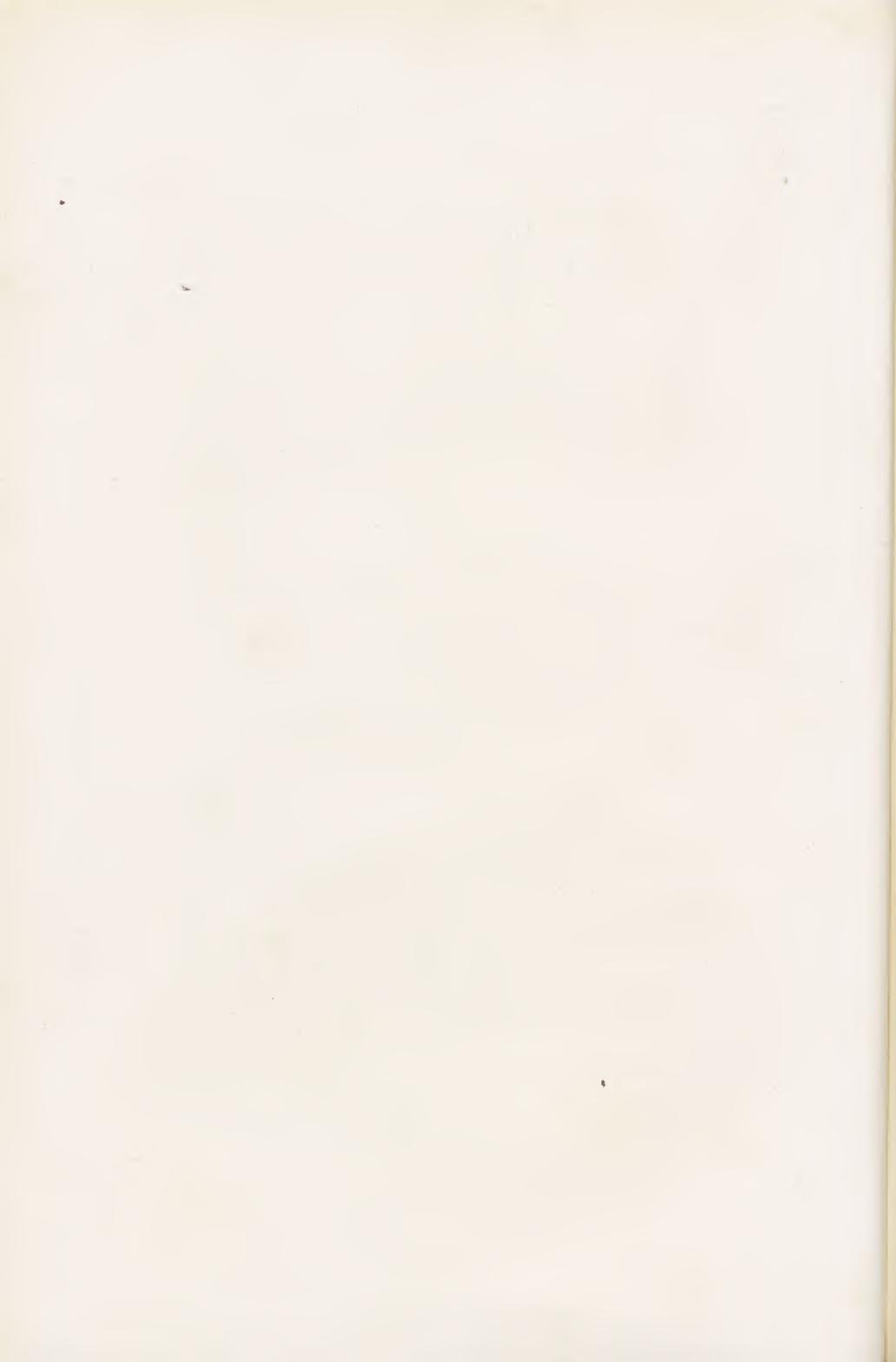
Consultado se eu queria ficar ali, ou seguir, respondi logo que seguia à aventura, à mercê do destino.

Engquanto o Borges e o Gualdino foram às casas «aviadoras», fornecedoras, onde tinham crédito, dar a nota das mercadorias que necessitavam, para venderem aos «matutos», seringueiros e índios, eu fui visitar, saber dos meus conterrâneos e amigos, principalmente do sobrevivente de viagem, Tomé. Ficaram todos surpreendidos ao verem-me de novo.



(Cl. do Autor)

RIO TAPAJÓS — Casa de SERINGUEIRO e a entrada de um IGARAPÉ



Julgavam que eu estivesse há muito em Santos, para onde embarquei, quando me deram o abraço de despedida. Tinham lido na «Provincia do Pará» a noticia seguinte:— «Nota Social—Regressou de São Luiz do Maranhão, no vapor «Alagoas», da Companhia Loyd Brasileiro e segue para o alto Tapajós, no vapor «Rio Içá», da Companhia do Amazonas, o distinto português, nosso estimado amigo, ex-auxiliar do comércio desta praça, onde conta inúmeras relações de amizade, o Excelentíssimo Senhor Daniel Veiga. Da mesma procedência e no mesmo vapor «Alagoas», chegaram também de passagem para o Tapajós os Excelentíssimos Senhores Joaquim Borges e Gualdino Pereira, conceituados comerciantes naquêlê rio, naquêlê poético afluente do Amazonas. O Excelentíssimo Senhor Gualdino Pereira, leva na companhia, sua veneranda mãe a Excelentíssima Senhora D. Maria Pereira e sua Excelentíssima irmã, simpática senhorinha, D. Dilóca Pereira, que faziam parte do escol da sociedade maranhense.

A «Provincia do Pará» a todos apresenta cumprimentos de boas vindas e os mais efusivos votos de saúde e prosperidade, nas terras onde os amigos vão exercer a sua actividade».

Ficaram assombrados os meus ex-companheiros e amigos quando declarei que a noticia era verdadeira; que sim, que ia para Tapajós.

— Oh diabo, tu vais morrer! Quem vai para o Amazonas, principalmente sendo europeu, não volta! Olha, o Portas, foi para lá e nada se sabe dele, embora sejam sem conta as cartas que lhe temos dirigido. Com certeza foram as febres que o liquidaram e por lá ficou. Não vás, fica connosco, não te faltam casas, que até te desejam como empregado. Tu, que de nós todos, é que estavas melhor e vais para o mato, isso não pode ser.

Assim pelo estilo, os amigos insistiam e se expressavam, até à hora do meu embarque. Mas eu ainda que quasi arrependido, da resolução tomada, era escravo da palavra dada.

Ao Tapajós

No trapiche da «Companhia de Navegação do Rio Amazonas», havia um movimento desusado.

Carregadores brancos e pretos, portugueses e brasileiros, levavam em carrinhos de mão, sacos, caixas, malas e embrulhos, para bordo. O «Rio Içá», de vez em quando apitava demoradamente, avisando os passageiros que podiam embarcar, que a hora da partida estava próxima, que estava a soar. Cada passageiro que chegava, era acompanhado por muitas pessoas amigas e de família, a maioria só até ali, para se despedirem. Os meus conterrâneos, companheiros e amigos, lá estavam firmes, também.

— O navio vai largar, diz da ponte o Comandante. Os criados batem palmas, anunciando aos que não são passageiros e que estavam dentro do vapor, de que devem sair, porque vão retirar a prancha que liga o vapor ao trapiche. Com os olhos aguados dão-se os últimos abraços. O mestre de bordo, diz para o Comandante: — Está tudo fora e a prancha é retirada. O guincho puxa a âncora, e o vapor vai-se afastando lentamente; os lenços brancos agitam-se, em pouco tempo está em frente do curro Municipal, do *Pinheiro*, até que passados momentos, só se avista a silhueta da cidade, que vertiginosamente desaparece.

Ainda havia muito dia, claridade bastante, quando o «Rio Içá» deixava o «Guajará», dava volta para o canal sul por entre as ilhas: das Flechas, Jurusa, Caviana, pela vila de Chaves e contornando, depois de Macapá, a ilha de Gurupá, entrava em pleno Amazonas, nesse mar doce, caudaloso, de impetuosa corrente. Tam grande, que séculos levarão para que chegue a ter população suficiente à sua colonização, ao seu aproveitamento, ao seu cultivo. Bastantes séculos há, que foi descoberto, principiado a ser explorado no entanto, conserva e conservará por dilatados anos, o seu aspecto primitivo, virgem, selvagem. As suas imensas florestas, a sua variada fauna, na água e na terra, dá-nos a impressão de que se está num mundo em embrião, faz-nos pensar que assim deviam ter sido os primórdios do globo e que dessa forma viveram os primitivos povos.

De légua a légua, mais ou menos, ao longo das margens e bem ao alcance visual, choças de palha, sôbre giraus, estrados de traves, em esteios de pau a pique, a três, quatro, cinco metros de altura, para que as enchentes do rio monstro, não invadam os aposentos onde, para dormirem, amarram as suas rêdes. Dois troncos compridos de árvores, colocados obliquamente, com paus mais finos, atados com *cipó*, atravessados, servem de escada. Por baixo do casebre uma canoa, com remos em forma de coração, pequena, atada com um cabo comprido, para, se o rio encher, não ir com a corrente. Crianças nuas, com os dedos na bôca, a ver o vapor passar. Algumas ao sentir que o vapor se aproxima, entram na canoa e remam para fora, para o largo, longe da costa, não só para que os barquinhos não batam de encontro aos barrancos, ou contra o tijuco, a lama suja da margem, como também, para gozarem a sensação das ondas, que as rodas do vapor em marcha fazem. Em alguns pontos do rio, só se avista terra de um lado, do outro nada

mais do que água. Outros pontos há onde o vapor passa tam perto que se vêem os « jacarés » ao sol, dormindo despreocupados, indiferentes, acostumados já a sentirem o ruído dos vapores.

Em cima de troncos de árvores velhas, caídas, pássaros de penas cinzentas, *Magoárys* e *socós*, à espera que os peixinhos passem ao alcance do seu bico longo. Florestas extensas onde se ouve o grasnar das aráras, ou se vê, um ou outro *ságui* aos guinchos finos, saltando de árvore para árvore. *Camaleões*, estendidos ao comprido dos galhos das árvores, procuram esconder-se e com a sua côr verde, confundir-nos por entre as fôlhas da mesma côr. Bandos de patos bravos, espantados, levantavam vôo e em fila, quais pilotos aviadores, fogem para longe. Muitas garças, de pescoço comprido, e ao alto, de penas alvas, olham indiferentes para o vapor. Sabem, ou adivinham, que não lhes vai mal algum, porque sendo muito ariscas, se previssem perigo, ao mais imperceptível ruído, voavam.

Depois do « Rio Içá » passar por Almeirim e Prafnha, atracou ao cais construído de troncos de árvores, na vila de Montalegre, para meter lenha, o combustível para a viagem.

Êste trabalho, diz o Comandante, levará duas horas. Alguns passageiros e tripulantes, que estavam fora do serviço, aproveitaram para fazer uma pescaria, que se tornou rendosa, abundante. Nessa noite e dia seguinte, comemos peixe fresco. Levavam dois bois para matar. Um, foi abatido antes de chegarmos a Montalegre, mas prèviamente, no reduzido espaço do convés do « Gaiola » deu-se uma tourada. O animal, prevendo a sorte que lhe estava destinada, reagiu, quási que cai à água, sendo muito custoso sujeitá-lo. Durante alguns dias, comeu-se carne fresca. A sobranete, foi sêca ao ardente sol amazónico, para não se perder, não se estragar. Existem canais estreitos, tam estreitos que a rama

das árvores tocam no vapor. De um lado, floresta entrançada, expêssa, que impede de se ver ou divisar o que há lá dentro. São *ipoméas orquídeas*, parasitas trepadeiras, de fôlhas miúdas e de fôlhas grandes, que formam cortina e não deixa a vista penetrar. Isto dá lugar a reflectir e pensar, na quantidade e variedade de bichos que livremente ali devem viver e medrar. Do outro lado, de bordo se avistam longos campos de *canarána*, vegetação rasteira, grossa, como canas caídas, parecem deitadas por efeito de vendaval. São ilhas que a maior parte do ano estão submersas. Nos meses que ficam a descoberto, quem tem gado em terra firme, leva-o para ali para engordar. Quando perto da época das enchentes, retiram-no em batelões.

A pesca do Pirarucú

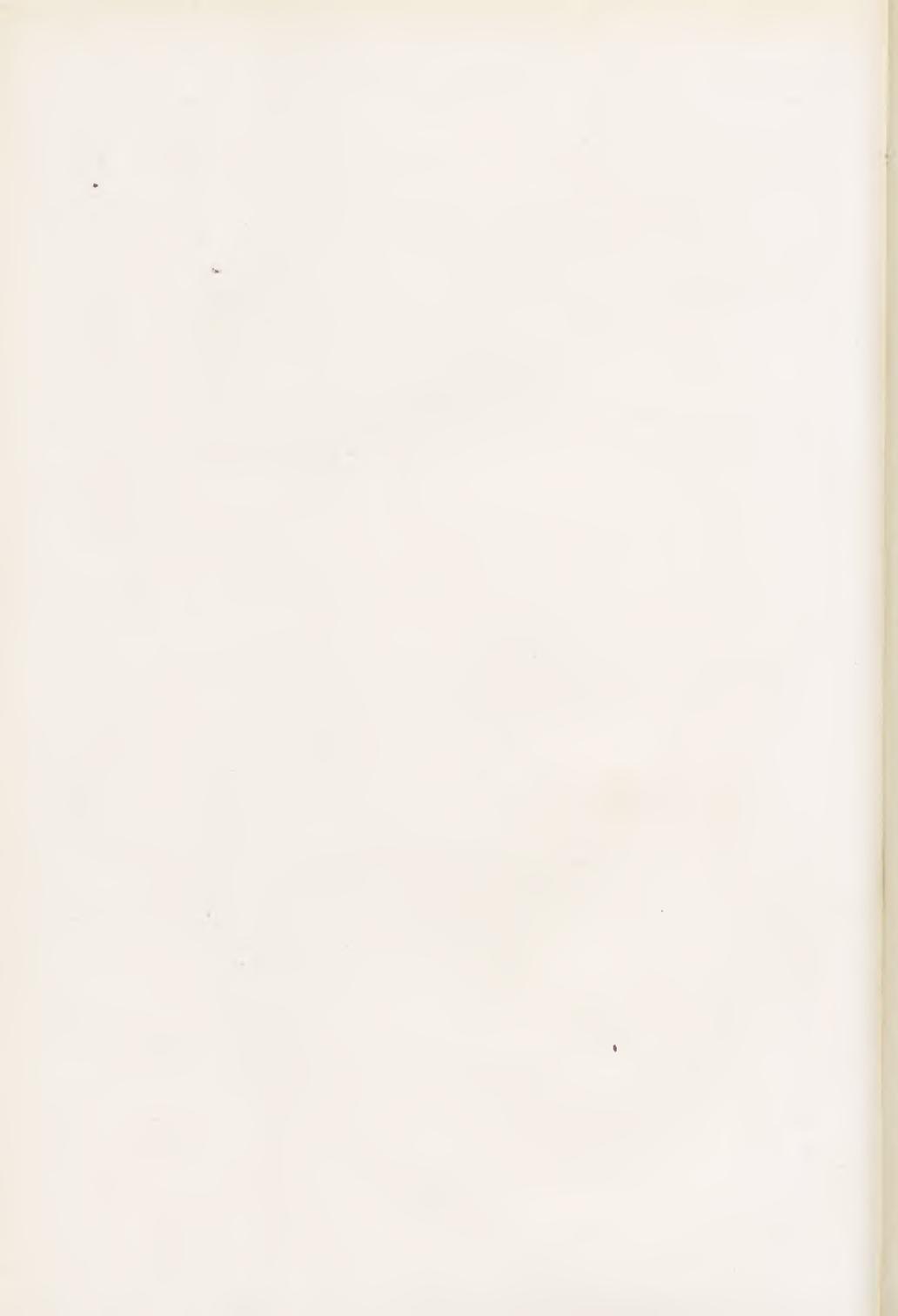
A CADA momento, avista-se entre as plantas aquáticas, em barquinhos pequenos, *montarias*, homens de dorso ao léu, de *tanga* ou calça, em pé com um pau comprido na mão em posição de quem vai atirar longe. O que está a fazer? Perguntei. É um pescador de «*pirarucú*», do bacalhau brasileiro, respondem. Está à espera que o peixe passe para lhe atirar o arpão. Desde que esteja o ferro introduzido no peixe, êste nada vertiginosamente. Como o arpão está amarrado a uma grossa linha, o pescador larga-a até o peixe parar de cansado. Muitas vezes a canoa é arrastada léguas. A linha é puxada até trazer o peixe à beira do barco, se ainda estrebucha, faz fôrça, há que largar a linha outra vez, até que cansado e ferido, trazem-no à beira da «*montaria*» e com um mascôto de madeira acabam de o matar. Quási sempre o peixe é rebocado, para o pôrto da choça do pescador, por ser o pêso de mais, para o tamanho do barco. Esta é a pescaria que mais necessita de paciência. Primeiro é necessário saber onde o peixe vai comer. O pescador leva, de manhã cedo, uma *cuia* com *farinha d'água*, para seu sustento. Faz um *pirão*, *xibé* com água do rio com isso passa o dia, esperando o peixe e voltando, às vezes para

casa sem nada. É também arriscada, esta pescaria, porque se não tiver cuidado e a linha bem presa à montaria, o pescador corre vários riscos. A linha, ao-ser puxada pelo peixe, se roça na borda do barco, esquenta e queima, tal é a velocidade. Se o pescador se descuida e tem a linha enrolada na perna, é fácil ir parar à água. Pode perder também um ou mais dedos, se os deixar entalar entre a linha e a beira da canoa, quando o animal puxa.

O *pirarucú* é como o bacalhau, porque é preparado da mesma forma dêste. Abre-se, salga-se e seca-se da mesma maneira. O gôsto é muito diferente, mas tem grande consumo nos mercados de Manaus e Pará. Existem duas qualidades dêsse peixe, o branco e o vermelho, que desovam aos milhões. Pescam-se muitos da forma descrita, que é a primitiva e ainda usada em 1892, quando ali passei. Hoje creio que é mais fácil, e existe em grande escala a indústria da pesca porque, dia a dia, aumenta o consumo nesses dois Estados, Pará e Amazonas.



RIO AMAZONAS — BRASIL — Regresso de uma pescaria de PIRARUCÚ



VIII

No Tapajós

O « Rio Içá », virou do Amazonas para o Tapajós como um sujeito vira a esquina de uma grande Avenida, para uma rua lateral. A côr da água dêste, rio sem explicação concreta, é azul escuro, na aparência, porque ao tirar um copo dela sai cristalina. O impulso da forte corrente que traz da origem, Mato-Grosso, descendo por grandes e inúmeras cachoeiras, não deixa penetrar as águas barrentas, amarelas, do Amazonas, de forma que a sua foz se distingue perfeitamente em linha recta. Só depois do vapor fazer a curva, para entrar nesse afluente, é que se vê nítida, clara, em tôda a sua extensão, a cidade de Santarém. O vapor atraca, na parte nova, onde as casas são cobertas com telha e têm ruas modernas e extensas. Na parte velha são quasi tôdas de colmo, palha. A extensão da cidade não excede um quilómetro, tendo na parte velha, frente às palhoças, uma praia branquinha. As margens do *Tapajós*, são muito mais bonitas, do que as do Amazonas, porque as dêste são de lama, *tijúco* com um cheiro a pôdre, ou então barrancos de saibro amarelo, ou vermelho.

A população de Santarém recebe a notícia da aproximação dos vapores, de uma maneira engraçada, interessante. A cidade dá frente para o

Tapajós, fica portanto encoberta pela ponta de terra que dá para o Amazonas. Um garoto, um « *moleque* » qualquer, avistou lá longe, muito longe a fumaça de um vapor e sem combinação alguma, espontaneamente, grita: — Lá vem vapô! Outro que está distante, que não viu, mas ouviu, repete: — Lá vem vapô! E assim o grito é repetido por todos os *moleques* e em poucos minutos tôda a população tem conhecimento do caso.

Os comerciantes preparam barcos grandes, batelões, para receberem as mercadorias que esperam do Pará. Os particulares, vão esperar as pessoas de família ou notícias. As vendedeiras ambulantes, preparam os *balaios* com fruta, *cuias* pintadas e outros objectos com o rótulo de que são feitos pelos índios. Perfumes da flora brasileira, em pó. Animais como *periquitos*, *aráras*, *papagaios* que falam, *saguís*, *macacos-prego* e outras raças. Os tripulantes, são os melhores clientes, desta amálgama de bichos e coisas, já porque trazem encomendas, ou porque levam para vender no Pará, com bom lucro. Um dos grandes negócios e que também vão vender a bordo, são as penas de *garça*, especialmente *aigretes* para chapéus de senhora, tiradas do peito da ave. Êste artigo, regula o seu preço, de um conto a um conto e quinhentos mil réis, brasileiros, o quilo.

O *Tapajós*, na sua foz, sendo largo, torna-se estreito, se o compararmos com a largura que tem, a quatro horas de viagem. A essa distância, só se vê por bombordo do vapor, floresta verdejante, compacta e extensa, com faixa branca de areia aos pés. É encantadora a natureza neste rio. A água, como disse, à vista é escura, mas de tonalidade linda em contraste com a alvura das nuvens sob o anil do céu. Uma ou outro *pirôga*, à vela, de lona pintada a vermelho com o suco de *cumatê* ou de outras plantas selvagens, vê-se cruzar o rio pela frente do

«Rio Içá». Para o lado de estibordo não se distingue, ou avista margem alguma. Dizem que existem ali povoações de regular importância chamadas «*Vila Franca*», *Boim*, *Pinhel*, *Santa Cruz*, *Mundrucús* e outras. As choças de palha, também espalhadas pela margem, a grande distância umas das outras, são mais claras e mais limpas, das que eu vi no Amazonas. Cardumes de grandes peixes, «*Bôtos*» saem da água, dão um salto, sopram e tornam a mergulhar, em movimentos rápidos, mas não tam rápidos que não se pudesse atirar de rifle, com a certeza de acertar, se nisso houvesse conveniência e para isso estivesse a pessoa preparada. São inofensivos, andam a comer peixe miúdo, por isso os pescadores deixam-nos livremente saltar e bufar.

Depois de termos passado de largo, por *Altér do Chão* chegamos a *Aveiro*, à margem direita do rio. A bordo veio com um batelão, receber a mercadoria, que tinha pedido à sua casa «aviadora» do Pará, com uma turma de *cabôclos*, semi-civilizados, um sírio, o único comerciante forte, do logarejo, com o nome de vila e que, segundo alguns historiadores, em passadas eras, foi de importância, mas que quando ali cheguei, 1892, estava decadente. Um aglomerado de casebres de palha e além da do comerciante citado, muito poucas mais existiam cobertas de telha. O *manda-chuva*, o rei e senhor daquele sítio, era o sírio. Dêsse pôrto em diante segui extasiado, admirado da beleza, da pujança da selva nas margens do rio, pelos dois lados do vapor, que marchava pertíssimo a terra. De um lado *Igapó*; do outro, ilhas com praias branquinhas, deixando ver um panorama soberbo.

Chegamos a *Coxipó*, ponto do meu destino, para o desembarque, assim como do Joaquim Borges e do criado Pedro. Os companheiros Gualdino Pereira, sua mãe e irmã, seguiram para mais dois dias

de viagem; para o alto *Tapajós*, lá para cima da cachoeira do *Boruré*. A despedida foi saúdosa e triste, por não sabermos se algum dia voltariamos a encontrar-nos. No *Coxipó*, só uma casa existe, a do Coronel Segismundo, velho comerciante, que tem vinte e cinco *seringueiros* a trabalhar, para lhe pagarem o que devem, que nunca pagam, das mercadorias que lhe fornece. Recebeu-nos com cordealidade, indicando-nos onde podíamos eu e o criado amarrar as rêdes. O Borges, meu primo, logo que desembarcou, contratou com o coronel uma canôa e homens, que o levassem às «Barreiras», à margem oposta do rio, de onde tinha saído, com intenções de não voltar. Por ser tarde, quando desembarcamos, ficamos os dois, Pedro e eu, ali, aquela noite, debaixo de um *copiar* alpendre, coberto de palha, que dava para amarrar cinqüenta rêdes, à vontade. Não tinha paredes dos lados, mas sim, uma luz de petróleo acesa tôda a noite para afogentar os *morcêgos vampiros*, que costumam, enquanto com as azas fazem vento, chupar o sangue dos dedos dos pés, aos que ali dormem ou pernoitem. Os vinte e cinco *seringueiros*, fregueses trabalhadores e quâsi escravos do livro conta-corrente do comerciante e Coronel, finda a safra, trazem por várias vezes a carga de borracha que no interior fabricaram, a qual é pesada, creditada e depois espetada em paus e atada, com *cipó*. Ali se juntam e debaixo daquêl alpendre de palha, atam as rêdes, para pernoitar e passam os dias a dançar e a beber *cachaça*. O Coronel Segismundo, no dia seguinte, gentilmente, me convidou para almoçar com êle e família. D. Benvinda e duas filhas, de indumentária pobre e quâsi núas, aspecto de admiração e espanto, bichos do mato, a *Sinházinha* e a *Nejem*. Mandou dar ao Pedro, de comer também e em conversa passamos o dia. Só ao fim da tarde, é que chegou das *Barreiras*, um barco grande, a quatro remos e

duas *marás* varas, para empurrar nas margens. Embarcamos com a bagagem, agradecendo previamente ao Coronel, a sua hospitalidade, prometendo ir ali breve, fazer-lhe uma visita. O dia, desaparecia, quando chegamos às *Barreiras*.

A chegada do português, foi um acontecimento inédito nos anais da história dos nómadas, seres, que por ali têm passado à procura do Eldorado e se tornaram conhecidos daquela meia dúzia de famílias, de índios já civilizados, que ali vivem a distância de um quilómetro, mais ou menos, uns dos outros e que forma a população das «*Barreiras*».

D. Joana, solteirona, era a rainha e senhora absoluta, da zona, onde definitivamente eu ia viver.

Chamava primo ao meu primo Joaquim Borges e como quanto mais primo, mais se quere, eu, como primo fui excelentemente recebido.

A casa estava situada sôbre um barranco de saibro vermelho que subia da praia uns seis metros e ao fundo de um grande terreiro, rodeada de árvores de fruto, *cajueiros*, *sapotilheiras*, *abacateiros*, *goiabeiras* e um *bananal*.

Estavam nesse terreiro à espera do português e do criado, além do Joaquim Borges, o Raimundo Santos, sua mãe D. Prudência, viúva e a solteirona D. Joana irmã da mãe do Raimundo. Êste parecia que tinha saído do rio, de tomar banho, pela sua indumentária. Sentado em um toro de árvore, baixo, de calça de zuarte e blusa solta, pé descalço, chinelo de marroquim, toalha de rosto à volta do pescoço, escova dos dentes na mão, pernas cruzadas e em cima das pernas, os braços também cruzados. Notei que de masculino civilizado era o único existente na família; julguei que fôsse o chefe daquela *tribu*, mas enganei-me. O chefe, era a D. Joana, pela actividade, pelo rigor do mando. Raimundo era a indolência personificada.

Fui bem recebido, mas as perguntas choveram. Queriam saber como era o que se fazia, o que se dizia pelo mundo por mim percorrido. Já quasi não viâmos, uns aos outros, quando D. Joana largou a esperada frase: — Vamos para a mesa.

A casa era construída por paus cruzados, com enchimento de barro e coberta de telha. Janelas sem caixilhos, nem apilarados, nem portadas. O piso era de terra calcada e nivelada. Na sala da primeira refeição, em volta da mesa, toros de paus espetados no chão e tábuas em cima fazendo de bancos compridos. Em volta da sala a mesma coisa, como preparada para se sentarem os convidados, para um baile popular. A luz era de petróleo. Sôbre a toalha alva, para cada um, prato, colher e garfo. Faca não estava, porque nada havia que cortar e se fôsse necessário o *pajáú pernambucano*, que o Raimundo tinha na bainha, pendurada no cós das calças, seria utilizado. Uma caldeirada de peixe com *pirão*, feito de farinha «*Seruky*», na água do mesmo peixe, e algum peixe frito em azeite de *dendê* foi a ementa. O caçador índio que devia trazer do mato qualquer coisa, naquêlê dia, não trouxe nada, nada matou. Também a D. Joana castigou-o, não lhe deu o «*porre*» de cachaça, que costumava dar-lhe, quando traz caça. Comemos com apetite, e tarde, por estarem à minha espera. Ao lado de cada prato meia dúzia de pimentas «*malagueta*» para quem gostasse e, para substituir o pão, havia um montinho de *farinha d'água*, feita de mandioca, que, com a ponta dos dedos, atiravam à bôca com uma perícia extraordinária. A mim, muito me custou fazê-lo com limpeza, sem perder um grão. Vinho, só em dia de festa rija, nos outros dias, água do *Tapajós*, pura, que quando não faz febre, é excelente. Acabada a refeição, voltamos para o terreiro e ao exíguo clarão das estrêlas, as perguntas continuaram; e satisfeita a curiosidade passou-se a falar de almas do

outro mundo, que muitas preocupações lhe causam e de assaltos de feras às propriedades, para matar animais e aves domésticas.

Ainda há pouco, diz o Raimundo, uma *onça*, veio de noite aqui e pela calada, levou uma porca que, depois de a matar, a arrastou para o mato. Deu-se, por isso, quando a criada «*tapuia*» necessitou de ir buscar lenha para o fogo. Sentiu um grande barulho, como de uma quantidade de porcos bravos, quebrando mato. Veio a correr dar-me parte e eu com o Jerónimo, índio caçador e uns «*tapuios*», todos com espingarda, corremos com intenção de matar *caetetús* porcos. Pé ante pé, de árvore a árvore, dedo no gatilho, íamos aproximando-nos do ruído. Qual não foi o nosso espanto, ao vermos em vez de porcos um bando de «*urubús*», abutres, sôbre a nossa porca morta, que a onça para ali arrastou. Esta, matou, comeu o que lhe apeteceu e o restante deixou para lhe servir para outra ocasião, cobrindo, prèviamente, a presa, com fôlhas sêcas.

Chegou a hora de recolher e na sala onde comemos, que era grande, amarramos as nossas rêdes. O Raimundo, um seu primo rapaz imberbe, ainda, António, se chamava, e eu. O Joaquim Borges, foi amarrar a sua, para um corredor isolado, sòzinho, porque assim lhe convinha, era uma necessidade, após uma grande ausência.

Ao amarrar a rêde, nos ganchos, que adrede estão já espetados nos esteios, mais valentes, da casa, com surprêsa vi que iam fechar a sala, portas e janelas exteriores. Umhas esteiras de fôlha de palma entrançada, do tamanho das portadas, encostam-nas e por dentro num laço de *cipó* que está amarrado ao centro, metem um pau atravessado, a tôda a largura da porta, ou da janela, de forma que, de fora ninguém pode entrar, só entrariam se pegassem fogo às esteiras, a que chamam «*japás*». A primeira noite nas Barreiras, seria deliciosa, se não fôsse ou-

vir ao longe o agoirento piar do *caburé*, a música infernal dos «*Carapanás*» e a guerra, que, de acôrdo com os seus colegas mosquitos «*borrachudos*», moveram contra mim, sugando o meu precioso sangue. Quási me deixam neurasténico, tal foi o barulho, a impertinência. Isto nas primeiras noites, pois quando não há remédio a humanidade até ao sofrimento se acostuma.

Dois meses depois, já quási não sentia as ferroadas. Notava que era ferrado, pela tatuagem que na pele deixavam, espécie das pintas, que deixam as pulgas, às pessoas de pouco cuidado e higiene. No alto do rio, perto das Cachoeiras, os habitantes, para se defenderem, de dia, dos «*maruins*» aborrecedores e impertinentes, comem, com um mosquiteiro quadrado que abarca tôda a mesa e as pessoas sentadas. É tal a quantidade, que só assim se pode viver e comer descansado. Nas janelas, põem tela fina de arame; e à noite, queimam nos quartos, excremento seco de boi. Existem quatro qualidades de mosquitos, no alto daquêle rio, cada um com a sua função. Os «*maruins*» toldam a vista pela quantidade; o «*pium*» marca a pele, como a picada da pulga; o «*borrachudo*» faz inchar os pés. O individuo ferroadado por êste insecto, fica com os pés amortecidos, como se os tivesse envoltos em trapos. Os «*carapanás*» cantam aos ouvidos, quando o mortal mais quer dormir. Eu senti todos os efeitos dêsses animaizinhos e de outros, como a *pulga* que ali chamam de cão, que entra na parte dura do pé, sem se sentir. Morre, depois de entrar e deixa um ôvo, com dezenas delas. Quando o ôvo cresce, dói e a pessoa julga, se desconhece, ser um furúnculo, mas quem tem conhecimento disso, agarra num espinho de laranjeira ou limoeiro, tira com cuidado de volta, a pele e o ôvo sai inteiro. No buraco que fica, mette-se cinza de cigarro, ou de charuto e a cura está feita.



RIO TAPAJÓS — BRASIL — Um ninho de Garças



Tinha necessidade de amoldar-me ao meio, aos usos e costumes do lugar, onde ia viver e por isso recebia tudo com indiferença, com serenidade.

Quis a vida aventureira, era meu dever sujeitar-me, estava obrigado a sofrer com paciência, os bons e maus bocados. Aprendi ali a fazer tudo, sem revolta sem susto, nem medo aos imprevistos da vida. Tinha que fazer frente, vencer todos os obstáculos que me aparecessem, nesse rude trabalho.

A necessidade faz lei, por isso acostumei o estômago a aceitar tudo que me apresentassem para comer. Até cheguei a encontrar deliciosos certos pitéus, fornecidos pela fauna selvagem, como sejam: o *macaco-prego*, *mucúra*, *jacaré-tinga*, *camaleão* e outros animais.

No dia seguinte ao da minha chegada, principiou a provação da nova vida. Nem me queria lembrar, que estava tam longe da civilização, escondido entre montanhas, numa região onde havia tanta selva por explorar.

Ao romper da aurora, saltei da rêde e tive que ir banhar-me no rio «Tapajós», sentir pela primeira vez a frescura das suas águas, a fôrça da sua corrente. De blusa e calça de riscado grosso, indumentária esta que jamais larguei, pé nú em chinela de marroquim, toalha de rosto ao ombro, saboneteira, pente, escova dos dentes na mão, desci a ladeira que vai do terreiro à praia. Despi-me, mergulhando nesse rio que seria maravilhoso, um verdadeiro paraíso, se não fôsse o impaludismo freqüente, que ataca nacionais e estrangeiros. Com água pela cintura, enquanto conversava com o Borges e o Raimundo, que estavam nas mesmas condições, esfregava os dentes, sorvendo com a bôca água. Terminada esta higienização, sêco, limpo e vestido de novo, voltei ao terreiro. Uma «*cunhantã*», criada de D. Joana trouxe para os três, em *cuias* pintadas de prêto, *mingau* de *tapioca*, quente, assucarado. Cada um de nós,

saboreou êsse exquisito pequeno almôço de perna cruzada, sentados em toros de árvores à altura de um assento de cadeira. Delicioso, excelente para os naturais, mas insípido para os não acostumados. Da outra banda do rio, os macacos «*guaribas*» a essa hora, cantavam sonatas ao sol, que surgia dourado, lindo por detrás das matas. De ruídos, só a conversa dos três, o ciciar das águas a correr, ou um ou outro peixinho, que vinha à tona da água e saltava para comer, alguma «*pitomba*» ou outro fruto que a corrente do rio levava, ou o bater das asas dos galos, que, ao lado das galinhas, passavam penicando o chão do terreiro. A natureza parecia adormecida, sossegada, silenciosa, se não fôsse o alegre brilho do sol, causaria a sensação ou a ilusão de que estávamos num novo planeta.

A conversa versava sôbre a necessidade que tinha o Joaquim Borges de comprar uma *igarité* grande, com duas toldas, para servir de estabelecimento ambulante, pelas margens do rio. O quartel general, na época do descanso, que é depois da safra, quando a maré baixa e as praias estão à vista, seria nas *Barreiras*.

Passados dias, um barco com dois mastros, três velas, dois toldos, um de madeira e outro de palha e piso dos lados, para empurrar com vara, foi comprado. Na parte de trás, sob o toldo de madeira, prateleiras, para fazendas e miúdezas; na parte da prôa, sob o toldo de palha artigos de mercearia, «*secos e molhados*», como ali se diz. Em poucos dias, ficou pintado e pronto para receber as mercadorias. Os pintores fomos, Borges e eu, tendo o Pedro como ajudante.

Sem conhecermos coisa alguma do «*métier*» puzemo-lo branquinho que com as velas enfunadas, parecia uma gaivota colossal, com o peito na água. Tudo foi feito em dez dias; e as mercadorias deviam chegar dentro de cinco, porque são de 15 o espaço

da chegada dum vapor a outro vapor. Tendo eu uns dias livres, quis conhecer muitas coisas, e logo me dediquei a aprender a pescar e a caçar. Mal imaginava as sensações que ia receber, dêsses grandes desportos, tam diferentes dos mesmos em Portugal. Na pesca, sentia-me bem, mesmo com agrado e contente. Na caça, ainda que acompanhado por gente prática e familiarizada com a selva, de espingarda, munições e terçado afiado à cintura, sentia a sensação de repulsa, de pavor constante, ao penetrar naquela floresta fechada e densa.

Um dia, como experiência, fui com o Jerónimo, índio caçador, por picadas estreitas, como passagens de cabras, pois mal cabia uma pessoa, pela mata dentro. Dos lados do carreiro, além de dois metros, por entre colossais *sapopemas*, *andiróbas* nada se via. *Esquilos* de cauda enroscada, saltavam de árvore para árvore, por cima das nossas cabeças. Não se mataram, porque sendo mágros não servem para comer. Ouvimos o esvoaçar de aves perto e, para as ver, tivemos que agachar-nos. Eram «*jacús*» do tamanho e do tipo de *capões*, com a diferença que tõem uma poupa branca e *mutuns* como perús com o bico vermelho. Um dêstes foi flexado e morto pelo Jerónimo. De repente, êste descobre no barro do caminho, pègadas recentes de *onça* que, segundo sua opinião, não devia estar longe. Os cabelos puzeram-se-me em pé, com a notícia. Moveram-se fôlhas sêcas.— Não é nada, diz o índio, são cobras que fogem de nós. Encontramos e vimos um *jabuty* e deixamos para recolher na volta. Cuidado, diz ainda o índio em mau português, guarde o terçado e leve o dedo no gatilho da espingarda, porque se errar a minha flecha, o que seria a primeira vez, o patrão dispara logo. A *onça* é traçoira, continua, ataca quando tem filhos perto, ou tem fome; e pode querer fazer-nos uma surpresa. Como vou na frente, diz o Jerónimo, eu levo o ter-

çado desembainhado, não só para o defender, como para cortar qualquer arbusto, que impeça a nossa passagem. Quando regressamos vínhamos carregados, trouxemos bastantes peças, pois a caçada foi abundante, digna de menção e terminou sem incidente, sem novidade, além dos sobressaltos.

Quando me convidavam para êste desporto, nunca me recusava, para não desmentir a bravura da raça, a coragem histórica, dos bandeirantes portugueses, que desbravaram uma grande parte do sertão brasileiro. Aparentava sempre uma disposição, uma coragem, que estava longe de sentir. Nunca fui só; ia em grupo e como qualquer nascido naquelas *matas*. Quando regressava, trazia no rosto estampada a mais franca alegria; qualquer diria ao ver-me que era por ter morto *mutúns papagaios*, *aráras*, ou *cotias*, *jacamins*, etc., quando era por me ver fora da pavorosa floresta, onde tantos bichos habitam.

Além de reptis venenosos, *formigas pequenas* chamadas de fogo, cuja picada queima como tal e outras tam grandes, que carregam, às costas fôlhas de árvores, inteiras. Os Marinheiros, primos também do Joaquim Borges, viviam no mesmo litoral das *barreiras*, mas a uns quatro quilómetros de distância. Para os visitar era necessário ir pela floresta ou de barco. Eu preferia êste meio de locomoção, porque pela selva, sempre me vinha ao pensamento a possibilidade do aparecimento dum animal feroz que me matasse, sem que o resto do mundo soubesse do facto. O lugar *barreiras*, fica situado em terra firme ligado aos Continentes peruano e boliviano, portanto com milhares e milhares de quilómetros de selva virgem, selvagem, onde vivem em liberdade animais felinos, ferozes e que lhes é fácil vir até ali atacar o animal homem. Os índios guardam respeito à *onça*, que faria eu, que só em ouvi-la roncar, perdia a calma?

Para a pesca, embora também corresse risco, porque para nadar eu era um prego, ia sempre bem disposto e mesmo alegre. Muitas vezes tomava uma «*montaria*» pequena sentava-me na pôpa, depois de a desencalhar da areia e de remo curto, lá ia, sôzinho, remando e governando, *chape-chape* para a ilha dos «*Joazeiros*», que ficava em frente das «*Barreiras*» e ali passava horas e tardes de linha estendida ou de caniço, à pesca dos «*tambáquis*», *pacús*, *aracús surubys* que levava para casa e faziam muito jeito à D. Joana. O primeiro peixe, por mim, pescado, foi um *curimatã* que por ser grande e a linha ser fina deu-me bastante trabalho para o matar e meter na montaria.

—O português, está um grande pescador, dizia a senhora D. Joana para estimular a minha acção de ir por peixe para as refeições.

Uma tarde o Jerónimo num português estragado com um certo mistério diz: — Patrão Daniel, vou fazer presente bom.

—O que é?

—Um passarinho «*uirapurú*» que já está «*curado*», sêco e que o patrão deve trazer sempre consigo para nenhuma mulher resistir.

—Porque é que êste pássaro tem êsse poder?

—No mato quando ele canta todos vão atrás dele. Para matar é difícil porque entre tantos precisa distinguir êle. Há muito que andava atrás de flechar até que pôde caçar para dar ao patrãozinho Daniel.

Andei a título de experiência um mês com o pássaro no bôlso mas talvez por não haver elemento para conquistas nada conquistei. Mulheres só *taputas* que por serem desconfiadas fogem dos brancos e quando cedem é à fôrça. Não há pássaro que as faça ceder por vontade própria. Mas segundo a credence dos índios e dos *tapuios* o «*uira-*

purú e os olhos do peixe *bôto* são imans poderosos para atrair e conquistar *cunhantãs*.

O *Tapajós*, conserva-se seis meses com a maré alta e seis baixa. Nos primeiros seis, é quando os *seringueiros* se dedicam a trabalhar na exploração ou extração da borracha. Todos os que, por conta própria ou por conta alheia, se dedicam a êste serviço, estão espalhados pelo interior da floresta, só, ou com família. Por êsse motivo, ficam desertas nessa época as palhoças das margens dos rios. Quando as águas começam a descer, descem também os *seringueiros*, com o produto do seu trabalho, a borracha que fabricaram, para pagar aos seus respectivos fornecedores, a quem chamam patrão. É essa a ocasião para o *regatão*, vendedor ambulante, correr as margens e conseguir dessa gente, que está sempre precisando de coisas várias que lhes venda borracha a trôco de mercadorias. Como a conta com os fornecedores está sempre grande, o produto nunca cobre o débito, o fornecedor só lhe adianta o que quer e não o que o trabalhador deseja. Por isso, êste, sabendo o que lhe vai acontecer, não entrega tudo, esconde alguma borracha para vender, ao primeiro comerciante que lhe apareça, no pôrto da sua choça.

Quando chegamos às *Barreiras*, foi justamente quando as águas desciam. Por êsse motivo se viam as praias extensas, de areias brancas, ao redor das ilhas e peixe a saltar em abundância, aos cardumes. Por estas razões estávamos ansiosos que chegasse do Pará o vapor com as mercadorias, para iniciarmos a viagem comercial das *Barreiras* até ao *Apuhy* boca da primeira cachoeira, no alto do *Tapajós*, fazendo escala por *Itaituba*. Na volta, desciamos pela margem oposta, por «*Bela Vista*», *Miritituba* até ao *Coxipó*.

Um dia, ao amanhecer, com o Jerónimo, índio e o criado Pedro, entramos nas matas, na emara-

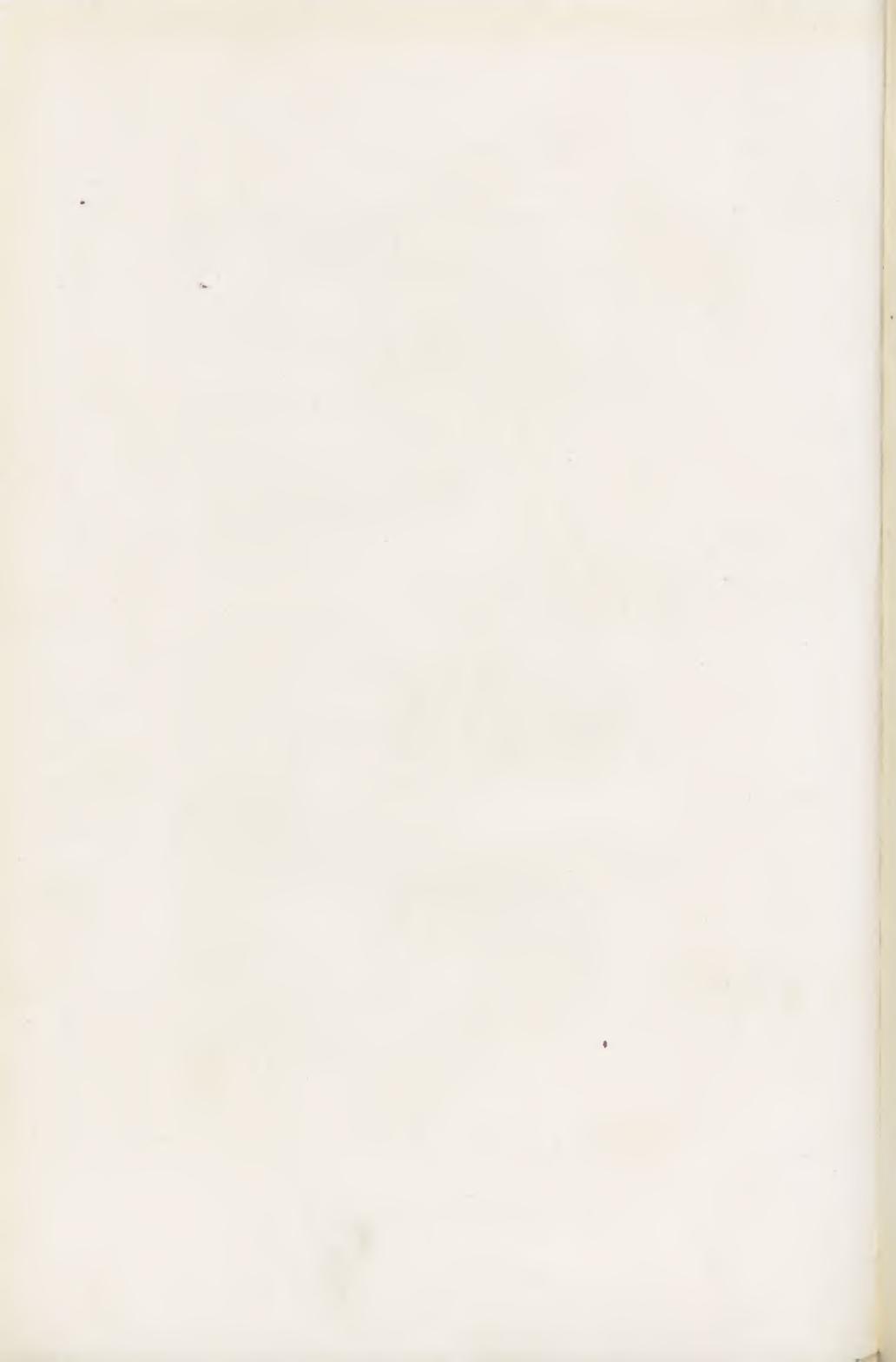
nhada floresta, que por ser fechada, compacta e cedo mal viamos, por onde caminhavamos. Dirigimo-nos ao «*Taquarisal*» a vinte quilómetros do interior da selva. Propriedade de dois cearenses, que por conta própria exploravam duas *estradas*, com cinquenta *seringueiras* cada uma. A um quilómetro de distância do final da viagem, começamos a divisar como na saída de um túnel, um clarão grande. Era o *roçado* plantado de milho e bananal, que rodeava a *palhoça* dos dois. Ficava perto de um *igarapé*, que atravessamos, por cima de dois troncos compridos de árvore, fazendo equilíbrio. Antes, como é de uso, demos o grito, de aviso aos moradores. Ninguém respondeu. Demos o segundo, o terceiro e reinando silêncio, seguimos direitos à *palhoça*. Encontramos ainda tições acesos, sinal evidente que, não havia muito, se tinham ausentado, para o trabalho. Descansamos um pouco, para irmos ao encontro de um deles, até ao fim da *estrada* por um explorada. A *estrada* chamada, não tem largura superior a um metro, aonde se vêm as *seringueiras*, a distâncias várias, umas das outras e isto aos zig-zags, com ramais e curvas fechadas.

Como se extrai o Latex e fabrica a borracha

UMA estrada de cinqüenta árvores, tem quilómetros de comprimento. O *seringueiro*, sai da sua choça, às cinco da manhã, depois de ter tomado o seu «*pórré*» e o seu «*mingau*» de banana, de «*cará*» ou de qualquer outro fruto. Leva consigo um machadinho com um gume de três centímetros de largura; um balde *caiambuca* feito de fruto de *cuitezeira* amarrado a um arco de *cipó* para dois ou quatro galões, conforme seja o número e a grossura das árvores a picar. Algumas levam até vinte golpes por dia. Por baixo de cada golpe, uma tijelinha, de lata, espetada na casca, para onde o *latex* que logo brota, corre. Chega ao fim da estrada assim chamada, às dez ou onze horas da manhã. Como leva rifle e munições, além do terçado, para dar tempo que das últimas árvores, o *latex* escorra o máximo, vai caçar. Rara é a vez, que não mate qualquer coisa. Das duas para as três da tarde, regressa rápido, quási a correr, vai de árvore a árvore, arranca as tijelinhas e despeja no balde o *latex*. Do golpe continua a correr pela árvore abaixo, algum resto, que se vai acumulando e secando e no fim da safra, é apanhado para se vender a um preço mais baixo, já estipulado, para



RIO AMAZONAS — BRASIL — Índio caçador



o «*sernamby*». Às cinco da tarde, mais ou menos, chega com a carga à sua barraca. Separado da habitação, tem uma *palhoça*, isolada, onde tem os utensílios para o fabrico da borracha, que se compõe: — de um defumador de barro, feito de um garrafão sem fundo, com abertura ao lado, junto ao chão, para entrar o ar; uma bacia de zinco, ou de barro, ou até um casco grande de *tartaruga*; uma das três coisas, porque depende das posses do fabricante; uma pá de madeira redonda, como a dos padeiros, de vinte centímetros de diâmetro, com um cabo de metro. Faz fogo com gravetos de madeira seca. Em cima do fogo carochos de fruto de palma e por cima disto o defumador. Derrama o *latex* na bacia, senta-se entre a bacia e o defumador com a pá sôbre os joelhos. Com uma *cuia* tira da bacia o leite, (o *latex*), lava com êle a pá e dando voltas para que nenhuma gôta caia ao chão passa a pá assim molhada sôbre o fumo várias vezes, ficando coalhada e aderido. Sôbre essa capa coalhada outra lavagem e o mesmo processo sucessivamente até que o *latex* se esgote, ficando transformado numa bola de quatro, cinco ou seis quilos. No dia seguinte quando volta, com o balde cheio outra vez, se a bola está pequena ainda continua a coalhar em cima da do dia anterior; se está grande, com o terçado dá um golpe em um dos lados da bola, tira a pá, para uma nova operação, novo fabrico. A borracha fica a secar, a largar água, a ponto que, uma bola, que ao fabricar pesa oito quilos, um mês ou dois depois, pesa apenas cinco ou seis. Quanto mais seca menos pesa.

Existem seringueiros pouco escrupulosos que ao coalhar o *latex* metem pedras, ferros pequenos, coisas pesadas, para enganarem os compradores. As casas exportadoras de borracha antes das casas aviadoras mandarem as contas de venda aos seus fregueses, cortam as bolas em quatro partes e quando

encontram corpos estranhos, classificam-na de segunda qualidade.

Quando chegamos ao «*Taquarisal*» e encontramos a casa deserta, seguimos por uma das estradas, ao final da qual encontramos o senhor Benedito, um dos cearenses, na faina da caça. Depois de sair da surpêsa, da inesperada visita e de ver ali um europeu, a caçada continuou, matando-se um *jacú*, duas *cotias* e três papagaios. Ali mesmo com forquilhas fizemos fogo e no espêto assamos, depois de depenado o *jacú*, e destripada uma *cotia*. Falta sal lembrei eu. Vou buscar diz o índio. O senhor Benedito, explicou onde na barraca o tinha e disse para trazer também uma *cuia* com *farinha d'água*. O índio partiu como uma flecha e em pouco tempo com admiração de todos estava de volta. Quando iniciamos o regresso, era tarde. O senhor Benedito não se lembrava de voltar tão tarde do trabalho. Encontramos o senhor Zeca Guerra outro modesto e bondoso cearense a acabar de defumar o seu *latex*. Como era tarde e a mata estava escura resolvi ficar ali aquela noite, com os hospitaleiros cearenses, e com o Pedro, enquanto o índio intrépido por ser natural da selva, iria às Barreiras dizer que estávamos bem e que de manhã regressaríamos. O pior era que ficávamos quatro e rêdes só havia duas, mas os bons e gentis hospedeiros venceram essa dificuldade dizendo que um e o Pedro ficavam em esteiras, sôbre fôlhas de bananeira, enquanto eu me utilizaria de uma das duas rêdes. Quis resistir a êsse sacrificio mas foi inútil, tive que aceitar. Enquanto o Pedro assava a *cotia* que ficou, os cearenses e eu, tomamos um higiênico banho no *igarapé* e fomos cortar fôlhas de bananeira para as camas dos senhores Benedito e Pedro. Comemos à luz da fogueira enquanto não chegou a dum esplêndido luar. O senhor Zeca que tocava o *pinho*, viola, na perfeição, cantou algumas canções

tristes, do seu saúdoso sertão do Ceará, até à hora de recolher.

Ao romper da alva os acolhedores cearenses despediram-se e partiram para o cotidiano trabalho. Nós esperamos que o dia clareasse mais, para iniciarmos o regresso às Barreiras, onde nos esperava um confortável *mingau* quente.

A chegada do «Rio Xingú» e das mercadorias

Ao longe, rio abaixo, avistou-se uma coluna de fumo, escuro, subindo às nuvens.

— É queimada de *roça* por trás do *Coxipó*.

— Não, aquilo é vapor que vem para lá da curva do rio.

— É, não é, um apito demorado e ronco, satisfiz a curiosidade, tirou as dúvidas dos que, com impaciência, discutiam. Começou então a aparecer em marcha lenta um vapor, um «*gaiola*» de rodas que em frente ao *Coxipó* fundeou. Era o esperado «Rio Xingú». Tínhamos ali já barcaças e batelões para receber as mercadorias, que esperávamos. O Comandante Bandeira para ser agradável ao povo das *Barreiras*, depois de se ter informado se do outro lado da ilha havia no rio fundura bastante e obtendo a informação que sim, resolveu sair do canal e foi ao pôrto da localidade descarregar as mercadorias. Mandou atar cabos às barcaças e batelões e levou-os até li, a reboque. Joaquim Borges e Raimundo foram a bordo agradecer a gentileza do Comandante, enquanto as mercadorias eram desembarcadas do vapor para os batelões, conferidas por mim e por um piloto. Em menos de uma hora tudo ficou acabado o vapor apitou e com todo o cuidado para não encalhar, deitando a sonda de minuto a

minuto, o «Rio Xingú» seguiu o seu rumo pela outra ponta da ilha e tomou de novo o canal, que era a margem direita do rio. Encalharam-se na praia os batelões e todos os homens disponíveis, de calças arregaçadas, entraram na água para carregar sacos de *xarque*, *pirarucú*, caixas com latas de petróleo, barris com vinho, garrafões grandes com *cachaça*, caixas com rifles e munições, miudezas, instrumentos de música, como harmónicas, violas e infinidade de coisas que iam atirando para o barranco. Depois dos *batelões* vazios foi tudo transportado às costas para uma sala grande que a D. Joana cedeu para esse fim. Com a ajuda do Pedro eu tinha feito com troncos serrados de árvores e tábuas, um *girau*, estrado, para arrumação dos fardos de carne seca e do *pirarucú* e umas prateleiras para as mercadorias sujeitas a serem atacadas pelo *cupim* bichinho como formiga branca que mina a madeira dura dos esteios, das casas, quanto mais minaria se apanhasse o pinho europeu dos caixões que iam com as mercadorias de mais luxo e valor. Havia perfumarias entre elas «Óleo de Orisa». «Água de Colónia de Lemen Camp», pomadas, pílulas e café «Beirão» contra as febres, chapéus de palha, finos, bugigangas para atrair os *seringueiros* e *caboclos*. Tudo arrumado para demorar ali meses porque o Borges resolveu esperar pela nova safra da borracha, em virtude de já ser tarde para sair a negociar. O barco estabelecimento ancorado no pôrto, balouçava-se vazio à espera que o carregassem e o conduzissem para onde quisessem. Servia de dormitório meu e do Pedro e ponto de pescaria porque nas horas livres daí atirávamos longe a linha, com isca no anzol, para apanharmos os *surubis*, *tambaquis* e quando a *piranha* com os seus dentes finos não cortava a linha até peixes grandes, de pele, como as *paraibas*, caíam.

Não nos faltou trabalho daí em diante. O arroz, muito tempo nos sacos, ganhava bichos. Tinha-se

que o estender ao sol e pô-lo em condições de venda. Vinha um dia de trovoada e chuva a carne sêca e o *pirarucú* ficavam húmidos, escorria água salgada, era necessário tirá-la dos fardos e no dia seguinte, quando o sol esquentava estendia-se tudo no terreiro em cima de fôlhas de bananeira.

Só se saía para a pescaria ou caçada, quando seguros que tudo estava bem, que os garrafões e os barris ainda estavam lacrados e que o *cupim* se tinha mantido a distância das coisas e não procurava fazer dano.

O Joaquim Borges como senhor da fazenda, quando não ia visitar e dar à língua com os comerciantes mais próximos, Coronel Esteves, ou com os seus parentes Marinhos, dirigia os trabalhos da secagem do *xarque*, do *pirarucú*, da farinha e do arroz; cada dia uma das coisas que estava mais perto de deteriorar-se.

Um ou outro dia vinha numa montaria um *seringueiro* ou *caboclo* comprar artigos que pagava com produtos, como borracha, *farinha de tapioca*, tábuas de *itauba*, *massaranduba* ou de *acapú*.

Festa ao Divino Espírito Santo

Os habitantes do *Tapajós*, têm fervorosa devoção e culto pelo Divino Espírito Santo.

De dois em dois anos são nomeados e coroados um *Imperador* e uma *Imperatriz*. Naquêl ano, foi o Raimundo Santos e sua mãe D. Prudência que galgaram o trono, que chegaram a tam alta jerarquia. Por ordem do futuro chefe e *Imperador* seis *seringueiros* andaram em uma grande canoa, quatro a remar, um com a bandeira do Espírito Santo e outro rufando num tambor, pedindo, de *choça* em *choça*, pelas margens do rio, o seu óbulo, e ao mesmo tempo convidando para a grande festa que dentro de oito dias o novo *Imperador* oferecia nas *Barreiras*.

— Quando você ouvir o « *pau-furado* » roncar é a dizer que a festa se realiza no dia seguinte. Enquanto uns andavam a pedir, outros faziam grandes pescarias com espinhel e tarrafa. Colhido e estripado o peixe em cima de girais de paus, feitos sôbre forquilhas, ao calor e ao fumo de uma grande fogueira, *moqueavam* defumavam-no. Na véspera da festa matou-se um boi e à beira-rio tirou-se-lhe o couro, esquartejou-se e penduraram-se os quartos na cozinha que era separada da casa e ampla. Tôdas as *caboclas* e as *cunhantãs* andavam numa roda

viva. Faziam pastéis de *tapioca* com banha de porco, *bijus*, *cúscús* e doces variados.

Em uma casota de palha, ao lado da casa, expressamente feita com altar ao fundo, realizou-se a cerimónia religiosa.

Um Cearense velho na idade, de um lugar a muitas léguas distantes, para o lado de *Itaituba*, rio acima, fazia de padre, rezava uma ladainha, que todos em voz alta respondiam. No meio da cerimónia, virou-se para o Raimundo Santos e para a mãe, que estavam de joelhos e cada um com mantos de pano vermelho, forrado de branco, às costas, e disse: — Por obra e graça do Divino Espírito Santo, foste tu Raimundo Santos eleito por dois anos Imperador da nossa Irmandade. Por obra e graça, repetia, do Divino Espírito Santo, foste tu, Prudência Santos eleita por dois anos *Imperatriz* da nossa Irmandade; colocando nesse acto, na cabeça de cada, uma coroa que diziam ser de prata. Findo este acto solene muitos *seringueiros* descarregaram para o ar em sinal de regosijo, as suas espingardas.

Para na véspera avisar os convidados dispararam tiros saídos de canos velhos de espingardas presos com pregos a toros de árvores nos quais metiam uma boa dose de pólvora, e uma bucha de folhas secas, empurradas com vareta. A pólvora corria para o ouvido da arma, chegavam-lhe um ticoço e o eco do tiro ressoava longe. A isto é que chamavam o « *pau furado a roncar* ». Na véspera depois dos tiros, começaram a aparecer *canoas, montarias* de todos os tamanhos e feitos com famílias. No dia, após a cerimónia religiosa, seguiu-se um grande almôço oferecido às pessoas mais gradas daquela redondeza, como quem diz, até a umas vinte léguas de distância, pelas duas margens do rio. Vieram todos os comerciantes com os seus empregados superiores. Entre eles o Coronel Segismundo, do *Coxipó* e Esteves das *Barreiras* assim como os ir-



(Cl. do Autor)

RIO AMAZONAS — BRASIL — Navegando entre Ilhas

mãos Marinho e outros com as suas respectivas famílias.

Mas à mesa de honra só os *túrinas*, os chefes, se sentaram. As mulheres, os *bravos*, os *câbras* e a sua gente, comeram no terreiro ao ar livre, ao lado do grande alpendre aonde tinham as rêdes atadas. Por baixo das rêdes os filhos nús, brincavam, comiam, choravam e faziam tudo que lhes apetecia, sem reparo da dona da casa, dos pais, Junta de Higiene, porque esta não havia.

Vendemos todo o vinho dos barris e quási toda a *cachaça*. Por último o vinho que com certeza foi feito no Pará, sem cheiro de uva, misturaram-lhe *cachaça* e foi um nunca acabar de discursos e saudações. O Coronel Segismundo entendeu meter-me no *porre* e conseguiu o seu fim.

— Seu Danié, pelo seu Portugal e a virar.

Isto fazia o meu pensamento de português já bem disposto e alegre voar através do Amazonas, cruzar o Atlântico até ao meu Minho querido, ao meu torrão natal.

Enchia os copos e voltava o Coronel a dizer: — Agora mais uma vez e a virar pela sua vèlhinha que lá deixou.

Com pouco fiquei como um cacho.

Desfeita a mesa, arrumados do centro os bancos, aplanado o terreno, um seringueiro hábil na harmónica, outro na flauta e um na viola, tocaram de entrada uma polka.

— Tudo dança minha gente! Alguém gritou.

Casadas e solteiras, pé descalço, cheirando a aguardente, tôdas se requebravam na dança.

Eu principiava a sentir a cabeça pesada, a vista turva e conhecendo bem o meu estado, procurei alguém que me acompanhasse ao pôrto pois julgava que tomando um banho aliviava.

Aproximei-me de um jovem com cara de sofrimento moral, talvez arrependido também de ter dei-

xado a sua terra para se meter naquêlê beco sem saída que é o sertão do rio *Tapajós*, ou por ser escravo do livro conta-corrente do Coronel Segismundo, por me parecer de confiança, com voz já pegajosa, disse-lhe. — Camarada você é capaz de fazer-me um favor? Acompanhar-me ao pôrto por que não me encontro bem e quero tomar um banho?

— Pois não? Disse o rapaz e dando-me o braço descemos do barranco à praia.

Em vez de esperar que eu terminasse o banho a música chamava-o, foi-se embora, deixou-me sòzinho. Com custo me despi; meti-me na água e não tendo firmeza nas pernas, agarrei-me ao bordo de uma *montaria* das muitas que ali estavam, com corda comprida, atadas a um pau espetado na areia. Eu mergulhava mas com uma mão agarrada ao barco. Êste, com o movimento, sacudindo-se foi-se desviando da praia, arrastando-me com êle. Vi-me perdido, faltou-me pé ao fundo, vi a morte certa, e sem forças para reagir, ia desfalecendo, quando alguém entrou na água, agarrou-me e conduziu-me à praia. Estendeu-me, foi correndo buscar fôlhas de bananeira e limões ao terreiro da casa. Deitou-me sôbre as fôlhas passou metade de um limão por trás das partes sexuais, mas jamais soube de onde tirou esta receita; e eu adormeci. Quando acordei estava em uma das setenta rêdes, atadas debaixo do alpendre. A-pesar do meu estado conheci bem quem foi o bemfeitor que me fez tudo aquilo. Foi o meu companheiro, o fiel criado Pedro. Eram três da madrugada quando despertei com uma dor de cabeça atroz. O baile continuava no maior apogeu. Todos se admiraram de eu só àquela hora aparecer.

— Onde esteve você metido até agora? Perguntou D. Joana.

Explicado o caso e declarando a dor de cabeça que me apoquentava ela mandou fazer café forte e deu-me a tomar.

Duas horas depois a dor de cabeça tinha diminuído e dancei muito com uma *cunhantã* filha do Coronel Esteves. Ela, na sua saia e blusa leve de chita, os seios de virgem, hirtos, duros, salientes, encostados ao meu peito a tremerem, a saltarem, numa polka, mazurca ou valsa fazia-me perturbadoras sensações. Era tal o efeito produzido, que me obrigava a ir atrás de uma *sapucaia* ou para longe para o escuro da *mata* ou coisa parecida. Sensações estas, que me poderiam causar o enfraquecimento cerebral. O baile durou três dias e muitas vezes após a dança com esta *cunhantã*, me atirei ao *Tapajós*, para, com a frescura das suas águas, apagar ou amortecer o fogo de desejos que pelas veias me corria. Se não fôsse o respeito pelo cano do rifle e pelo terçado afiado do Coronel Esteves, não me seria difícil levar a *cunhantã* para a floresta a caçar *tatús* ou « *jabutis* ». Ela, quinze anos, com sangue ardente de índia, a suspirar de desejos de amor por todo o seu ser. Eu, dezoito feitos, num forçado jejum, há tantos meses, é custoso acreditar que pudéssemos acalmar essa martirizante tensão de nervos que a dança nos causava.

Não dormi, portanto ao romper dalva procurei o Pedro para lhe dar um abraço, fazer-lhe conhecer o meu sincero agradecimento por me ter salvo a vida. Pedro dormia, não quis perturbar o sono do meu salvador. Quando pude agradecer-lhe êle respondeu:— Num fale nisso senhô. — Eu também devo a vida a vossumecê.

Muitas mais vezes o fiel, o dedicado, arrojado e valente Pedro me livrou da morte.

O baile no dia seguinte continuou e durou os dias que os mantimentos duraram. As famílias espalhadas aos grupos, ao derredor do terreiro e do alpendre, onde tinham atadas as rêdes, pareciam ciganos de três mundos, pois havia-os bronzeados, brancos e pretos. Algumas mulheres perto das rê-

des, onde os seus maridos ou companheiros dormiam, fizeram fogueiras e de cócoras, com cachimbo na bôca, fumando, rodeadas dos filhos nús, faziam café ou *mingau* em chocolateiras de barro, que para ali com êsse fim, tinham levado. Ao terceiro dia de tanta festa, tanta dança, mas tendo corrido tudo na melhor ordem, sem o mais leve desgôsto, as famílias de mais longe retiraram-se. Ao quarto, as *Barreiras* voltaram à pacatez, ao sossêgo costumado. Muitos *seringueiros* em segrêdo, prometeram reservar-nos uma bola de borracha na próxima safra, em troca de certas coisas de que estavam necessitados. Ainda faltavam meses para principiar a exploração do *latex*.

«Uma caçada passatempo»

D. JOANA dias depois da festa, convidou-me para ir com ela e umas quatro *caboclas*, ao outro lado do rio, onde tinha duas *estradas* de *seringueiras* para preparar. Nessas *estradas* não usavam tijelinhas. Com o âmago sêco da fôlha da palmeira e pregos feitos da casca sêca da mesma árvore, faziam uma caleira em volta da *seringueira*, obliquamente, a terminar em bico, que depois com barro apanhado do caminho era rebocada. Depois quando bem sêco, o *seringueiro* homem ou mulher, davam os golpes por cima, o *latex* escorria para a caleira e uma *cuia* no bico aparava.

O Antonino, primo do Raimundo, iria também; e enquanto a D. Joana e as mulheres faziam nas árvores essa operação, êle e eu iríamos caçar. Assim sucedeu. Em duas *montarias* debaixo dum sol ardente, cruzamos o rio. Entramos no *igapó* e por entre galhos de árvores, parasitas e *tiririca*, que cortava como navalha, tam fina era, chegamos a terra firme. No meio do *Igapó* entre «*faveiras*», a uma altura regular, subindo lentamente um galho de árvores ia uma *preguiça*. Com a minha espingarda de carregar pela bôca quis atirar-lhe um tiro, mas D. Joana que ia na minha *montaria* com o Antonino, seu sobrinho, a remar, não deixou porque era ani-

mal que não se comia, nem causava mal e seria um tiro perdido.

Uma subida íngreme de terra preta, húmida, com árvores colossais, há muito tempo por machados derrubadas com evidentes sinais de *queimada*, após o roçado, foi o ponto onde chegamos. Havia pés de tabaco plantado por D. Joana e sua gente. Depois das *montarias* amarradas subimos com esforço e com cuidado, porque por aquêles sítios, abundavam as *surucucús* e as *sucurijús*, cobras de água que laçando uma pessoa ou um boi, apertam-no de tal forma que lhe quebram as costelas e matam-no. As *mutúcas*, moscas pretas com asas verdes, eram daquêlê lado do rio, de uma impertinência atroz. Em árvores altíssimas despidas de folhagem havia infinidade de ninhos, de *japins* pendurados.

Introduzimo-nos na *selva* e ao chegarmos à primeira *seringueira*, as mulheres principiaram com o seu trabalho enquanto nós, Antonino e eu, com o terçado desembainhado na mão direita e a espingarda ao ombro esquerdo, sem medo de cobra ou qualquer reptil, por cima de um tapete espêsso de fôlhas sêcas, iamos abrindo picada até encontrar sinais de caça. A uns quinze minutos de caminho, divisamos um *igarapé* pequeno e pisadas de porco bravo *caetétú*.

—Vamos até ao fim do *igarapé*, diz Antonino, que êles devem estar a chafurdar no tejuco. Ouvia-se ao longe o pássaro *pica-pau* que pelo eco das suas bicadas dava a impressão de que era gente a derrubar, a machado, árvores.

Estavamos a arregaçar as calças para caminhar por dentro de água, quando sentimos perto, barulho de *cotias* a comer. Passo largo, silêncioso, dedo no gatilho, fomos direitos ao sítio, ao comedouro, onde estavam desconfiadas cinco. Dois tiros ecoaram ao mesmo tempo, na floresta e duas delas como dois ratos grandes, amarelos, sem cauda, estavam

tombadas. Contentes carregados de novo as espingardas, acabamos de arregaçar as calças e chape chape, fomos pelo igarapêzinho acima, atrás de *caetétus*. Quando tínhamos andada uns cinqüenta metros, sentimos a pouca distância o trotar de um cavalo, mas em carreira curta, porque logo parou. Com os cabelos em pé segui o rapaz, que em língua indígena, me dizia:—Ari-cá-tu! Ari-cá-tu! que quer dizer: Venha depressa e com cuidado, ou coisa parecida. Pusemo-nos de cócoras para ver por baixo das árvores o que seria e a dois metros de distância vimos um bicho como um grande porco, mas de cauda formando penacho.

—É porco? Perguntei baixinho.

—Não, é um *tamanduá bandeira*, diz o Antonino, enquanto punha a arma à cara, para atirar.

A espoleta do ouvido da arma, falhou-lhe, mas a minha estava pronta e rápido o meu tiro partiu. O animal deu uma carreira curta e parou.

—Caíu morto, disse eu contente.

Fomos cortando *cipós* e plantas rasteiras, à procura do animal e encontramos-lo estendido de barriga para o ar.

Qual não foi o meu espanto ao ver que os olhinhos pequeninos do bicho se moviam, estava vivo. Tirei o Terçado da bainha para com êle cortar-lhe o focinho comprido e matá-lo, mas o Antonino, puxou-me rápido, desesperado, com fôrça pela minha blusa e metendo a arma à cara, deu-lhe um tiro matando-o.

—Então não era mais fácil matá-lo com o terçado? Perguntei.

—Não. Era perigoso, porque você baixava-se e êle agarrava-se ao seu «*cangóte*» e podia ser-lhe fatal. Demos um grito agudo que ecoou na imensa floresta, a chamar as mulheres. Elas logo responderam, foram ver do que se tratava e ajudar a destripar o animal. Findo o trabalho das *seringueiras*,

uma das *cabôclas*, na retirada, conduziu às costas o *Tomanduá*. Ao chegarmos com a caça às *montarias* notamos à beira rio bem impressas as pégadas da *onça* que esteve a cheirar, a procurar ali qualquer coisa.

—Estará ela a olhar para nós e sem a vermos, disse eu meio assustado.

—Não está longe, disse D. Joana.

Embarcamos, olhando bem para cima, para as copas das árvores do *Igapó*. Enquanto o Antonino de olho atento, arma ferrada, procurava ver se descobria a traiçoeira fera, D. Joana e eu iam remando ou empurrando com as mãos de galho a galho das árvores, a canoa. Felizmente saímos bem sem nenhum mau encontro e o dia foi bem ganho, diz D. Joana, porque o *tamanduá*, dá carne para alguns dias, e a pele dá dinheiro.

No dia seguinte fez-se uma relação das mercadorias existentes na sala-armazém. Marcou-se tudo com os preços de venda. O que custou dez, marcado trinta. E como norma futura de compra, a borracha fina que, no Pará, o quilo dava oito mil réis, devia-se pagar com mercadoria, já se vê, de quatro e quinhentos até seis mil réis. Em cada bola de seis quilos sendo bem sêca, um quilo de tara e assim em proporção a tôdas aquelas que aparecessem. Estas eram as instruções que do Joaquim Borges recebi para o caso forçoso de êle estar auzente.

Passaram-se dois dias sem sair de casa, sem ir à pesca ou à caça. Só o índio Jerônimo é que nesses dias trouxe *pácas jabutis* — além de várias *aráras* e *papagaios*.



(Cl. do Autor)

RIO AMAZONAS — BRASIL — Um pôr do Sol

XIII

Como se agarram as *Cambéuas*

TRÊS dias após a morte do *tamanduá*, reüni o Antonino e o Pedro e propuz-lhes pedirem à D. Joana licença para deixarem ir connosco três *caboclas* à praia dos *Juazeiros* ou a outra qualquer, virar *cambéuas*. Ficaram radiantes com a lembrança. O pedido foi feito e deferido, mas em vez de três iriam quatro, uma mais velha para tomar conta. Não estava no meu programa essa solução, mas tivemos que nos conformar e numa *montaria* grande, fomos na tarde seguinte, depois da anuência do Joaquim Borges e a aprovação do Raimundo Santos, correr as praias.

— O tempo é-nos favorável, diz o Antonino, porque vem trovoadas e é quando elas em maior quantidade, saem da água.

Puxamos para a praia o barco, viramos a quilha quasi para cima e para o lado donde vinha o aguaceiro, metendo-nos de baixo, de cócoras, até que a chuva parou. Calados, a vista estendida pela praia fora, vimos as *cambéuas* sairem do rio para desovar. Deixamos que subissem e falando baixinho quasi ao ovido combinamos: — Os homens devem correr o mais que puderem para irem agarrar, virar, as de mais longe; as mulheres viram as de mais perto. Com esta combinação, todos colheram a

sua, excepto uma *tapuia* que ágil e prática, virou duas. Dizia a D. Joana que nunca, em tam pouco tempo, as suas *tapuias* caçaram tantas.

É interessante êste número desportivo. A *campéua* segundo alguns *tracajá*, é da família da tartaruga de tamanho mediano. O casco, regularmente, tem de largura uns quarenta centímetros. Elas quando o rio baixa, saem à praia, vão longe, fazer uma cova raze e ali, cada uma, larga dezenas de ovos. Cobre-os com areia, e depois dá em cima para despitar os animais que os procuram para comer, muitas voltas a disfarçar as pégadas e voltam ao rio.

Quem choca os ovos é o sol e todos os dias elas vão ao escurecer, ver se o seu ninho está como deixaram. É nessa ocasião que se agarram com facilidade. Basta para isso introduzir três dedos entre o pescoço e o casco, virá-la de peito para o ar e deixá-la, tratando de agarrar outra. A que estiver virada jamais se endireita. Levam-se vivas e depois em casa com um machadinho ou mesmo facão velho, quebra-se o peito pelos lados, corta-se a cabeça e as quatro patas e no mesmo casco, assa-se tudo, ficando um pitéu excelente. As covas dos ovos, descobrem-se com um pau que se vai espetando entre as pégadas. Onde estiver mais ôco tira-se a areia e lá se encontram. Tem êstes a gêma amarela sôlta e a pele, como pelica é branca.

Numa *cuia*, crús, com farinha e açúcar, comem-se bem sem causar náuseas e antes são de sabor agradável. Os que escapam à voracidade dos animais ou dos homens, quando o rio cresce, estão chocados e então ficam no fundo das águas, desde a foz até à nascente do rio, dezenas, centenas, milhões de *campéuas* ou *tracajás*, a crescer para, anos depois serem agarradas como foram essas oito.

Início das viagens comerciais

A SAÍDA do barco-estabelecimento tinha que realizar-se um dia e êsse dia chegou. A vida de regatão que, dizem alguns, só é profissão de português ou sírio, era também de brasileiro, porque o Joaquim Borges era filho de Itaituba, nasceu nas margens dêsse rio, que ia mais uma vez correr e nêle negociar.

— Até quando? Perguntou D. Joana saúdosa.

— Um mês ou mais tardar mês e meio. Respondeu o Borges.

O vento estava à feição, vinha do sul. Borges tomou o leme enquanto eu e o Pedro preparavamos as velas. Parecíamos conhecedores do *métier*, éramos uns perfeitos marinheiros, não encontramos dificuldade alguma e em pouco tempo as velas estavam enfunadas, que, branquinhas, faziam o barco deslizar contra a corrente subindo o rio. Parecia uma colossal gaivota, de asas abertas, arrastando-se pela superfície das águas. O leme e a *escuta* da vela grande, passou para mim. O Pedro tinha a seu cuidado a *bijarrona*, a *retranca* e a *escuta* da vela de proa. O rumo era *Meritituba*, mas nas choças que encontramos antes do pôrto do destino, paramos para fazer negócio. Entravamos num pôrto encostavamos ou encalhavamos o estabelecimento na praia e con-

vidavamos o *seringueiro*, que ali morava, para vir ver as novidades. Preguntavamos-lhe se tinha borracha para vender. Dizia sempre que não. Só depois de ter tragado um ou dois « porres » é que, com mêdo que o seu fornecedor, patrão, viesse a saber, pedindo muito segrêdo, ia buscar uma das pequenas bolas de borracha fina ou *sernamby*. Se tinha mulher comprava qualquer adôrno de fantasia e *cachaça*. Se era solteiro café, açúcar, *cachaça*, chumbo e pólvora. A *cachaça* sempre fez parte das compras feitas por um *seringueiro*.

Tínhamos negociado em duas choças da margem, por isso só no dia seguinte de manhã, é que entramos em *Miritituba*.

Ocultamos o que tínhamos comprado, porque os *seringueiros* eram fregueses ou escravos, tinham um débito grande na conta com o Coronel Simplicio, o senhor do lugar.

As dez da manhã, ajudados pelo vento, seguimos viagem. Não por muito longe da costa porque o vento podia parar de repente, o que assim succedeu. Eu, pela primeira vez, enquanto navegavamos à vela, tive que fazer treino de paciência, que é do que muito se necessita para guiar ou conduzir um barco. Dorso dobrado sôbre a tolda de madeira, pé no rabo do leme, o cabo da *escuta* na mão, depois de passar por uma argola; o ôlho atento à proa, a ver ou a manter o rumo certo do barco, sempre ao pôrto a que vai dirigido. De manhã o vento mantem-se mais tempo, de tarde vem calma-ria, as velas sacodem-se, quais bandeiras enormes, de paz, presas às hastes. Então bordejando-se com um quarto a bombordo e depois a estibordo navega-se quási até à outra margem, dobrava-se, dá-se volta, os panos cambam para o outro lado, e, com o pouco vento que há, em dois ou três bordos, alcança-se o pôrto a que nos dirigimos. Quando o vento ainda que seja chamado por buzina, não vem,

vai-se para as margens e empurra-se o barco com as *marás*, varas.

Foi o que sucedeu depois da nossa saída de *Miritituba*, parte navegando à vela e parte empurrando pelas margens. O Borges passou para o leme e eu com uma vara comprida, ferrada na base, empurrava do lado da terra, que havia menos risco. O Pedro com outra igual, empurrava pelo lado de fora. Iamos à proa os dois, atirávamos ao mesmo tempo as pontas ferradas para a água, além da proa e como o barco ia pelo impulso nosso, em marcha, quando a vara principiava a ficar inclinada para a frente, fazíamos força com todo o peso do corpo, virando-nos de repente e com a ponta encostada ao ombro, empurrávamos até à pôpa. Arrancada rápido da água, voltamos pelo caminho de tábuas da largura de vinte e cinco centímetros, a correr novamente à proa, para a atirar de novo e seguir a mesma operação. Neste vai-vem constante andamos de pôrto em pôrto pela margem do rio durante tôda a viagem. Só quando a distância de um pôrto a outro demorava meio dia é que aproveitávamos o vento que houvesse.

Ao experimentar essa modalidade do meu viver, é que comecei a compreender a tolice que tinha feito. Deixar a vida do Pará, onde principiava a gozar de um prestígio, que a muitos causava inveja, para me entregar àquela vida.

Que diferença havia entre mim, europeu, português, branco e o Pedro, prêto analfabeto e escravo? Que satisfação deviam sentir os indígenas ao verem um descendente dos seus dominadores, descobridores e civilizadores, ser seu escravo. Sim, porque o Joaquim Borges era filho de português, minhoto e de uma descendente de índio *Maués*. Nas suas veias, portanto, corria sangue europeu e brasileiro nato. A minha posição, portanto, era irrisória porque sendo eu descendente dos dominadores, passei

a ser dominado. Sendo um europeu livre, passei a ser escravo de selvagens com capa superficial de civilizados. Escusado será dizer que dia e noite pensava na minha triste e baixa situação. Ao dar-me conta do êrro que tinha feito, no laço em que tinha caído, formei o meu programa, a minha directriz, com firmeza. Era de, o mais depressa possível, pôr-me ao largo, voltar para o Pará. Jamais manifestei o meu propósito, porque isso daria causa a que a escravidão fôsse perpétua. Esperei a oportunidade, ela havia de chegar e chegou. Mas não foi sem passar trabalhos sem conta. Foi muito devagar, não tam depressa quanto era meu desejo.

A viagem ao alto *Tapajós* até à cachoeira, continuou como estava projectada. Tocamos em todos os portos da margem. Pescavamos, cozinhavamos, dormíamos em qualquer praia onde não faltavam infinidade de mosquitos, quer de noite quer de dia. Recolhemos nas praias durante essa viagem tantos ovos de *tracajá* que enchemos uma barrica, que tinha sido de açúcar.

O rio é fértil, basta deitar a linha ou tarrafa para não faltar peixe para as comidas. Mas tudo cansa na vida e para variar, de vez em quando paravamos, fazíamos uma trempe com paus cortados nas matas e por baixo uma fogueira. Numa panela de ferro fervia-se duas ou três vezes, mudando a água já se vê, para tirar o sal, um pedaço de carne sêca que prèviamente era cortada aos bocadinhos. À quarta fervura deitava-se-lhe o arroz, que cozinava e quando estava prestes a secar, a desaparecer a água, era tirado do lume e servido. Êste era o prato de mais luxo feito sem tempêro algum, a não ser o sal, que ainda ficava da carne. Outras vezes pelo mesmo processo, cozinhavamos *pirarucú*.

O cúmulo da comodidade e da indolência

A VIDA ali para os que podem ser patrões é um paraíso. Os comerciantes por estarem isolados uns dos outros, léguas, são senhores absolutos de vidas e fazendas. Especialmente os que possuam *estradas* de *seringueiras*. Estão rodeados de escravos, gente para os servir. Tem o seu harem de *tapuias* odaliscas, para escolher. Alguns, pela apatia, por não fazerem coisa alguma, e terem essas comodidades, tornam-se demasiadamente indolentes a ponto de armarem a rêde no centro do estabelecimento, deitarem-se e fumando, tocando harmónica ou violão, se chega um freguês, a querer qualquer coisa, sem se moverem do sítio, dizem: — Oh! Juca, tira tu mesmo da prateleira o que desejas. Se é um *porre* diz: — Serve-te, tens aí a garrafa.

— Adeus, seu Chico, diz o cliente, tome nota, que depois pago.

O freguês depois de se ter servido marcha e êle fica na mesma posição, sem deixar a rêde, o cigarro, o instrumento que toca. À tarde vem lá do fundo da *palhoça*, da cozinha, que sempre está separada do corpo da casa, uma filha, se a tem, senão a própria mulher, de charuto ou cachimbo ao canto da bôca, trazer-lhe uma chícara de café. Quem chegar nessa ocasião, conhecido ou desco-

nhecido, é convidado, toma café também. Ao declinar o dia desce tãda a família à praia, se o estabelecimento está situado à margem do rio; ou ao *igarapé* se é no interior. Tomam o seu banho em plena nudez, pai, mãe, e filhos. Deixam a água secar no corpo, vestem-se molhados e vão para perto da fogueira, ver como a caça, a carne sêca, ou *pirarucú*, se assa. Quando lhe apetece, das muitas *tapuias* que tem para os afazeres caseiros, escolhe uma e diz-lhe:— Vem daí, traz o terçado, vamos fazer uma picada, abrir caminho para o *igarapé-punam* ou outro trabalho e lá vão os dois pela selva dentro. Dali a nove meses, a população aumentou e ninguém, nem a própria mulher indaga quem foi o reprodutor.



RIO AMAZONAS — BRASIL — TAPUIAS preparando a CAÇABE — farinha de raiz
de mandioca chamada DAGUA



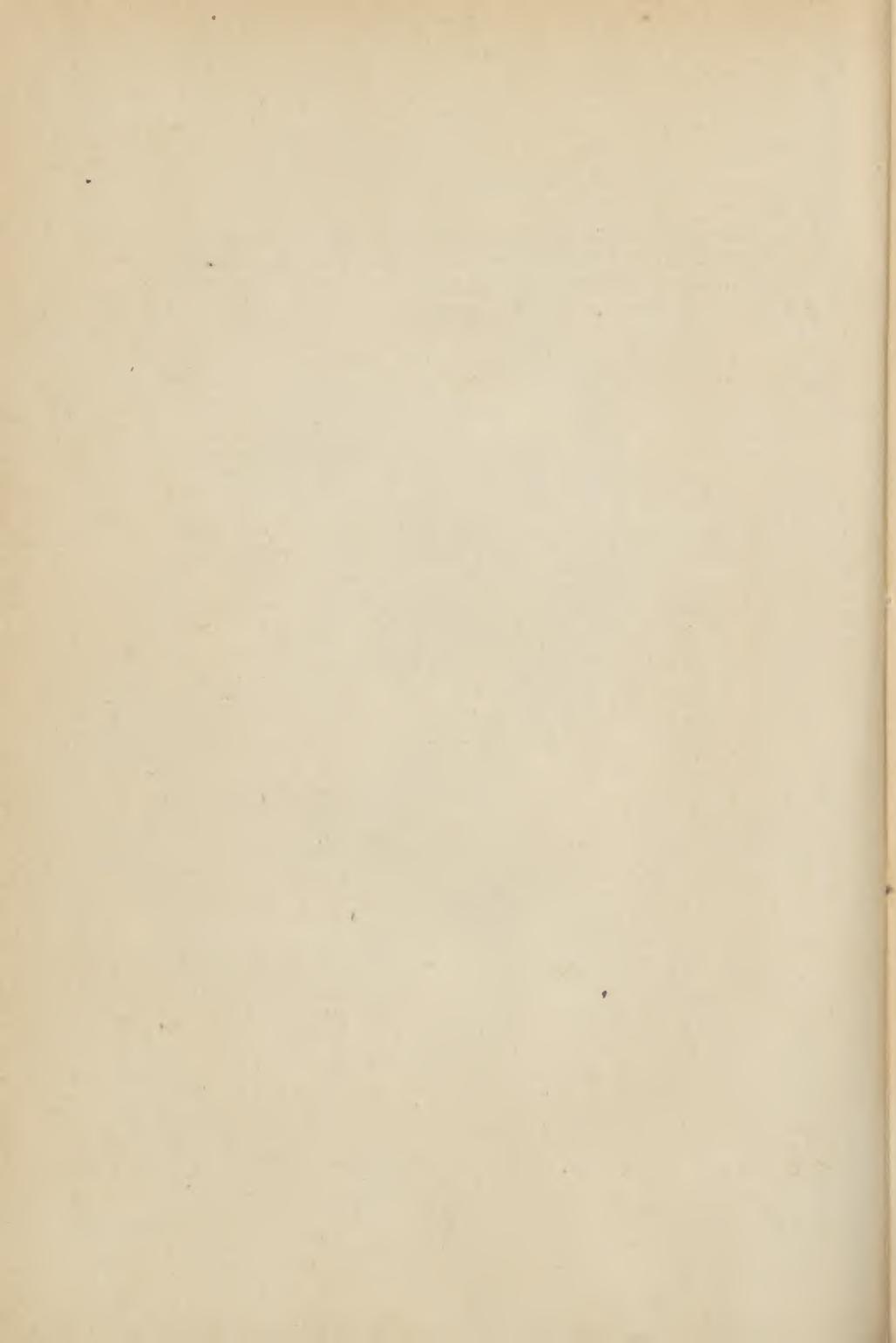
Como se fabrica a *cacábe* farinha d'água

As *tapuias* ou as *cunhantãs*, que são as caboclas novinhas, cuidam das plantações do milho, tabaco, mas sobretudo da *mandioca*, porque é dela que fazem a farinha. Colhem grande quantidade da raiz dessa planta. Uma batata do feitio duma espiga de milho, com casca grossa, escura. Juntam quantidade, deitam-na tôda dentro de uma *montaria* nova ou velha, cobrem-na com fôlhas de bananeira ou de palma, atam-na com *cipó* ao barco e metem tudo no fundo do rio, no pôrto da casa, junto à praia. Aí, fica dias amarrada recebendo a corrente das águas até amolecer. Quando vêm que está em condições levam-na em bacias ou tableiros grandes, para a cozinha ou um alpendre. Descascam-na, passam-na por um crivo ou peneira feita com talas de ramos de palma entrelaçada. Repassam-na, removem-na até ficar polpa.

Quási tôdas as casas ou *choças* de importância, tem fôrno para torrar *mandioca*, fazer farinha d'água. Consiste o forno em uma parede em círculo com o diâmetro mais ou menos de metro e meio e com a altura de um a um e vinte. Essa parede tem uma abertura por onde metem a lenha para queimar e em cima uma espécie de certã de ferro sem rabo, com o mesmo diâmetro do círculo, para abarcar a

parede por todos os lados. Tudo isto situado de-baixo dum alpendre alto, coberto de palha, sôbre paus a pique, sem paredes dos lados, no fundo do terreiro, nas traseiras da casa. Ao lado do forno, preso a uma travessa, do tecto do alpendre, penduram uma espécie de tubo tecido com talas, também de ramos de palma, que encolhe, fica largo e curto, estira, fica estreito e comprido, chamam-lhe «tipiti». Carregam êsse tubo com a polpa da mandioca, penduram-no e como em baixo é fechado e tem uma alça, metem-lhe um pau comprido atravessado. Êsse pau tem uma das pontas metida num buraco do principal esteio do alpendre e a outra ponta livre. Uma *tapuia* senta-se na ponta livre do pau e o *tipiti* vai-se estendendo, comprimindo e espremendo a polpa. A água que escorre tem o nome de «*tucupy*» e cai em um alguidar. É venenosa essa água e os animais que a beberem morrem. No Pará é apreciada para mólho, especialmente para servir em pequena quantidade, com a «*Páca*» caça do feitio da lebre. É o luxo dos melhores restaurantes anunciarem que tem como prato do dia, «*Páca no tucupy*». Essa água fica vários dias no alguidar, para deixar no fundo um polvilho branco que é a *tapioca*. Esta, torrada, vende-se para *mingaus* e sem torrar, para engomar roupa. A grande certã de ferro, com fogo por baixo, deve estar quási ao rubro para espalharem a polpa da *mandioca* que duas mulheres, uma de cada lado, com uma espécie de ancinho de madeira vão remexendo levemente até ficar torrada. Estando em condições, tiram-na com pás de madeira para os *paneiros*. Êstes são uns cestos de talas de palma entrelaçadas com espaços largós. Para deitar nêles a farinha forram-se prèviamente com largas fôlhas de bananeira ou de outras árvores. No Baixo Amazonas, Estado do Pará, existem famílias que se dedicam só a fabricar desta farinha, que dizem de água pela mandioca estar de mólho e depois vão-na

vender à Capital do Estado, Belém, transportada em barcos. Esta farinha é o pão do pobre Amazonense. Dei-me ao trabalho de observar e tomar nota dos usos e costumes daquela gente.



Evocação de casos que não voltam

DESDE *Miritituba* a *Itaituba*, seguindo depois por «Bela-Vista», «Ubiriba», passando pela «*Bôca do Jacaré*», afluente do *Tapajós* que tem o seu nome pela abundância de *caimãis* que ali se criam, chegamos ao «*Apuhy*», primeira cachoeira. Tentamos subir para fazermos uma visita à família Gualdino, que tam gentil foi connosco quando da nossa estadia no Maranhão. A todos seria agradável recordar os dias tranqüilos, felizes, que com essa família passamos. Em São Luiz do Maranhão não havia cachoeiras traidoras, mosquitos impertinentes e venenosos e tantas coisas a que todos os dias nos viamos obrigados a fazer frente, para defender a vida.

Ali era tudo alegria, convívio social, descanso, vida de rico. Aqui, precipícios, trabalhos e riscos. Oitenta coisas favoráveis ao nosso mal, contra vinte para o nosso bem, ou seja para conservar a existência.

Os três, Borges, eu e Pedro, num esforço supremo, tentamos romper a impetuosidade da corrente, num afã de reviver com aquela família amiga, a veneranda D. Maria e a diabólica Dilôca as tertúlias, os bailes, que na sua casa se deram.

Foi impossível, as águas puderam mais do que nós. O barco era grande e pesado, não era tarefa

fácil para três homens. Ainda chegamos a tirar a roupa, metemo-nos na água, subimos para as pedras espalhadas entre a correnteza, para, por meio de cabos, puxar o barco, mas tudo foi inútil. Era mesmo arriscado a perder haveres e vidas. Os pais de Joaquim Borges ali naufragaram e só por milagre se salvaram. Era um português minhoto, corajoso, acostumado às ondas encapeladas do mar, no entanto com a espôsa e uma filha, viu-se perdido naquela mesma cachoeira, que agora o filho Joaquim queria subir. Foi tal a impressão sentida nesse naufrágio que deixou aos filhos a narração escrita dos momentos de angústia porque passou, a qual dizia assim:

À poste-ridade «No ano do Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos sessenta e três, no mês de Janeiro, em *Itaituba* Rio Tapajós. O que vai escrito e narrado é para que os meus filhos saibam o quanto custa um homem vencer na vida, longe da sua Pátria, do torrão que lhe foi berço, num país que para muitos será padraсто, enquanto que para mim foi um irmão amigo, hospitaleiro e bom, a-pesar das vicissitudes por que passei. Para que conheçam os trabalhos sem conta, os riscos a que se expõe um pai para legar aos filhos um pecúlio que facilite a sua entrada na actividade humana. O constituir um lar, longe do seu país, força o homem a desmedida ambição. O fixar o seu domicilio na terra daquela que escolheu para sua companheira, é o renunciar à sua Pátria para tomar definitivamente a dos seus filhos, rebentos queridos para quem vai nestas linhas a mais lata, a mais sincera e pura afeição, embora a nostalgia do torrão natal nos invada a alma, o coração. Nasci nesse país de sonho e poesia que se chama Portugal. No cantinho modesto, mas para mim sempre lindo

do pequenino canteiro dêsse jardim florido, que é a província do Minho, nessa diminuta terra banhada pelo mar e pelo Cávado, chamada Fão. Desde pequeno acostumado a mergulhar, a estender a vista pela imensidade do intranquillo oceano, filho de uma terra de marinheiros corajosos e intrépidos e pertencente a família de construtores de navios, que corriam mundo em tôdas as direcções, gestionei-me ao ver os meus conterrâneos partir. Decidi também vir à procura da felicidade, para onde houvesse mais campo, para onde coubesse ou pudesse dar largas à minha incontida ânsia de ficar rico. O Brasil seduziu-me, atraíu-me e depois de o percorrer do sul ao norte, do rio Grande ao Pará, aportei aqui, ao Rio Tapajós. Subalterno ou quási escravo em princípio, mas pronto, impondo-me pelo meu trabalho, cheguei a patrão. Para chegar a esta posição não vos digo os trabalhos por que passei, para não vos entristecer, na certeza que sempre fui honesto e crente em Deus Nosso Senhor. Jamais pratiquei actos que vos pudessem envergonhar. Um dia encontrei em *Itaituba* a ventura, representada, personificada em vossa santa mãe, na fiel e dedicada companheira. Se ela me sobreviver, jamais deixeis de cumprir com o vosso dever de amor e carinho de bons filhos; quer os que existem, quer os que Deus me der após êstes momentos de disposição para vos dedicar estas linhas. Ela serviu-me de estímulo, mas após o casamento, por acção do clima e do meio, ia-me embrenhando na indolência, perdendo a ânsia de riquezas, deixava-me escorregar pela indiferença de viver. Veio o primeiro filho, sangue do meu sangue, despertou em mim novamente o afã de trabalhar, até conseguir um pecúlio para vos deixar. Comecei a medir as responsabilidades de um pai. As fôrças redobram, a luta foi titânica, constante, heróica, fiz-me comerciante *regatão* e não sei o que faria para vencer, para alcançar a

meta da comodidade na vida. Corri as duas margens do rio Tapajós, de «*Aveiro*» até ao *Apuhy*, de *Pinhel* até ao alto das cachoeiras, tendo por base e quartel general em *Itaituba*, onde tinha assente o meu lar. Com vossa mãe, minha boa espôsa, veio-me a Divina Estrêla, que me protegeu. Passados poucos anos, vi o saldo nos livros dos meus fornecedores no Pará aumentar e formar-se o peculiozinho ambicionado. Começou então para mim na minha mente, uma obcecação constante de regressar com a família à minha Pátria distante. Com o aumento do saldo a meu favor, veio o aumento dos filhos. A saúde estava ressentida, abalada, para a reaver e fortificar resolvi, com a mulher e os filhos, embarcar para a Europa, para êsse reduzido mas encantador cantinho do mundo que é Fão. Quis rever os anos da infância, da adolescência. Os sítios onde brinquei, a escola onde aprendi, mostrar aos meus filhos a pureza, o respeito, o sentimentalismo, que reina em um lar português. Os outeiros e as serras; as quebradas dos rios portugueses; as praias e o mar; a maravilha das nossas cuidadas campinhas; os frutos deliciosos, tam diferentes dos do Brasil; os jardins floridos; terras limpas da impertinente bicharada, que devido ao clima, tanto mal faz ao agricultor brasileiro. Para que vissem que o luar de Portugal também tem o encanto do luar sertanejo. Como a fé religiosa está entranhada no espírito do povo português, tanto, ou mais do que no brasileiro. Na certeza que todos haviam de gostar, pois a-pesar de ser Fão uma povoação pequeníssima, era superior a *Itaituba*.

Mas antes de partir tive que tomar algumas disposições.

Naufrá- Quis como despedida da vida trabalhosa
gio. e arriscada de *regatão*, fazer a última viagem comercial ao cimo das cachoeiras, lá bem ao alto do *Tapajós*. Tinha ali dedicações, compadres e amigos, a quem devia inesquecíveis atenções. Como ia demorar um mês pelo menos, pois tinha cobrança a fazer, negócios a liquidar, level dois barcos que com vossa mãe e vossa irmã Maria, que tinha dois anos e dez meses, seis *tapuios* e duas *tapuias*, filhas de índios mansos criadas por nós e a nós muitos afeiçoadas. Fiz negócio e a cobrança. Estavamos no mês de Outubro de 1862. Marquei o dia um do mês próximo de Novembro para regressar à nossa casa em *Itaituba*. Chegou o dia, os barcos estavam desde a véspera carregados e prontos para a partida, era só conduzir as nossas rêdes para bordo e seguirmos. A Maria Vitória estava muito doente, tinha pressa de chegar a casa para a tratar devidamente. Quando dava ordens para no dia seguinte sairmos, chega-nos aviso de que amigos nossos vinham em caminho para nos abraçar. Já não podia sair nesse dia, tive que suspender a partida para o dia dois. Aqui principia o trágico, o lancinante, o quâsi fatal acontecimento do naufrágio. Os amigos como demonstração de amizade, pernoitaram junto connosco, na mesma barraca, que ficava situada na bôca do rio denominado *Jani-naxim*. Eram êles o compadre e amigo Guerra, Quirino e o Joaquim Pereira. As cinco da manhã todos estavamos no pôrto, para nos despedirmos. Os *tapuios* e as *tapuias*, embarcaram primeiro para tomarem os seus postos de remo na mão. À hora certa trocamos abraços com os amigos e partimos. No meu barco iam minha mulher, minha filha, Maria Vitória, duas *tapuias* e dois *tapuios*. No outro, quatro *tapuios*, um no leme à proa, para evitar que

o barco com a impetuosidade da corrente, fôsse contra as enormes pedras existentes e salientes, espalhadas pela cachoeira. Os outros três para manter a estabilidade do barco, não deixar que se atravessasse porque se isso sucedesse, virava, ia ao fundo. Estas foram as ordens que dei aos tripulantes do meu segundo barco, a mais, que deviam largar do pôrto dez minutos após a minha saída para não haver encontros ou choques, que além de ser perigosos, podiam ser fatais. Mandeï largar o primeiro levando comigo minha mulher, ao centro, entre a tolda e a carga, com a filha ao lado. Até à altura da feitoria do Antônio Caetano Maciel, tudo ia bem, mas de repente, inesperadamente, o céu toldou-se, o vento soprava rijamente, os relâmpagos sucediam-se, cruzavam-se em tôdas as direcções, os trovões ecoavam fazendo tremer a terra; cresciam colossalmente as águas. Pavorosa tempestade vinha de longe, de Mato-Grosso, talvez. Eu na pôpa do barco fazia titânico esforço para o manter a prumo, a favor da impetuosa corrente. Tudo foi inútil, êle atravessou-se e em miléssimos de segundo estavamos naufragados. Não deu tempo a alijar a carga ou a tomar outra qualquer providência. Agarramos aos garrafões vasilos e deles fizemos bóias. Sempre ao lado do barco virado, mergulhado, levado pela corrente. Suspendi minha mulher e coloquei-a em cima da tolda de madeira que ia fora dos cachões das águas. Amarrei um lenço de sêda ao tiracol e entre êste e o meu corpo, meti minha filha. Gritamos. Os gritos chegaram aos ouvidos do Caetano Maciel que com gente correu à margem, mas como era figadal inimigo meu, assistiu indiferente à triste cena. Não teve o mais leve gesto de compaixão. Enquanto aflitos seguíamos à mercê das águas, êle com desprêzo pelas nossas vidas, retirava para a sua choupana. Nem a inocente criança presa às minhas costas o comoveu. A outra canoa vinha um

pouco mais atrás e eu como previsse que lhe sucederia o mesmo, se tentassem socorrernos, ordenei por sinais que passasse, que não se aproximasse ou se preocupasse connosco. Assim seguimos léguas em vertiginosa carreira agarrados todos ao barco afundado, na esperança de que alguém nos salvaria, que aquêl tormento prestes acabava. Não foi assim. Tive que mandar um dos rapazes sôbre uma tábua à margem para aliviar o pêso e a pressão que fazíamos sôbre o barco e para avisar alguém que pudesse prestar auxílio. A margem esquerda ficava a umas quarenta braças. Quando chegamos defronte da feitoria do Bonifácio Gomes, homem a quem eu tinha protegido, êste ouviu os nossos gritos e veio em nosso socorro. Fez tudo que humanamente se pode fazer em tais casos, mas foram baldados os esforços. A ventania, o volume de água naquela altura, impediram a nossa salvação. Em poucos minutos desaparecemos no torvelinho da descida, na imensa e grandiosa catadupa das águas. Mandei segundo rapaz sôbre outra tábua da canoa que íamos agarrados, a ver se conseguia alguém na margem, que nos viesse socorrer, a ver se seria mais feliz que o primeiro, mas nada. Íamos sempre à mercê da correnteza. Minha filha pedia-me que a tirasse da água, que sentia frio. Não hesitei, agarrei dois garrafões, ateios pelas asas ao peito, suspendi a filha com uma das mãos e com a outra nadava para terra, abandonei o barco onde ia minha mulher. Apenas tinha nadado umas trinta braças senti enfraquecer-me as pernas, doer-me os joelhos e vendo que ia cansar de lutar voltei, ou procurei voltar de novo para o barco. Com muito custo pude agarrar a ponta de uma anágoa, que minha mulher vendo-me em tam grande perigo, me atirou e puxou até eu me aproximar. Perdi a esperança de auxílio humano. Eu sabia que sôzinho me salvaria mas não... Se minha mulher e filha morriam, era dever meu mor-

rer com elas. Estava num estado desesperador convencendo-me que morria infalivelmente. Virei-me para o céu em altas vozes, pedindo a Nossa Senhora Santa Ana o seu misericordioso auxílio, a nossa salvação. Eu crente e sincero católico, não podia duvidar da sua protecção. Continuamos a pedir com fervor, minha mulher e eu. De repente na nossa frente apareceu um *tapuio* com uma canoa para nos salvar. Ali o degrau da cachoeira era mais extenso, as águas estavam mais calmas, embora a fôrça da corrente fôsse a mesma. Embarquei na canoa do *tapuio* minha mulher e minha filha e levei-as a terra. No caminho, agarradas a um penedo agudo, ficaram as duas *tapuias* de onze anos cada. A minha preocupação foi logo de as ir buscar. O barco tinha encalhado entre duas pedras baixas, fui buscar os meus livros de comércio que estavam debaixo da tolda e que, embora um pouco molhados, salvei-os, não podendo salvar mais nada. Estavamos na cachoeira do *Boburé* cansadíssimos de lutar contra os elementos e quási nús. Na feitoria dêsse *tapuio*, nosso salvador, com um pouco de farinha que nos deu e água do rio, fizemos *xibé*, que excepto eu, todos beberam. O nosso corpo ficou tostado e de tal forma que a nossa pele largava ao simples roce. Minha filha piorou. Agradei ao *tapuio* que Deus me mandou e pedi-lhe que me levasse para cima, para a feitoria do Bonifácio Gomes. Chegamos ali ao meio dia e então nada nos faltou. O pobre homem estava com febre, a família tôda com impudismo, mas pôs tudo à nossa disposição, privando-se do necessário para os seus. A outra minha canoa largou, em baixo da cachoeira, a carga, sôbre umas pedras e voltou a procurar-nos, encontrando-nos sãos e salvos, em casa do Bonifácio. Mandeí continuar a viagem a fim de ver se ainda seria possível no *Apuhy*, última cachoeira, apanhar a carga, que por ser borracha boiava. Alguma se agarrou.

De cento e cinqüenta arrôbas que a minha canoa levava pouco abaixo da *maloca do Boburé* agarraram para cima de cem. Quem a juntou e recolheu foi o Nicolau, filho de António Pires, um generoso e amigo cuiabano. Além da borracha salvou muitas coisas como roupas e alguma salsa medicinal. Como precisasse de açúcar mandei a uma maloca próxima pedí-lo, e os portadores do recado só à meia noite voltaram. No dia seguinte pedi aos índios que, com o Bonifácio, me ajudassem a desencalhar o barco de entre as pedras. Depois dêsse serviço feito, mandei de novo carregar os dois barcos, com a carga dividida e equilibrada e seguir viagem. Quando quis agradecer aos índios o favor prestado, êstes tinham desaparecido. Cheguei a *Uruá*, onde encontrei o salvador da carga, o Nicolau e outros conhecidos e amigos. Ali dormimos todos, emprestando-nos roupas, rêdes e tudo que precisavamos. No dia seguinte vi a minha querida filha perdida, a febre aumentou, uma aflicção constante, com sintomas de morte. Dei-lhe uma pequena dose de quinino e ao defecar deitou grande quantidade de vermes, lombrigas. Pouco a pouco, foi ficando mais sossegada e diminuiu a febre. Ao cair da tarde, puzemo-nos em marcha para a barraca do meu compadre e grande amigo, António Correia da Costa, que fica situada no fim da cachoeira do *Apuhy*, a última. Fomos recebidos com o máximo carinho, com as atenções que se dispensam às pessoas mais íntimas ou de família, onde acabamos de completar as nossas provisões, tudo o que nos pudesse fazer falta até chegarmos a casa. Largamos na madrugada do dia 4 e por entre ilhas e praias, navegando dia e noite, chegamos ao fim da viagem, a *Itaituba*, na madrugada do dia seguinte. No deplorável estado em que estavamos quando pedimos a protecção Divina, semi nús, fomos todos de joelhos, do pôrto à igreja, uns duzentos metros, eu com minha filha nos bra-

ços por assim ter feito a promessa. Mandei dizer uma missa em acção de graças a Nossa Senhora Santa Ana, que é da devoção da minha espôsa Ana, por nos ter salvo, por nos ter socorrido em tam aflitiva situação. Que íntima satisfação sentimos ao entrar de novo na nossa casa, no nosso lar! Todos os vizinhos nos vieram visitar e o naufrágio foi o assunto de muitos dias. Os prejuízos foram de alguns contos de réis.

Aqui termina o relato do momento angustioso que passamos com o fim de que meus filhos, os que existem e os que Deus ainda me der, saibam o que para bem deles, eu passei. Não posso ocultar a repulsa que sinto ao lembrar-me do proceder cruel, do carrasco António Caetano Maciel, que, impedernido, serêno, sem o mais leve gesto de comiseração, nos via levados pelas águas, a uma morte certa. E é português, custa-me dizê-lo e quâsi vizinho, porque é de Espozende. Com certeza degenerado, porque os espozendenses são de índole caritativa e boa. Tudo por uma fútil questão que tivemos um dia, deixava que eu e os meus morressemos, estando na sua mão salvar-nos. Eu, no seu lugar, não hesitava, esqueceria tudo para salvar o meu semelhante. Mas Deus não dorme, porque após o nosso naufrágio, deu-lhe o castigo merecido, do qual não me regosijo. Um incêndio lambeu-lhe a barraca, com tudo que dentro tinha. Até o milheiral que estava sêco e muito perto, assim como parte da selva, que circunda o terreiro da casa se queimou. Quando chegou das estradas, para onde tinha ido com a família trabalhar, mulher e filhos, encontrou ruínas, um desolador espectáculo.

Gratifiquei o *tapuio* que me salvou, materialmente bem; espiritualmente jamais pagarei, por que nada há que pague uma acção destas. A Bonifácio Gomes, também lhe agradei o melhor possível, os esforços empregados por êle, para me salvar. E por

assim ser verdade deixo tudo escrito, dando infinitas graças a Deus por permitir-me a vida para o poder fazer na véspera de embarcar para Portugal.

Itaituba, Janeiro de 1863.

(a) FRANCISCO DOS SANTOS BORGES ».

Tornou-se de todo impossível irmos a casa da família Gualdino. Resolvemos descansar no *Apuhy*, na barraca dos descendentes de Antônio Correia da Costa, onde o pai do Borges depois do naufrágio foi recolhido com tôdas as atenções e carinhos. A casa estava em festa, por ser dia do Santo de uma netinha do amigo do pai do Borges. Ouvia-se a harmónica, uma rabeça e um violão. Dançava-se e o dono da casa logo que encostamos, veio comprar algumas coisas que lhe faltavam e convidar-nos para o baile. Deixamos o Pedro a tomar conta do barco e fomos dançar com as *tapuias* e *cunhantãs* e até com pretas, que havia bastantes.

O Pedro, encontrando-se sòzinho, enquanto distraído, olhava o correr das águas, sopradas por uma leve e ligeira brisa do sul, sob a luz prateada da lua, pôs-se a evocar o passado enlevado na recordação do seu querido Maranhão distante, no seu torrão natal, onde tinha a curtir saudades a sua idolatrada velhinha, a pretinha sua mãe, único ser de família que no mundo lhe restava. Vinha-lhe ao pensamento a criatura que durante três anos foi uma desvelada companheira e que, quando o seu amor por ela era mais intenso, mais forte, veio a traiçoeira Parca e a levou para nunca mais voltar. Recordava que foi em uma noite no requebrar de um *samba*, perto de sua casa que a conheceu. Lembrava-se bem, era dia de S. Benedito, por isso se dançava depois da procissão, que muito concorrida nessa tarde, saiu e recolheu à igreja paroquial. Foi nessa festa que se

amaram e ficaram presos para nunca mais se separarem. Viveram maritalmente unidos. Êle a trabalhar sem descanso como estivador do pôrto, na carga e descarga dos vapores que ali iam buscar algodão, açúcar e castanha. Ela lavava e cuidava da roupa de alguns empregados no comércio e fazia doces que vendia pela rua e nos arraiais.

Assim trabalhando e querendo-se, governavam regularmente a vida. Eram felizes e essa felicidade a muitas vizinhas causava inveja. E como não há bem que sempre dure, essa felicidade não pôde resistir ao destino, que impôs que ela devia acabar e acabou. Uma atroz e mortífera epidemia de varíola se alastrou pelo Maranhão, fez muitas vítimas e uma delas foi a sua saudável e nunca esquecida companheira por quem derramou muitas lágrimas. E era nisto que de cócaras, no passadiço através do barco, enquanto nós, na casa, abraçados com as *caboclas* ou pretas, dançavamos, êle meditava e sofria a nostalgia do tempo e da felicidade perdida. Não tinha ainda despertado dessas evocações, quando um ruído o fez desviar a vista da água para terra, para o pôrto. Um gesto de terror, de espanto, se apossou dele, como de quem vê almas do outro mundo. Era visão? esfregando os olhos, dizia, estou sonhando? A querida morta surgia-lhe a sorrir metida no rio até aos sovacos, a torcer qualquer coisa. Os cabelos desencarapinharam-se, de negro tornou-se mulato, por não poder ficar pálido. Estupefacto julgou de verdade estar sonhando. Esfregou de novo os olhos e abrindo-os bem, fitou o ponto da aparição e então é que compreendeu não ser ilusão dos sentidos, mas sim, um ser vivo que se movia, mas de uma flagrante semelhança com a sua saudável companheira, e que olhava para êle também, em atitude de espanto e ao mesmo tempo sorrindo.

— Como explicar gentes, uma negrinha, vir lavá a esta hora, ao pôrto, ao rio, perguntava a si mesmo.



(Cl. do Autor.)

RIO AMAZONAS — BRASIL — Casa de comerciante e estreito, passagem de vapores de alto calado



É que do interior da selva apresentou-se para a festa, por ter sido convidado, um prêto vélio *se-ri-gueiro* baiano, com um rancho de filhas, cada uma a mais linda *flor da chaminé*. Uma delas num intervalo de dança excitada por desejos ocultos e incon-tidos, veio ao rio, ao pôrto da casa lavar-se, refres-car-se. Despiu-se, meteu-se na água, despreocupada, mal imaginava que um homem da sua raça estava a vê-la. Passaria despercebida se não fôsse a lua iluminar o horizonte infinito. De repente viu o Pedro e não se desconcertou, dizendo-lhe em voz alta e a distância: —Ué gentes, vomecê não vai dançá? Como Pedro pela surprêsa não respondesse logo, continuou: — Está triste môço?

— Não siô. Quem é que pode estar triste vendo um corpinho como o de vuncê? E lesto, saltou para uma montaria. Enquanto ela ainda molhada, enfiou a saia e a blusa única roupa que a cobria, o Pedro chegou ao seu lado. Lutou para a conven- cer de que estava na *selva* onde não havia *óme*, que êle estava ali para lhe sê uti e agradávê. Tan- tas foram as palavras e as risadas francas, onde, sobressaía, da escuridão do rosto, os seus dentes cuidados e muito brancos, que a negrinha acabou por concordar ser sua.

No dia seguinte dizia-me baixinho, a mêdo, para que o Borges não ouvisse:

— Ah! Seu Danié, que negrinha boa, eu tive aqui esta noite.

— Ah! maroto, disse-lhe eu, tu atreveste-te a fazer isso aqui no estabelecimento?

— Por favô, não diga nada ao seu Borges, mas noutro lugá não podia sê, por que quando estava com ela, foi aparecendo gente e num me deixavam falá à vontade e até brancos me quiseram tomar ela. Ui! seu Danié, me vi apertado com tantos *gabirús*! Custou eu podê fugir. Fingi que ia com ela para o baile e no caminho torci para o mato. Quando a

música chamava para uma polka, tudo foi dançá e eu trouxe ela para aqui. A! seu Danié. Nunca mais terei uma noite assim. Se eu não devesse tanto ao seu Borges, tomava ela para minha companheira.

Passados êsses minutos, de desabafo do Pedro comigo, a-pesar de ser muito cedo, pois que principiava a raiar o dia, a pretinha sentindo talvez a nostalgia do que se tinha passado com ela havia horas, veio despedir-se do seu desconhecido e consolador amigo, ou ver-lhe bem as feições, à luz do dia.

O baile continuava, os músicos revezavam-se, ouvia-se ao longe uma valsa, mas resolvemos marchar por que o negócio que se tinha a fazer estava feito. Ocupavamo-nos nessa ocasião a levantar ferro para seguir rio abaixo. Eu estava fatigadíssimo da dança e do suor que senti, acompanhado do odor de patcholi, misturado com catinga das pretas; por isso, antes de subir para o barco mergulhei no *Tapajós* em um banho higiênico e rápido.

XVIII

Continuação da viagem comercial

SOLTAMOS as velas, prendemos as escutas, esticamos a retranca, dissemos adeus às pessoas que, durante a manobra, se foram acumulando no pôrto, depois da negrinha e principiámos a bordejar, porque o vento vinha de terra. O Pedro seguia de fisionomia carregada e triste. Levava o coração da côr da pele, tais eram as satidades daquela noite, misturadas com as recordações do seu Maranhão. Eu não estava menos triste. Aquela aventura fez-me trazer à memória pedacinhos da minha vida íntima no Pará e no Maranhão. Segredos de amores culposos que tiveram que acabar como os de Pedro e guardá-los ocultos no recôndito do meu coração. Prazeres que só tiveram a duração de horas. O mais longo foi uma noite inteira e mesmo, dessa vez, foi uma aventura arriscada, pois que entrei pela porta e saí pela janela do fundo da casa. Ambos tínhamos o vigor da mocidade estávamos no esplendor da vida, a tantas léguas de distância dos centros civilizados, sentíamos a falta das consoladoras carícias de mulher.

O barco deslizava suavemente. Debaixo da tolda, o Borges, deitado na rêde, decorava um solo de violão, sem se dar conta que o melancólico som dêsse instrumento mais tristeza nos causava. A via-

gem foi curta, não passamos de *Bela Vista*, onde comemos e pernoitamos, fundeando em uma enseada. O Borges dormia na sua rêde, com mosquiteiro, enquanto eu e Pedro, cada qual enrolado numa vela, dormimos em cima da tolda da *igarité* ao ar livre, tendo por tecto, o firmamento e por luz a lua e as estrêlas sentindo ao longe o sublime cantar do sabiá. Acordamos aos primeiros alvares matutinos, fresquinhos com o orvalho que nessa madrugada caíu e que o sol quando atingiu o limite de altura suficiente, para eclipsar os outros astros, sôfregamente sorveu.

A natureza em todo o seu esplendor acordára também e como todos os dias, tôdas as manhãs, àquela hora, ouviam-se os gritos em cantochão, dos macacos «*guaribas*» lá muito ao longe e o piar dos passarinhos saltando, voando de árvore para árvore, da imensa floresta, que estava a pouca distância de nós. Não faltava, nem jamais faltou, ali e em todos os pontos onde houvesse uma árvore, a conhecidíssima voz do *Bentevi*. Enquanto vivi no Brasil, quer no sertão, quer nas cidades, jamais deixei de ouvir êsse madrugador, dizendo nítido, claro, *Bem-te-vi, Bem-te-vi*. Com o sol vinham, ou cruzavam pelo ar, variada e enorme quantidade de borboletas. Havia-as brancas, amarelas, castanhas e azues. Lindíssimas tôdas, sendo estas últimas as mais procuradas, pelo tamanho e pelo brilho das suas asas.

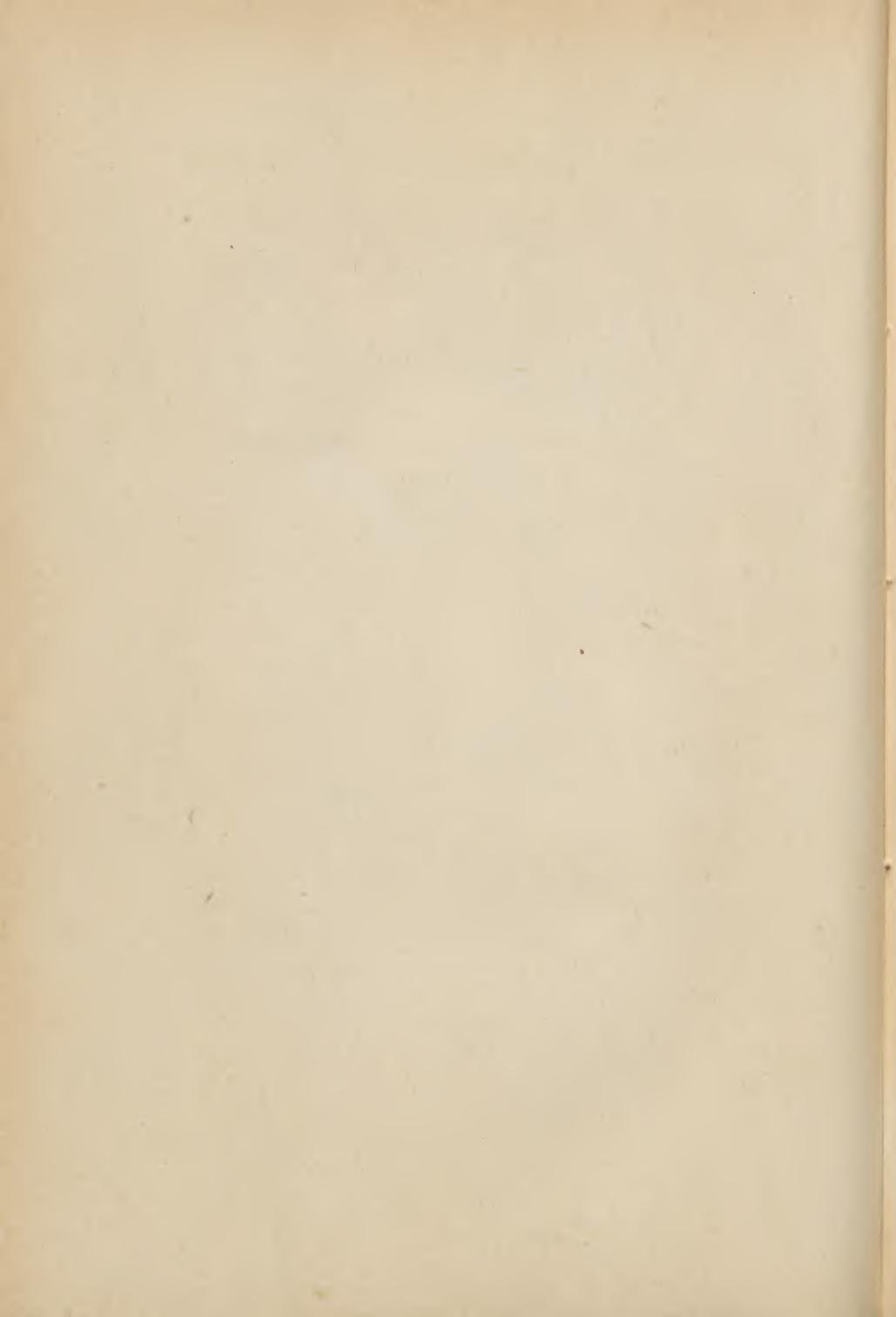
A viagem na descida, era mais fácil, menos trabalhosa, porque a própria corrente do rio levava o barco. Só quando as margens distanciavam por o rio ir alargando, é que içavamos as velas e bordejavamos para o ponto que queríamos atingir. Em todos os portos que passávamos fazíamos negócio.

O Joaquim Borges ia então mostrando o carácter irascível e mau, de que era dotado. Não era já para mim aquêlê primo afável atencioso, que deixou perceber quando me convidou a seguir consigo para

o *Tapajós*. Um dia batemos bôca a discussão tornou-se áspera, azêda, e quási conflituosa.

Por vontade do Pedro eu teria dado cabo dele, o qual dizia por trás de mim baixinho: — Atire-lhe, seu Danié, se êle avançá para vuncê, eu duma cabeçada atiro-o à água.

Fui prudente e só me limitei a dizer-lhe que ao chegar às Barreiras deixava de estar ao seu serviço. Assim aconteceu. Finda a viagem, novo bate-bôca, insultos mútuos, ameaças que não se levaram a cabo e despedi-me.



Ascenso na Vida. Liberdade de acção

FIRMO Maurício Serotheau, descendente de um francês, com uma *tapuia*, comerciante, financeiramente, muito mais forte que o Borges, tendo conhecimento do incidente havido, veio procurar-me e propor-me sociedade. Uma *igaraté*, barco grande, com duas toldas de madeira, quatro homens ao meu serviço, às minhas ordens, com liberdade absoluta para, onde me aprouvesse, ir negociar. Tudo, *igarité*, e mercadorias ficavam à minha responsabilidade, apenas um inventário do existente, ficando eu com uma cópia e êle com outra, para no fim da safra ao dar balanço, ver o resultado.

O meu desejo, a minha ânsia, era voltar para o Pará, mas as condições expostas foram tam boas que as aceitei.

Pensei que para voltar para o comércio de Belém, devia levar dinheiro e esta proposta facilitava-me o meio de o obter, de o juntar. Uma condição foi imposta por mim e esta foi a única. O Pedro, teria de vir fazer parte da tripulação do meu barco. Pagou-se ao Borges a conta que êle tinha em débito e o meu fiel auxillar, ficou radiante de alegria. Principiou para mim uma vida nova, campo amplo e livre, para mostrar a minha actividade. O Firmo Maurício, iria com um barco por um lado

do rio e eu por outro. Cruzamo-nos às vezes, mas como se fossemos estranhos. Eu fazia o meu negócio e êle o dele. A época dos negócios estava a findar e por isso dei uma nova orientação à forma de vender e logo o volume das transacções aumentou. Não me limitei às margens do rio. Quando entendia encostava a um pôrto, deixava o Pedro a tomar conta do estabelecimento e embrenhava-me pela selva dentro, com os três homens restantes, à procura de *seringueiros* ou de *malocas* de índios, neo-civilizados, para negociar. Era arriscada a vida mas a ambição de chegar à meta de um plano formado e preconcebido, não tem limites e eu queria vencer a última *étape* para ainda ser alguém na Capital do Estado do Pará. Mandeí fazer pelos rapazes *panacús* cestos, onde com «*embira*», espécie de correia tirada da entre-casca de certas árvores levaríamos a mercadoria às costas, além da espingarda e do terçado. A mercadoria mais pesada era o garrafão com a *cachaça*, que um só levava. A outra era leve e era distribuída entre todos, como seja, conservas de carne e peixe em latas e em sacos, botões, perfumes, espelhos, tesouras, várias miúdezas. As de fantasia em caixa de cartão; e por cima da mercadoria, a rêde, companheira inseparável. Deu esta forma de negociar excelente resultado, a ponto dos outros regatões pô-la em prática também. Isto fez com que o meu nome fôsse conhecido não só entre os comerciantes ambulantes, mas também nos estabelecidos num ou outro pôrto das margens do *Tapajós*. Os mais importantes fornecedores dos *seringueiros* e dos índios não gostaram da inovação, protestaram e ameaçaram os trabalhadores de cortar-lhes o fornecimento, se vendessem borracha ou qualquer espécie de fruto aos *regatões*. Mas a ameaça não surtiu o efeito desejado, por que já fabricavam ou juntavam alguma coisa para não entregar ao patrão. Em algumas viagens ao interior,

corri riscos sérios, dos quais milagrosamente me salvei. Um caso, para amostra, posso citar:

Entre as *Barreiras* e *Itaituba*, existe o sítio «*Mangabal*», ponto fértil em fruta, pois que além de *mangueiras*, tinha *cajueiros*, *araçás*, *bananeiras*, tudo com frutos maduros.

Ao centro de um terreiro tinha uma casa de palha de palma, paredes, cobertura, etc. e que estava abandonada porque os seus donos, segundo disseram depois, havia um mês tinham ido para o interior. Mandeí preparar tudo para uma viagem e como militar, de mochila às costas, uma manhã abalei, levando os três homens, servindo um deles de guia, por conhecer um pouco a língua geral; um composto do *Guarany* e de outra tribus. No estabelecimento ficou o Pedro, bem contrariado, por eu ir para o interior da selva, com gente que havia tam pouco conhecia. Ordenei-lhe que se afastasse de terra, para não estar sujeito a um assalto pelas feras ou pelos índios. Ao largo o perigo era quási nulo. Em caso de necessidade içava as velas, distanciava-se até fora do alcance dos assaltantes. Não havia memória naquêlo rio de se ter dado qualquer ataque, quer de índios, quer de feras, mas por prudência, ordenei essas precauções e segui com os três homens pela mata dentro. Para muitos, isto seria da minha parte uma leviandade, uma temeridade, mas eu queria vencer, não olhava para os riscos.

Procurava reagir contra a indolência causada pelo clima, pela calma e o silêncio que naquelas longínquas paragens havia. Sentia-me já relativamente feliz no meio daquela escrava e aventureira vida. Tinha até perdido parte do mêdo à selva.

Caminhamos quilómetros, subindo e descendo serras, fechadas pela compacta floresta. Atravessava os *igarapés*, fazendo equilibrio de macaco pelos galhos dos paus até chegarmos a uma maloca de índios *maués*. A uma grande distância do caminho, divi-

sou-se um enorme clarão; era o roçado onde os índios tinham o terreiro e as *choças*, cercada de uma plantação de mandioca, milho e algumas árvores de fruto. Ao chegarmos à clareira gritei: — Oh de casa. Responderam: — Oh de fora.

Podemos entrar?

— Se é de paz, responderam num mau português, pode entrar.

Enquanto entravamos as índias, mulheres ou *cunhantãs*, nuas, fugiam, escondiam-se para o interior da palhoça grande. Os índios homens, calça de zuarte que vestiram à pressa, corpos ao leu, aguardavam a nossa chegada. Depois das saídas transmitidas por intermédio do guia, intérprete, dissemos-lhes ao que iamos, que era oferecer coisas lindas a trôco de borracha. Distribuí a cada um *porre* de cachaça para os animar, por que logo ao ouvir-nos, disseram que não tinham nada que vender, ou com que pagar. Não importa, disse eu. Vou só mostrar; e comecei a passar para uma esteira que eles trouxeram, tôdas as bugigangas que levava. Achavam tudo muito bonito, mas dizer que tinham qualquer coisa, é o dizes. Estavamos já desanimados quando um trouxe um paneiro de farinha de *tapioca* torradinha e alva e assim as coisas foram aparecendo. Até uma bola de borracha, que era o que mais queríamos e estimávamos, eles trouxeram. Por entre as fôlhas entrelaçadas das paredes de palha via eu os olhinhos ávidos de coisas. Era das *cunhantãs* que por trás da parede, com tôda a atenção olhavam. Percebendo eu isso, levantei um colar de contas de várias côres, brancas, azues e verdes, no ar e notei que a parede de palha tôda se movia. Eram elas que extasiadas admiravam como se fôsse um tesouro, o colar de contas. Perdemos muito tempo a convencer os índios para nos comprarem a ponto que, para voltarmos ao barco, fez-se tarde. Resolvi então pernoitar ali. Fora do corpo da *choça*

havia um alpendre, onde estava o *pilão* de secar o milho, ou o cacau. Ali amarraríamos as nossas rêsdes e de manhã seguiríamos a outra *maloca*, mais para o interior, ou regressaríamos ao pôrto para deixar a carga, comprada. Eu, pela noite, pensaria a resolução a tomar. Qual não foi o meu espanto quando o guia me veio participar que ouviu os índios dizerem, uns para os outros: — Deixa o branco dormir que nós roubaremos êle.

— Interpretaste bem? Isso não seria temor teu?

— Não meu patrão, êles pensam roubar-nos esta noite. São capazes até de nos matar a todos e depois fugirem para o mato e quando derem por nossa falta, será muito tarde.

Andava desconfiado, que o guia era um pouco supersticioso e medroso a-pesar-de ser filho da selva, por isso encontrava tudo nêle, um pouco exagerado. Chamei os outros mais corajosos e consultei-os e a opinião geral foi, de que levantássemos acampamento e voltássemos mesmo àquela hora ao estabelecimento.

È já tarde é certo, diziam êles, mas é preferível ficarmos no meio do mato, por que fora da choça temos a certeza, dizem, os homens, não nos vão atacar. Só nos atacariam de surprêsa, dormindo. O índio só é corajoso e nobre, na guerra com os outros, de tribo contra tribo, mas fora disso e da choça não se torna um assassino vulgar.

Entramos na selva, eram cinco horas da tarde e conforme mais nos íamos embrenhando, mais escuro se ia tornando o dia. Fomos até onde se podiam distinguir as coisas. No cimo de uma serra, notando eu a impossibilidade de continuar a marcha, descemos um pouco para ficarmos ao abrigo das correntes do vento e imediatamente largando os *panacús*, fizemos um roçado nas árvores rasteiras pequenas, com os nossos terçados e quatro fogueiras distanciadas bastante, umas das outras, em quadrado,

para podermos amarrar a rêdes nas árvores que ficavam no centro. Lenha não faltava e com palhas secas e gravetos, mantivemos as fogueiras sempre vivas. Mandeí um dos homens assar *pirarucú* e com farinha e água, que tínhamos numa garrafa, fizemos *xibé*. Depois desta frugal refeição, organizei turnos de duas horas para cada um. O que tivesse passado o seu plantão, chamava o que devia substituir. Enquanto um velava, os outros dormiam. Eu fui o primeiro a fazer a sentinela; para não adormecer, passei de um lado para o outro. Findo o meu turno, depois de pôr lenha bastante nas fogueiras, chamei o meu substituto. Custou-me muito a adormecer, até que o cansaço venceu e adormeci. Era meia noite mais ou menos, a terra parecia que estremezia, com o ronco potente, de uma *onça* que andava perto. Todos em pé de espingarda aperrada e terçado ao alcance da mão, passamos o resto da noite. Não tínhamos medo, mas ninguém dormiu.

É pavoroso o ronco da *onça* na selva. O bicho é pequeno mas o ronco é grande e ao mais corajoso incute respeito. Não a vimos porque as fogueiras conservaram-na a distância e mesmo tomou a resolução de se afastar. Foi-se ouvindo pela madrugada fora, êsse tremendo roncar cada vez mais longe. Acordamos sempre, esperamos que no interior da mata penetrasse do dia, a luz suficiente para seguirmos caminho. Deviam ser oito da manhã, embora ali nos parecesse mais cedo, quando iniciamos a marcha.

Tínhamos que passar por um *igarapé* e sabendo que na selva ao romper da alva os animais costumam procurar água para se banhar ou beber caminhamos com tôda a precaução e cuidado não fôsse estar ali a *onça* ou outro qualquer animal perigoso.

Na ligação do caminho que seguíamos e o *igarapé* havia uma clareira pequena. Ao entrar nela a passo lento e em silêncio surpreendemos uma *anta*

que pressentindo qualquer coisa estranha estava com o focinho no ar desconfiada, indecisa se devia ficar ou fugir. Um dos meus homens sem tirar o *panacú* dos ombros muito rápido com dois tiros a abateu. Como era grande e pesada deixamos ali em quanto fomos à *igarité* pousar a carga que levávamos. Meia hora gastamos no trajecto. Dei um *porre* de cachaça a cada um, o melhor presente que lhe podia dar e não quiseram esperar para tomar o *mingau*, preferindo voltar com o Pedro a buscar a *anta*. Enquanto foram fiquei a banhar-me e após o banho tomei um confortável mingau de banana *pacóva* que o Pedro tinha preparado para si. Duas horas depois estavam de volta. Cada um com um quarto de animal às costas. Para a conduzir melhor dividiram assim a carga deixando no sítio para banquete dos *urubus* a cabeça e os miúdos. A caça nesse dia parece que nos queria favorecer apresentando-se. Quando estava a ordenar que estendessem ao sol os quartos sôbre a tolda da *igarité* por casualidade estendi a vista pela superfície das águas e ao longo do rio acima, descobri a grande distância a cabeça de um animal que nadava da nossa margem, para a margem oposta. Chamei a atenção do meu pessoal e imediatamente, para vermos o que seria, saltamos para dentro de uma *montaria* com uma corda, espingarda e terçado. À fôrça de remar apressado, a distância foi rapidamente vencida, mas devido à nervosidade dos remadores só ao terceiro tiro o abati. Era uma corça que talvez perseguida por cães ou outros animais atravessava o rio nadando. Ao abri-la encontramos no úbere leite, sinal evidente de que deixou filho recém-nascido. Vários dias comemos carne de corça que como a de anta cortamos em mantas e secamos ao sol para se conservar. Os meus companheiros e eu precisávamos de descansar. Mande-i içar velas e fomos para uma ilha fronteira, com êsse fim. Como era perto do meio dia encarreguei

o Pedro que estava menos fatigado de fazer a comida e enquanto êste preparava o almôço fomos à pesca do «*tucunaré*» o salmão brasileiro. Para se pescar êste peixe não se precisa de isca, basta atar em volta do anzol, penas de côres variadas, vivas e êste preso a uma linha curta, na ponta dum caniço. Risca-se na água várias vezes com o anzol e se o peixe está perto, salta de bôca aberta à flor da água julgando ser fruto e fica preso. Pouco tempo se passou neste desporto, porque o Pedro logo que acabou o cozinhado, chamou impaciente, por meio de um toque de buzina. Esta, era uma botija sem fundo que foi de «Genebra», e que tinha a utilidade, segundo a crença do povo daquêle rio, que, soprando, chama o vento, para encher as velas, quando a calmaria é excessiva.

Almoçados, dei ordem para dormirem onde quisessem e até quando lhes apetecesse. Às quatro horas da tarde, todos despertamos, comemos *mangas* e *cajús* que o Pedro tinha apanhado em grande quantidade, no *Mangabal* e puzemo-nos em marcha em Direcção a *Miritituba*. Era a segunda vez que fundeava nesse pôrto, mas da primeira, na companhia do Borges. Da segunda recebi manifestações de aprêço do Coronel Simplicio e de todos os habitantes do lugar, fazendo-me uma recepção que me sensibilizou sobremaneira. Compraram-me coisas que eu nunca julguei ali vender. Se houvesse música, diz o Coronel, preparava hoje uma festa em sua honra, por que sei que você é um *cábra* trabalhador. Não consentiu que eu comesse no meu barco, quis que eu jantasse com êle e a família ao que eu anui para variar do paladar das comidas, feitas pelo Pedro. Não escondia a satisfação que sentia, por eu ser um dos mais leais, entre os negociantes *regatões*. — Sei, diz o Coronel, que o colega, com ir ao interior negociar, nos faz algum mal, mas eu gosto de conhecer os homens e apreciar os indiví-

duos, que tem iniciativa e sabem ser negociantes com lealdade e seriedade, e deixe que lhe manifeste as minhas mais efusivas felicitações por ter deixado o seu primo Joaquim Borges e fazer sociedade com Firmo Maurício Serotheau que é um cavalheiro, um brasileiro direito!

Isto demonstrou que, no conceito do velho comerciante, o Borges, não gozava do mesmo prestígio que gozava o Firmo Maurício. Os negócios corriam às mil maravilhas e por tal motivo chegou aos meus ouvidos a notícia de que o meu senhor primo estava arrependido de não me ter oferecido sociedade e procurava o momento oportuno de me falar.

Não havia pôrto pequeno ou grande que eu não tocasse e ao verem o meu barco ao longe, branquinho a navegar, diziam: — Lá vêm, ou, lá vai o português. Quando fomos perto da cachoeira do *Apuhy* avistamos ao longe uma canoa de seis remos, muito apressada, na nossa direcção. Como não era isso muito vulgar, perguntamos uns aos outros: O que será? Era o Procópio, empregado de confiança do meu sócio, que trazia uma carta para mim.

— Boa tarde patrão Daniel.

— Boa tarde Procópio, que há?

— Uma carta que o patrão Firmo, manda para o senhor.

Abri a carta, enquanto êle e os companheiros tomavam um *porre* que eu lhes mandei dar.

« Daniel e sócio amigo:

O motivo da presente, é com o fim de participar-lhe que me encontro atacado pelas sezões. Antes que elas se transformem em uma biliose, icterícia negra, sigo para Santarém, na lancha de M. Braga & C.^ª, que vem amanhã a « *Coxipó* » trazer mercadorias. Aproveito, porque sei que na companhia da família é mais rápida a cura. Deixo o barco com mercadorias e duzentas arrôbas de borracha e os

tripulantes ao cuidado do nosso amigo Coronel Esteves, nas *Barreiras*,

Meu bom sócio, logo que termine a sua viagem, a qual deve apressar o mais possível, venha tomar conta de tudo. A borracha no Pará está a subir, portanto faça o embarque da que tenha, junto com esta que aqui deixo, logo no primeiro vapor.

Tudo fica ao seu cuidado e com tanta confiança como se fôsse uma pessoa de minha família. Se alguma coisa de grave passar, mande seis homens numa canoa, que a descer chegam a *Santarém*, em pouco tempo.

Com respeito à minha doença, não fique em cuidado porque não é a primeira vez.

Cuide da sua saúde, faça bom negócio, por que isso será bom para nós os dois.

Sem mais sou atento sócio e amigo Firmo Maurício Serotheau ».

Mandei dar de comer aos homens portadores da carta e ordenei que regressassem às *Barreiras* e esperassem por mim ou pelas minhas ordens. Vinha sôbre mim mais esta responsabilidade. Continuei o roteiro comercial. Estava justamente no pôrto onde o Pedro teve a aventura com a negrinha. Surpreendi-o encostado ao mastro da proa, pensativo, a olhar para o ponto da aparição, e evocar o seu amor, de umas horas.

Iniciei logo a descida e fiz negócio desta vez pela margem esquerda do *Tapajós*, por *Itaituba*. Toquei em todos os portos mas demorando o menos possível. Durou a viagem às *Barreiras*, desta vez, cinco dias; quando pela margem direita a subir levou vinte.

O Coronel Esteves, pai da *Cunhantã* que no baile da festa do Divino Espírito Santo, tanto dançou comigo, fez-me entrega de tudo que meu sócio tinha deixado à sua guarda. Suspendi as viagens por não ser mais a época de negócios. Mandei con-



RIO AMAZONAS — BRASIL — JACARÉS perseguidos fugindo em grupo

duzir tudo para a *palhoça* que nos pertencia a pouca distância da do amigo Coronel. Esta barraca era para descanso nosso, no fim da safra, porque o quartel general do Firmo Maurício era em Santarém. Tinha ali o seu lar, mãe e irmã. A *choça* ficava sempre abandonada, porque nada tinha que pudessem roubar. De mobília só uma mesa tôska e os bancos eram toros de árvore à altura necessária para nos sentarmos à mesa. As camas andavam conosco e amarravam-se em qualquer parte. Eram as nossas rêdes, vindas do Ceará ou do Maranhão, onde é intenso o seu fabrico. Mandeí fazer limpeza ao redor da palhoça. Cortar o mato, que, na nossa ausência, tinha crescido à vontade. Não seria difícil que durante o abandôno, ali se tivessem criado livremente cobras ou muitos outros reptis venenosos.

Dias após à nossa chegada ouviu-se um apito ao longe, era o «Rio Içá» que subia do Pará. Eu tinha a minha carga de borracha e salsa medicinal preparada para o embarque e carta feita para o nosso fornecedor. Como havia fundo bastante no rio, para o vapor ir ao pôrto, tinha em «Coxipó» um homem esperando, para dizer ao Comandante Castro Mendes que podia, na volta, vir às *Barreiras*, sem medo de encalhar. O Comandante fez-me a vontade; quando regressou do alto do rio veio receber a carga que constava de quinhentas arrôbas de borracha e vinte de salsa. Uns oitenta contos, mais ou menos, e era êste o terceiro e maior embarque. A borracha estava a subir, era natural que desse mais do que o calculado por nós. O Coronel Esteves era de opinião que daria o quilo onze mil réis e quási acertou, por que quando um mês e meio depois veio a conta de venda, ela foi ao preço de onze e setecentos a de primeira qualidade. Aos oito homens, que tinha disponíveis, dei ordem para pescar e caçar e fazer algumas plantações em volta da *palhoça*. Ganhavam mil réis por dia, salário comum

para todo o trabalhador, fora da exploração da bor-racha. Com comida que êles mesmo por minha or-dem arranjavam. Eu só dava em abundância a *fa-rinha d'água*, o sal e um *pôrrezinho* a cada, de vez em quando. A vida para êles era excelente, pois que passavam todo o tempo de papo virado para o céu, a pescar. Quando queriam fumar, os que tinham vício, conseguiam das plantações de ta-baco vizinhas, uma ou outra fôlha, que punham a secar e com folhelho de milho a servir de mortalha, faziam o cigarro, matavam o vício. Eu fui muitas vezes com êles às caçadas, às pescarias, mas mais do tempo empregava-o a visitar os comerciantes, amigos e fregueses de mais perto.

Como se colhe e fabrica o tabaco

ASSISTI um dia ao fabrico do tabaco, desde a sua colheita até ao ponto de o fumar. É interessante, originalíssimo a forma de o enrolar. As *tapuias*, práticas nisso, apanham as fôlhas maiores como quem, numa horta, apanha couves. Depois atam duas a duas ou mais, pelas hastes e penduram-nas a secar em um *cipó* estendido e amarrado alto dentro da barraca. Passados dias as fôlhas estão completamente sêcas. Sôbre uma tábua ou mesa, estendem-nas até uma largura de quarenta centímetros, no centro, para os dois lados, vai estreitando em bico no comprimento de um metro ou metro e vinte. Findo isto, duas mulheres principiam a enrolar, apertando muito e passando logo um fio de linha para o segurar.

Fica do formato dum colossal charuto. Por cima da linha, apertando ainda mais, enrolam uma corda fina. Para esta operação a *tapuia* senta-se no chão, pernas estendidas e a meio metro dos pés, um pau bem espetado na terra. A corda fina, passa pelo pau, o rôlo do tabaco no regaço, a mão direita prende a corda do lado do novelo, a outra ponta depois de passar pelo pau, passa por entre os dedos dos pés da *tapuia* e assim vai enrolando a corda, esticada pelos dedos dos pés, da ponta ao fim do rôlo.

Dias depois, estando bem sêco, tira-se a corda, o tabaco está tam duro que para o cortar só com faca muito afiada, empregando fôrça. Para ir para o mercado, para exportar, a corda é substituída por cipó, partido a meio, descascado, branquinho. Vende-se o rôlo inteiro mas o preço é por quilo. Os varejistas vendem depois a retalho. Para um cigarro corta-se como quem corta bocadinhos de queijo, deita-se na palma da mão esquerda, esfrega-se com a palma da mão direita, para o esfarelar e pôr em condições de fazer um cigarro. Êste produto, é uma grande receita para o comércio do Pará e Manaus. Ê muito apreciado, para os que gostam de fumar forte. Tem grande fama o tabaco do Acará e do Tapajós.

Um prêto com sentimentos puros de branco

O PEDRO, mais uma vez demonstrou que a-pesar-de ser prêto, tinha o coração igual ou melhor que o de muitos brancos. Mais um gesto de sublime abnegação e agradecimento, êle patenteou, salvando-me a vida. Diz o rifão, « quem anda na água molha-se » e eu, como já tive ocasião de dizer, nunca fui bom nadador; por isso não pode causar estranheza, o estar prestes a morrer afogado, mais de uma vez. O negócio estava parado e para passar o tempo, o mais útilmente possível, era nas caçadas e nas pescarias. Com os meus homens fui a uma ilha distante, onde diziam haver muita caça e muito peixe. Levamos espingardas, munições, taráfas, linhas e anzóis, com as correspondentes iscas. Pela margem oposta da ilha o rio fazia uma curva fechada, onde a correnteza era imensa. O barco era pesado; com dificuldade, mesmo com a fôrça dos quatro homens, mal se vencia a corrente das águas. Quis ajudar, agarrei uma vara também para empurrar. Atirei a ponta ferrada da vara à água e ao fazer fôrça, ao par dos outros, a ponta deu em lage de pedra, resvalou e eu desamparado caí à água. Logo me vi distanciado do barco, levado pela corrente, uns cem ou duzentos metros. O Pedro vendo-me cair atirou-se atrás de mim, nadou

até alcançar-me, deu-me a mão e os dois assim de mãos dadas, fomos nadando para a margem, Agarramo-nos aos arbustos à espera do barco, que recuando logo apareceu. Se o Pedro não tivesse êsse rasgo sublime eu a esta hora estaria em nada, depois de ter passado pelos ventres dos *jacarés* ou das *piránhas*. Nenhum dos outros homens se moveu. Só o Pedro teve êsse nobre gesto, pelo qual lhe fiquei devendo mais uma vez a vida.

Esta generosidade do prêto analfabeto e humilde, calou no meu espírito e criou em mim uma modalidade de sentimentos, que embora eu já há muito sentisse, nunca tinha medido a sua extensão a sua força. Estas manifestações de gratidão do ignorante Pedro, ficaram para sempre em mim gravadas. Fiquei convencido que quem neste mundo praticar o bem, neste mundo mesmo recebe a recompensa. Eu ao salvar o Pedro, da chibata, do tronco ou de dias sem comer, fi-lo espontâneamente, na crença que, êle, salvo da polícia, nunca mais apareceria, portanto sem pensar em que êle me agradecesse. O destino quis que viesse a ser o mais fiel, o mais dedicado dos criados e que por duas vezes me salvasse a vida. Eu, com dezanove anos, comecei a conhecer o sentimento, a psicologia humana e a ver o mundo por um prisma diferente do que julgava. Tomei então uma directriz na vida; pôr-me sempre ao lado dos fracos, dos humildes e socorrê-los na medida do possível, sem olhar a quem ou porquê. Procurei sempre elevar-me no conceito da colectividade social, sem vaidade.

Procurei e busco ainda a convivência da alta roda, mas sem desprezar as relações com os modestos, com os mediocres, porque foi entre êles, em tôda a parte, que me dei bem. Onde vivi, por onde passei, entre os não ricos, reconheci dedicações sinceras, puras, simples, francas, despidas da hipócrita diplomacia. Na gente miúda, na gente ninguém, na que

não sonha com grandezas, porque as consideram impossíveis de alcançar, descobri os melhores sentimentos. O Pedro, um pobre escravo, sem pretensões a recompensas ou gratificações, ensinou-me a amar o próximo, sem olhar aos direitos ou aos deveres que a cada um assiste. Sinto, tôda a vez que pratico o bem, uma satisfação profunda, íntima, que me paga, me consola e satisfaz até às lágrimas. Sem alarido, sem bombo anunciador, presto auxilio dentro das minhas posses, ao semelhante, que de mim, ou da minha ajuda necessita. Sou um crente ou mais, um convencido que é esta minha doutrina, a que mais agrada a Deus. «Amar o próximo como a nós mesmo». «Não querer para os outros o que não quero para mim», é onde se encerra tôda a minha religião, com a certeza absoluta de que espiritualmente, cumpro o meu dever, para com Deus, para com a Humanidade. Neste rio Tapajós, sempre em contacto com a deusa exuberante natureza, estudei e aprendi em dois anos o que não aprenderia em séculos, lendo todos os livros de filosofia, havidos e por haver. O *Tapajós*, foi para mim um grande livro. A consciência dorme tranqüila porque com conhecimento de causa, jamais pratiquei acto algum que prejudicasse a terceiros. Se alguma falta pratiquei, o que desconheço, foi na ignorância mais absoluta de que a praticava.

O Pedro, era para mim um ser de família, ligado a mim pela comunhão de sentimentos e de gratidão. Choramos como dois irmãos, quando nos separamos, para nunca mais nos vermos.

O acidente ocasional da minha queda do barco à água, não me fez desistir da caçada e da pescaria. Puz-me como Adão enquanto a roupa secava e seguimos para a ilha escolhida. A caça brilhou pela ausência. Pescamos muito peixe, que defumado, conservou-se muitíssimo tempo e ainda por onde passavamos, se nos pediam, dávamos. Alguns dias

dedicava-me a caçar *camaleões*, que na beira do rio subiam às árvores e dali era fácil atirar-lhes. É um pitéu excelente do qual, assado, muito gostava.

A minha espingarda matou alguns.

O impaludismo

QUANDO um dia andava a caçar, senti assim como uns arrepios de frio e por mais que quisesse conter-me não podia, não deixava de tremer. Ao regressar à *choça*, mandei chamar o Coronel Esteves, que, ao ver-me, disse logo: Você tem sezões, as febres intermitentes. Quis dar-me remédios homeopáticos de que era um firme adepto, mas como eu entre as mercadorias, tinha «Café Beirão» e pílulas contra as febres, optei pelo café. O paladar era dos mais amargos, que, em remédios, eu até ali tinha conhecido e provado. Sempre cri que êsse remédio fôsse infalível e que me curasse, e curava; mas quando ia sentindo menos febre apareceram umas dôres no ventre, do lado esquerdo, que me faziam sofrer bastante. Recorri a um livro que possuía. «Cura-te a ti mesmo» e por êle soube que, o meu mal, devia estar no baço. Aconselha-me o livro vinho de Rhuibarbo. Tinha entre os medicamentos do estabelecimento êsse remédio, também. Usei-o, tomando alternadamente com o café. Sempre em contacto com o Coronel Esteves, fui-lhe pedindo ou perguntando, se, em caso da necessidade de me ausentar, tomaria conta do meu negócio e da minha gente. Respondeu que sim, que não tinha o mais pequeno inconveniente. Seguro disso disse comigo: Se não

melhorar, vou também tratar-me para Santarém. Sabia que o meu sócio estava quasi restabelecido e que podia substituir-me. Peorei, as tremuras eram mais demoradas, as dôres cada vez mais agudas, cada vez mais fortes. A D. Joana, prima do meu primo Joaquim Borges, sabendo que eu estava doente, num rasgo de generosidade, veio visitar-me. Depois de conversar uma meia hora disse-me: — Eu vou a casa buscar um remédio para você e venho já. Não tome remédio nenhum enquanto eu vou e venho.

Impaciente esperava o «*Rio Xingú*» que devia chegar dentro de três dias. Estava resolvido a partir. Até embarcar tomava tudo que me dessem, ou que me receitassem, para bem da minha saúde.

Passado uma hora chegou D. Joana, trazendo na mão um molhinho de cascas ainda verdes.

— Que é isso? perguntei.

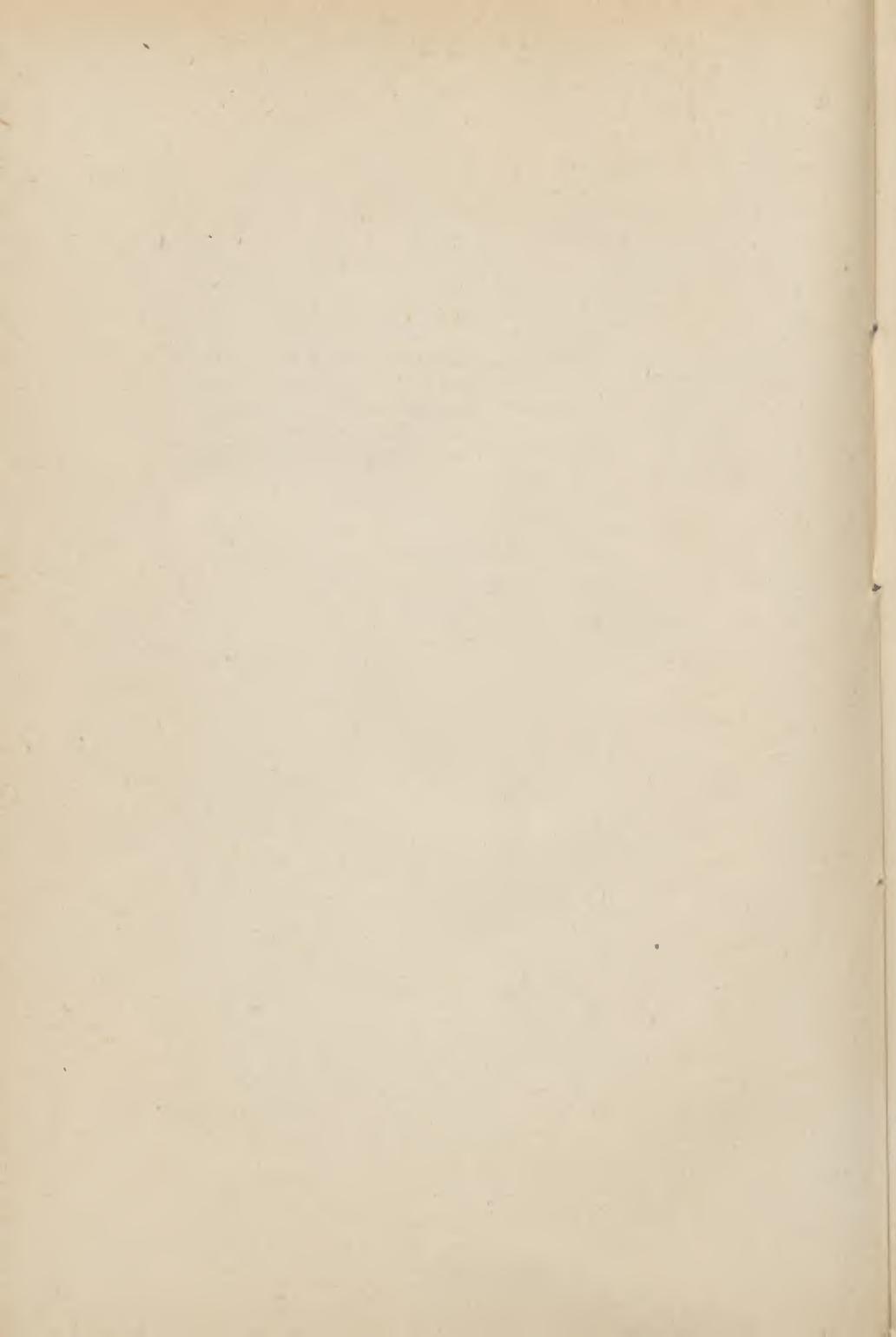
— São pedaços de *entre-casca* de cajueiro; vai ver como lhe vai fazer bem, disse a boa D. Joana.

Mandou o Pedro ferver água, deitou dentro da panela parte das cascas. Fervido tudo e deixando amornar, mandou-me sentar na rêde, pôs uma grande bacia de zinco na minha frente, a panela cheia, ao lado direito, ela de côcoras diante de mim, de *cuia* grande na mão, enchia-a de água da panela e dizia repetidas vezes: Beba, beba até sair pelo nariz. Como estava sofrendo horrivelmente, com as dores no baço, fazia, pacientemente, tudo o que ela me mandava e assim bebendo ia arrojando, lavei bem o estômago, único proveito que tirei. Se não deu todo o resultado que esperava, nem por isso, lhe estou menos agradecido, pois foi de uma solicitude extrêma. O mal continuou e os três dias de demora para a chegada do vapor, pareceram-me três séculos.

Nunca pensei na morte, mas procurava por todos os meios, continuar como até àquela data, a

trabalhar, a ver se conseguia o necessário, para levar a bom fim o desideratum por mim traçado, que era, chegar a ser alguém no comércio e na sociedade paraense, para um dia ir cheio de prestígio à terra que me foi berço.

Depois dos dias de tanta e tanta ansiedade o «*Rio Xingú*» chegou. Subiu até ao *Apuhy* e dois dias depois eu embarcava com destino a Santarém, entregando prèviamente tudo, como estava combinado, ao amigo e honrado Coronel Esteves. Houve lágrimas nos olhos de Pedro e da *cunhatã* filha do Coronel.



Em Santarém

O «*Rio Xingú*» chegou a Santarém e atracou à ponte de madeira, ao meio dia preciso. Ninguém me esperava, por uma razão simples. Não era conhecido ali, a não ser pelo meu sócio. Chamei um *moleque* que a trôco de uns níqueis foi-me mostrar a casa. Meu sócio ficou surpreso, quando lhe bati à porta, pálido, torcendo-me com dôres e caminhando lentamente. Passado o momento, das perguntas e das respostas, de como ou desde quando me sentia assim, embora triste por me ver naquêlo estado, não pude ocultar a satisfação que tinha, em me apresentar a sua família, mãe e irmãos, alguns ainda menores. O pai, havia cinco anos, que tinha falecido. Rápido me arranjaram um quarto independente, onde podia estar à vontade e armar a minha rêde. A correr foram chamar o médico, para me ver e receitar. Não se fez esperar o doutor, que me observou com a despreocupação natural, nos clínicos acostumados a tratar casos iguais. O diagnóstico foi impaludismo e com inflamação do baço. Tratamento: Purgante «*Le Roi*», tintura de iodo, reforçada, sôbre a parte inflamada, para depois continuar a tomar vinho de *Rhuibarbo*.

No primeiro vapor que passou, para o alto Tapajós, meu sócio embarcou a tomar conta

das mercadorias, barcos e gente que eu tinha deixado.

A cura do meu mal foi morosa, mas venci, contribuindo muito, para isso, as atenções, os cuidados da família generosa do meu sócio. No fim de dois meses o médico deu-me por curado, mas dizendo: — Não é de estranhar que lhe voltem as tremuras, porque as sezões nunca vão, de todo, embora. As febres intermitentes, aparecem sempre a uma hora certa. Se isso lhe aparecer aqui, vá ao meu consultório, se fôr no alto *Tapajós* escreva-me que, eu, por carta, lhe direi o que deve fazer ou tomar. Eu, continuou o jovem e distinto clínico, desde que vim há dois anos de Belém, tenho estudado a fundo as doenças dos trópicos, dos pântanos, das selvas, quero escrever um livro sôbre essas enfermidades e por isso gosto de estar em contacto com os meus doentes, para saber a evolução dos medicamentos, por mim indicados, para combater o mal. Nestes climas, geralmente, o mal ataca o fígado, o baço, os rins, órgãos êstes, depois do coração, os reguladores da vida humana. Para os que chegam a velhos e se queixam, é no coração que está o mal porque, se chegaram a essa idade foi por os outros órgãos funcionarem bem. Para os novos como você, diz o simpático doutor, o coração está bom, mas o mal do baço agora, do fígado logo e dos rins amanhã, se não os tratar convenientemente e com acêrto, não chega a velho. Escreva-me com assiduidade, dizendo-me o que sente, porque sendo para seu bem eu ainda lhe agradeço.

Esta conversa despretençiosa e desinteressada é um reflexo da fidalga gentileza, da maioria dos clínicos brasileiros. Entrei na convalescença e tomei uns meses de descanso, que aproveitei a relacionar-me, a procurar viver no meio social, daquela pequena cidade. Estava ansioso para reviver a vida, o tempo, que tinha principiado, no Pará, entre o es-

col paraense, antes da tentação pelo Eldorado, do Tapajós. Uma das famílias com quem me relacionei e muito, foi a Barraquin. Estavam de luto pelo chefe, que, havia meses, tinha sido covardemente assassinado no Pará. O senhor Barraquin, era descendente de franceses e casado com uma distintíssima senhora brasileira. Vivia luxuosamente no seu palacete, na Praça Baptista Campos. Uma noite de, como sempre, excessivo calor, êle, o mais alegre, sorridente e até espirituoso, na companhia da espôsa e filhas, envergando o seu rico pijama de sêda, jantava na ampla varanda, por ser a parte mais amena, mais fresca do prédio. De repente, enquanto uma das filhas em cristalina voz, soltava uma estridente gargalhada, por causa de uma anedota contada pelo seu estremoso pai, um tiro soou, lúgubre, fatal e o bom do senhor Barraquin, sem um grito, sem um gemido, tombava morto da cadeira ao chão. Momento de angústia, estupor em todos os presentes, ficando como aletargados; olhar de espanto, pálidos, só segundos passados, acordaram e se deram conta do tremendo desastre, da tragédia iníqua, da catástrofe súbita, que os fizera emudecer. Correram para o morto, sem saber como, quando e o porquê daquele tiro. Gritos, desfalecimentos, desesperadas lamentações. Junta-se gente, vem a polícia, chama-se o médico e feito o exame rápido, diz: — Morte instantânea, a bala entrou pelas costas, direita ao coração. Consternação geral na família, no bairro na cidade. Polícia em campo, prisão de várias pessoas suspeitas e os meses correram; com os meses, os anos e jamais se descobriu quem foi e porquê, a causa dêsse assassinato. No dia seguinte os jornais em letras garrafais, traziam a notícia do sucedido, com a biografia do morto, e iniciavam uma tenaz campanha para que a polícia não deixasse no mistério êsse crime. Tudo foi inútil. A família impressionada e convencida da impotência, e da pouca astúcia da po-

lícia, retirou-se para a sua propriedade de Santarém. Foi então nessa época que travei conhecimento directo com essas distintíssimas senhoras, que minuciosamente me contaram o sucedido.

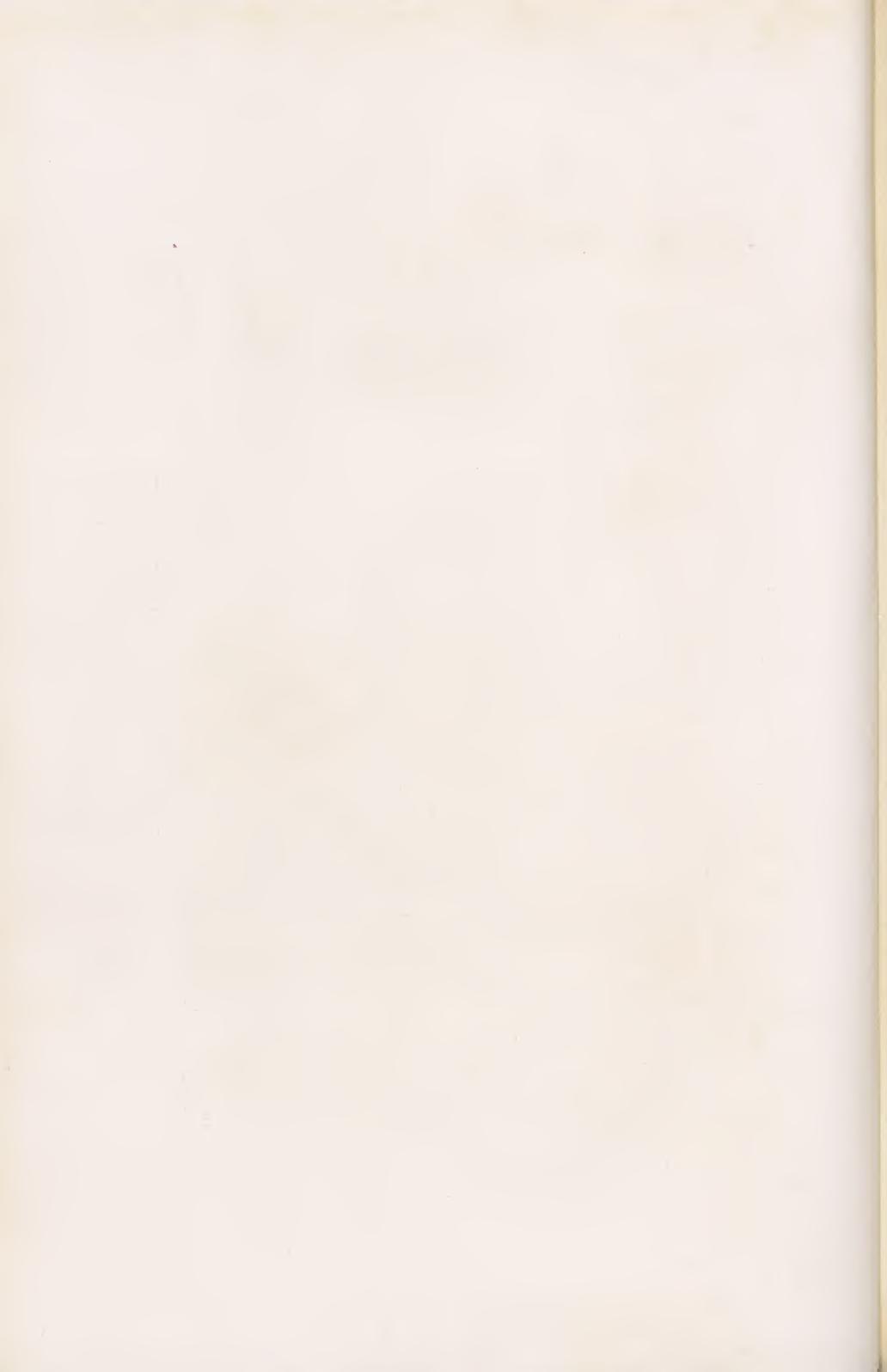
Como estavam de luto, as nossas distrações e divertimentos, eram nocturnos e resumiam-se a jogos de prendas. No salão principal da casa reuniamo-nos senhorinhas e jovens da vizinhança, punhamo-nos em círculo, cada um dos rapazes ao lado de uma moça, que lhe caísse em sorte e brincavamos os variados jogos de salão. Fiquei ligado por uma desinteressada amizade a essa família, mas como o tempo tudo apaga, também apagou esta. Depois que deixei Santarém jamais soube o seu viver, ou do seu fim, se é que a todos findaram os seus dias.

O meu sócio mandou-me a *igarité* e a tripulação, dando com isso, uma grande alegria ao meu fiel criado Pedro, que julgava nunca mais me ver. Em carta dizia-me o sócio ser de tôda a conveniência, eu fazer uma viagem ao rio de *Vila Franca*. Êste rio fica na margem oposta de Santarém, onde se alarga tanto, que da outra margem nada mais se avista do que uns penachos escuros compridos, que se confundem com o céu e a água. Êsses penachos devem ser, dizia eu, as copas das árvores das florestas, que lá longe reflectem no colossal espelho do rio.

Mandei calafetar e pintar de branco, com frisos verdes, a óleo, o barco, depois de descarregar para casa do sócio tôda a mercadoria que o mesmo continha. Enquanto a reparação e pintura se fazia, aceitei o convite da família Barraquin para uma excursão ao interior; visitar um engenho de fabricar açúcar e *cachaça*, propriedade de uma família inglesa. Foram convidadas, pelo administrador e pelo gerente, de quem eram amigas, dando-lhe tôda a liberdade de levarem as pessoas íntimas que quisessem ou entendessem.



RIO AMAZONAS — BRASIL — Casa de Comércio e Depósito dos Produtos da Região
CASTANHA — BORRACHA — carôço de BABASSÚ



Um lindo rancho de senhorinhas e rapazes, foram convidados, entre êstes eu. No dia marcado às duas da tarde, três carros mandados pelo administrador, com toldo de pano branco, em arco, puxados a bois, estavam à porta da casa, com gente prática para nos conduzir e guiar. Partimos para o lado detrás da cidade velha, onde ficava a entrada do caminho. Depois de ter passado campos baldios, com infinidade de *cajueiros* selvagens, começamos a sentir o perfume característico das selvas. Foram dez quilómetros apenas, de distância, que percorremos, na maior alegria e com entusiasmo innato, em gente moça. As senhoras nos carros e nós aos lados, montados em cavalos, que já conheciam o caminho. Parecia uma caravana do século desasséis com os escudeiros e apaixonados, guardando os carros das suas damas. Fomos recebidos pelos amigos da família Barraquim, com a mais gentil deferência. O administrador, apresentou-nos a duas senhoras, já de idade avançada, súbditas de Sua Majestade a Rainha Vitória, de Inglaterra. Receberam-nos com a fria flêugma inglesa, vestidas como se estivessem num grande centro, ou preparadas para irem a compras, a uma das movimentadas artérias de Londres. Vestido cintado e, a-pesar-de grande calor, com peitilho de tule e gola alta, até às orelhas. «Todos os dias, diz o administrador, fazem toilette, como se fôssem a passeio, ou estivessem à espera de visita».

«Estamos aqui isolados, rodeados de floresta, quasi virgem e é muito raro vir alguém visitar-nos, no entanto elas preparam-se todos os dias e só falam inglês, para não perder, dizem, o uso e os costumes do seu país. O proprietário de tudo isto é um irmão delas que vem aqui de seis em seis meses. Passa um mês connosco e vai de novo para a Inglaterra. Como são velhas, não correm o perigo que corriam se fôssem novas».

A casa habitação e as dependências do engenho, estão encostadas a um môro de vinte metros, aproximadamente, de altura. Na parte alta, em uma extensão a perder de vista, plantação vigorosa e forte de cana doce, para o açúcar e para a *cachaça*, o *mata-bicho* brasileiro. Uma larga caleira de madeira liga a parte alta do môro com a parte baixa. Por ali descem as canas cortadas no canavial. Da caleira ao fim do campo plantado há uma estrada com via férrea e vagonetas para condução da cana à caleira. Em baixo a mesma coisa para conduzir a cana às moendas espremidoras. O líquido segue daí por caleiras estreitas, para várias dornas, onde a *garápa*, fica até se azedar bastante, para passar depois pelo alambique e se queimar. Tudo foi para nós percorrido e minuciosamente visto e admirado. Passamos umas horas agradabilíssimas. Tivemos o nosso *five ó clock tea*, com bolos, doces e frutas várias. As inglesas brilharam pela ausência, no entanto ouvíamos na sala contígua distintamente conversarem compassadamente no idioma Shakespeariano. Estávamos já pensando em despedirmo-nos, a agradecer para retirarmo-nos, quando veio ofegante de correr um empregado dizer ao administrador e ao capataz que o canavial estava a arder. Deixou-nos a notícia estupefactos. Subimos a ladeira a correr atrás dos homens. Como visitantes, foi mais por curiosidade do que para prestar serviços, pois sabíamos que não havia vidas em risco. O capataz com um corno de boi feito busina, tocava desesperadamente. Minutos depois, de todos os lados, apareceram homens de facão na mão, montados em cavalos em pêlo. Pareciam fantasmas a surgir da selva e cruzar o *canavial*. Havia uns cem homens a quem o administrador ordenou abrir uma estrada de três metros de largura a vinte metros de distância do incêndio, para dar tempo a apagar. Isto deu excelente resultado, por que o fogo quando ali chegou encon-

trou-se cortado. Nessa ocasião saíram da loca as inglesas, que mal falavam o português, diziam:— Oh: Não assustar; isto sucede cada passo.

O toque de busina obedece a uma combinação prévia entre os colonos e moradores das cercanias, para que à chamada, em caso de incêndio ou assalto, correrem logo na defesa mútua. Pondo de parte o susto, os prejuízos e o trabalho extenuante que isto causou ao administrador e pessoal subalterno, foi para nós um espectáculo inédito, original e único que a casualidade nos proporcionou. Era já tarde quando nos despedimos das britânicas senhoras, agradecemos ao administrador e ao capataz as atenções de ambos recebidas.

Na volta não tivemos a alegria da ida, pois que para lá cantaram-se modinhas em voga, tudo num constante ambiente de riso e encanto. No regresso, todos tristes, como quem vem da romaria, por o tempo correr veloz, pois o passeio foi o mais agradável que se pode imaginar.

Era noite fechada, quando entramos na cidade. Os companheiros foram cada qual para suas casas e eu para a *igarité*, que era, desde que chegou, o meu domicílio. No dia seguinte ao passeio, tratei de expor as mercadorias, para daí a oito dias realizar a viagem ao rio de *Vila Franca*.

Dois dias depois da visita ao engenho, apareceu à margem do rio, na praia, em frente ao meu barco, a olhar para mim com sorriso atraente e provocador, uma *mariposa* branquinha, com longínquos traços de sangue negro. Tinha um donaire tam sedutor, que me obrigou a descer a terra e falar-lhe. Havia tanto tempo que não via mais do que *caboclas*, pé descalço, beicudas e repugnantes, mas que quando se conseguia uma era um maná em deserto; o aparecimento de uma elegantezinha, de sapatinho e voz meiga, mostrando certa preparação e instrução, era um achado e por isso preguntei-lhe: — Tens casa?

— Tenho mas é da família, diz ela; mas notando, ent mim, uma certa contrariedade, diz: — Não te preocupes, que eu sei de um sítio onde podemos estar à vontade. E com um sorriso gracioso: — Vem atrás de mim.

Segui a «*Diva*» a uns vinte metros de distância, disfarçando a intenção, dobrando esquinas, fomos andando até sairmos da cidade. Entramos no terreno público, arenoso, por onde já tinha passado, quando da viagem ao engenho. Aí já ninguém nos via, por isso fui-me aproximando dela, quando já perto, com grande admiração a vejo enfiar para baixo de quatro árvores tombadas, nascidas assim quasi rasteiras, com as copas juntas, como a propósito para o fim escolhido. Ao entrar atrás dela, a minha surpresa aumentou, ao ver que nos aguardava um sofá macio e alto de fôlhas sêcas. Findo o idílio, sentados os dois, iniciei com ela a seguinte conversação: —

— Quantos anos tens?

— Vinte, respondeu.

— Fôste tu que arranjastes isto, com fôlhas?

— Pois quem havia de ser?

— Por que te entregas a esta vida?

— Porque meus pais pouco lucro tiram da *quitanda* que possuem, não me podem vestir e calçar como eu quero, de forma que desde que me perdi, procuro os meio com o corpo.

Tudo isto dito com a serenidade da mais reles mundana, com uma atroz indiferença, como se tudo isto fôsse a coisa mais natural dêste mundo.

— Teus pais sabem que fazes esta vida?

— Não, cruzes! êles não me deixam sair de noite, com mêdo que eu me perca.

— Quem foi?

— Um caixeiro da loja de fazendas lá perto da casa. Queres saber como foi? Eu te digo: — O patrão da loja foi para o Pará, fazer sortimento.

O caixeiro único que tinha, muito meu conhecido por ser vizinho, ficou tomando conta da casa.

Um domingo, de portas fechadas, pela confiança que tinha comigo, agarrou-me lá dentro, prometeu-me um vestido, e pronto.

— Era brasileiro ou português?

— Era sírio, patricio do patrão, que, quando chegou, pô-lo na rua, porque encontrou desfalque.

— E...?

— Êle foi para o Acre.

— Na cidade sabem que tu andas assim?

— Credo! nem suspeitam, por que eu só faço isto com os de fora, com os que passam para Manaus, ou para o Pará. Aos da terra não dou confiança.

— E, como a mim?

— Tu um dia dêstes, passaste pela *quitanda*, logo vi que não eras da cidade. Segui-te, indaguei quem eras disseram-me que vieste do alto do *Tapa-jós* e que voltavas para lá. Andei atrás da oportunidade para te falar e aqui está.

— Sabes ler?

— Estudei e tive desejos de ser professora, mas cansei, abandonei, por que compreendi que meus pais não podiam com a despesa.

— Há quanto tempo andas assim?

— Há um ano. Já recebi propostas para fugir para Manaus, mas tive medo porque o homem que me quis levar, podia cansar-se de mim, abandonar-me e eu lá sôzinha, sem conhecer ninguém, morria de susto e de fome.

— Queres vir comigo?

— Não porque para onde tu vais, meu pai pode com facilidade lá ir e se fôsse matava-nos.

— Teu pai em que trabalha?

— Vai pelo interior comprar frutas, milho *quiabo*, *maxixi*, *mandioca*, *bicharada*, etc., enquanto isso, minha mãe fica a tomar conta da *quitanda*.

— Então é negócio que não dá lucro?

— Deixa muito pouco, tanto que minha avó ainda ajuda amassando *assahy* e fazendo doces.

— Como fazes para aparecer em casa, com dinheiro?

— Estou feita com a avó e como tenho um rapaz que é meu namoro, porque gosta de mim, eu digo que é êle que me dá e com uma ajudinha da avó, compro vestidos e tudo que me apetece.

— Por que não te casas com o namorado?

— É um *pinócas* que ganha pouco e eu não gosto dele. Para estar tôda a vida presa e pobre, prefiro então seguir livremente a minha desgraça, neste leito de fôlhas velhas e sêcas.

Mais algumas tardes ali nos encontramos e cheguei a ter imensa pena que ela não pudesse ir comigo.

Quando estava a dar a última demão para partir, ao *rio Vila Franca*, principiei a sentir na virilha esquerda uma dor aguda e inchação. Desconfiado, que seria o resultado da aventura com a «Diva» fui consultar o farmacêutico da cidade, que confirmou as minhas suspeitas, receitou um remédio para resolver a adenite e acalmar as dores, mas quando parti, tais eram elas, que não podia dar um passo. Reflecti então bem que na última entrevista notei a sua palidez e tristeza, acompanhado de uma expressão de sofrimento. Portanto, ela sabia como estava. Isto indignou-me, esperei que ela me aparecesse para a interrogar. Não apareceu, sabendo que eu partia. A prova evidente de que estava doente. — Não faz mal, disse comigo, quando voltar procura-la-ei e a desmascarar. Foi êste o meu único desabafo e por isso não desisti da viagem.

As belezas e o negócio no rio de Vila Franca

UMA manhã, linda de sol e vento, parti de velas abertas para o desconhecido. Levou-me um dia inteiro a travessia. No meio do rio havia submersa uma *ilha*, tendo saliente da superfície da água, as copas das árvores, que vinham a ser os penachos escuros que de Santarém se avistavam. Vi a passagem um pouco dificultada e até perigosa, mas mandei meter a prôa do barco, entre os galhos mais finos, cortar êstes com terçado, à profundidade máxima que se pudesse e, com paciência, lentamente, fomos furando até passar. Aí fundeamos para descansar, fazer o almôço na cozinha improvisada, de latas de petróleo vasiaas e tijolos. Depois da refeição, abrimos as velas de novo e aos bordos, chegamos ao pôr do sol, em frente à ponta de *Vila Franca*, que, como tôdas as vilas do interior, era composta de meia dúzia de casas de telha e o resto palhoças. O rio era admirável, um paraíso, pela quantidade de pássaros que esvoaçando se viam na floresta. *Garças branquinhas*, *guarazes vermelhinhos* e côr de rosa, *papagaios*, *tucânos* e *ardras*, grasnando aos bandos pelos ares. Deu-me a impressão de que aquêlê rio não era habitado, não tinha sido descoberto. Julguei ser eu o primeiro homem que ali penetrava. Conhecendo um pouco da histó-

ria dos descobridores e desbravadores portugueses, já me suponha um deles, tal era o rio que eu principiava a conhecer. Viam-se peixes aos cardumes, sinal de abundância. Como chegasse a noite e ainda não tivéssemos encontrado pôrto algum com casa, depois de nos termos introduzido várias milhas, procuramos uma enseada abrigo onde estivessemos seguros, e ancoramos. Não quis ficar junto à terra, por muitos motivos, mas principalmente foi pela grande quantidade de mosquitos. Os meus homens dormiram bem; eu não estava tranqüilo; dormi preocupado por desconhecer, em absoluto, a índole dos habitantes daquêle rio. Quando no dia seguinte o sol rompeu luminoso, dourado e lindo, seguimos.

Encontramos no primeiro pôrto, o proprietário da palhoça a carpinteirar, a fazer de *Itaúba*, madeira sólida e a melhor para a água, uma canoa. Pendurado nos galhos das árvores ao derredor da palhoça, carne vermelha, como da vaca, a secar.

Encostamos; mandei chamar o homenzinho, que pronto veio à margem do rio. Convidei-o a subir ao barco; demos o bom dia mutuamente, ofereci-lhe um *porre* como mata-bicho e principiei a estratégica conversa para negociar.

— Então você é carpinteiro?

— Sou, é a minha especialidade, fazer montarias. Faço por encomenda e para vender. Esta casualmente é para isso, se lhe interessar está às suas ordens.

— Sim compro, disse eu, diga o preço. Depois de pouco trabalho, chegamos a sessenta mil réis, preço porque me convinha, pagos em mercadoria.

— Quando está concluída?

— Dentro de cinco dias está calafetada e pronta.

— Está bem, mas só a venho buscar na passagem de regresso que deve ser daqui a dez ou doze dias.

Ficou assim combinado e já me ia a retirar do pôrto, quando me lembrou perguntar de que animal era a carne que estava a secar.

— É de *peixe-boi*, que pesquei ou melhor, arpoei ante-ontem. Quere levar um bocado? Eu faço presente ao senhor.

Com a doença que tinha, eu não podia comer aquela carne, mas agradeci em nome dos meus tripulantes, que mostravam desejos de a saborear. O homenzinho repartiu um bom pedaço a cada um.

A todos os fregueses, homens já se vê, eu tinha que explicar o porquê de não ir a terra saudável e porque mandava um *tapuio* em meu lugar. Eles viam o quanto eu sofria e até me receitavam coisas interessantes.

— O senhor tem velas de sebo de Holanda, perguntavam, dessas que as mulheres usam esfregar nas fontes, quando tem dores de cabeça, com uma rodela de batata crua?

— Tenho, sim, aqui está.

— Pois derrete-a e quente, unte a inchação com êsse sebo e ponha em cima uma moeda de prata. Verá como melhora rápido.

Fiz isto mas nada me adiantou.

Outro freguês, dizendo-se curandeiro e ter sa'vo muita gente, moradora nas margens daquêle rio, também disse:—

— Isso desaparece fácil, se tomar muito sumo de laranja azêda.

Procurei essa laranja, encontrei-a e tomei o sumo. Tam pouco deu resultado, não senti melhoras com isso. Só me senti relativamente bem, quando a ínguua rebentou e principiei em Santarém, a tomar um elixir «*Salsa*», «*Caroba e Manacá*», de Eugénio Marques de Holanda receitado por um farmacêutico. Foi uma viagem de sofrimento e dores, mas em compensação de um êxito commercial, formidável.

Não comprei borracha, porque não havia, mas comprei muita *farinha d'água*, o pão do Amazonas, que no alto do *Tapajós*, muito bem se paga. Cinco *montarias* novas, que trouxe a reboque, milho, madeira das melhores qualidades, tudo para vender pelo dôbro ou pelo triplo do custo. Não carreguei mais o barco, por que não agüentava mais carga. Sem exagêro, viajei com vinte centímetros de casco fora da água. A viagem durou quinze dias que, se não fôsem as dores que senti, que sofri, seria, além do bom negócio, deliciosa.

A minha gente voltou contente, satisfeita, porque a minha satisfação os contagiava. No regresso até à parte do rio onde estava a ilha submersa, o vento estava à feição e navegamos magnificamente, mas de repente, o sol toldou-se de escuro e uma tremenda tempestade se desencadeou. Que fazer para nos salvarmos? diziam os homens. O rio parecia o mar. O vendaval terrível; raios e coriscos riscavam os ares. O vento, um furacão. Fomos com um esforço inaudito, empurrando o barco para junto de uns *joazeiros*, que, com os seus espinhos, safam uns três metros acima da superfície da água. Mandeí entalar o barco entre as árvores, e atar, frouxo, de um e do outro lado. Para o vento o arrancar dali, tinha que arrancar as árvores, o que era difícil, por estar a maior parte da sua haste submersa. A fôrça tôda do vento e da água, era só na superfície portanto, estávamos seguros. Entramos na noite e o vendaval só acalmou às dez horas. Depois dessa hora é que pudemos dormir, deixando um homem de plantão. Ao romper dalva, desatamos e desentalamos, com custo, o barco, das árvores e de um só bordo cruzamos em sentido oblíquo para a outra margem, já em direcção à cidade. Como o vento era de proa, contrário à nossa marcha, tivemos que fazer o resto do trajecto, empurrando-o com vara até ao pôrto da casa do meu só-

cio. Na ocasião, as águas davam justo de encontro às estacas de *acapú*, que faziam de parede no fundo do quintal.

Como não era muito acertado deixar a mercadoria no barco, até à minha partida para o alto *Tapajós*, foi toda recolhida em casa. A pintura do barco sofreu um pouco na viagem e com a entalada, nas árvores de forma que me vi na necessidade de o mandar reparar para o levar donairoso e lindo. O vulgo já dizia que, de barcos dos regatões, o mais limpo, o mais elegante, era o meu.

No dia seguinte da minha chegada de Vila Franca, apesar-de ainda coxear um pouco, fui dar uma volta pela cidade, visitar as famílias amigas e participar-lhes a minha partida. Em uma das ruas da cidade nova, encontrei-me frente a frente com a «*Diva*», pálida, magra, não parecia a mesma. Vinha da farmácia para onde eu ia também. Foi buscar o que eu ia buscar, ou seja, remédio para o mesmo mal. Desfez-se em lágrimas, quando me viu, desculpendo-se. Não tive coragem para censurar o seu modo de proceder para comigo. Ainda lhe dei dinheiro para os remédios e lhe perguntei:—

— Os teus pais sabem do que estás doente?

— Não sabem, pensam que é do estômago o meu mal. O médico disse-me hoje que dentro de oito dias, a adenite está cicatrizada, por que há cinco foi lancetada.

Vieram-me desejos de insistir com ela para ir na minha companhia, mas soube dominar-me, por que se a levasse, talvez não pudesse realizar o meu sonho constante de conseguir o máximo de numerário, para voltar ao Pará e ali ser alguém.

A minha partida teve algo de apoteótico, pois que na praia da cidade velha, frente ao coreto da música e da Igreja, juntou-se grande quantidade de rapazes e senhorinhas, das melhores famílias, que, com os seus vestidos berrantes, de plicromáticas co-

res, davam o mais alegre tom à despedida. Eu partia com o coração oprimido, pela saúde.

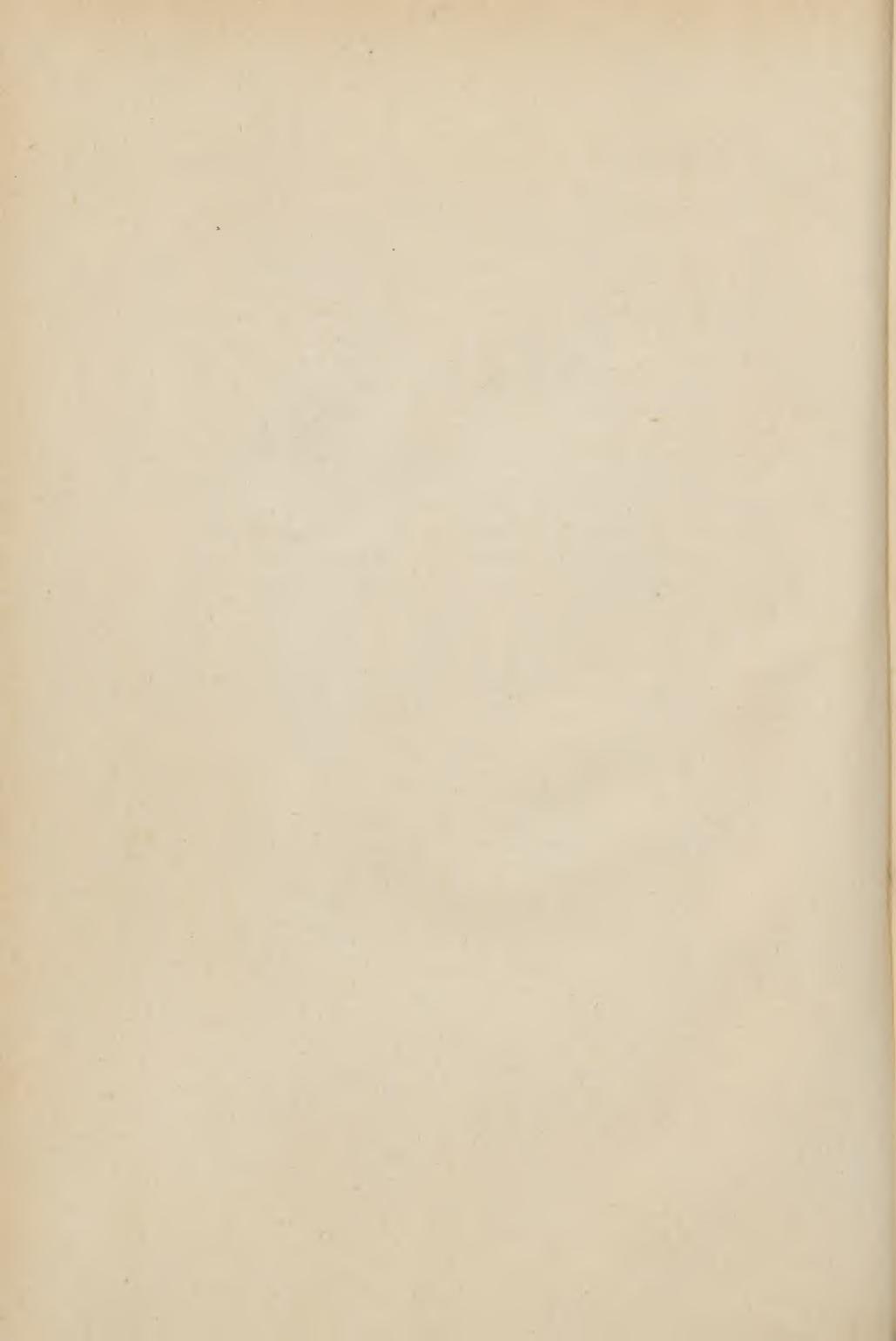
Ao longe, sem que as mocinhas de perto se dessem conta, um lencinho branco de rendas, acenava a dizer-me adeus. Era a «Diva» que, saúdosa e triste, e conhecedora da sua posição, por natural escrúpulo, não se quis misturar com as famílias honestas. O público curioso foi-se juntando e pelos comentários que, perdidos, chegavam aos meus ouvidos, tomaram-me, por um grande influente político ou filho de algum caudilho e senhor, do alto *Tapajós*.

Mandei dois homens recolher o cabo que estava preso a uma perna do coreto, que em frente à Igreja se conserva de ano para ano, de festa para festa, e se presta a servir como ponto de reunião e brinquedo da *molecagem*. Outros dois homens com a ajuda das varas, afastavam o barco da praia, soltaram as velas, puzeram as retrancas, passaram para o leme a escuta enquanto eu dizia adeus a tôdas aquelas pessoas, amigas e dedicadas, que tiveram a gentil deferência, de ali virem trazer-me um abraço de despedida. A «Diva», afastada, continuava com o seu lencinho branco riscando o ar, talvez pensando como eu, o porquê de não ir na minha companhia. Os acenos, eram cada vez mais compassados, indolentes como de desalento. Quem sabe se os seus olhos não estariam marejados de lágrimas? Eu, confesso, levava o meu coração escuro como uma noite sem luar.

Levamos oito dias de viagem de *Santarém* às *Barreiras*. Ao fim dos primeiros três dias, um temporal terrível, formidável, quási nos fez sossobrar. A *igarité* ia carregadinha e levava a reboque tôdas as montarias, cinco, por mim compradas no rio *Vila Franca*. Vi durante as quatro horas, que durou a tormenta, tudo perdido. O vento atirava-nos para terra, em um lugar, em que não havia praia e sim *igapó*, com árvores fortes. O meu receio era que

o barco pudesse ser furado, por um galho das árvores e se tal se desse, metia água e ia irremediavelmente ao fundo. As vidas não corriam risco, porque metiamos-nos em uma ou duas montarias e estávamos salvos, mas ao barco, grande e tam carregado, não podia suceder o mesmo. Tínhamos duas âncoras pequenas e todo o nosso trabalho, extenuante por vezes, foi deitar ao largo uma, puxar o barco para junto e quando perto dessa estávamos, largávamos a outra e assim sucessivamente, para fugir do encontro com as árvores do *igapó*.

Depois da tempestade, veio um forte aguaceiro e com êle a bonança, pois que o vento após a chuva, virou à feição e viajamos com as velas, a todo o pano, cheias. Recuperamos ao final do dia, com juro, o perdido. Nessa noite também a rêde nos soube bem.



Chegada às Barreiras e continuação da viagem

DAS Barreiras, avistaram ao longe o barco e prepararam-se para me receber condignamente. Sabiam pelo meu sócio do retumbante êxito da minha viagem comercial a *Vila Franca*, por isso não faltaram os amigos. Estavam ali, além do meu sócio, o Coronel Esteves, os Marinheiros, o Raimundo Santos, D. Joana, D. Prudência e meu ex-patrão e primo Joaquim Borges, todos para me felicitarem. A criadagem, índios mansos e grande parte de *caboclos* e *mestiços*, fizeram também uma algazarra atroz em sinal de regosijo pela minha chegada. Desembarcado e recebidos os abraços, fomos comer, a convite do Borges. A conversa versou sobre negócios, até à hora de cada um ir para sua casa, ou para as suas rêdes dormir. No dia seguinte, muito cedo, quando a natureza mal despertara do letargo da noite, o Joaquim Borges, procurou-me no barco, sacode a rêde e chama para me falar.

— O que é que te traz a esta hora por aqui?

— Nada. É que quero fazer-te uma proposta.

— Qual é ela?

— Penso deixar o negócio do litoral do Tapajós, para baixo das cachoeiras e estabelecer-me, lá mais para o alto. Pensei, dou-te sociedade, ficas com

todo o negócio livremente e de ano a ano eu desço e fazemos contas.

O Pedro que dormia sôbre a tolda despertou, despreguiçou-se abrindo a bôca, estendendo os braços para o céu e deixou-se ficar no sítio a olhar desconfiado para meu primo. Julgou que viesse a haver alguma discussão esperava um sinal meu para lhe saltar em cima, se fôsse necessário.

Desfiz naquêlê instante as ilusões do Borges, dizendo-lhe redondamente que estava muitíssimo bem, que meu sócio era um camarada, um verdadeiro amigo e quando o deixasse, deixaria de vez o *Tapajós*. Ainda quis insistir, mas a aurora ia raiando, a gente vinha aparecendo no pôrto e a natureza entrava na plenitude da sua vida activa. Êle teve por bem terminar a conversa, embora contrariado.

Dois dias foi o bastante para descansar, findo os quais iniciei logo a viagem pela margem direita do rio. Por onde passava, fizesse ou não negócio, era por todos cumprimentado. Os pescadores, os índios caçadores e os *seringueiros*, que antes da minha chegada passaram pelas *Barreiras* e falaram com meu sócio, souberam da minha viagem a Vila Franca e que estava prestes a chegar, de forma que, a notícia tinha-se antecipado. Assim continuei nessa vida de comércio ambulante, de *chaça* a *choça*, de *vila* a *vila*, na ânsia de vender as *montarias* e tudo que comprei, para obter o maior lucro possível. No fim de quatro meses o baço começa outra vez a doer; as tremuras periódicas apareceram; vi que continuar aquêlê modo de vida, seria suicidar-me. Ao fim da quinta viagem, tendo a saúde muita abalada, parei. Procurei reünir-me ao meu sócio, que andava comerciando por outros rios e encontrando-o, expuz-lhe com a maior tristeza a minha resolução, de descer de vez ao Pará. Êle viu o meu estado de saúde, compreendeu que era deveras precário, concordou que eu não devia ficar ali. Notei no meu



RIO AMAZONAS — BRASIL — Regresso de uma pescaria de PEIXE-BOI

sócio a profunda tristeza que a minha resolução lhe causou. Um irmão não sentiria tanto. Jamais encontrei um brasileiro tam dedicado, tam sincero, tam confiado num português, como foi êsse.

Nunca se apagaram nem se apagarão da minha memória as manifestações de simpatia, as dedicações puras, sinceras, daquêlê povo! Que nobreza de almas! Excepto o Borges e meu sócio, aquela boa gente jamais deixou aquêles sítios sertanejos; no entanto, talvez por isso, por viverem afastados, por desconhecerem as convenções sociais, as quais, honestas ou hipócritas, a Humanidade a si se impôs, é que os seus sentimentos são como a selva que os rodeia: virgens, puros, sem mácula! Liquidei contas com o meu sócio, recomendei-lhe o Pedro, e no mesmo vapor que me levou àquelas paragens, o «Rio Iça», embarquei, com destino a Belém, para jamais voltar. Calou fundo no meu espírito o momento inesquecível da despedida. O vapor, a favor da corrente marchava rápido, mas não tanto que me privasse do deleite imenso que então, já mais conhecedor do meio, eu sentia ao contemplar as matas soberbas, nas margens daquêlê fértil e formoso rio, que eu definitivamente deixava. Por isso digo:

Salvé bemdita selva do Tapajós!

Pujante e exuberante mãi Natureza! Em ti a lua é sol; o sol é oiro reluzente. As estrêlas brilhantes, são diamantes, dos quais é formado o Cruzeiro do Sul, que lá do alto do Céu vela e protege o Brasil! Sob a tua égide, os seres em ti nascidos, vivem, medram, crescem e se sustêm vigorosos e fortes! As plantas, as aves, os peixes, os insectos e os reptis, animais mansos e ferozes dos *igarapés* dos rios, tudo em ti é maravilhoso, imenso, imponente! Tudo no teu seio, fácil e livremente se reproduz, desde o átomo ao monstro, porque és tu a mãi criadora!

Enquanto nesse sublime recanto do mundo, nessa região longínqua, na suavidade do teu clima, tranqüilamente, sossegadamente dormes embalada pelo canto das tuas variadas aves, a ambição humana, despertada, entusiasmada pela tua excelsa e virginal beleza, viola-te, penetrando em ti, ferindo-te cortando-te as entranhas a explorar-te!

Querem dominar-te, vencer-te, mas é impossível um pigmeu vencer um gigante! És invencível!

Os séculos passam e passarão, e tu has de ser sempre grandiosa selva, reprodutora e fértil!

Em ti vai o racional lutar com o irracional, vencendo aquê. Mas não aniquila, nem jamais aniquilará os teus habitantes, a tua criação. Devastam-te, dão-te golpes fundos, mas isso não te faz mossa, porque és forte e fecunda! No teu seio o insignificante ser humano, como os outros teus filhos, vive despreocupado.

Com o teu contacto, a mulher, mãe da Humanidade, cedo pode procriar porque recebe de ti, do teu calor a grande força germinativa. O teu esplendor criou a humana ânsia de te arrancar riquezas, porque és a Promissão, o Eldorado. Quantos seres se deslocam do seu modesto torrão, para arrancar a tua seiva indo atrás das tuas imensas riquezas!

Eu fui um dos tantos que te visitaram com o fim preconcebido de explorar-te. Mas tu não me quiseste, repudiaste-me, castigaste-me por ter também penetrado em ti, violando a integridade do teu poderoso e ridente sertão.

Tiraste-me a saúde, enfraqueceste-me a vida, obrigas-me a fugir de ti. Cumpro o meu destino, retiro-me, afasto-me, saudável de ti, ó maravilhosa selva brasileira, ó poético Tapajós!

Regresso à terra dos meus sonhos

Eu trazia uma carta de ordem para a casa fornecedora, no valor de alguns contos de réis a meu favor.

Cheguei ao Pará num domingo à tarde. O «Rio Iça» fundeou ao largo; só atracava ao *trapiche* depois de estar livre de passageiros. O bote «República» lá estava; e o poveiro, seu proprietário, já de mim muito conhecido, gritou: —

Oh! senhor Daniel cá estou às ordens de Vossa Senhoria; não me troque:

Segui com a minha mala para a Guarda-Moria. Como o comércio estava fechado, encontrava-se naquêlê ponto muita gente, não só a passeio, como com curiosidade de ver os que chegam. Os meus amigos e conterrâneos nada sabiam, talvez me julgassem morto, porque nunca cruzamos cartas, por isso ninguém me esperava. Era intenção minha ir para o hotel mais próximo, o «Europa», quando de entre os passeantes, que no cais estavam reunidos, sai o meu amigo e patrício Joaquim Silva, filho da linda e poética vila da Póvoa, estabelecido com um importante estabelecimento de fazendas, «Empório Paraense» na rua de Santo António, logo acima da casa, onde eu a primeira vez, estive como empregado. Deu-me um abraço, perguntou-me para onde

eu ia e respondendo-lhe que ia para o hotel, não consentiu tal coisa e levou-me para sua casa. No mesmo instante mandou chamar uma carruagem, que estacionava no largo das Mercês e com a mala à frente partimos.

Não valeram recusas da minha parte. Indicou-me um bom quarto da casa, com cama, mas que tinha ganchos para armar a rêde. Optei pela rêde, que logo armei. Saímos, eram seis da tarde, muito horas de jantar. Convidou-me ainda para ir com êle ao «Restaurante Coelho». Como era solteiro tinha ali assinatura. Era o melhor restaurante existente no Pará, com seis bilhares em fila e de noite muito freqüentado pelos patrões. Em frente havia outro, o «Restaurante e Café Java», mas êste freqüentado pelos empregados. Ali, paguei alguns panos, por os ter rasgado com o taco, na aprendizagem do bilhar. Êstes dois cafês davam, tôdas as noites, ao Largo de Santa Ana um extraordinário movimento, havia vida, alegria, era então o ponto preferido. Mais tarde passou êsse movimento e essa vida para o «Café Chic», para o «Politeama» e para o «Restaurante Madrid», tudo no Largo da Pólvora. O amigo Silva, pediu-me que lhe contasse a minha vida pelo Amazonas, encontrou-me pálido, amarelo, escuro, côr própria de quem sofre de icterícia. Contei-lhe o que tinha feito, durante os dezoito meses por aquelas inhóspitas regiões, ocultando que trazia dinheiro, ou ordem para o receber. Não com receio de algum pedido ou assalto, mas sim porque não queria que soubesse das minhas intenções, do meu desejo de me estabelecer. Precisava entrar de novo no treino da praça e voltar a conquistar a situação que gozava antes de partir. Terminado o jantar, demos uma volta pela cidade e às dez, habitual hora de se deitar, fomos para casa. Dormi e só acordei no dia seguinte a hora alta. Não havia ninguém em casa. O amigo levantou-se

cedo para abrir o estabelecimento. Os empregados, quatro, que ali dormiam, também foram com êle, de forma que era eu, naquêle momento, o único habitante da casa. Meti-me debaixo do chuveiro, vesti-me e fui ao Java tomar café. Aí recordei os tempos idos. Procurei os conterrâneos e amigos, os quais tiveram ensejo, de mostrar mais uma vez, quanto me estimavam, oferecendo a casa e o que me fizesse falta. Fui nesse mesmo dia à firma nossa fornecedora receber o dinheiro, apresentando a carta de ordem, fazendo depósito, a prazo de um ano, no Banco do Pará.

Fui visitar o meu ex-patrão o senhor Veludo, não o encontrei, estava para a Europa. À frente da casa estava o seu sócio e primo, também conterrâneo. Êste, depois dos cumprimentos usuais, convidou-me a subir a sua casa particular, que era pegada ao estabelecimento, para me apresentar a espôsa e me falar mais à vontade. Propos-me de novo eu ir para empregado seu. O Veludo ainda demorava em Portugal e êle era doente, a maioria do tempo estava no *Mosqueiro*, onde tinha casa própria e precisava no estabelecimento de pessoa de confiança e conhecedor do balcão. Eu caí-lhe do céu, pois que era a sua constante preocupação, descobrir a pessoa indicada, para o substituir. Falou de tal forma, que eu em consideração de êle ser meu conterrâneo e portanto de família conhecida e amiga, embora tivesse queixas do Veludo, dei-me por convencido, aceitei a sua proposta. Fui dali agradecer ao amigo Silva, a sua hospitalidade da véspera e ao dizer-lhe que ia mandar buscar a mala, se me emprestava a chave da porta da rua, perguntou:

— Para onde vais?

— De novo para a casa do Veludo, onde estive antes de ir para o Tapajós. Assim, ficamos aqui vizinhos.

Até ficou pálido o meu amigo. Tinha a intenção, diz êle, de convidar-te para a minha casa, oferecendo-te o maior e mais rápido futuro. Eu sou só, não tenho sócio, quero ir a Portugal ver os meus e ao ver-te na Guarda-Moria, lembrei-me que eras tu o indicado, a tábua salvadora.

— Mas porque não me disse ontem ao jantar, ou durante o passeio pela cidade?

É que estava estudando a forma de uma proposta vantajosa para os dois, respondeu.

Conhecia que era para mim um caso de pura perda, recusar essa proposta, mas eu sempre tive por norma não faltar à minha palavra. Ainda pensei dizer ao sócio e primo do Veludo o que se passava e que a minha ida para sua casa, me retirava a oportunidade de melhorar a situação; mas cedo comecei a conhecer o egoísmo humano e sabia que ia ser tomado como uma imposição para obter maior ordenado e como essa suposição me feriria fundo nada lhe comuniquei. Pedi desculpa ao amigo, sabendo bem o que perdia, mas fiquei fiel à palavra dada. A casa era para mim já muito conhecida, por isso não encontrei dificuldade alguma.

Ao recolher-me nas primeiras noites, não podia apagar da memória aquela confraternização íntima, que passei com a mãe Natureza, o cordial e, afectuoso convívio com essa face do mundo novo, que os portugueses nossos antepassados exploraram e com tanto esforço consolidaram. Ali soube dar valor às cruentes lutas que os nossos maiores sustentaram. Os gastos, as energias que dispenderam para manter incólume as terras imensas de Santa Cruz.

Voltei precisamente ao Pará em 1893 quando mais acesa estava a luta no Rio de Janeiro entre a marinha e o exército, os Almirantes Custódio José de Melo e Saldanha da Gama, monárquicos, contra o Marechal Floriano Peixoto, ditador da República, que os apaixonados chamam Marechal de ferro.

Após esta revolta, iniciou-se uma desenfreada campanha jacobina contra os estrangeiros, mas sobretudo contra os portugueses. Ao Pará chegou a onda e fez-nos passar dissabores sem conta. Momentos amargos de apreensão e sobressalto.

Essas campanhas, infelizmente, surgem de vez em quando, ferindo-nos fundo; mas são como as picadas de agulha de platina, que quanto mais fundo penetram nos músculos, menos fazem doer.

A colônia portuguesa em Belém do Pará, tam bem se adapta ao ambiente do meio paraense, que não tem pressa alguma em regressar à Pátria. A maior parte dos portugueses constituem ali o seu lar; e são tam gratos à terra que os acolheu que, ao pensarem em retirar-se a descansar em Portugal deixam nessa cidade onde trabalharam, as suas economias empregadas em prédios urbanos. Talvez não erre, ao dizer que dois têrços dos edifícios particulares da cidade de Belém, são dos portugueses. Êste caso de deixar empregado o seu pecúlio em prédios na terra onde trabalhou é só gesto do português. Os membros das outras colônias estrangeiras, por muito carinho que tenham ao Pará, salvo raras excepções, não procedem assim.

Quando um cidadão brasileiro recusa dar-nos a honra de ser nosso irmão, e para o demonstrar procura magoar-nos, nós, embora contra sua vontade, tomámo-lo como um desabafo e relegámo-lo ao esquecimento. Deve estar ainda na lembrança de todos um célebre discurso pronunciado por um ex-governador paraense num banquete, o qual, olvidando a sua posição de suprema autoridade do Estado, que devia ser toda de cortês diplomacia, pôs os portugueses pela rua da Amargura. Vomitou contra a colônia portuguesa e até sôbre o representante de Portugal a mais fétida e peçonhenta bília que um homem pode expelir. Os portugueses ofendidos e vítimas dêsses impropérios, protestaram? Não. Nem

lhes cabia em terra estrangeira protestar; porque esta não tem culpa que um filho seu seja descortês. Mas houve brasileiros ilustres e amigos (e os há muitíssimos) que, reconhecendo a injustiça do ataque, tomaram a nossa defesa, ou seja a de tôda a colônia que ali honradamente trabalha.

Bem hajam êsses cultos irmãos que, sem deixar de consagrar todo o seu amor ao Brasil, sua Pátria querida, sabem defender os estrangeiros dignos da sua amizade.

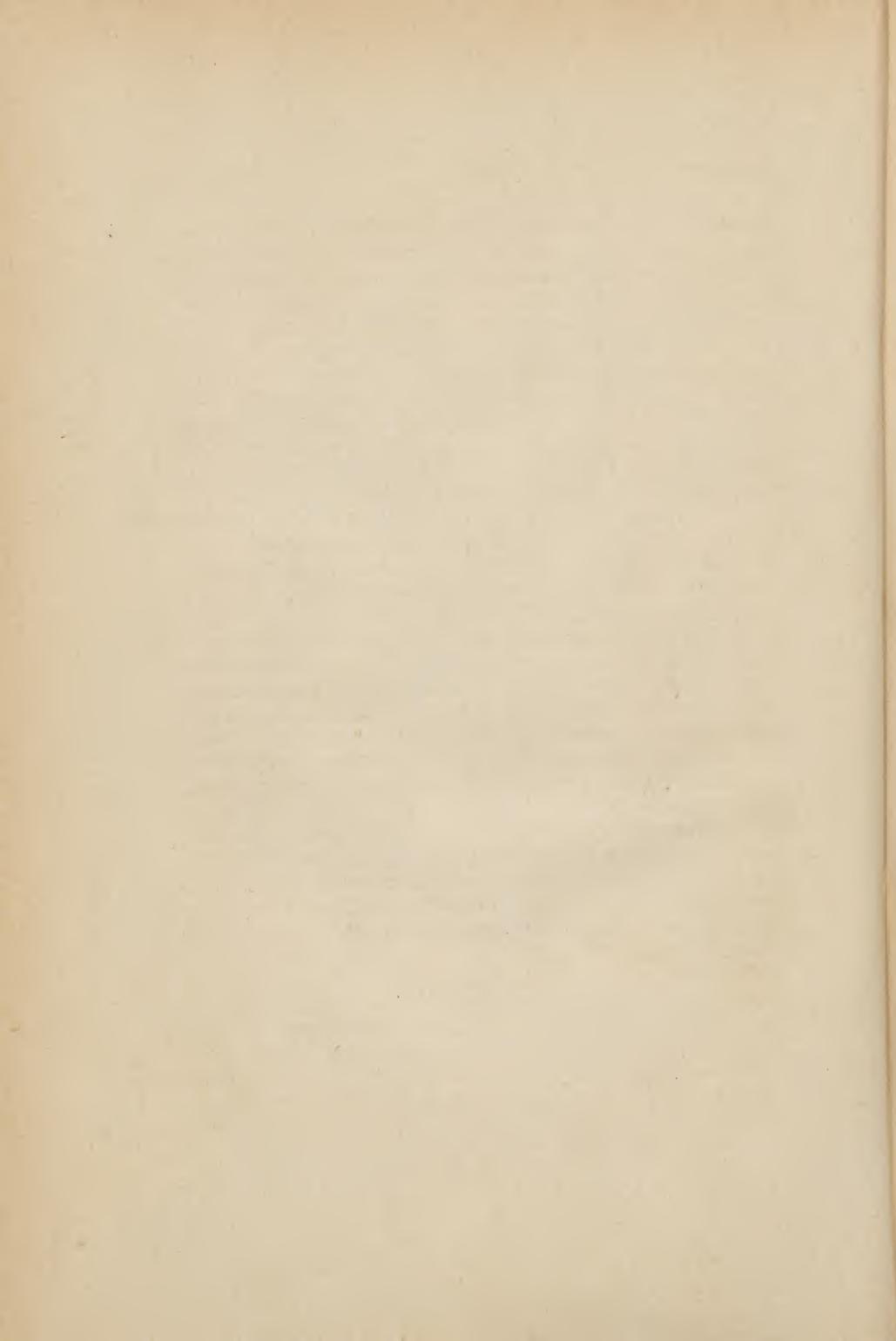
Entre as transformações que o Pará sofreu, devo citar o Teatro da Paz, que foi restaurado interiormente por bons pintores italianos. Deu-se princípio em 1894 à formação de um museu e jardim zoológico, que hoje na estrada da Independência, faz a delícia do povo paraense. Construiu-se uma usina eléctrica para iluminar a cidade, o comércio e os particulares. Êsse melhoramento citadino deu causa a muitos desastres e até mortes, na ocasião da experiência da luz. Um caso eu cito porque o vi. No Reduto, um empregado dos telefones subiu a um poste com o fim de reparar um defeito nas linhas, deviam ser dez horas da manhã. Por baixo dos fios do telefone passava o cabo para a futura luz pública. Os engenheiros, sem prévio aviso, ligaram a corrente para fazerem a experiência naquela zona e àquela hora. O desgraçado empregado desceu, ouviu-se um aii triste, lúgubre, olhamos para cima estava êle dependurado pelo estômago, no cabo conductor da energia eléctrica. Quando o retiraram, tardíssimo, estava em parte carbonizado. Outros casos fatais se deram e que os jornais da época minuciosamente narraram.

Também o que confrangeu muitissimo a população paraense foi uma explosão dos depósitos e fábrica da pólvora. No centro da cidade, ouviu-se um formidável estampido que fez estremecer tudo. O eco vinha do lado do Marco da Légua: — O que

será? perguntavamos uns aos outros. A notícia chegou, correu célere a tôda a população. Os bombeiros e muitos populares, acorreram ao local para prestar o seu auxílio, mas havia o alarme de que alguns dos depósitos ainda não tinham explodido e os socorros foram por precaução um pouco retardados. Houve bastantes vítimas e creio que algumas eram portuguesas. Várias pessoas se salvaram por milagre. Foram encontrados a grande distância membros humanos, tal foi a potência da explosão. Fui ao local do sinistro onde não vi sinais do edificio; tudo tinha voado pelos ares. O terreno estava como se o tivessem aplainado, com pedaços de madeira queimada e restos dos corpos humanos carbonizados. Foi horrroso êsse desastre, houve dúvidas se seria propositado, mas parece que se comprovou que tinha sido casual.

Em 1895 estabeleci-me. Tinha então vinte anos. Entrei no rol dos comerciantes e nas responsabilidades pelos compromissos tomados, pois que o capital foi formado uma grande parte a crédito. Essa resolução foi a minha emancipação, a minha maior idade, pela actividade que tive de dispendir, pelo tino e raciocínio que tive que manter, para vencer com honestidade e brio.

Meses depois, com o doutor Eneas Martins, mais tarde Governador do Estado e Ministro dos Estrangeiros, e alguns letrados e comerciantes, ingressei na «Sociedade Filosófica e Beneficente Renascença», que ainda hoje é uma das primeiras em Belém.



Como se defez um baile

NESSE mesmo ano a « Sociedade Luso-Brasileira » com sede na rua Carlos Gomes entre Padre Prudêncio e Travessa das Mercês, no dia 15 do mês de Agôsto, realizou um banquete de confraternização seguido de baile, entre os seus associados e respectivas famílias.

O traje era a rigor porque dessa Sociedade fazia parte o que havia de mais importante na política, no comércio e na indústria paraense. Às três da madrugada o baile findou. Todos tomaram o rumo das suas respectivas moradas. Eu com mais quatro amigos que viviam para o lado da minha casa na zona do Reduto dirigimo-nos a pé para o Largo da Pólvora hoje Praça da República. A uns cem metros de distância de onde saímos havia outro baile, um *fórrobodó* animadíssimo. Era na casa da juíza da Irmandade de São Raimundo onde se leiloavam prendas ofertadas ao Santo e em beneficio dos cofres da dita Irmandade. Os associados eram todos gente de côr. Apeteceu-nos entrar e dançar e fazendo caso omisso de que estavamos de casaca, colete branco e claque, cheguei ao porteiro, um prêto espadaúdo e forte de lacinho vermelho na lapela do seu casaco branco H. J. perguntei: — Pode-se entrar?

Num sinhô, isto é só para os sócios a num sê, que a nhã Raimunda dê licença.

—Vá chamar a nhã Raimunda, nós tomamos conta da porta, disse-lhe eu.

Depois de certa hesitação o homem foi. Eu esperei enquanto os meus companheiros sem autorização foram entrando.

A casa era meia assobradada. Quatro degraus na entrada ao vestibulo e a cada lado uma porta para as respectivas salas onde se dançava animadamente.

Veio a nhã Raimunda, juíza e proprietária da casa que era minha conhecida e freguesa.

—Entre compadre, êste é um baile só para sócios, mas o sinhô e seus amigos pôde entrá mas onde dar uns cóbres para o nosso patrono São Raimundo.

—Sim comadre queremos ajudar a sua festa e a confraria.

Os amigos juntaram-se e cada um deu o que entendeu ficando a minha amiga juíza muito satisfelta. Ofereceu-nos de beber cerveja ou *gingibirra* fresquinha. Esta bebida é feita de raízes de gengibra com paladar um pouco apimentado mas de sabor agradável.

Fora da porta em plena rua como se fôsse num arraial estavam algumas crioulas com tableiros iluminados por uma luzinha num cartucho de papel a vender *cangica, cúscús e monguzá*.

No baile havia muita preta *cafuzinhas* e *mulatas* nossas conhecidas, tôdas de saia de chita ou de cretone multicôres sob matinées brancos enfeitados com rendas e bordados onde se distinguia os bicos dos seios hirtos e carnudos. Chinelinha elegante na ponta do pé e na carapinha bem cuidada das suas cabeças além da fava de baunilha a *prepiôcã* e o *patcholi*. O cheiro activo dos perfumes suavizavam um pouco o odor da catinga que ressendia dos corpos suados.

Os pares enlaçados requebravam-se num maxixe que alguns músicos do 4.º de artilharia tocavam com maestria. Maxixe tentador dêstes que fazem pular mesmo aos que não dançam. Terminada a música leiloou-se uma carteira bordada a missanga pelas mãos delicadas de uma mulatinha afilhada e criada pela nhã Raimunda.

— Está em dois! Está em quatro! Comprei-a eu por cinco mil réis e fiz presente dela ao Santo. A nhã Raimunda ficou radiante mas os pretos e mulatos ao contrário, notamos de que não estavam de acôrdo com a nossa presença. Veio uma valsa escolhemos as mais simpáticas mulatinhas. Ao meio da dança alguém gritou:— Fora os casacas! Êste grito foi repetido três vezes. Finda a valsa notamos da parte dos homens hostilidade e por isso consideramos os gritos como uma provocação. Reunimo-nos e o nosso primeiro pensamento foi de retirarmo-nos. Mas era desaforo. Vamos acabar com o baile? Perguntamos mutuamente. Combinamos então que na ocasião de um maxixe apagaríamos as luzes e fugiríamos. Tirávamos prèviamente as casacas, dobrávamos e com o claque metíamos tudo debaixo do braço. De colete branco e camisa da mesma côr, no escuro, confundiam-se com as suas indumentárias. Se ficassemos com as casacas distinguíam-nos e davam cabo de nós. A estratégia deu resultado.

A casa não tinha luz eléctrica. Na parede de cada sala um candieirozinho a petrólio e na varanda dois. Cada um tomava conta do seu e a um sinal dado, um apito improvisado com uma chave do bôlso, as luzes apagar-se-iam de repente e cada um punha-se na aragem. Tudo correu como pensamos. O maxixe era dêstes que seduziam. A negralhada apertada corpo com corpo dançava com entusiasmo e gôsto. As luzes, de repente, apagaram-se. Principiaram os sôcos a torto e a direito

no escuro. Ninguém saia! Ninguém saia! diziam. Eu agachei-me e quasi de rastos galguei a janela que ficava a uma altura mais ou menos de três metros. Os espectadores da rua que os há sempre além das vendedeiras do doce àquela hora eram poucos. Notaram que lá dentro havia barulho e não estranharam que sássemos pela janela. Puzemo-nos a *mexer* e esperamos, como ficou combinado, uns pelos outros no Largo da Pólvora à entrada da estrada de S. Jerónimo. Não demorou meia hora estávamos todos reúnidos são e salvos. A um companheiro livrou-o de pancada uma mulata que já tinha sido sua cozinheira saindo com êle de braço dado para a rua. Eram quatro e meia o dia ia rompendo fomos para nossas casas. Passados dias a nhã Raimunda na crença de que quem tinha provocado o barulho foram os seus dignos consócios, para nos expulsar ou bater, veio pedir-me desculpa quando os autores da proeza tínhamos sido os cinco casacas. Não houve sangue mas um desgraçado que estava de *paletot* preto ficou moído de pancada. Quando fizeram luz viram o engano. O que mais pancada deu no desgraçado foi um seu próprio irmão. Isto contou a minha freguesa e comadre juíza da festa. Não é *potóca* mas sim reminiscências de horas inesquecíveis da minha mocidade.

No Marco da Légua, arrabalde da cidade, também por essa época construiu-se o Parque Municipal. Hoje ponto predilecto para os pic-nics, especialmente nas calmosas tardes de domingo...

Um grande roubo

CONFIANDO que a memória não me seja ingrata vou descrever o mais minucioso possível como êle foi praticado. Êste acontecimento prendeu por muito tempo a atenção do público e da policia paraense.

As ourivesarias «Centro Comercial» e «Pêndula Americana», foram roubadas de uma maneira original. Esta última foi a mais sacrificada e pertencia a um amigo, Luiz Serôdio, e nela esteve mais tarde empregado um conterrâneo meu, pertencente a uma das mais illustres famílias. Os roubos causaram admiração e surprêsa pela forma invulgar como foram praticados.

Alta madrugada de uma segunda-feira, regressava eu de um baile de gala, da «Associação Dramática, Recreativa e Beneficente», então com sede no Largo da Trindade, e ao chegar ao meu novo domicílio, frente à «Pêndula Americana», vi, com surprêsa, dois policias sentados um de cada lado, da porta da entrada daquêle estabelecimento. A primeira impressão foi, de que alguém tivesse morrido repentinamente. Alvorçado, perguntei, deixaram-me entrar e vi por cima das montras do balcão, caixas de jóias abertas, vasias, as armações limpas. Junto ao balcão, quatro mosaicos levantados, um montinho

de terra e um buraco à vista. No dia seguinte os jornais traziam colunas e colunas, incitando a polícia a descobrir os ladrões. Os bombeiros, com um foco eléctrico, correram imediatamente em tôdas as direcções a galeria dos esgotos da cidade, a ver se ainda ali agarravam alguém escondido. Foi por ali que êles entraram, talvez ainda ali estivessem. Apareceu apenas um macaco e várias ferramentas mais, para trabalhos de sapa e uma grande porca que, ao encontrá-la fez correr espavoridos os bombeiros. Saíram debaixo do solo, pálidos e como alguns eram pretos, supersticiosos, viram na porca almas do outro mundo. Com custo a laçaram e a levaram para a delegacia da polícia. Os jornais fizeram espírito da detenção do animal, dizendo que foi sàbiamente interrogada, mas que nada dela puderam tirar, conservando-se num mutismo absoluto, não deu matéria para o esclarecimento do caso. Disseram que fizeram várias investidas, mas a porca só roncava, a pedir comida. Os pretos não se chegaram a ela, por que devia ser alma penada, transformada em suíno.

Os dias corriam céleres e a polícia nada descobria. Estavam já desanimados, perdidas as esperanças, quando entrou na delegacia policial, uma senhora elegantemente vestida, falando mal o português, pois era italiana, dizendo querer falar com o chefe. Êste, rápido e gentilmente depois de tomadas as precauções para que mais ninguém ouvisse, atendeu-a e ouviu da dama, a denúncia, de que o ladrão, era o engenheiro da usina eléctrica, o italiano Róca. Êste foi preso e pôsto incomunicável. Também foi um patrício, companheiro e amigo seu, chamado Carleto. Sabendo a polícia, que a senhora denunciante, era amante dos dois, achou conveniente deixá-la ali instalada, hospedada, até ao esclarecimento total do assunto.

Numa busca dada na casa do Róca, encontrou a polícia, um mapa da iluminação pública da cidade,



RIO TAPAJÓS — BRASIL — Bananeira com um cacho do seu fruto

onde se via a posição de um arco voltaico, na esquina do Largo das Mercês e Rua de Santo Antônio, a dez metros da ourivesaria «Pêndula Americana» com um traço mais grosso, mais visível, do foco ao estabelecimento e outro traço, do estabelecimento ao centro da rua. Isto trouxe o convencimento, quer da polícia, quer do público, de que era prova clara, de que se não foi êle que roubou, foi pelo menos, o que dirigiu o trabalho.

Como havia pouco tempo que o Govêrno Italiano, tinha exigido do Brasileiro, uma indemnização de cem contos, para a família de um seu súbdito, morto durante uma revolução em São Paulo, indemnização que o Brasil pagou, êstes ameaçaram o Govêrno do Pará, que pediriam uma indemnização, também, pela violência de os prenderem. Róca, devido à sua categoria de engenheiro, foi transferido da cadeia para o quartel da polícia, onde o vi a dar explicações sobre o manejo de um canhão metralhadora, que havia dias, tinha chegado para aquela fôrça policial. Êle ali gozava de certa liberdade, até comia com os officiais. A amante, confessou que foi ela que mediu a distância, que ia do centro da rua, contando os passos, até ao interior do estabelecimento, junto ao balcão. Que êles na noite de sábadô para domingo, como vinham fazendo havia dias, cavaram o último lanço que vai do cano do esgôto até ao balcão do estabelecimento. Na tarde do dia seguinte, domingo, fizeram sair, batendo por baixo, os quatro mosaicos e passando para dentro, tiveram a tarde tôda para trabalhar, tirar dos estojos as jóias e retirarem-se tranqüilos.

O homem de confiança, que ali dormia tôdas as noites, quando entrou à sua hora habitual, encontrou essa surpresa. Avisou logo o patrão, a polícia, esta, tomou, sem perda de tempo, tôdas as bôcas da galeria do esgôto da cidade. Como acima disse, fê-la correr pelos bombeiros, sem resultado algum.

A italiana negou depois o que tinha dito, houve contradições e desmentidos e afinal, por falta de provas, foram postos em liberdade. Dizia o povo, que a denúncia, foi feita porque ao repartir o bôlo, depois de descravar as pedras preciosas e fundir o ouro, não queriam dar nada ou a parte que correspondia à sua auxiliar. Ela para se vingar foi à polícia.

Estes cavalheiros de indústria mais tarde no Rio de Janeiro, assaltaram uma ourivesaria, roubaram tudo, depois de terem morto dois sobrinhos do dono, que dormiam no estabelecimento. Foi um dos crimes mais trágicos, mais horripilantes das crônicas da criminalologia da capital do Brasil.

*

* *

Em 1897 assumiu a presidência do Estado, o amigo e dedicado médico, senhor Doutor José Pais de Carvalho.

*

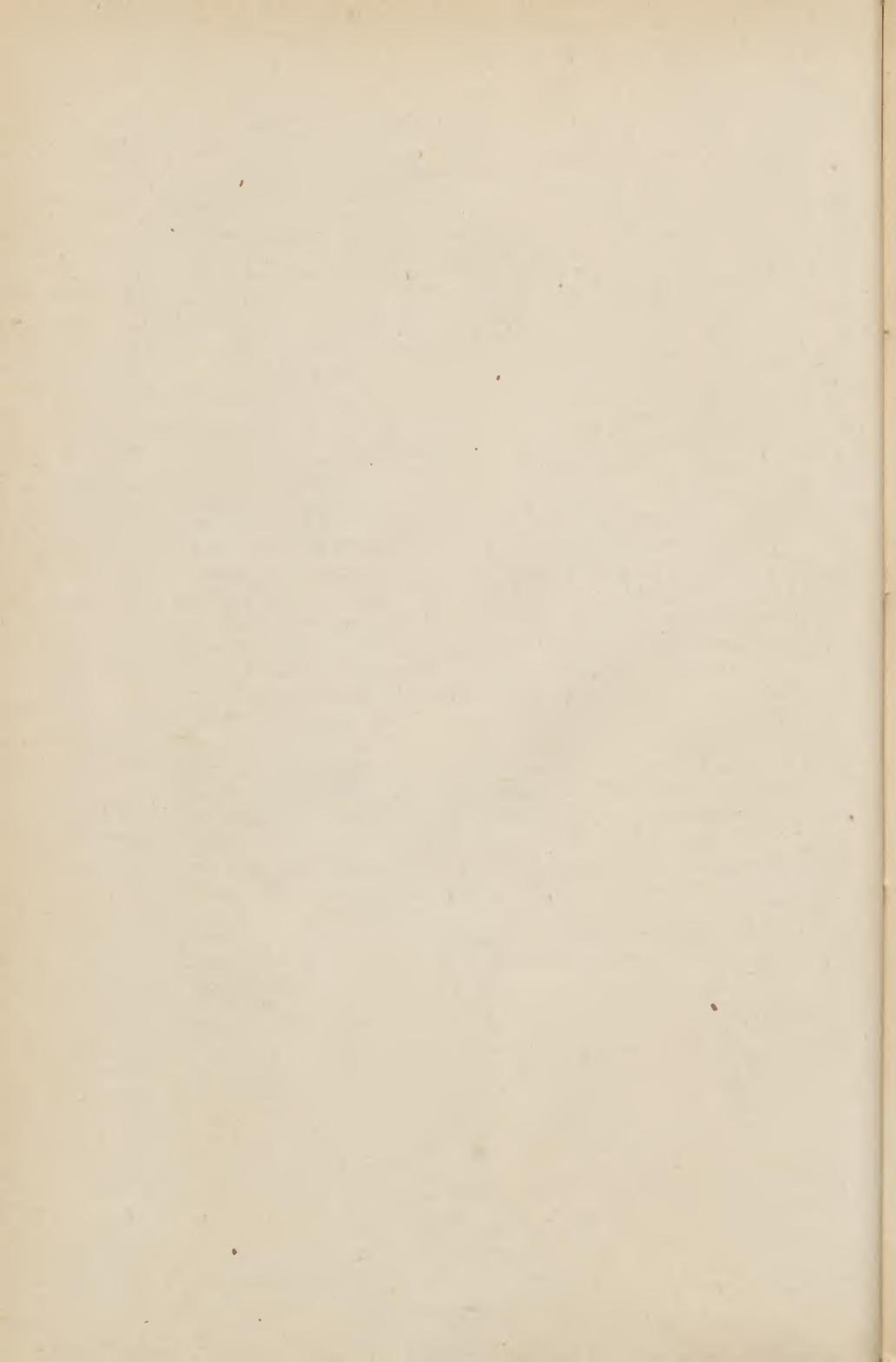
* *

Fundei nesse ano, com vários comerciantes e amigos, no Reduto, arrabalde da cidade, o « Club Recreativo Redutuense ». Ainda com a colaboração de alguns sócios, para distração espiritual dos associados e suas famílias, fundei também o jornal literário « A Violeta ».

A ópera «Guarany» e morte do seu autor

AINDA nesse ano, tive a máxima consolação e pesar de ver ir à cena a ópera «Guarany», regendo a orquestra, o seu autor e insigne maestro brasileiro, António Carlos Gomes. Meses após êsse facto, uma grave doença o arrastou ao leito e daí ao túmulo. Foi para a nação, uma perda grande, pois que a-pesar de não ser novo, o país ainda esperava mais do exímio maestro, glória brasileira. O entêrro foi imponente. O comércio fechou, e tôdas as agremiações acompanhadas dos seus pavilhões, se incorporaram. O Exército e os bombeiros igualmente. Ainda o féretro estava em casa, na Travessa Quintino Bocayuva e o funeral ocupava tôda a extensão da rua 28 de Setembro e dobrava para o centro da cidade. Quem assistiu à imponente manifestação que lhe fizeram no Teatro da Paz, ao findar a representação da ópera da sua autoria, por muito tempo duvidava que tam rápido fôsse arrebatado de entre os vivos.

Eu acompanhei-o à sua última morada e senti profundamente o passamento dêsse eminente brasileiro.



Revolução em Canudos

A PRIMEIRA vista parecerá estranho que entre a descrição das minhas viagens e impressões, venha narrar uma ensanguentada página da história brasileira e estando em Belém-Pará, me importe e transporte para um livro o que se passou lá longe, no interior do Estado da Baía. Isto tem uma explicação. O Brasil é a minha segunda Pátria. Belém, se não foi meu berço, foi minha escola. Se no torrão natal apreendi as primeiras letras, no Pará apreendi os primeiros passos na vida activa, comercial e social. Tudo a que este país e a esta terra interessa, a mim me interessa também.

Em Canudos, brasileiros incultos, por maldade à mistura com o fanatismo, dizimaram impiedosamente brasileiros cultos. Irmãos contra irmãos, numa cruenta guerra. Entre as vítimas havia muitos paraenses e é natural, que grato e amigo da terra que tam bem me acolheu, vestisse, nessas horas trágicas, de rigoroso luto.

Um resumo do facto e da história Dizem que no Crato, interior do Estado do Ceará, alguns anos antes desta tragédia nacional, uma outra tinha ocorrido, de carácter privado, familiar e íntima, a qual passo a narrar : António Mendes Maciel, filho daquêle Estado, depois de percor-

rer várias povoações e ocupar vários empregos, alguns até de responsabilidade, pois não era destituído de certa cultura e educação, chegou àquela cidade e constituiu o seu lar.

Alguém dizia que a espôsa não lhe era fiel: outros afirmavam que eram os dois muito felizes. O que mais constou, porém, era de que a mãe do Antônio Maciel não gostava da nora e, para a desacreditar inventou e lançou a público êsses boatos. O seu ódio levou-a a desejar que o filho se separasse da espôsa, e, para isso disse-lhe um dia à queima roupa que a mulher o atraía, convencida de que era argumento eficaz para a realização do seu intento.

O homenzinho surpreendido, pois depositava na espôsa a máxima confiança, duvidou.

— Olha; diz-lhe a mãe, finge uma viagem e volta à noite para te certificares do que eu te digo.

O Antônio Maciel assim fez; partiu, voltou, pôs-se à coca, de rifle engatilhado, e viu com profunda tristeza que era verdade o que a mãe lhe dissera.

Um homem procurava galgar a janela da sua venda. Pôs a arma à cara; um tiro lúgubre soou, e o corpo do ladrão da sua honra tombou.

Alucinado, desvairado, corre para o interior da casa e de um tiro certo matou a espôsa que, na sua rêde tranqüilamente, dormia.

Furioso, colérico, voltou rápido fora para conhecer, calcar o corpo hirto do bandido causador da sua desgraça. Êste, estava caído de bôrco e ao dar volta para distinguir-lhe a face, recuou espavorido, porque viu que era a sua própria mãe, disfarçada com traje masculino, a quem tinha matado.

Deprimido, sombrio ante tamanha desgraça, fugiu, abandonou aquêles lugares onde deixava mortos, por si, dois entes queridos e o seu lar trágicamente desfeito. Correu então para muito longe. Embrenhou-se no sertão do Estado próximo, vestiu-se de camisa de zuarte e com sandálias de couro,

um tôsko bordão na mão, como um anacoreta, errou de lugarejo em lugarejo, dando conselhos ao povo. Pedia só o necessário para comer.

Os habitantes incultos do interior do Brasil são de uma facilidade extrêma, para crer nas coisas sobrenaturais e, por isso, o misterioso Messias, era acolhido, com veneração e místico respeito, por todos, nos lugares onde passava chamando-lhe *Bom Jesus Conselheiro*.

Deixou crescer o cabelo, a barba e as unhas e estão a ver a figura exótica dêste personagem.

Depois de, com essa indumentária, percorrer o interior de vários Estados, chegou a Canudos, na Baía. Aí fixou residência rodeado de milhares de famílias, fanatizadas, que o seguiam e faziam tudo que êle ordenasse. Formou um arraial que, segundo alguns escritores, tinha para cima de cinco mil casebres, barracas, e uma igreja sólida, que êle mandou construir.

Tudo isto no tempo em que reinava ainda o Imperador D. Pedro II.

Veio a proclamação da República e êle não recebeu bem essa transformação política do Estado brasileiro.

Votou ódio de morte ao Exército, mas como estava lá quieto no seu arraial, o Govêrno pouco, ou nenhum, caso lhe prestava.

Deu-se a revolta da Marinha, monarquica, contra o Exército republicano. A primeira página sangrenta do regímen novo, saindo vencedor o Exército sob o comando do Marechal de ferro, Floriano Peixoto, então Presidente da República. Os cabecilhas da revolução valentes e arrojados almirantes Custódio José de Melo e Saldanha da Gama, fugiram na canhoneira portuguesa « Mindelo », para Montevidéu. Isto custou, em Lisboa, um processo, pro-forma, ao grande marinheiro e comandante português, Augusto de Castilho.

O Brasil voltou ao sossêgo. Reinava, salvo alguns isolados casos sem maior importância, nos Estados, uma relativa tranqüilidade, até que, anos após, ao govêrno da Baía chegaram queixas de assaltos, mortes e roubos no interior pelos fanáticos adeptos de António Conselheiro. O Govêrno mandou para ali uma fôrça policial para prender os deliquentes e esta foi dizimada. Mandou outra e mais cem homens do Exêrcito e poucos voltaram, sem terem exterminado a rebelião.

O Govêrno Federal, começou então a ver ali um foco insurreto, disposto a prejudicar a normalidade que queria imprimir ao novo regímen e mandou do centro e do sul do país, poderosas fôrças, as quais, se não na totalidade pelo menos uns dois têrços, foram abatidas. Os *jagunços*, assim chamam aos desordeiros filhos daquela inhóspita região, bem armados, conhecedores do terreno que pisavam, fazendo frente ou em guerrilhas, levavam grande vantagem e venceram. Embora o Exêrcito brasileiro fôsse valente e resistente, mesmo sem a disciplina e compostura dos Exêrcitos modernos, pois ainda se via muito soldado a gingar, de boné caído sôbre a orelha, estava no entanto organizado, para, em campo aberto, fazer frente ao de qualquer outro país. No Paraguay e no Rio Grande do Sul, onde entre êle morreu, lutando, Saldanha da Gama, deu provas da maior disciplina e valentia. Em Canudos, três mil *jagunços*, com as suas emboscadas, tornaram a luta cruenta e uma grande parte dêsse Exêrcito ficou ali enterrado. Atiravam de preferência aos que tinham divisas ou galões, de forma que, a fina flor dos comandantes e oficiais, ali ficou sepultada. Entre êles tombou o Coronel Moreira César que, segundo alguns boateiros, foi morto pelos próprios soldados, devido à carnificina feita, ou mandada fazer, por êle em Santa Catarina e no Paraná.

Dizem que mandou, para consolidar a República, fuzilar famílias inteiras de monárquicos de destaque e de valor. Boatos êstes que não passaram à história, porque não se poderam comprovar.

Eu vi embarcar o 15 de Infantaria, comandado pelo orrojado capitão Gomes Carneiro, o 1.º e o 2.º Corpo de Polícia do Pará, comandados, respectivamente, pelo Coronel Sotero de Menezes e o Capitão Fontoura. Estas forças foram juntar-se às dos outros Estados, em São Salvador, para sob o comando do General Artur Oscar, darem o golpe final aos revolucionários de Canudos.

Meses depois, em uma manhã ridente e alegre de sol, regressaram, dessa campanha, que enlutou todo o país, a Belém, os sobreviventes das forças enviadas.

O comandante do 15 não vultou, tombou herôicamente lutando. Os soldados, embora em forma, pareciam frangalhos humanos. Esqueléticos, sujos, barbas crescidas e alguns com chapéu de couro; dos que usavam os *jagunços*, davam a nítida impressão do que tinham sofrido, das privações por que passaram, para terminarem com a criminoso insurreição, do Antônio Conselheiro. Disseram que friamente e sem piedade, degolaram os *jagunços* vencidos.

Trouxeram como troféus de vitória, alguns filhinhos menores dos que tinham matado, os quais, foram distribuídos, pelas famílias caritativas e ricas da cidade de Belém. Isto deu motivo, quando na Bahia entusiasticamente se festejava a vitória, a um protesto da mocidade, estudiosa, da Faculdade de Direito, que em uma longa carta-aberta entre outras coisas dizia :

«Foi uma atrocidade cometida; uma aberração monstruosa que lançou sôbre a Pátria brasileira um laivo de sanguinolenta atrocidade.

«Urge que estigmatizemos as iníquas degolações de Canudos, para que todos se convençam, para que fique indestrutivelmente assentado que a República, como qualquer governo civilizado do Século XIX, repele, com a mesma indignação e o mesmo horror a série inteira de obelações sanguinárias, desde o holocausto desventurado de Brutus, até ao aguilhotamento em massa, dos ferozes republicanos de 1789».

Esta campanha deu tema a muitos escritores para descreverem o heroísmo do Exército e dos *ja-gunços*, ou seja, de todos os brasileiros irmãos que se lançaram numa luta de morte uns pela Monarquia, outros pela República saindo ao final esta vencedora. O sangue português gira nas veias de uma grande maioria de brasileiros não é de estranhar, que, por atavismo, êstes sejam, ante o perigo, arrojados valentes e audazes.

O Coronel Sotero de Menezes, foi promovido a general. Promoção justíssima, porque além de ser um corretíssimo cavalheiro, era um valente militar. Tive a honra de privar com a sua família, com suas gentilíssimas filhas. Assisti ao casamento da mais velha com um tenente da fôrça policial. Não havia tertúlia ou baile no seu palacete, que não fôsse eu um dos primeiros a ser convidado. Não é por êste facto que rendo a minha sincera homenagem, de português, ao brioso e já extinto militar brasileiro, pois estou certo que, os que o conheceram, estão concordes com esta minha opinião ou apreciação, de que Sotero de Menezes, era austero, delicado e valente. Soube brilhantemente honrar a corporação a que pertenceu.

*

*

*

O senhor doutor Pais de Carvalho sendo um excelente estadista e bom patriota, reconhecendo a

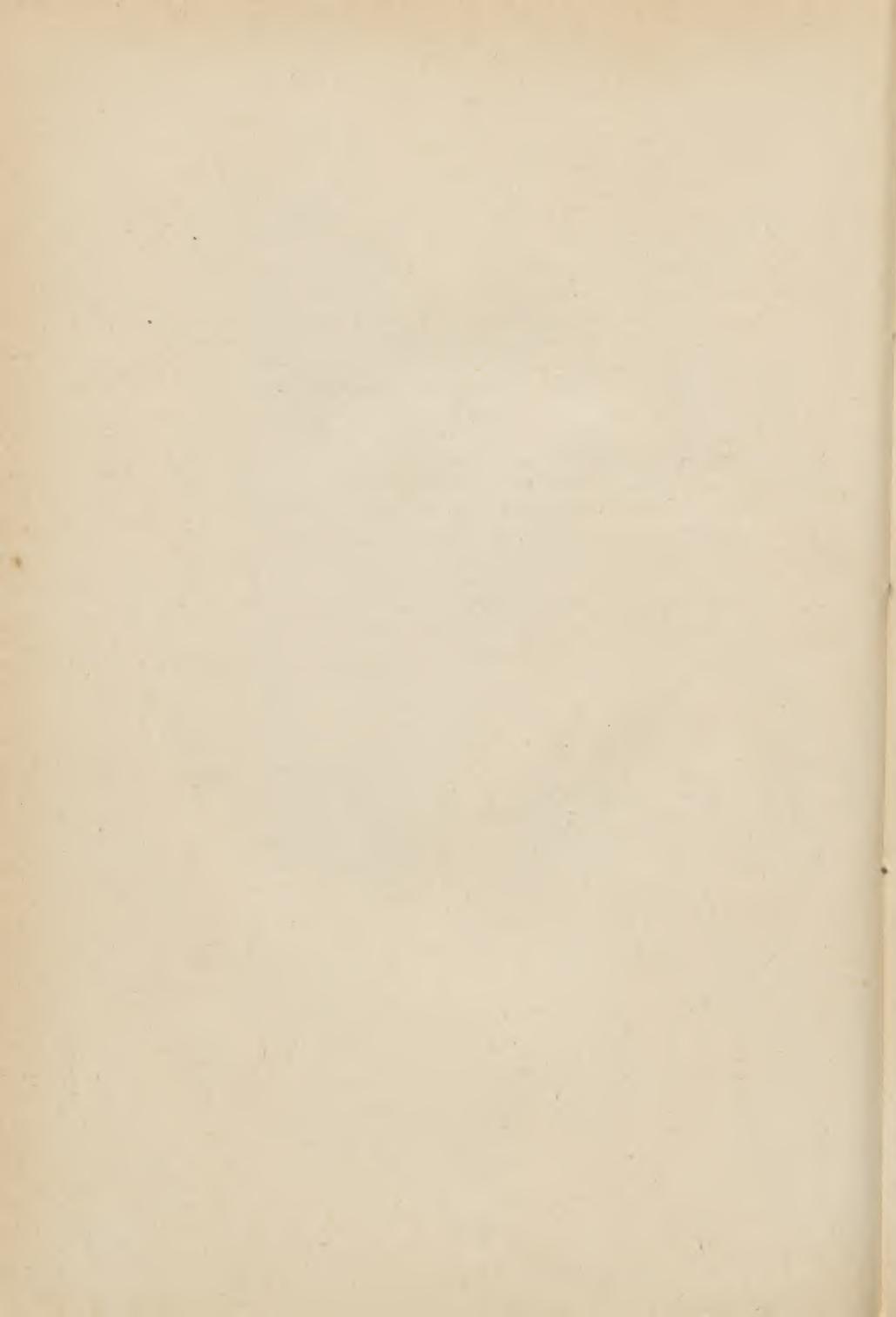
necessidade de braços para a lavoura e indústria do seu Estado, que tem campo vasto para se desenvolverem todos os ramos de actividade humana, deu facilidade à entrada de estrangeiros. No Governo dêste illustre paraense, foi ainda que se resolveu, graças à acção, do mestre dos diplomatas, o Barão de Rio Branco, a questão com a França, sobre o disputado território do Amapá, para cuja solução a favor do Brasil, o Governo português, por ser de direito e de justiça, muito contribuiu. Reconhecido êsse direito ao Brasil, o território foi incorporado ao Estado do Pará. Isto deu motivo a brilhantes festas. Houve uma passeata cívica, à frente da qual iam os homens de mais representação do Pará, entre êles o doutor Lauro Sodré. Não faltou o meu concurso como português e a bandeira do meu club, acompanhado de todos os associados.

*

*

*

Em 1901 subiu os degraus da Suprema Autoridade do Estado o senhor doutor Augusto Montenegro, que terminou durante o seu mandato tôdas as obras públicas iniciadas, dando o maior progresso e brilho à cidade.



Regresso à Pátria

NESSE ano tive eu a imprescindível necessidade de liquidar os meus negócios para depois de tam grande ausência, regressar à Pátria. As saudades me impeliam a isso e eu vi-me obrigado a separar-me de verdadeiras dedicações e amizades, deixando a todos um pedaço do coração, da minha alma. O regresso ao seio do lar paterno, foi cheio de emoção e alegria. Dois anos demorei entre as afeições mais puras, que são as da família. Vinte e quatro meses de convívio com os meus e com todos aquêles que, aos meus, guardavam respeito e carinho. Gosei as delícias do meu lar inicial. Do affecto dos meus pais, irmãos e irmãs. Do clima esplêndido, do torrão querido que me serviu de berço. Embalado por êsse carinho, por êsse amor paterno e materno e de todos os que me são caros, esqueci as amarguras passadas nas longínquas terras do Brasil. Corri extáctico, surpreendido, os lugares que outrora, quando pequeno, achava grandes e que agora me pareciam terem diminuído.

A igreja onde pela primeira vez comunguei; aquela outra em que tirei pedras ao sino. A escola onde aprendi; os campos e praças para onde desaffiei, para a luta nobre e franca, os meus condiscípulos. As formosas, as encantadoras margens do

rio, onde tanto nadei, onde por vezes estive prestes a afogar-me, por cujo motivo com justíssima razão, levei algumas sovas dos pais.

Que grato é reviver a infância! . . .

Encontrei companheiros da escola. Uns empregados públicos, alguns padres, farmacêuticos e doutores, bem colocados entre a sociedade. Muitos, vergados ao pêso do rude trabalho, agarrados afinadamente ao officio para sustentar a prole que Deus lhes deu.

Após a vigéssima vez que no prazo dos primeiros dois meses visitei e percorri aquelas ruas e praças, lugares queridos onde brinquei e gozei a infância, cheguei a casa e encontrei uma carta, que o carteiro tinha deixado, vinda do Pará. Cêtere a abri e estupefacto e surpreendido li e reli. Era dum commerciante amigo, solteiro, ex-companheiro de casa, que estava detido pela polícia e apelava para a minha amizade. A Celeste, minha ex-amante estava para ser mãe e disse à família que foi êle o autor da sua desgraça. Esta, amparada pelo rigor da lei, queixou-se à polícia. Antes de transcrever a carta do meu amigo, convém narrar o mais minucioso possível, o lugar que a minha ex-amante ocupava na sociedade, como se fez minha, depois de ser de outro e como queria comprometer um terceiro.

O rigor da lei policial brasileira

O RAPAZ que faz a côrte a uma moça e não sabe, ainda que ela seja a provocadora, dominar, os ímpetos sexuais e comete o delito de se adiantar, seja a moça de que categoria fôr, preta ou branca, pobre ou rica, se ela faz queixa, casa, dota, ou vai por oito anos para a cadeia. Existem mãis que encontrando-se com poucos recursos para viver e tendo uma filha quási casadoira, incitam-na a que faça a côrte ao português, merceeiro ou quitandeiro, da esquina. Dá-lhe tôda a liberdade, até que o «portuga» caia no laço. Depois vai para a polícia, chora, queixa-se contra o malvado, que lhe desgraçou a filha e sem testemunhas, mas com a declaração da moça, que faz fé, se o sedutor não casa, é engaiolado e corre o processo. Acaba sempre pelo casamento.

Não sucede isto só com as menores, mesmo com as de maior idade, está-se sujeito, quando menos, a passar trabalhos, como verão pela narrativa que a seguir faço, da qual fui um dos protagonistas.

Um amigo meu, Contador Público e nas horas vagas professor de dança, casado e com filhas, de vez em quando convidava-me para ir almoçar a sua casa. Eu ia satisfeito por que eram umas horas de agradável conversa. Com êle vivia a maior parte

do tempo, uma cunhada, não bonita, mas alta, elegante, que me deitava uns olhares tentadores. Pertencia a uma família distintíssima. O pai, era um dos primeiros advogados. Os irmãos professores dos cursos superiores. Um dia que estávamos sós, ela perguntou-me se eu não pensava em casar. Respondi-lhe com malícia, pois ela já se aproximava dos trinta, que não, por que era apologista do amor livre. Esta declaração não lhe fez moça, respondendo logo : — Que casualidade, eu penso justamente como o senhor Daniel. Não me casarei jamais. Para quê? Estar a ligar-me a um homem, que não se sabe se sai bom ou mau, não quero, prefiro gozar a vida, livre de laços, ou prisões. Não acha que penso bem?

Esta resposta de uma senhora solteira e de boa família espantou-me, mas à queima roupa para não perder a oportunidade, disse-lhe : — Pois se quiser nós os dois podemos entender perfeitamente. Você passa a ser minha e eu passo a ser seu, mas com plena liberdade ; se um de nós se cansar, abandona a praça e assunto liquidado. Que lhe parece?

— Alto, diz ela, lembre-se que tenho família, que é muito conhecida e se meu pai chega a saber, não sei o que nos faria. Isso não pode ser assim como pensa, há que dar tempo ao tempo.

Quási todos os dias vinha ao estabelecimento visitar-me. Uma noite, estando eu em casa do cunhado, deviam ser umas dez e meia horas, ela manifestou desejos, de ir dormir a casa de um irmão casado, que morava longe, quási em um dos extremos da cidade e diante de todos me perguntou se eu a podia acompanhar.

— Porque não, respondi. Claro está que compreendi logo a intenção da Celeste. Tínhamos que passar pela república, que eu, de sociedade com outros comerciantes solteiros, amigos, tinha alugado em uma rua escusa. Os companheiros, só depois



BELEM — PARÁ — BRASIL — « GRANDE HOTEL TEATRO » na Praça da República

da meia noite, entrariam em casa, portanto, podíamos estar ali à vontade e sem susto. Era dos estatutos, os companheiros respeitarem mutuamente, as visitas que cada um recebia, nos seus compartimentos dentro da república, e sendo assim não seríamos incomodados.

Abri a porta olhando para todos os lados, como um ladrão que vai esconder o fardo com o roubo. Foi uma hora fugaz mas íntima de prazer. Conheci logo que fui ludibriado, não encontrei o que esperava. Aquela flor havia sido colhida por outro. Inventou entre lágrimas fingidas, um acidente passado em criança, o que não acreditei. Terminada a hora, onze e meia mais ou menos, acompanhei-a a casa do irmão. No dia seguinte não me apareceu. Dois dias depois veio visitar-me, saber da minha saúde. A minha saudação foi sêca, como se estivesse zangado e disse-lhe:

Se não me dizes quem foi o primeiro, não quero saber mais de ti, nada mais há entre nós. Vendendo a minha atitude, e dizendo que agora não podia passar sem o meu carinho, contou o caso da sua desventura, da seguinte forma:

— « Eu tive um namorado cearense, empregado superior do « Instituto Benjamim Constante », que quiz casar comigo. Foi pedir a minha mão a meu pai, isto há dois anos, mas como meu pai não sympathizava com êle, negou-lha sem me consultar e a mim proibiu-me de lhe falar. Eu, confesso, gostava muito dele e não podia conformar-me com essa atitude, com essa situação. Busquei modo e maneira de lhe falar e para isso ocupei uma comadre, preta, que tinha para os lados do *Umarizal*. Pedi-lhe a sua protecção para os nossos amores, dizendo-lhe que eram com o fim de casar, que me deixasse falar com êle em sua casa, pelo menos uma vez por semana. A comadre cedeu e religiosamente, quatro vezes por mês, nos víamos, a mais de nos escre-

vermos. A comadre de propósito, para estarmos à vontade, ausentava-se, deixava-nos sòzinhos, nós fechavamos a porta, para que nenhuma vizinha viesse perturbar o nosso idílio. Resisti muitos dias, mas lá chegou um, que não pude mais e sucedeu o inevitável.

— Como se chamava?

— José Pereira Camorim e continuou; êle adoeceu com o beri-beri; arranjei que a minha comadre fôsse a sua enfermeira, para com ela eu ir cuidá-lo, tratá-lo. Os médicos disseram que tinha que mudar de ares, que uma viagem ao Ceará, fazia-lhe bem. Chorei muito, muito, mas deixei-o ir com a promessa de que voltava, para, mesmo contra a vontade dos pais, pois eu era de maior idade, casarmos. As cartas eram uma para o correio, quasi todos os dias, mas no fim de dois meses, eu escrevia e não recebia resposta. Isto preocupava-me muito e quando vi que o tempo corria e não vinha notícias, tratei de, por intermédio de patrícios seus, que eu conhecia, mandar perguntar para o Ceará, o que era feito do Camorim. A noticia não se fez então esperar, triste, lúgubre. Tinha falecido, não do beri-beri, mas de uma afecção pulmonar. Desmaiei, andei doente meses e minha familia sem saber porquê. Tudo neste mundo passa; há dois anos que venho chorando, até que appareste tu e me enamorei. Estás satisfeito?

— Sim, agora estou contente contigo.

Quando se ausentou, tomei nota de tudo o que ela me contou, com os respectivos dias, nomes e horas, porque sabendo como é rigorosa a policia do Pará, pelos casos, que, quasi todos os dias, se davam, preparei-me para me defender de uma cilada. Dei-lhe uma chave da porta da república e nas horas mortas, principalmente aos domingos, que no Pará são as da tarde, quando a canicula aperta, tudo dorme a sesta, ela entrava às duas e meia, mais

ou menos, e ia ao meu quarto despertar-me. Pas-sávamos a tarde juntos. Os companheiros da repú-blica tinham conhecimento disso, não porque eu lhes participasse, mas porque desconfiados, puse-ram-se à coca e descobriram tudo. Guardaram absoluto segredo e respeito, porque isso fazia parte das cláusulas do regulamento interno da repú-blica. Êste idílio apenas durou seis meses, por-que daí em diante principiei a liquidar os negócios para embarcar para Portugal em visita à família. Preparei os papéis e o passaporte em segredo, para evitar lágrimas. Passei a presidência da república para um dos amigos, Luiz Ferreira, dono de uma das melhores alfaiatarias, o qual passou a viver no meu quarto, que era o melhor, o mais estraté-gico. Ela, com certeza, como de costume, no domingo seguinte ao da minha partida, foi ter comigo e encontrou no meu lugar, o substituto que ela bem conhecia. O que se passou não sei, mas é provável que o meu amigo, não se contentasse com um *fiápo* e aproveitou e tirou grande *lâsca* dando isso em resultado passados dois meses da minha chegada a Portugal receber a carta que me surpreendeu e que dizia assim:

Daniel amigo
Que estejas bem, etc.

Participo-te que estou preso. A Celeste, que está para ser mãe e não sei se é de ti, ou se é de mim, disse que o filho é meu e que fui eu que a desgracei. Esta infâmia, fez com que a família, que é como sabes de influência e poderosa, se queixasse à policia e esta aqui me tem preso. Vieram os companheiros da república declarar ter ela sido muito tempo, tua amante. Até vizinhos, expontâneamente, declararam que a viram entrar muitas vezes para o

teu quarto; mas tudo inútil, a polícia não quer saber, ou caso, diz, ou vou para a cadeia.

Lembrei-me pedir-te uma declaração escrita por tua mão, em que exponhas quanto tempo ela foi tua amante e como conseguiste que ela o fôsse.

Os meus amigos mandaram-me um advogado, que diz ser isso um importante documento, mas que devia ser feito ante o Cônsul do Brasil. Tu manda uma carta a mim dirigida, estranhando o caso, dizendo tudo que possas dos teus idílios com ela, que eu com isso e com a influência dos meus amigos, hei-de conseguir que a polícia caia em si e compreenda a injustiça da sua atitude, havendo a atenuante de, ela, ser de maior idade».

Por ser de justiça e indignado com o proceder da Celeste, escrevi tudo o que ela me contou, com nomes, datas e todos os passos que deu, com o seu namorado e violador, na certeza que da forma que a carta ia escrita, a polícia não podia duvidar e se duvidasse era-lhe fácil, lançando-se em campo, comprová-lo. Esta carta-exposição cruzou-se com uma do meu amigo Luiz Ferreira, que dizia:

«A minha carta última foi escrita na Delegacia onde estava detido. Devido ao trabalho dos meus amigos a polícia finalmente compreendeu a injustiça da minha detenção e pôs-me em liberdade. A família não desistiu e continuou com o processo contra mim, mas espero que com a tua carta-declaração, o meu advogado fará arquivar o processo, por ela ter sido de mais de um. Pois segundo reza a lei, uma mulher assim, passa a ser uma prostituta. Vê, lá, meu amigo, os trabalhos que me deu, os prejuízos que me ocasionou esta aventura. Se não tivesse amigos, estava hoje casado, com a tua ex-amante».

Concordo que a lei é boa, porque põe um freio à devassidão que o clima, as indumentárias leves, que as mocinhas usam, junto com a tentação provocada por muitas, se vem alastrando na sociedade. Mas

está bem, em defesa das menores, mas não para uma como a Celeste, que é bem de maior idade. Olha de que tu te livraste! O que te esperava!... Pelo menos, ninguém te tirava os trabalhos e as canseiras, para provares que não fostes tu o primeiro e que não és o pai do filho». (a) LUIZ FERREIRA.

Eu penso como o meu amigo que a lei é boa, mas à sua sombra a polícia comete muitos abusos. Dou-me por feliz ter escapado a êsses trabalhos que me estavam destinados, pelo rigor da lei policial brasileira.

E já que de uma aventura tratei, vou narrar dois casos que se deram comigo nos primeiros anos do meu viver no Pará. O primeiro foi passado na época que sendo caixeiro, para ser bom balcão, atirava-me a namorar tôdas as mocinhas que iam ao estabelecimento e querendo voar sem ter asas, me vi atrapalhado, como exponho no seguinte

EPISÓDIO

A sorte tem os seus momentos Quando se é empregado e solteiro, o ordenado por grande que seja, nunca chega, para pagar as dívidas do mês que finda, ou seja atrasadas. O empregado que queira andar na moda e brilhar na sociedade, compra tudo a prestações e quando recebe o ordenado mensal, começa a distribuir pelo alfaiate, pelo sapateiro, barbeiro, lavadeira e dá por conta ao restaurante, onde durante o mês comeu e bebeu, acaba por ficar sem nada, ou com muito pouco, para fazer face à despesa do mês que principia.

Eu, devido à minha estrêla e ao palmo de cara bonita, de que era dotado, sem vaidade, tinha na realidade, um certo prestígio entre o elemento feminino paraense e quem lucrava com isto era o patrão.

Pedia aumento de ordenado e respondiam-me com a oferta de uma gratificação no fim do ano e os meus apertos no fim do mês, continuavam. Estávamos no mês de Outubro, no auge da festa de Nossa Senhora do Nazaré, a época mais crítica e triste para o empregado que ganha pouco. Uma noite, depois de jantar com todo o capital que me restava do mês, dez mil réis, fui dar uma volta ao largo, onde se realizava o arraial, cumprimentar de longe, para não ser forçado a fazer despesas, as meninas conhecidas e recolher-me a casa cedo.

O calor apertava, quis refrescar a garganta, sentei-me a uma mesa que em frente a um bar, num dos passeios laterais do largo, estava vazia. Pedi uma água de côco, verde, gelada, servida no próprio côco, com palhinha para chupar. Estava nesse descanso, saboreando a água e apreciando o aspecto do arraial, com o seu característico barulho de cornetas, tambores, realejos, carrosseis, teatrinhos, etc., quando perto de mim apareceu uma das melindrosas que se dizia apaixonada por mim, mas não eu por ela, com os pais e os irmãos e numa exclamação expontânea, diz: — Olha! o senhor Daniel. Aqui sòzinho e triste! vamos fazer-lhe companhia! e sem cerimónia, senta-se ao meu lado; atrás dela, senta-se a família. Os irmãos menores, Juquinha, Zèquinha e Manduca, em berraria quási, diziam: — Nós queremos sorvete.

Eu comprimentei-os friamente, não porque não os estimasse, eram meus fregueses, mas estava em mostarda. Com dez mil réis o que lhes poderia oferecer? Pela minha mente cruzavam milhares de pensamentos. Vou, dizia eu comigo, falar ao dono do bar ver se me fia e se negar deixo-lhe o relógio, que vale uns patacos, como penhor da minha palavra até amanhã. A família notou, enquanto eu ràpidamente meditava nisto, a minha frieza ou preocupação. Mas depois de me ter lembrado do reló-

gio, tornei-me mais expansivo; bati palmas, veio o empregado e dirigindo-me aos pais da moça perguntei: O que vão tomar? Nós queremos sorvete, diziam os garotos e a moça também, os pais quiseram cerveja. O empregado retirou-se e nisto vejo passar perto de mim, um comerciante amigo, que andava a fazer-me propostas, para eu deixar o Veludo e ir para auxiliar da sua casa. Pedi licença, deixei o chapéu e a bengala sôbre a cadeira, para que não julgassem que me escapava para não pagar, e fui no encalço do comerciante. Fi-lo parar e pedi-lhe:

— O senhor Oliveira, pode fazer-me um favor de me emprestar cinqüenta mil réis, até amanhã, para sair dum entalço?

— Tenho uma nota de cem, mas como vou agora aqui a uma parte reservada, preciso de levar cinqüenta. Toma, leva, troca que eu espero, que tragas metade.

Ligeiro entrei numa casa, das tantas, de roleta e disse: Um mil réis no número catorze. Era esta a maneira de trocar mais rápido o dinheiro. Deu o número catorze. Continuei: mil réis no número nove. Deu o número nove. Recebi setenta mil réis. Isto foi rápido. Saí, entreguei ao comerciante, que impacientemente me esperava, a nota de cem e vendo nêle olhar de espanto, dei-lhe uma explicação ligeira e voltei para a mesa, onde tinha deixado a família da candidata ao meu amor. Então, radiante, fiz-me de rico. Mandeí vir mais sorvetes para os garotos, porque os primeiros já estavam lambidos. Levei-os aos teatrinhos, a todos os divertimentos, que foi possível ver, naquela noite. Eram duas horas da manhã quando tomamos o « bond » e os fui acompanhar a casa. A pequena apertava-me o braço, encostava-se a mim escandalosamente, sem que os pais dessem por isso. Eu, aos domingos, costumava visitar as famílias freguesas, mas, a essa, nunca mais fui. Choveram convites dos pais, bilhe-

tinhas e recadinhos da moça, mas eu arranjava sempre escusa, até que compreenderam, que eu era arisco para cair no laço, cansaram-se e viraram-se para outro lado. Emfim, o que me custou foram aquêles momentos de atrapalhação, para fazer face com dez mil réis, às despesas que previa. Não sei se a sorte foi minha ou me veio da nota dos cem mil réis do amigo comerciante. Eu algumas vezes, fui arriscar aos dez tostões, mas nunca mais, a roleta, me deu coisa alguma. A sorte tem os seus momentos.

Como numa aventura de amor se pode perder a vida

NÃO foi o último facto aquêle de que fui protagonista o que mais calou no meu espirito. Outro se deu na época em que era caixeiro e me diziam ser um bom balcão. Esta aventura é passada um ano depois do meu regresso do Tapajós e que me ia causando a morte, quando me julgava o mais feliz dos homens, ao lado de uma das mais formosas mulheres.

Perto do Reduto, arrabalde da cidade, vivia um engenheiro de certo prestígio na sociedade paraense casado com uma senhora formosíssima. Êle mais vélho uns anos que a espôsa e talvez por isso, era ciumento. Não saía a espôsa à rua, a festa ou a compras, sem ser acompanhada por êle. Não tinham filhos. Não posso explicar o porquê, dela me dar a preferênciã, quando queria comprar algum vestido. Consultava-me sôbre o gôsto, eu dava-lhe a minha opinião, por que via que o marido, sendo desconfiado, achava isso natural e nada dizia. Uma ocasião, estranhei que ela demorasse tanto a apparecer, pelo estabelecimento. Procurei por intermédio da lavadeira dela, que também era minha freguesa, saber o motivo. O marido estava doente, muito mal e não queria que ela sãisse do seu lado. Real-

mente, ela era uma destas mulheres que seduzem, que atraem, pela elegância e formosura. Parecia oriental: cútis branca, olhos grandes e pretos, cabelos e sobranceiras abundantes e da mesma côr, como azeviche. O marido não resistiu à doença, morreu. Fui-lhe apresentar pêzames e, como é natural, sem entusiasmo agradeceu. Depois de mandar comprar o luto, levei muito tempo sem a ver. Sabia notícias dela pela lavadeira, com quem eu desabafava, elogiando-a e dizendo até, que estava enamorado dela. Eu era uns anos mais novo. Não sei se a lavadeira lhe dizia, mas eu sempre tive a crença, que segredos nas lavadeiras e criadas jamais ficam ocultos. Ela veio algumas vezes, não para comprar, mas sim ver as novidades e ao mesmo tempo conversar.

Um dia, disse-me a lavadeira, que ela tinha mudado de casa que foi para uma mais modesta, numa rua transversal à estrada da Independência e que estava noiva e se ia casar. Não quis acreditar, e só me convenci, quando ela mesmo veio ao estabelecimento e lhe perguntei se isso era certo. — Sim, diz ela, é certo. Mas disse-o de uma forma que me convenci que ela casava mais pela posição do indivíduo do que por amor.

— Ora eu que tinha tantas ilusões a seu respeito, atrevi-me a dizer-lhe, e essas ilusões foram por água abaixo.

Ela morava só com uma criada de confiança. Não tinha família no Pará, tinha-a no Maranhão, era maranhense. Passaram-se meses. A festa de mestre Martinho, como sempre, realizou-se num domingo. Os empregados, no comércio, iam por pândega, como muita outra gente, ver levantar o mastro tradicional de uma arreigada devoção do vélio prêto.

Depois da festa da Nazaré, era essa a mais popular do Pará. Mestre Martinho era um prêto de cabelos brancos que, com a sua festa, dava uma

certa vida e movimento àquela parte da cidade. Havia batúque, baile, sâmba, deitava discurso ao seu povo, aos nacionais e estrangeiros do Pinheiro e do Mosqueiro e a rapaziada do meu tempo gostava de se rir da crença e da importância que, naquêlê dia, o vêlho prêto se dava. Ora nesse dia, tive o feliz encontro, com a viúva formosa e da minha paixão. Falei-lhe; a criada afastou-se e depois de meia hora de passear ao seu lado, saí dali, com a certeza, que esperava em sua casa a minha visita, naquela noite, às dez horas. A criada tinha licença para ir ao baile de Mestre Martinho, podia eu ir com confiança.

— E o noivo?

— Não me fale nêlê, está para fora, foi a Bragança, demora uns dias.

Fiquei radiante. Às nove e meia já lá estava. A casa ficava em sítio em que as luzes pouco iluminavam. Como os estômagos dela e meu, estavam por fazer a digestão e como fizesse muito calor, na sala de visitas, com o seu consentimento, tirei o casaco e os dois como dois noivos, como dois pombinhos a arrolar, fomos para a janela.

Às dez e meia mais ou menos, vimos ao longe duas luzes dirigindo-se para o lado da casa. Não havia autos, era uma carruagem de cavalos. É para aqui que vem, disse eu. Não; diz ela, não pode ser para aqui e nisto o carro parou à porta, um sujeito saltou e diz: Venho buscar a senhora porque a D. Clara está muito mal. Isto foi uma mentira, por que de repente mudou de pensar e pergunta irado, indignado: — Quem é êste sujeito? Que faz aqui? E precipitado, sem esperar resposta, puxa o revólver e desfecha um tiro em minha direcção. Felizmente o nervosismo talvez, tornou-lhe a mão pouco firme e para meu bem, fez errar o alvo, mas senti passar o zunido da bala perto do meu ouvido. Ela foi à rua, arrastou-o para casa do vizinho, discutiu um quarto de hora com êle e depois o mesmo, fu-

rioso, saía resmungando, protestando e tomando o carro outra vez, dizendo ao cocheiro que marchasse depressa,

Eu estava desarmado, mas disposto a entrar em luta; para isso, enquanto discutiram, preparei uma bateria de garrafas de cerveja, vazias, única arma que encontrei na sala de jantar. O caso passou, mas eu não estava conforme, queria ir-me armar, buscar o revólver, pois podia êle voltar. Ela não consentiu que eu saísse, garantindo que êle jamais voltaria. Ela fechou portas e janelas a sete chaves.

Não foi a noite agradável, que eu sonhei, tantas vezes, passar com ela. Aquela cena, pôs-me num estado de nervos, que me tirou todo o prazer, há tanto tempo, ambicionado,

Ela encorajava-me, mostrava uma estóica serenidade, não sei se fingida, para eu me animar.

Quando no dia seguinte nos levantamos, estava a mesa posta para nos servirmos do pequeno almôço.

Depois de fazermos a toilette, fomos para a mesa, ela com um rico kimôno japonês e eu vestido para sair. Serviu-me ela o café com leite e o pão com manteiga e, com a mão esquerda posta em cima do meu pescoço, servia-se ela com a direita numa intimidade e um carinho que eu jamais houvera notado em outras mulheres. Eu quis saber tudo do porquê da agressão de que ia sendo vítima e ela com meiguice e com um sentimento profundo do que se tinha passado, contou o seguinte:

— Aquêlê é o individuo que dizendo-se apaixonado por mim, me propôs casamento. É de uma das melhores famílias. Andou atrás de mim muito tempo e eu caí na asneira de dar-lhe esperanças. Vinha quâsi todos os dias visitar-me e então comecei a estudar o seu gênio, o seu carácter. Notei que rápido se sentiu com direitos adquiridos e já atrevidamente queria mandar em mim como se eu fôsse propriedade sua. Comecei então a sentir por

êle uma forte antipatia e por boas maneiras fui-lhe dizendo que não me casava, que meu espôso tinha-me deixado alguma coisa e por conseguinte, não tinha pressa em me prender. Um dia, arrebatado quási me mata, por eu terminantemente lhe dizer, que as suas visitas em vez de me serem agradáveis me prejudicavam, por que sem haver coisa alguma, as vizinhas e as amigas, julgavam que já havia entre nós uma amizade mais que íntima. Não desistiu. E ante-ontem convidou-me a ir dar, com êle, um passeio a Bragança, pois que êle era forçado a lá ir e queria-me levar na sua companhia. Neguei-me rodondamente e disse-lhe que não teimasse que eu com êle nada mais queria ».

— Então tens alguém ou algum a quem dás a preferênciã.

« Com franqueza desde há muito que gosto de ti, mas nunca julguei que tivéssemos aquêlê encontro e que tam rápido viesses a minha casa. Com a maior sinceridade, quando discutimos ali em casa do vizinho, lhe disse que tu eras agora o meu noivo, que fui eu que te convidei, que gostava de ti, que tu não tinhas culpa alguma. Que eu era senhora da minha vontade e que se até àquêlê momento as suas suspeitas me ofendiam, agora deixavam de ofender, por que estava disposta a ser o que tu quisesses que eu fôsse. E realmente. Daniel, tu convenceste-me, por que já sentia por ti alguma coisa cá dentro. De repente, aceitei a tua proposta, sem medir conseqüências. Êle, ciumento, desconfiado, veio certificar-se da minha conduta e já vês, que por minha causa, êle te ia matando, para depois com certeza matar-me a mim. Mas crê, que quando o arrastei para a casa do lado, juro-te por quanto há de mais sagrado, que ia disposta a enganá-lo, a acalmá-lo, até poder tirar-lhe o revólver e matá-lo. Mas veio-me a reflexão e disse-lhe que não tinha mêdo, que era livre das minhas acções e

êle saíu dizendo : — Ia cometendo um crime por causa de uma mulher e vá um homem fiar-se nelas. Estás satisfeito, diz ela ou não vais convencido de que eu fôsse capaz de o matar se êle te matasse a ti? Agora vê como te portas. De homem, em minha casa, só entras tu, mais ninguém ».

Êste idílio durou meses, porque ia notando, que dia a dia me prendia mais a essa mulher, quando eu tive sempre uma certa aversão ao casamento. Lentamente fui-me afastando, o que ocasionou lágrimas e protestos dela, com ameaças de escândalo em qualquer parte em que me encontrasse, se eu deixasse de ir a sua casa. Mas como era educada e mesmo instruída, compreendeu que não lhe convinha dar escândalo, nem que o mundo conhecesse a sua vida de amantizada comigo, porque ainda era recebida no seio de uma certa roda social. Mesmo a minha convivência com ela, foi a mais reservada possível. Ela hoje está casada e bem, e depois disso, fugimos sempre um do outro, para não perturbar a paz do lar. O que jamais se apagará da minha memória é o momento crítico que passei, naquela noite, em que sonhava um mundo de prazer e venturas e onde ia encontrando a morte. Os casos acabados de narrar, são sem literatura, mas com sinceridade, por ser a realidade do que se passou. Talvez estas aventuras sirvam de lição e preventivo, ou de aviso prévio, aos que tenham a tentação de meterem-se a conquistadores, sem primeiro saberem se o campo está livre.

São peripécias imprevistas, que na nossa passagem por êste mundo sucedem e aparecem de surpresa, quando e onde menos se esperam.

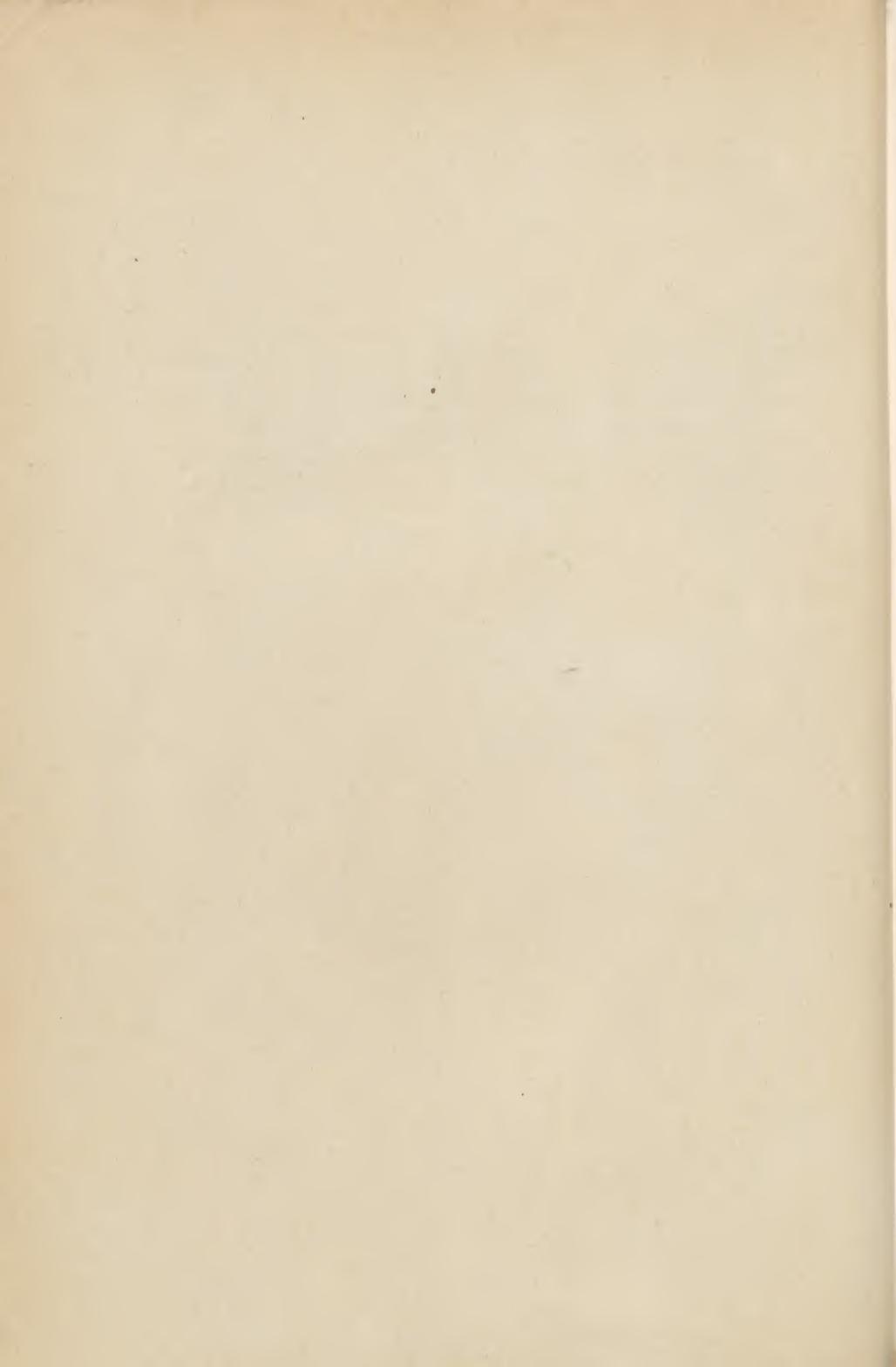
Quando imaginaria eu que uma mulher de trinta anos fôsse fazer queixa à polícia de que tinha sido por mim enganada e violada?

Para que tomei o caminho de conquistador ou namorador de mocinhas pronósticas, se não tinha

ordenado suficiente para os gastos de um imprevisto encontro?

Quis também ser um D. João Tenório e lancei-me a conquistar a «Deusa», da formosura, personificada nessa viúva *bijú*, mas a aventura ia-me saindo torta e por um milagre, não sei de que santo, escapei.

Agora estou sob o sol da Pátria, no aconchêgo da família; não terei por cá com os meus vinte e sete anos, alguma aventura arriscada e digna de menção? Não; não pode ser, a ausência foi tam longa, que todos os momentos são poucos, para os dedicar aos meus progenitores e irmãs.





BELÉM — PARÁ -- BRASIL — Armazéns no novo cais de desembarque

XXXIV

A partida para outras Nações

UMA missão especial me obriga a deixar de novo a Pátria em busca de outros países. Depois de dois anos de alegria, de convívio íntimo com o bucólico Minho, meu torrão Natal, tive que cruzar o Atlântico, para terras desconhecidas.

* * *

Na Ao partir para êste progressivo país, **Argentina** trouxe a esperança de voltar dentro de seis meses, no entanto há treze anos que aqui levo vida activa, sem os riscos do passado, é certo, mas umas vezes escalando os postos mais altos, sociais e comerciais, outras vezes, lutando com dificuldades sem conta. Corri esta rica e florescente nação. Vivi na grande cidade cosmopolita, Buenos Aires, que prima pelo seu requintado luxo.

* * *

Em Passei temporadas agradáveis nas suas **Montevideu** opulentas e luxuosas praias Pocitos, Ramirez e outras, onde se exhibe a elegância mais requintada.

*

* *

Em Capital do Paraguay fiz o estágio, de me-
Assunção ses, a admirar o contraste havido, entre
o atrazo do país e a beleza natural do
clima, principalmente, em alguns pontos do interior
dessa república.

*

* *

No Nessa inegalável cidade panorâmi-
Rio de Janeiro ca, vivi e convivi, aclimatei-me e
gozei ao par de um fatigante tra-
balho comercial. Este país foi dos nossos avós, es-
tava em casa, portanto, considerava os brasileiros,
embora alguns deles demonstrassem aversão aos seus
descobridores, como irmãos e amigos. Sôbre êstes
países penso algo escrever, porque em todos êles
tive a minha odisseia, os meus episódios bons e
maus: momentos de felicidade e momentos crus, de
desenganos e aflições. E quem é que não os pas-
sa, ou não os sofre durante a nossa travessia por
êste mundo?

Mais uma vez na querida Belém

O PARÁ, campo que se abriu para a minha adolescência, escrínio onde guardei, junto com tantas ilusões, os segredos dos meus primeiros amores, chamava-me, atraía-me. Depois de tantas aventuras por mundos novos e capitais de imenso luxo e movimento, recebeu-me como filho pródigo e, como na lenda, banquetou-me.

Braços amigos me acolheram e a-pesar da crise que atravessava, como consequência da guerra e da desvalorização da borracha, estabeleci-me. Enquanto muitos dos meus amigos, antigos companheiros, remavam contra a corrente impetuosa dessa crise, eu tive sorte, entrei com o pé direito, como se costuma dizer, e com alguma economia juntei um peculiozinho. A vida intensa de Belém após a proclamação da República, desapareceu, porque os valores de tudo diminuíram, com a falta da procura dos produtos da exportação. Os paraenses viraram-se para a agricultura, para a plantação do arroz, milho, feijão e de outros produtos, como sejam a castanha, o *côco baba-assú*, etc. mas jamais conseguiram dar à praça, ao comércio, o movimento que teve nos anos de 1890 a 1900. O refulgente e áureo período das grandes transações acabaram. A exportação é limitadíssima; o que ainda vale ao comércio são as relações e

aviamentos, que faz para o interior do Estado, para o baixo Amazonas. No entanto depois de tantos anos de ausência, vim encontrar a cidade, em si, com um cunho de progresso, de melhoramentos, que me surpreenderam, me maravilharam.

O largo da Pólvora, hoje Praça da República, com a sua vegetação crescida, exuberante, que delicia, pela benéfica sombra, os transeuntes, nos constantes dias de sol ardente.

No lugar em que deixei o « Politeama » com o seu carroussel e o « Café Chic », pegado, encontrei o « Grande Hotel » que honra a terra, por ser o melhor do norte do Brasil.

No sítio onde estava o restaurante « Madrid », um elegante e sumptuoso cinema, o « Olímpia », o melhor da cidade.

O « Grande Hotel », além de ser de linhas elegantes, é muito amplo, tem as suas acomodações muito arejadas, a ponto que, das cinco da tarde em diante, uma pessoa esquece-se que está pertíssimo do Equador. Tem umas amplas salas de estar, de comer, no rez-do-chão. Uma importante sala de espectáculos, um cómodo e verdadeiro teatro, ao centro e ao fundo. Fora, em um larguíssimo passeio a todo o comprimento do edificio, tem centenas de mesas. Quando a canícula aperta, reünem-se ali de tarde e à noite, ao ar livre o que há de mais chic, na sociedade paraense, para se refrescar interiormente, tomando a cerveja fabricada na cidade, da « Cervejaria Paraense », um guaraná ou os deliciosos sorvetes de creme e de frutas.

Encontrei a viação electrificada, dando à cidade um aspecto moderno, por terem desaparecido os carros puxados a mulas.

Também o seu pôrto construído, com as regras mais modernas, nas mesmas condições que o do Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande do Sul, Baía e Pernambuco, acostável, com tôda a comodidade,

não fica atrás dos melhores cais das poderosas e modernas nações da Europa.

A doca do Reduto, que quando aberta, com os barcos que ali vinham, tanta vida dava àquêlê bairro da cidade, estava tapada, transformada em um largo. O comércio daquêlê arrabalde, sofreu imenso com aquela transformação. O cais do pôrto exigiu êsse sacrificio e não se pôde fugir a essa necessidade do progresso.

A estrada de S. João e todo o bairro do Uma-rizal, calçado a paralelepípedos e limpo, quando antes de eu partir, era um lamaçal imenso, povoado de mosquitos, de impertinentes moscas e uma grande parte pantanoso. Impunha-se êsse calcetamento, não só por ser uma necessidade, mas por que se pode apreciar de visu aí, ao fundo dêsse bairro, parte da imponente natureza selvática brasileira e mais porque existem ali os importantes edificios hospita-
tales, a « Santa Casa da Misericórdia » e « Bene-
ficente Portuguesa ».

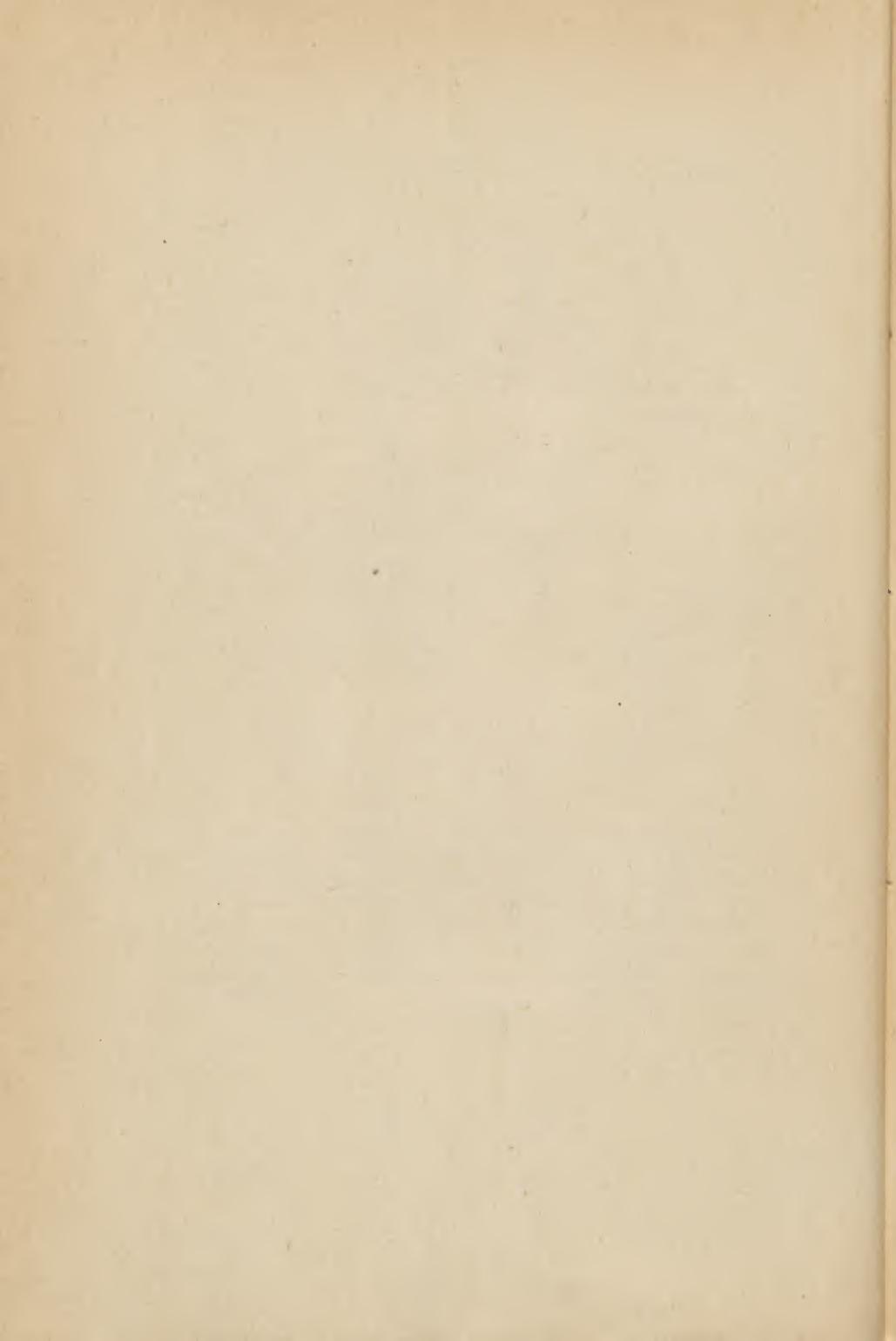
*

*

*

Houve várias escaramuças políticas, entre os partidários do doutor Lauro Sodré e os do Senador António Lemos. Numa das quais, como já anteriormente referi, incendiaram o edificio do jornal « A Pro-
víncia do Pará » que majestoso se erguia ao fundo da Praça da República.

Foi nessa ocasião, que o Senador se viu força-
do a fugir, em pijama, do seu elegante palacete.



A Pátria chama-me

SENTI-ME cansado e fraco e indo consultar os melhores clínicos que assistem na « Beneficente Portuguesa », da qual sou sócio, todos foram de opinião de que precisava recuperar fôrças e deram-me de conselho que o melhor seria uma viagem a Portugal. Vou? Não vou? Estou em atrás indecisão. Tenho, é certo, dois auxiliares de juízo e confiança, mas na minha ausência, não se ofuscarão em verem-se patrões e se descarrilam? Sinto cansaço e tosse e vejo com tristeza que não posso deixar de seguir os conselhos dos médicos...

Resolvi partir, tomei passagem no « Aidan » para a capital da minha Pátria, Lisboa. Levo a intenção de não avisar a família sem ouvir primeiro os clínicos portugueses.

Passei procuração aos meus auxiliares, embarquei com infindas saúdades e encontro-me agora, em pleno mar, depois de ter passado a linha do Equador. A tosse aumenta, será o iodo marinho que a provoca? Ansioso estou por chegar à Pátria e por isso não me entusiasmo os jogos, as brincadeiras que o resto dos passageiros, a maioria das pessoas amigas e conhecidas minhas, organizam. O meu afã constante e único, o que preocupa o meu pensamento, neste momento, é a chegada a Lis-

boa. Deito-me cedo, levanto-me tarde, para que os dias não me pareçam tam longos.

A chegada, dizem, ser amanhã e estou por êsse motivo radiante, parece-me que já melhorei.

A tosse diminuiu, com certeza são já os ares pátrios, que me vem beneficiar.

Lisboa à vista!

O Bugio no meio das águas e à minha esquerda, volto a olhar extasiado, Cascais, Estoril, Parede, Algés, Belém, até ao cais de Alcântara.

Desembarco, vou para o « Francfort », do Rossio, para estar mais no centro, para admirar e apreciar o movimento da praça.

Procurei os melhores médicos de doenças pulmonares, que me aconselharam, para o enfraquecimento geral, em que está o meu organismo, a Serra da Estrêla.

Encontrei amigos e colegas, ex-comerciantes no Pará, que vivem em Lisboa, da renda dos seus prédios e dos capitais ganhos em outras épocas, que me aconselharam a que vá para o Caramulo.

Avisei a família, que agora é composta, por ter meu pai falecido, só de minha mãe e irmãs e dois irmãos ausentes.

Vieram a Lisboa ver-me e manifestaram-se em explosões de carinho. Queriam que eu fôsse para a terra, mas neguei-me, resisti. Notei algo de tristeza, nos seus semblantes, ao nosso primeiro encontro, mas foi por pouco tempo, pois que em seguida me animaram e prometeram ir visitar-me ao Caramulo, aonde resolvi internar-me. Pedi segrêdo da minha chegada, pois só queria ir à terra quando já tivesse recuperadas as fôrças.

No fim de trinta dias, quando já o meu aspecto era outro, tive a ventura de, uma tarde, ver chegar um automóvel com dois cavalheiros e ouvi pronunciar o nome V..... Esperei ocasião e interoguei:

— Você é de B. . . . ?

— Sou, sim, me respondeu.

Era o meu maior amigo de infância e discípulo, que por estar ausente, não o pôde ver em 1901, quando da minha primeira visita à Pátria. Abraçamo-nos com efusão e carinho. Fez-me várias visitas, que foram várias curas, à minha saúde abalada. Sentia-me bem quando conversávamos. Ao vê-lo, tam rijo, tam forte, sendo da minha idade, decidi vir de vez fixar residência na minha terra natal, para estar junto da família e perto do amigo. Passaram-se quatro meses.

Sinto-me com fôrças e vou de novo ao Pará liquidar e ajudar no possível os meus auxiliares. Deixo parte do capital, comandito-me, com vinte por cento dos lucros, ficando êles com quarenta cada um. Creio que aceitarão sem relutância, as condições que lhes proponho, por que são para êles vantajosas e para mim também, é o descanso, o sossêgo.

Estou na terra querida, que me viu nascer, abracei os mais íntimos da família, revejo de novo os lugares da infância e com pesar profundo, mais uma vez, os vou deixar.

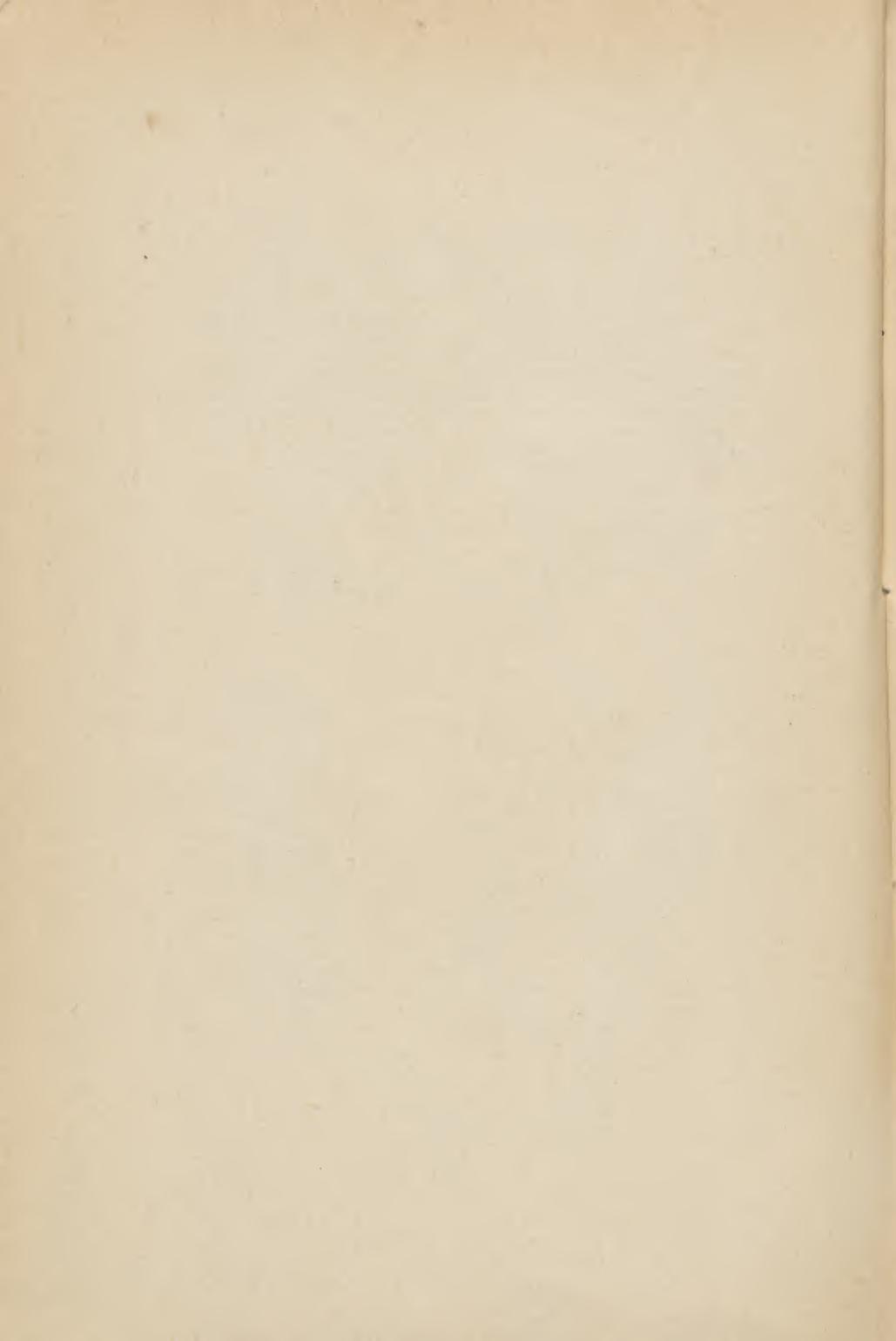
Tomei passagem no mesmo vapor que me trouxe, o « Aidan ».

Pedi ao amigo e discípulo o favor de ser depositário dêstes apontamentos da vida, episódios e aventuras, ocorridas comigo no mundo por onde vivi, por onde andei. « *Em Busca do Eldorado* ».

Como êle vive no Pôrto, entrega-os-ei em Leixões, onde prometeu ir dar-me um abraço de despedida.

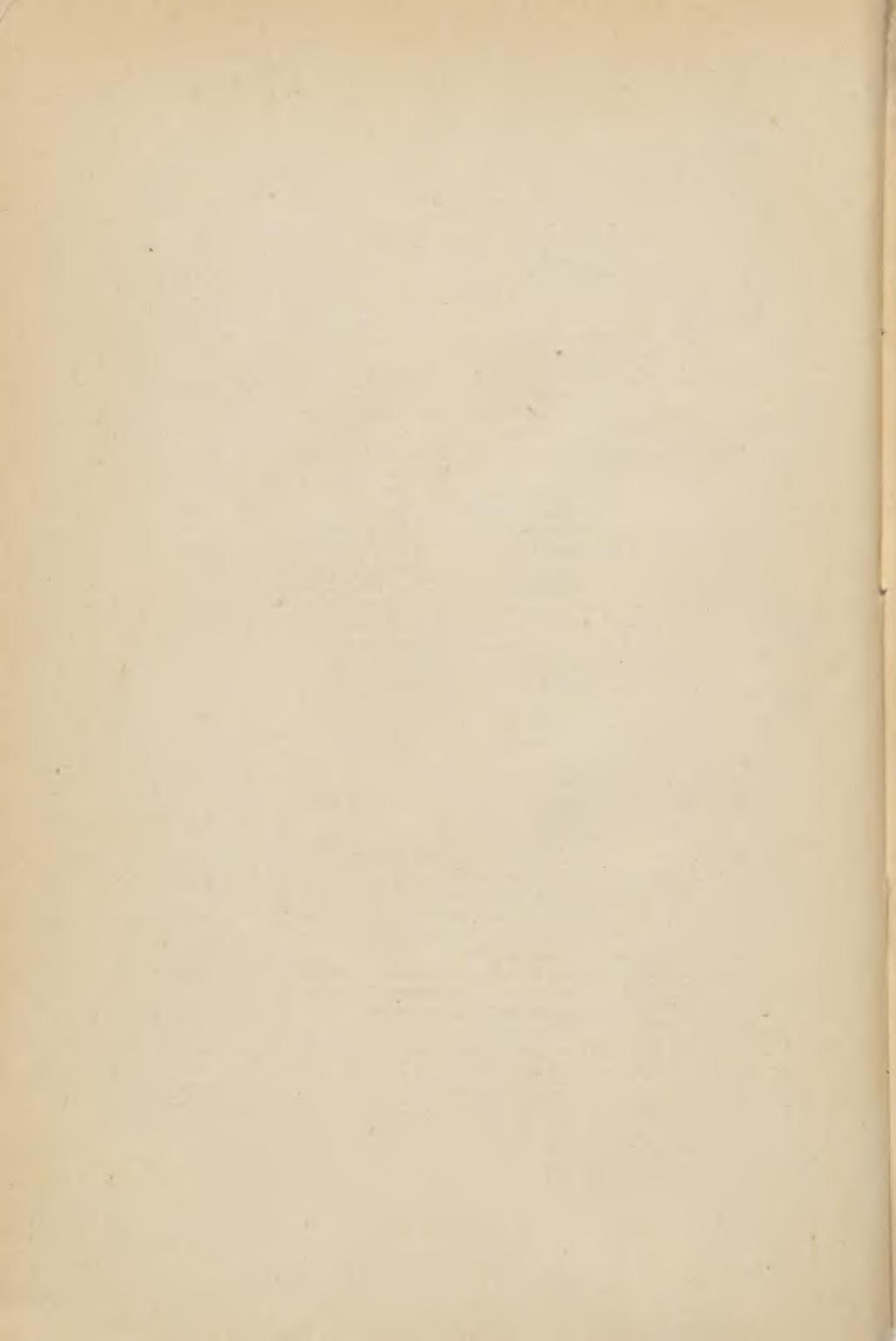
Custa-me deixar os meus, mas não me custa menos, desde que tive a sorte de o encontrar, deixar o amigo.

A despedida vai ser para mim chocante, dolorosa. Não demorarei mais de quatro meses, porque levo muitas mais saudades desta vez.



ÍNDICE

CAP.		PÁG.
	I — O surgir de uma vida errante	17
»	II — As despedidas do lar e da Pátria . . .	29
»	III — Embarque para o Pará, descrição da viagem	35
»	IV — No Pará	43
»	V — Trinta dias no Maranhão	63
»	VI — Ao tapajós	83
»	VII — A pesca do Pirarucú	87
»	VIII — No Tapajós	81
»	IX — Como se extrai o latex e fabrica a borracha	104
»	X — A chegada do «Rio Xingú» e das mer- cadorias	108
»	XI — Festa do Divino Espírito-Santo . . .	111
»	XII — «Uma caçada passatempo».	117
»	XIII — Como se agarram as <i>Cambéuas</i> . .	121
»	XIV — Início das viagens comerciais. . .	123
»	XV — O cúmulo da comodidade e da indo- lência	126
»	XVI — Como se fabrica a <i>caçábe</i> farinha d'água	129
»	XVII — Evocação de casos que não voltam	133
»	XVIII — Continuação da viagem comercial	147
»	XIX — Ascenso na vida. Liberdade de acção	151
»	XX — Como se colhe e fabrica o tabaco .	163
»	XXI — Um prêto com sentimentos puros de branco	165
»	XXII — O impaludismo	169
»	XXIII — Em Santarém	173
»	XXIV — As belezas e o negócio no rio de Vila Franca	183
»	XXV — Chegada às Barreiras e continua- ção da viagem	191
»	XXVI — Regresso à terra de meus sonhos.	195
»	XXVII — Como se desfez um baile . . .	203
»	XXVIII — Um grande roubo	207
»	XXIX — A ópera «Guarany» e falecimen- to do seu autor	211
»	XXX — Revolução em Canudos	213
»	XXXI — Regresso à Pátria	221
»	XXXII — O rigor da lei policial brasileira.	223
»	XXXIII — Como numa aventura de amor se pode perder a vida	233
»	XXXIV — A partida para outras Nações .	233
»	XXXV — Mais uma vez no querido Pará.	241
»	XXXVI — A Pátria chama-me	243
	Epilogo	250
	A Capa	251



*Perdoe o leitor amigo as gralhas, e os erros,
que escaparam ao cêrcio que, o revisor e eu, lhes
fizemos.*

O AUTOR

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

biblioteca
municipal
barcelos



4587B

Em busca do Eldorado